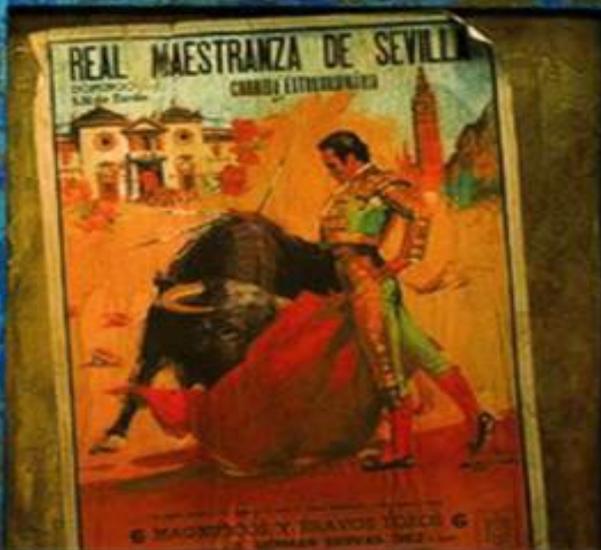


JÚLIO DANTAS

A SEVERA



A HISTÓRIA DA PRIMEIRA FADISTA

A SEVERA

JÚLIO DANTAS

Esta obra respeita as regras do

Novo Acordo Ortográfico

INTRODUÇÃO

Esta novela de Júlio Dantas, publicada em 1901, conta a história de Maria Severa Onofriana, a prostituta de raízes ciganas a quem a história dá a autoria de ter sido a primeira fadista e de ter "criado" o Fado, tal como ele se conhece hoje.

Severa não inventou o Fado propriamente dito; muito menos foi a primeira a cantá-lo; mas antes dela "o Fado" nada mais era do que uns cantares, em grupo, de rufiões, maltrapilhos, ciganos, marinheiros e bêbados de toda a ordem que enchiam as tabernas e tascas das vielas antigas do Bairro Alto, da Mouraria e de Alfama, em Lisboa. Se não fosse por Severa, o Fado provavelmente nunca teria passado disso. Foi ela que, um dia, por acaso, pegou numa guitarra e começou a tocar e a cantar o Fado à sua maneira, dando-lhe a forma e o ritmo que hoje ele tem. Foi ela que lhe deu popularidade, sendo a autora e compositora de muitos dos fados que cantava, e foi ela que definiu a imagem de "cantadeira" de Fado com o xaile à cintura ou aos ombros (embora ela preferisse usar xailes de várias cores, não pretos).

Conta-se que percorria os bairros populares de Lisboa, e a sua voz animava as noites de muitas tertúlias bairristas. Várias tabernas ficaram famosa só pela sua presença. Mas a notoriedade de Severa estendeu-se muito para além dos bares e tabernas e isso deve-se muito à época em que viveu e que ela própria ajudou a caracterizar.

No início do século XIX a noite boémia de Lisboa dividia-se em duas fações: a dos salões nobres da nobreza e fidalguia com todas as suas convenções, e a dos bares e tabernas de má fama recheadas de ladrões e prostitutas em que imagens de mulheres meio despidas, chinelas no pé, cigarros lambidos, peúgo riscado, chapéu às três pancadas, navalha no bolso e pancadaria tendo como banda sonora a guitarra, faziam parte do cenário típico de uma noite de divertimento das ruas e vielas de má reputação. Estes ambientes acabariam por ser um foco de curiosidade e atração para muitos fidalgos lisboetas do

século XIX, sobretudo jovens, que usavam o encoberto na noite para se misturarem nestes ambientes tão perigosos como atrativos de modo a poder usufruir de muitos prazeres vedados pela imposição da moral e bons costumes da época, a que a sua posição social exigia. Neste curioso fenómeno social, acabou-se por se estabelecer assim uma peculiar relação de familiaridade entre a elite da sociedade portuguesa e a sua classe mais marginal.

Foi graças ao contacto da fidalguia com esse ambiente que os cantares da Severa ganharam maior destaque pois esses mesmos fidalgos, apreciadores da sua voz e da sua música, passaram a convidá-la para cantar em eventos sociais, incluindo festas nas próprias casas, causando a reação bombástica nos jornais cujos cronistas denunciavam a situação em dizendo coisas como: "sabe-se que o mundo está perdido quando os nobres demandam tabernas e meretrizes são recebidas em salões".

Mas a maior projeção de Severa veio através das touradas, que nos inícios do século XIX eram o desporto mais popular da época (O futebol só surgiu no final do século XIX e só ganhou mediação no século XX), praticado por jovens cavaleiros fidalgos mas apreciado por populares. Foi na pantomina das touradas que os cantares da Severa se tornaram mais conhecidos, juntando multidões que se deslocavam às feiras e festas que se organizavam em redor da praça de touros, mas que paravam tudo quando ela se punha a cantar.

Foi nesses espaços que Dom Francisco, o jovem Conde de Vimioso e cavaleiro tauromáquico, conheceu a Severa e a relação tempestuosa de ambos deu azo a grande escândalo, boatos e histórias. Tudo isso fez aumentar o mito que foi a Severa - a cigana da bela voz que despertava paixões, ocasionava desvarios e fazia perder a serenidade e a compostura a fidalgos, burgueses, artistas e políticos.

Severa acabaria por morrer muito nova, com apenas 26 anos, vítima de tuberculose, deixando um grande legado e uma multiplicidade de "descendentes" fadistas que lhe seguiram os passos e das quais Amália foi a maior delas todas. Mas sobre isto diz-se: Amália pode ter consagrado o Fado como música erudita, cantando a alma de um povo e levado a sua música aos quatro cantos do mundo, mas sem a Severa, o Fado não teria existido.

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO I

Decididamente, o Romão Alquilé, com a cara luzidia pelo sol, desajeitado e alegre, com a jaqueta a apertar-lhe o peito, a espora a tilintar no sapato de bezerro, todo o seu ar de alentejano ricaço, testudo como os asnos de Alvalade e torto como as azinheiras da sua terra, decididamente — como ia dizendo — o Romão Alquilé era o mais patego dos troquilhas(*1) de Portugal. Conhecido como “o cão ruivo”, tratava de igual para igual ciganos e marialvas(*2), homens de negócios e mendigos de rua. De bom coração, é verdade, mas com o olho sobre o ombro, de poucas falas, desconfiado como sete e parvo como vinte. Tinha uma fraqueza: as carroças. Era uma tentação.

[() 1 Troquilha = aquele que troca, um comerciante, ligado sobretudo e venda de animais nas feiras. 2 Marialva = Cavaleiro, fidalgo; o equivalente do inglês “gentleman”. Também está associado a um homem mulherengo, um “playboy” que gosta de seduzir mulheres e que gosta de atividades ligadas à cavalaria e às touradas.]*

— Ainda, um dia me troco a mim mesmo! — rosnava ele, a coçar a cabeça, depois de perder umas pratas na taverna do Penim.

Ia a caminho das feiras, a bolsa de chita cheia de ouro, chambão e contente, e na volta, vinha alagado em suor, com um lenço entalado no pescoço e os olhos a rirem-lhe da vitória, trazendo umas moedas a menos, e a mais algum triste cavalito mazelento de carga.

Ao fim e ao cabo, era esperto: a carroça, que nem servia para uma atafona(*), estava a modos que a desfazer-se; mas nem por isso o amigo Romão deixava de gabar-se, às pessoas que passavam ou que trabalhavam nas hortas:

— Mas enganei-os! Enganei-os, com mil diabos!

[(*) *moinho movido à mão ou por força animal*]

Quando começava com bazófiás, era rir só de o ver.

O que ele contava de truques e de manhas, santo Deus! Contava sempre a história de certo cavalo rodado, velho que podia ser avô dele, e com mazelas procedidas de curas, que era um verdadeiro S. Lázaro(*). Tinha-o vendido a um espanhol, na Agualva, por quinze moedas. Bom dinheirinho.

[(*) *O homem a quem Cristo ressuscitou*]

— Limei-lhe os dentes por causa da idade, pus-lhe mel na boca para fazer boa espuma e grosei-lhe os cascos por via da moléstia, — explicava o bom do Romão nas reuniões dos troquilhas.

— É porque o espanhol era cego! — disse uma vez, um cigano. E, se os não afastassem dessa vez, corria sangue.

Mas havia uma raça de animais que Romão gostava tanto como às carroças: eram as mulheres da vida. Galdrana (*) que passava, na sua saia de ganga amarela, era vê-lo logo fungar e a piscar-lhe o olho:

[(*) *Prostituta*]

— Égua de raça! Égua de raça!

Certa noite, ao voltar da Charneca, ali pelo S. Bartolomeu, depois de ter deixado o cavalo numa estalagem do Arco do Marquês de Alegrete, com a calça de belbutina coberta de poeira, a cara tisonada pelo sol, a espora pintada de sangue, o nosso Romão foi subindo a rua. Quem o visse, havia de dizer que ele ia a pensar na vida. Nalguma baldroca infeliz, ou nalguma outra besta esparavonada paga a peso de ouro na feira. Pois enganavam-se. O Romão ia a pensar, nada mais, nada menos, do que num saiote encarnado que tinha visto numa rapariga bonitota, lá para os lados da Ameixoeira, ao sol, entre a vegetação loura de um campo ceifado.

O raio daquele saiote tinha-lhe dado a volta ao miolo. E não era bem a rapariga que o turvava: era o saiote, um saiote vermelho, vivo como uma pastada de sangue, no meio do ouro dos restolhos. Ainda chegara a parar o cavalo, numa curva da estrada, quando viu a rapariga: o coração bateu-lhe forte, a vista embaciou-se! Podia vir alguma carga de paus nos lombos, que valia a pena.

O Romão era um homem cauteloso e prudente. Mandou o cavalo andar, e ele aí foi, sem olhar para trás.

Quando, chegado ao Arco, já de volta, deixou o bicho na estalagem, levava a sua fisgada.

O objetivo era topar uma mulher com um saiote vermelho. O resto, segundo o seu bordão habitual, "batia certo".

Subiu a rua — essa rua triste do velho bairro mourisco — bebeu algures a sua bagaceira, foi andando, voltou à direita, e meteu pela rua do Capelão, toda alpendrada de ressaltos em cujos baixos a luz do sol amarelecia.

Logo à entrada, três ou quatro aventais de pau(*1), sozinhos, bocejavam. Mais à frente, numa portinha encimada por duas tábuas, a curvar para o Beco do Forno, uma boneja(*2) de chinela polida e saia gomada barrou-lhe a passagem:

[(*) 1- O "avental de pau" era um tipo de avental pelo qual se reconhecia uma prostituta, chamar pois "avental de pau" a alguém é estar a referir-se sobre a profissão da mulher. 2 - Calão para prostituta; Puta]

— Eh, tripas de Judas! Vendes o cachucho? (*)

[(*) cachucho = anel]

O Romão olhou-a, chegou-se a ela, com o sangue no olho e os lábios a tremer, e tomou-lhe o pulso:

— Tens um saiote vermelho, hein? Um saiote vermelho?

Mas a resposta foi um murro atirado ao cachaço e um "desaparece, calmeirão" que lhe deram nos lombos do nosso homem de encontro à esquina fronteira.

— Já vou! Já vou!

Pela sombra, a mão direita na cava do colete e o anel luzindo no polegar, Romão voltou para trás. Não estava com sorte, pensava ele. E, depois, era decididamente um tímido. Sempre lá metido na charneca do Vimieiro, sozinho, a olhar para o frade de tijolo da parede e a tratar da criação das éguas, tinha já perdido o trato para com as mulheres. Corava à frente delas como uma criança e dava o que lhe pediam. Uma vez, lá em baixo nos Álamos, viu uma ruiva sardenta a chorar à porta, pôs-se a falar com ela, pensando que era fome, resmungou um "porca de vida", e acabaram por chorar os dois, toda a santa noite, agarrados às pontas de um lenço.

— Desgraças do mundo! Mas o saiote vermelho dançava-lhe à frente dos olhos. Era preciso acabar com aquilo. Ainda não tinham dado as Avé-Marias;(*) a hora era má. Mas, que diabo, Trazia o sol das estradas a arder-lhe na pele, e o raio do saiote não lhe saía dos olhos.

[(*) *As doze badaladas da meia-noite*]

Meteu pela Rua do João do Outeiro, deu a volta, parou um bocado para ler uma lápide encravada numa frontaria de grades, desceu ao Beco do Jasmim e foi desembocar outra vez ao Capelão, num alargamento da rua, ao cimo, onde uma imagem de azulejo esplendia, numa parede de ressalto, com a sua candeia de azeite piedosamente acesa.

Ia a virar para a Amendoeira, quando, deu com os olhos na saia vermelha de certa puta remendada, que, sentada sobre uma joelheira velha, passava a pano a soleira da porta.

Por fim! Um saiote encarnado! E o Romão, com o sangue a pintar-lhe na cara e os olhos como bugalhos a arder, parou à frente dela, a olhar, com o seu ar bestial de comerciante rico, a sujidade empastada sob o chapéu, os polegares nas cavas do colete de peles...

Ao fim de um momento, a mulher que se erguera e arredara a joelheira com a ponta da chinela, quebrou o embevecimento do homem, dizendo-lhe da porta:

— Eh lá, ó tu! Isto é para casar ou para me meter para freira, hein?

Era a Malhada, uma das mais célebres da altura no Capelão, conhecida por uma certa mancha roxa, de nascença, que tinha na cara. A cachorrada de proa, de boa arquitetura, as belezas encaracolando na testa, um grande ar minhoto e a chinelinha branca pendurada no bico do pé, a Malhada era, depois da Cesária Cigana, que morava em baixo, a mais querida dos marialvas que rondavam a Mouraria. A mancha dava-lhe graça, pintando-lhe como um borrão de vinho uma ilharga da testa, descendo até à orelha esquerda e tocando o lóbulo, como se o brinco de ouro nascesse dela.

— Para casar ou para freira, ouviste?

E o alentejano, que ainda não despregara os olhos da saia vermelha, agarrou-a num repelão viscoso e

rolou com ela para dentro da loja. A cortina de ramagens caiu atrás deles. Quando a Malhada veio fechar a porta, ainda se ouvia de dentro o Romão:

— Casar, pois está visto! Égua de raça, *nombre de Diós!* Não me vou daqui, a não ser de madrugada!

Com efeito, o Romão partira antes do sol ter nascido. Arranjos de vida, que se não podiam aguardar para o dia de S. Serejo. Mas com todos os Diabos, levava o papo cheio das carnes tronchudas da Malhada. Bem empregados os magotes de prata, que lhe tinha esvaziado no regaço! E depois, o raio da puta era meiga como uma cadela, tinha carne a valer, e uns braços que não havia aí entalhador que os abrisse mais. Se não fosse ter a mãe viva, lá no Vimieiro, era ele que a levava consigo, o raio da Malhada!

Mandaram buscar peixe e ovos cozidos a um taverneiro do sítio, regaram-nos com bom vinho, puxaram uma mesa de pé-de-galo, a Malhada acendeu o candeeiro de latão de três bicos, e lá cearam, na santa paz do Senhor, à frente de uma estampa do registo de Santa Rita de Cássia e de um oratório iluminado, onde luzia um Santo António com a sua coleira de mealhas.

O Romão estava em mangas de camisa, com o eterno lenço de Alcobaça entalado na pescoceira, perna cá, perna lá, sobre uma cadeira de roca.

A Malhada, quase despida, em meias de algodão azul e branco, com um xaile pelos ombros, deixara-se ficar sentada na cama, um velho leito de cabeceira de bilros, umas das muitas preciosidades que se encontravam ainda pelas vielas escuras da Mouraria.

— E a respeito da vida? — grunhiu o Romão.

— Bem. E a ti...?

— Como Deus é servido. A gente é como os patos, que quanto mais os dão ao diabo, mais crescem!

E enquanto a Malhada trincava um ovo cozido, o Romão, olhando em volta, fazia considerações sobre os prováveis haveres da rapariga.

— Esta vida deve custar.. — disse ele.

— Custa.

— Tu hás de ser rica.

— Eu?

— Mas tens que chegue.

— Chega.

— Pois a mim, também não vai mal.

— Pelos vistos, é mais ouro que sarna, hein?(*)

[() Sarna é uma doença de pele que leva uma pessoa a coçar-se, quer a expressão dizer que é o peso do ouro que leva o homem a ajeitar-se/ a coçar-se e não sarna.]*

— Um homem arranja-se.

— Comerciante?

— Comerciante.

— És daqui?

— Do Alentejo. Abalo esta madrugada. Tu como te chamas?

— Chamam-me Malhada, por via desta mancha que tenho. A minha mãe também tinha. Os homens gostam.

— Da mancha?

— Sim.

— Eu entrei por causa do saíote.

— Gostam muito de mim. Anda então aí um da fidalguia, que...

— Quê...?

— A bem dizer, são dois.

— E vêm cá?

— Um deles. O outro, o mais trigueiro, é da cigana, da Cesária.

— Fidalgos, hein?

— Penso eu.

— Desses marialvazinhos que picam os touros?

— Um deles. O outro, não.

— Então, conta-me mais! É por isso que tu tens chelpa. (*)

[(*) *chelpa* = *dinheiro*]

— Não. Esses não deixam nada.

— Nada...? Homessa! Então quem é que deixa?

— São os outros, como tu.

— Mas se eles não deixam nada, para que é que os recibes?

— Só recebo um.

— Para quê, se ele não te dá dinheiro?

— Para quê...?

Ao arriscar este “para que?”, os olhos da Malhada molharam-se de lágrimas, subiu-lhe o sangue à cara, e a mancha, de pálida que estava, tornou-se de um roxo vivo. Mas o nosso Romão não se apercebeu. Levantou-se, numa atitude de dignidade, tirou da algibeira das calças um saquinho de chita encarnada, tirou três moedas, de boa prata, e fê-los retinir sobre a cómoda, à luz do candeeiro de três bicos:

— Eu cá não sou como os outros, que vivem à custa das mulheres. Eu cá, pago!

E voltou a sentar-se, tendo conseguido ficar bem com a sua consciêcia pelo preço módico de três pintos.(*)

[(*) *pintos= calão para dinheiro*]

A Malhada, acostumada às clássicas duas rondas, agarrou nervosamente nos três cruzados, radiante, fechou-os nas cimeiras da cómoda, e atirou-se ao pescoço do alquilador, que a arredou num encolher de ombros:

— Eu cá sou dos outros, dos que pagam.

Foi à jaqueta, que estava aos pés da cama e envergou-a, sozinho, resmungando.

— Vais-te já embora? — arriscou a Malhada.

— Não tinha intenção. Mas talvez te esteja a estorvar.

— Não estorvas.

— Então, fico.

— Despe a jaqueta, anda.

— E se vier o outro?

— O outro? Se vier, digo-lhe...

— O quê?

— Digo-lhe que estou a ganhar a vida.

O Romão deixou-se cair sobre o canapé de palha, abanou a cabeça com um ar de quem diz que o mundo é mundo, e ficou-se, numa grande tristeza, fazendo tilintar os fechos de prata da jaqueta:

— Sim, tens razão. Tu estás a ganhar a vida...

Enquanto o Romão a erguia em peso e a atirava sobre a colcha de bilros, bateram na aldraba da porta.

— Espera! — disse a Malhada, a meia voz.

— Quem será? — grunhiu o Romão, dando um salto para agarrar a manta.

Mas, ao toque do ferrolho, seguiu-se uma forte punhada no postigo.

— Abre. Sou eu.

Era uma voz fresca, de rapaz, um pouco metálica, picada de um leve sotaque estrangeirado.

— Sou eu. Abre.

O Romão compunha sobre o colete de peles um fio de ouro, pesadote, e olhava a porta, num grande ar bestial, o olho esbugalhado, a face caída.

— Agora não pode ser. Dá uma voltinha, — gritou a Malhada para fora, resmungando ao mesmo tempo, à esconsa, para o Romão:

— Boca calada, ouviste?

Mas, a uma punhada mais forte, o ferrolho do postigo saltou fora, apareceu um braço, e uma mão branca, luzente de anéis, avançou para a tranqueta.

O Romão não se conteve e de um salto, empurrou o postigo. Houve um rugido de dor, e o braço que avançara, pendeu entalado na gateira. Pela mão robusta do alquilé, congestionava-se. O bruto partia-lho certamente, se a Malhada, como uma fera, não se lhe atirasse às costas, ferrando-lhe os dentes no pescoço.

— Eh, Malhada, que me deixaste a escorrer sangue! — rouquejou o Romão, levando ao pescoço a manápula e recolhendo-a ensanguentada.

Mas a rapariga pouco se importou com a sangueira.

Recuou o alentejano, saltou para o postigo, e disse qualquer coisa, em voz baixa, ao rapazola das mãos cheias de anéis, que se afastou, falando com outro.

Romão, do canto de sombra onde estava, ainda pode enxergar, pela abertura da porta, uma cabeça fina, de uma frescura flamenga, em cuja cara apontava o primeiro ar da puberdade..

— Se te fosses embora, ó Romão! — gemeu a Malhada, com ternura, fechando o postigo.

— Era o outro, hein?

E num erguer de ombros, botando pelas costas a jaqueta de riscas, resmungão e desdenhoso, o Romão encaminhou-se para a porta:

— Vais bem, fandagueira! Lá isso vais. Vais bem!

Já nos degraus, ao bulir na tranqueta, a rapariga agradecia-lhe:

— Quando voltares do Alentejo, não te esqueças da Malhada, ouviste?

— Sim... Adeus, adeus! Vais bem nessa vida... Não te desfaças!

A Malhada, na soleira da porta, com o candeeiro de latão de três bicos erguido no dedo em garra, ainda lhe iluminou os primeiros passos. Depois, como não visse nenhum vulto na rua, recolheu-se. Dava uma hora da madrugada na torre da Sé.

Mas antes de passar o Beco do Forno, na descida do Capelão, o nosso alentejano parou.

— Epá, que eles eram dois!

Temendo uma emboscada, lembrou-se de voltar para trás. Procurou a navalha, não fosse o diabo que a tivesse perdido. À cautela, torceu no antebraço uma ponta do casaco e carregou para os sobrolhos o seu chapéu.

— A puta ainda trabalha! — roía ele entre dentes.

Voltou para trás, passou de novo à frente da porta da Malhada e espreitou pelo ferrolho: ainda tinha a luz acesa.

— Aquilo, está à espera do maríalvete, — pensou consigo o Romão.

E, como sentisse um rumor de passos lá para os fundos da rua, subiu até ao Beco do Jasmim, e pôs-se à espreita, na encruzilhada, resguardado na parede roída de uma esquina.

O avental de pau da Malhada ficava na parede onde havia o nicho de azulejo; de modo que a luz batia na cara de quem entrasse a porta.

— Já agora, vou conhecer o tipo, — dizia consigo o Romão, à medida que os passos se aproximavam.
— Sempre lhe quero ver melhor a cara!

Nisto, os dois vultos que vinham subindo o Capelão, apareceram, desenhando-se no fundo da casaria cinzenta.

Um deles era o mesmo que vira, o das mãos cheias de anéis, buçozinho loiro a apontar, uma capa escura sobre os ombros, seco de corpo, quase franzino. O outro, da mesma idade talvez, mas trigueiro,

reforçado, jaqueta de veludo com fechos de prata chapéu desabado e esporas tinindo nas lajes da rua.

— O comerciante foi-se, — dizia o do buço loiro para o outro.

— Ias ficando sem braço, hein? Foi noite cheia para a Malhada. O ciganão tinha pinta de rico.

— Aquilo negoceia em gado.

— Talvez.

— Ficas?

— Fico.

— Em sendo cinco horas vais-me buscar a casa da Cesária, hein?

— Vou.

— Sem falta?

— Sem falta.

Os dois apertaram-se as mãos. A porta da Malhada abriu-se, e o marialva entrou. Seguiram-se risos e beijos. Depois, o bater da porta que se fecha e o morder do palhetão da chave na fechadura.

Nada mais.

O outro, o da jaqueta de veludo, desceu o Capelão, mãos nas algibeiras, cantarolando o fado.

— Já agora, vamos a ver também para onde este vai! — disse com os seus botões o alentejano.

E, cosido com a parede, tendo arrancado a espora do pé direito para não tinir nas pedras, lá se foi, na peugada do rapaz, Capelão abaixo, mascando as palavras que lhe ouvia:

— Pinta de rico, o ciganão! Malandros! Pinta de rico!

Mas, quase ao fim da rua, o vulto esgueirou-se pela segunda porta de um casebre velho de dois

ressaltos, à mão esquerda, e enquanto as esporas de prata tilintavam na sombra das escadas, numa janela com um persiana(*) por cima da porta, uma vozinha de criança chilreou:

— Mãe! Mãe!

[(*) *Proteção formada por pequenas tábuas de madeira colocadas por fora da janela*]

Depois, a luz da janela apagou-se e tudo caiu no silêncio.

— Deve ser aqui a casa da cigana, — pensou o Romão consigo.

E parou à frente desses dois curiosos casinholos da esquina, sombra ainda do velho bairro do século XVI, com grades pintadas de verde e bancos a bocejar na sombra.

Nesse tempo, a Mouraria adormecia mais cedo. À meia-noite, já todas as portas estavam fechadas. A não ser alguma bêbada miserável, que ficava aos caídos, o resto das raparigas, ao darem as onze horas na Sé, recolhiam o candeeiro e fechavam a porta. O ar pitoresco da velha Rua Suja, com o seu ar triste de mercado humano, lenços vermelhos sobre cabelos, saias de ganga lustrando à luz, toda a farraparia da desgraça de bruços sobre os aventais de pau, aqui um serpão(*) de ouro a luzir numa orelha, ali uma dedada de almagre(**) a ensanguentar uma boca, — todo esse ar pitoresco do velho Capelão morria antes do cantar do galo, como uma grande chaga que se envergonha do sol.

[(*) *Serpão = brinco em forma de flor, geralmente uma rosa. Almagre = argila vermelha que se usava para pintar os lábios, os primeiros batons*]

Depois, a Mouraria inteira tombava num sossego morto. Essas pobres criaturas sacrificadas, maltratadas, capazes de todas as abjeções e de todas as misérias durante umas horas de mercado, agora,

adentro das casinholas cerradas, nos braços do único homem que verdadeiramente as possuía, do “seu homem”, amavam, elas, as tristes, com a alegria e a candura das mulheres honestas...

E o Romão Alquilé, levando à flor dos lábios o sabor dos beijos da Malhada, foi andando, Mouraria abaixo, taciturno e gingão, pelo grande silêncio das ruas desertas.

— Os dois lá ficaram! E eu por aqui à toa! — dizia ele consigo.

Custava-lhe a crer, na sua ingenuidade sentimental, que o raio da Malhada, a quem dera o melhor do seu coração e do seu sangue no espaço de uma noite, tivesse podido pô-lo fora da porta, com toda aquela limpeza, para ficar com o outro, o liró(*), o das mãos cheias de joias.

[(*) *liró = janota; emproado*]

— São umas cabras! — rematava ele.

Queria ele sinceridade, amor, apego, alma, coração... por três pintos, o bronco!(*)

[(*) *bronco = idiota*]

— São umas cabras! — Porque a ideia que mais o azedava era justamente essa, a de que o fidalguete lá estava, afocinhando as carnes da Malhada, os lindos peitos que eram dois pêssegos dourados de sol, e talvez a rir-se dele —quem sabe?— do comerciante pateta, que largou três pratas e foi enxotado.

— Porcas!

Mas, em meio de todo este ciúme grosseiro e bestial, havia a lembrança da vozinha doce que lhe soara

aos ouvidos, há pouco, na sombra de uma persiana:

— Mãe! Mãe!

E o bruto do alentejano, sem querer, sem pensar, sorriu.

“Quem seria a pequena?” — pensava ele. Naquela rua desgraçada, nas traseiras daquela casinhola velha aonde o outro subira, num tilintar de esporas, — na casa da cigana, enfim, quem poderia ser essa pobre criança, por certo tão linda, que pela voz se lhe adivinhava a lindeza?

— Mas pronto, vida é vida! — rosnava o Romão, com os seus botões, para arredar enternecimentos.

— Vida é vida!

E de pensamento em pensamento, foi cair de novo na ideia da Malhada. Viu, ainda uma vez, à frente dos olhos, o braço do outro, entalado no postigo, e aquela mão fina, cintilante de anéis. Era talvez por isso, pensava ele. E instintivamente, à luz de um candeeiro, ao voltar de uma rua, olhou para a sua grande mão rude, gadelhuda e calosa(*)...

[(*) *com calos*]

— São umas cabras!

Porque diabo não havia ele de voltar para trás? Que raio de cobardia era aquela? Numa brusca resolução de tímido, botou de novo ao ombro a tralha alentejana que lhe descaíra no braço, e, com uma onda de sangue a queimar-lhe a cara, desandou na rua do Capelão.

Haviam de ver! Entrava para dentro do postigo com dois murros tesos, de modo que lhe saltassem as visagras, e depois — com os diabos! — era só deitar a mão à chave.

— Está decidido!

E todo o plano se lhe desenhava, nítido. Enxotar o outro, como o outro o enxotara a ele — mas, desta vez, à ponta do sapato, ou, se preciso fosse, à ponta da navalha.

Ao voltar à ermida da Saúde, apressou o passo. Levava o coração aos pulos.

— Faço-o correr as sete partidas, o bandido!

E pela cara passou-lhe um cheiro acre de sangue.

— Está decidido!

O resto, estava feito. A noite, a sombra, a casaria silenciosa... Agarrar os pulsos da Malhada, derrubá-la sobre a arca ou vergá-la sob o joelho, até gemer... Depois erguê-la em peso, peito contra peito, bafo contra bafo, alma contra alma, cair de novo no soalho, mordê-la, beijá-la, estortegá-la, e numa selvageria do seu amor de macho, num ímpeto do seu rancor de expulso, deixar-lhe descair a cabeça fatigada, e seguir-lhe, voluptuosamente, as revoluções dos olhos...

— Está decidido! Está decidido!

Mas então, quase ao chegar à Rua do Capelão, ouviu um choro aflito de uma criança.

E — coisa curiosa! — parecia-lhe a mesma vozinha infantil e meiga, que há pouco ouvira rir, na janela da cigana.

— Mãe! Mãe!

Mas, desta vez, a linda voz chegava-lhe aos ouvidos toda cortada de soluços:

— Mãe!

Com efeito, logo ao começo da rua, nos degraus da porta por onde subira o outro, o da jaqueta de veludo, uma pobre criança chorava.

Era uma rapariguita dos seus oito anos, com uma saínha de folhos, magra e viva, mãos compridas e

nervosas, uns vagos tons de cobre na pele quente de cigana, e uns olhos negros, luminosos e profundos.

A pobre criança, sobre os degraus de pedra, ao frio, debatia-se numa aflição de encontro à porta fechada.

Ao alto, na janela, não havia luz.

O bom do Romão, abalado por aquelas lágrimas inocentes, aproximou-se de mansinho:

— Que tens tu, pequena?

A pobre ciganinha coseu-se mais com a porta, cheia de medo. Os soluços agitavam o seu pequeno peito de magra em estremeções violentos.

— Que tens? Que tens?

E, na intenção carinhosa de alegrá-la, o alentejano começou a rir:

— Olha que eu não te faço mal, pequena! Eu sou o Romão...

E o certo é, que havia tanta ternura na voz desse comerciante ricaço e bodegão, tanta graça piedoso nos seus trejeitos, que a pequenita, esquecida de chorar, se pôs-se a rir para ele.

— Então que tens?

— Foi a minha mãe, que me botou fora da porta, — gemeu a rapariguinha.

— A tua mãe? E quem é a tua mãe?

— É a minha mãe.

— Mas como se chama?

— Chamam-lhe a Cesária.

— E eras tu que estavas ainda agora ali, naquela janela?

— Era.

— Então porque foi que a tua mãe te botou fora, pequena?

— Porque estava lá com o homem, e eu...

— E tu?

Mas a voz embargou-se-lhe, e a pobre criança desatou a soluçar outra vez.

— Cabras! Cabras! — rugia o Romão, comovido.

E tirando do golpe da jaqueta o seu grande lenço, com uma ternura de espantar num bronco, sentou-se no poial da porta, encostou a pequena aos joelhos e limpou-lhe as lágrimas.

— Então, diz lá, anda. Que foi que tu fizeste, para a mãe te pôr fora de casa?

E a pobre criança, a tremer, olhando a janela num jeito de terror, balbuciou:

— Espreitei...

Naquela alma rude de comerciante, infiltrou-se pouco a pouco uma tão forte comoção, abalou-se de uma tão viva piedade, comoveu-se tanto o velho Romão, que chegou a passar-lhe pela cabeça a ideia de salvar aquela criança, de a levar consigo dali para fora, de arrancar às misérias da Rua Suja aqueles grandes olhos luminosos.

— Mas, que diabo! Vida é vida! Ficar com a pequena às costas, assim de um momento para o outro, ia trazer-lhe prisões, gastos, e depois, “aquilo”, o sangue da mãe, havia de fazer das suas...

“Que raio de ideia!” — rematou ele consigo, apeando o chapéu e passando a mão pela cabeça, com o ar de quem afasta um pensamento ruim.

Mas a pequena era tão linda, com os seus olhos rasgados e cheios de sol, a sua carita já alegre, a sua pele cigana, de grão quente e dourado... Havia uma pureza tão grande no seu jeito de olhar, uma graça

tão fina nos seus movimentos, uma atração tão grande em toda a sua pequena pessoa, que o bom do alentejano, sem saber porquê, embevecido e com um nó de choro na garganta, olhava, para ela, embasbacadamente.

— Olha lá, pequena... Como te chamas?

— Severa.

— Deus nosso Senhor te dê boa fortuna, assim, como eu a quero para mim. E tomando a manta sobre o ombro, o Romão levantou-se do poial. Tinha de partir de madrugada. Era preciso abalar. Ainda tinha que ir pagar à hospedeira, de dar umas ordens à vida e de passar na estalagem do Arco. Não contando ainda com uma francisquinha(*), servida sob os tetos do Penim.

[(*) *cerveja*]

E enquanto a pequena o olhava, seguindo-lhe os movimentos, encostada ao umbral de pedra roída, o Romão tirou da algibeira da jaqueta a sua bolsa de chita encarnada, desatou-a e tirou um cruzado novo.

A pequena, mal viu luzir a prata, riram-lhe os olhos.

— Queres? — perguntou o alentejano, estendendo-lhe a moeda, na palma da manzorra bruta. Queres, Severa?

Mas a rapariguita, desconfiada, escondendo a cabeça no braço, achando talvez demasiado aquela moeda de prata tão grande, choramingou:

— Não quero...

— Quando o Romão ia procurar convencê-la, já a sua mãozinha magra e sorrateira avançava para o dinheiro, enquanto o outro braço, tapando a cara, escondia um riso satisfeito de miúda.

— O sangue da mãe! O diabo é o sangue da mãe!

Tinha que ir, que já eram horas. Mas e a pequena? Havia de ficar ali, ao relento?

Ainda pensou em bater à aldraba da porta, para a mãe a recolher. Mas a cigana estava lá com o outro, era capaz de vir por aí abaixo, com o fogo na garupa, para bater na pequena. Não! O melhor era não mexer em baralhos alheios. A pequena havia de estar habituada àquilo. A mãe que viesse quando quisesse.

— Adeus, pequena! Até mais ver!

— Adeus, senhor homem...

— E enquanto a rapariguita, sem já se importar com ele, fazia tinir a prata sobre os degraus de pedra, o alentejano foi descendo a lobrega rua.

— Mal empregada! O sangue da mãe... Mas, que diabo! Vida é vida!

Às seis da manhã, já com sol nascido, o Romão, alquilador, a caminho do Alentejo, embarcava no Cais da Ribeira.

CAPÍTULO II

Deixámos os dois “fidalguetes”, ou o que quer que eram, entregues de corpo e alma às duas mais célebres putas da Rua Suja.

Um deles, na sobreloja da cigana, contando os episódios sangrentos de uma tourada; o outro, em casa da Malhada, anediando-lhe entre as mãos, cheias de anéis, os ombros de uma carnação ruiva.

Qualquer um dos dois não teria mais de dezoito anos.

Atrevidos, foliões, valentes, na inteira confiança do seu prestígio e da sua braveza, correndo a malta a murro nos becos sombrios, os dois amigos levavam uma vida comum com cocheiros, troquilhas, taverneiros e marafonas(*).

[(*) *Marafona = prostituta*]

No entanto, quando era preciso vestir uma casaca e apertar uns punhos de renda, não havia ninguém mais fidalgo do que esses dois “marialvetes” sentimentais, que passavam, com uma prodigiosa facilidade, das marquesas emproadas para as vadias de tamancos.

Sobretudo um deles, o verdadeiro fidalgo, com os seus dezoito anos trigueiros e violentos, levava as noites cruzando com putas de rua, os “leões de goles”, lampassados a ouro — o seu brasão de família. De uma raça já tocada por uma ligeira tara, mas forte ainda e nobre de tradições, tinha o seu herdeiro nesse rapaz de máscara ao mesmo tempo sombria e fina, apaixonado como um espanhol e, valente como um português. Nas feiras e nos bares, pelas ruas da Mouraria ou pelas tendas do Campo Grande, a malta

dos vigaristas, dos gatunos, de troquilhas, mal o viam chegar, derrubavam logo os chapéus:

— Senhor D. João...

Um fidalgo... Mas os seus maiores amigos, mais do seu foro privado e da sua proteção, eram os cocheiros de Lisboa — metediços pimpões de casaca azul e espora de latão, luzindo as carruagens herdeiras dos velhos calhambeques do Assembleia(*), com as suas cortinas de couro e as suas mulas lazarentas.

[(*) *Nome de uma empresa de carruagens, o equivalente hoje ás empresas de táxis*]

Discípulo do Facareno e do Pinóia, os dois que lustravam os chapéus de pêlo de coelho ao sol das andanças, o jovem D. João batia a vara como um mestre no cavalo e “metia roda” aos parceiros com uma destreza admirável.

Daí a sua celebridade entre os cocheiros. As biscoas jogadas com baralhos espanhóis à luz das velas de sebo, nas velhas tavernas da altura, as francisquinhas bebidas em comum no Baldanza e no Barracão, a mesma gíria fadista a imitar os mafiosos, e, quando Deus queria, chapéu tombado para os olhos e capa enrolada no punho, a defesa noturna de alguma rua, tomada a peito por um namoro de rameira...

Quando a maior parte dos cavalheiros da altura, se entretinham pelos bastidores do São Carlos(*), bengala à *pommedor* e botoeira florida, discutindo as excelências da loura Piétralia, ou atando fitas rosas de escarpim sob a luz fria das aranhas de prata, D. João rondava vagarosamente as ruas da Mouraria, e desaparecia na sombra de alguma escadaria lóbrega. A sua decidida predileção pelos amores grosseiros, pelas vozes avinhadas de patrajonas a roncar o fado, pelas ternura da gíria rude, todo esse fandango de dança batida, com lenços vermelhos a dançar sobre as cabeleiras negras e ouros luzindo à luz dos bares, — toda essa preferência doentia pelo amor torpe do Capelão significava uma manifesta degeneração de

raça.

[(*) *A maior casa de ópera de Lisboa*]

De todas as mulheres do velho bairro, a que mais interessara ao fidalguete fora a Cesária, uma cigana de vida aventureira e foliona, que vivia com, uma filhita de oito anos na sobreloja fundeira da primeira curva da rua do Capelão.

A história pitoresca desses amores tinha arrastado à Mouraria muito rapazola de bom sangue, entre eles esse tal de voz metálica e estrangeirada, com a sua capa de baeta negra sobre os ombros, e a mão óssea e comprida cheia de anéis, como uma vidraça de ourives. Chamava-se Domingos Harson e era descendente de uma família inglesa. Loiro e sentimental, franzino mas forte, tendo sempre réplica pronta e palavra mordente, o companheiro de D. João, por aborrecimento, por novidade, metera-se com a Malhada. Achara curiosa aquela máscara de sedutora reles, pintada de roxo na testa pela borra de vinho de uma herança materna.

Apetecera-a por perversão e por extravagância. Depois, companheiro do outro, a aventura prometia fanfarronadas noturnas, caras a sangrar na sombra das ruas, navalhas abertas, chapéus derrubados, e os eternos machos a lutar, arca por arca, pela eterna fêmea...

No entanto, o seu género não era aquele. Delicado, quase precioso no vestir, sóbrio no gesto, fino no trato, adorando os perfumes como um romano da decadência, — se não fosse o imprevisto e a originalidade da aventura, não era a pobre Malhada que conseguiria prendê-lo, com o seu ar grosseiro de minhota e as suas meias de algodão azul e branco.

A sua aristocracia de pele preferia as dançarinas e as atrizes.

Antes da Malhada, Domingos Harson tivera intimidades com certa bailarina do Salitre, amante de um

homenzarrão ruivo e hirsuto, de nome Semblano, corregedor(*) do Rossio.

[(*) *Corregedor = Juíz*]

Uma bela noite, estando a bailarina a dançar no palco e o rapazelho em plena plateia, junto às forçuras, garrindo o seu colete de seda branca bordado a prata, rebentou na sala a mais estrondosa das pateadas...(*)

[(*) *Pateada = Manifestação de reprovação, batendo com os pés no chão, para com a atuação artística que se está a assistir. O contrário das palmas.*]

— Parto a cara ao primeiro que eu veja a patear! — gritou Domingos Harson, subindo a uma cadeira e aproveitando o silêncio de espanto produzido pela sua aparição.

Diante daquele desafio, arremessado por um adolescente a uma plateia em peso, levantaram-se, de toda a parte, vozes de interrogação e de pasmo:

— Mas quem é o senhor?

— O amante desta mulher! — exclamou Domingos Harson, apontando num grande gesto a bailarina que ainda dançava.

Nisto, um homenzarrão de pêlo ruivoço grunhiu da porta uma praga portuguesa e gritou:

— Amante dela, o canalha...? Amante?

Era o corregedor. Mas o Domingos, ainda de pé sobre a cadeira, o colete bordado a resplandecer, o cabelo perdido em caracóis sobre a testa, abriu-lhe os braços com a maior naturalidade do mundo:

— Amigo Semblano! Não acredite... Era para conter a multidão!

O espetáculo continuou; mas o corregedor nunca mais perdeu de vista o “leãozinho do Salitre”.

O pior foi que a aventura chegou aos ouvidos do pai de Domingos Harson, que houve por medida de prudência prevenir o filho de que o mandaria educar para Inglaterra se tornasse a meter o nariz nas fraldas da bailarina.

De modo que o namoro da Malhada, incrustado naquele bairro antigo, sem vaidades, sem exhibições, sem despesas, era o ideal dos conchegos para o amigo íntimo do quase cocheiro D. João. Passavam os dois as noites na Mouraria, cada um com a sua rameira, levavam-nas de vez em quando a jantar à horta do Catavento, todas “chiques” nas suas saias gomadas e nos seus cordões de ouro de varina, e se às vezes lhe saía à frente algum bando de embuçados, era vê-los aos quatro, navalha aberta, eles e elas, lutando como mestres e avançando como sombras. Para além disso, não havia perigo de prisões. Se os cabos dos vigias surgissem de um beco, eles untavam-lhes as mãos com a prata de dois cruzados novos.

Às vezes, reuniam-se os quatro na casa da Cesária Cigana, e enquanto a pequena dormia numa alcovazinha interior de portas de vidraça, as duas mulheres entretinham-se a deitar cartas e a contar casos picarescos de rua.

Ao princípio, o inédito de tudo aquilo, o ar sentimental das meretrizes, as coisas imprevistas que elas contavam, a gíria sempre colorida e sempre nova, deslumbraram o precioso Domingos Harson. Queria ouvir tudo, queria saber tudo.

Certa noite, estando a Cesária na janela e os três dentro de casa, a tentar acender um candeeiro de latão de três bicos que não queria arder, aconteceu passarem no Capelão uns ciganos troquilhas.

— *Ai, chái! Mira quien te dica!* — rouquejou um deles para outro mais velho que lhe caminhava ao lado.

Acto contínuo, a Cesária, muito pálida, recolheu-se e veio para dentro, a tremer, sobre o tampo de

uma arca de madeira encarnada.

— Que se passa, Cesária? Que tens tu? Que aconteceu?

E enquanto os três a rodeavam sem compreender, os olhos luminosos da cigana, pregados na janela aberta, adquiriam uma fixidez de terror.

— Mas diz o que foi, com mil demónios! — pedia D. João, sacudindo-a num movimento brusco.

A Malhada, muito pálida também, arrastou o Domingos para junto de uma cantoneira cheia de loiça e balbuciou, sem despregar os olhos da amiga:

— Deviam de ser os ciganos...

Nisto, uma pedra, atirada com força da rua, entrou sob a grade erguida, bateu nas traves do teto, foi cair sobre a cómoda e rolou dali para o soalho, num ruído seco.

D. João e Domingos Harson entreolharam-se. Era uma provocação dos ciganos.

Uma segunda pedra, atirada ainda com mais força, estilhaçou-se na quina da janela, e nela batendo, cerrou-a.

D. João agarrou de um salto a grade, ergueu-a de novo, e mostrando-se sob a rua iluminada, rouquejou:

— A andar! A andar!

Dois vultos, que estavam parados junto à esquina fronteira, afastaram-se a resmungar e perderam-se na escuridão.

Eram os dois ciganos que a Cesária vira da janela.

— Decididamente, pensaram que não havia homens em casa, — pensou consigo D. João.

A Malhada, que espreitava a rua por uma fresta, enquanto a cigana, imóvel sobre a arca, seguia com os

olhos o fidalgo, abraçou a amiga e sossegou-a:

— Já se puseram a andar!

— Conheceste-os, Cesária? — perguntou D. João, que, instintivamente, agarrara a capa e o chapéu desabado.

— Não.

— Então porque diabo estás tu a tremer?

— Porque são ciganos.

— E que tem que sejam ciganos, se os não conheces?

— São capazes de me matar...

— Estás doida!

— Tão certo...

— Então, conhecem-te eles a ti!

— Não sei... Não sei...

Mas duas grandes lágrimas caíram pelas faces trigueiras da jovem, caindo, como duas bágoas de prata, sobre o lenço de ramagens do pescoço.

Os olhos dos dois amigos encontraram-se, e os seus olhares compreenderam-se.

Era preciso descer à Mouraria e desafiar o bando, o quanto antes.

Domingos Harson agarrou disfarçadamente numa navalha de picar tabaco que estava sobre a mesa da Cesária, pôs a capa e o chapéu de castor, e, com D. João, encaminhou-se para a porta.

Mas a cigana, num salto de loba, com o peito a arquejar de aflição, olhos congestionados, braços

estendidos, cortou-lhes o passo:

— Não! Não! Não quero! E de costas de encontro à porta, hirta, o cabelo em desalinho, os músculos do pescoço retesados, uma grande expressão de selvageria no olhar, a rameira, cara a cara com os dois amigos, defendia a passagem numa intrepidez de fera:

— Ninguém daqui sai, ouviram? Ninguém daqui sai!

D. João, muito sereno à frente dela, respondia-lhe apenas, num movimento de cabeça:

— Afasta-te!

À terceira vez perdeu o sangue frio, travou-lhe do pulso e quis arrancá-la da frente da porta

— Então uns malandros apedrejam-te e tu defende-los, cabra?

Mas o Domingos e a Malhada, seguraram D. João, enquanto a Cesária, arquejante, os olhos injetados de sangue, repetia, amparada ao umbral:

— Não quero! Não quero!

— Mas não queres, porquê! — rugiu D. João. — Porquê é que tu não queres, se são dois ciganos que nos apedrejam?

— E a cigana, a tremer, extenuada, deixou-se cair sobre a soleira da porta, balbuciando, num arquejar de soluços:

— Porque um deles é o meu pai!

Nessa noite, a Cesária, que nunca se abrira a ninguém sobre o seu passado, misterioso como os dois grandes olhos que Deus lhe dera, desentranhou-se em lágrimas e em confidências.

A Cesária cigana era uma rapariga alta, desempenada e alegre, cabelo negro, quase roxo à Itiz, ancas volumosas, um quebrar de olhos fatigado, pele trigueira, coberta de uma pelagem dourada, e uma voz

rouca e áspera jogando com a ternura dos gestos e dos olhares.

Ao princípio da sua vida no Capelão, as companheiras acusaram-na de ser ladra. Depois, como a sua fama cresceu e a cigana começou a ter dinheiro e a fazer algum bem, todas começaram a dar-se com ela. Na altura, era a mais rica da Mouraria. Gozava, mesmo, de uma certa celebridade entre os marialvetes visitantes do Capelão. Um rapazola pintor, de cabeleira em bucras e pescoceira de linho derrubada, afirmava que o corpo da cigana era uma academia. No entanto, depois do parto, há oito anos, as linhas puras do ventre tinham-se abastardado um pouco e as vergastadas da pele marmoreavam-lhe a superfície num moreno quase metálico.

Naquela noite, afogueada do choro, o cabelo caído sobre a testa, o lenço de ramagens derrubado, os brincos a luzir nas orelhas, a Cesária ganhara uma expressão mais colorida e mais viva.

Estavam os quatro em volta de um candeeiro de três bicos, em cujo balde de latão fumegavam os pavios da lamparina, ela contando a história da sua vida e os outros ouvindo.

Quando ainda era pequena, com quatro anos, se tanto, entrara em Portugal pela fronteira do Alentejo, com um bando de ciganos caldeireiros que andavam a atravessar a Espanha.

Era um bando de miséria. Esfarrapados, pés descalços, cobertos de sangue e de lama, caminhando tristemente atrás de umas pobres carruagens quase desfeita, os filhos a dormir na palha dos seirões e as mulheres a cantar, para enganar a fome, — esses rebentos de uma raça triste, queimados pelo sol das charnecas, vinham pedir hospitalidade ao chão de Portugal.

Acamparam junto de umas casas arruinadas; pela noite seguiram caminho; antes do sol nascido, ao outro dia, partiam os homens em várias direções monte a monte, a pedir esmola.

Um dos lugares por onde passaram, era rico, um dos melhores da região. Como ia entrar o tempo da seca, os campos de trigo alongavam-se em leiras de ouro maduro dentro de uma cancela pintada de vermelho vivo.

Um indivíduo, aperrando um arcabuz(*), disse com má cara:

[(*) *arcabuz* = *tipo de espingarda*]

— Aqui não se querem ciganos! É a andar!

E os dois que pediam esmola, com lenços vermelhos atados na cabeça e a camisa aberta mostrando, o peito gadelhudo, foram-se afastando, num ranger de dentes rancoroso, pela grande estrada cheia de poeira e de sol.

Nessa mesma noite, a seara ardia, e o grande, clarão do incêndio alarmava as casas em volta. Um dos ciganos que tinham botado o fogo era, o pai da Cesária. Depois disso, daí por diante, o bando dividiu-se.

Alguns do bando buscaram trabalho nos povoados, exercendo o seu trabalho humilde de caldeireiros.

(*)

[(*) *Caldeireiro* = *que faz ou vende caldeiras ou outros instrumentos de metal.*]

Outros, iam para as feiras roubar, e traziam boas peças de pano entaladas nas selas mouriscos.

As mulheres mendigavam, rotas, pelas estradas, com o sol nos olhos e os filhos às costas. Os mais astutos tornavam-se troquilhas, iam à feira com uma burra enfeitada porque “para burra velha, cinta amarela”(*), e estavam de volta ao fim de três dias, trazendo em troca da jumenta, o milagre de um cavalo e cinco moedas.

[(*) *Proverbio popular que significa: aos velhos é preciso algo para que parecem novos*]

Alguns deles enriqueceram. Corriam as feiras de gado, e ao cabo de muita troca e baldroca, de muita carroça velha vendida por bom ouro aos pategos, de muitas vigarices à fidalguia comerciante, chegaram a ter lugar marcado nos mercados e praça de entendidos.

Os mais pobres, esses, era “à aventura da altura”. Na ocasião das ceifas, de junho adiante, quando os ceifões dormiam nos campos ceifados, davam “mão baixa” às carroças. Chegado o inverno, o tempo da fome para essa pobre raça de vagabundos, era a mendicidade de monte em monte, os pés a sangrar no tojo(*) dos caminhos, as noites de sono nos currais de cabras. A esses, tudo servia.

[(*) *tojo = erva espinhosa*]

Para comer, desenterravam porcos mortos por doença. Invadiam os povoados, como os lobos com fome. Vila onde os albergassem, era vila onde não se dormia. As casas abastadas aferrolhavam toda a sua prata e trancavam as portas, como se tivesse chegado uma companhia de bandidos.

Mas que a primavera vinha e os matos floriam, vinha melhor sorte. Os lavradores chamavam-nos para a tosquia dos gados. Os filhos tinham menos frio e menos fome.

Era a vida.

O pai da Cesária não seria dos mais afortunados, mas também não era dos mais miseráveis. A princípio fez vigarices com gado miúdo. Jogava com pouco dinheiro e não se podia atirar de cabeça. Mas assim mesmo, já ia às feiras com a sua jaqueta, o seu chapéu castanho caído para os olhos. Juntou umas moedas, e um belo dia comprou um urso a um cigano de Borba, amigo dele.

Era um animalejo pesado, velho, lamacento e grotesco, que sabia dançar quando tocavam o pandeiro.

(*) Quis revendê-lo, mas não achou quem lho comprasse. Em último recurso — que diabo, — era um ganha-pão.

[(*) *Pandeiro = instrumento musical, uma pandeireta*]

Vieram de novo as feiras de gado, e o cigano tornou-se um ladrão de golpe. Deu-lhe para fanar as amarras de ouro nos coletes de peles dos comerciantes ricos. Mas, de uma vez, um mais fortes deu-lhe dois murros e estendeu-o no chão, com a cara em sangue. Daí, a fama de ladrão no mercado, e os troquilhas a já não quiseram relações com ele. Por essa mesma altura, uma luta por questão de saias, deu-lhe má relação com os companheiros.

Viu-se só com a filha, a Cesária, que teria então dezoito anos e os mais lindos olhos do mundo, uma rapariguita esperta sabendo garrir o seu lenço sarapintado e o seu fio de ouro.

Quando pensava em se podia contar com mais alguém, sentia o ronco fatigado do pobre urso lamacento, que o olhava cheio de fome.

Juntou mentalmente a filha ao urso, e num relance de olhos viu um modo fácil de ganhar dinheiro. Tempo depois, nas ruas pedregosas dos povoados, pela tarde, para regalo do mulherio e das crianças, um cigano a tocar fazia dançar um urso enorme, amarrado por uma corda, enquanto que uma rapariga, de saia encarnada pelo joelho, batia compassadamente um adufe. (*)

[(*) *Adufe = instrumento musical português, também uma espécie de pandeireta*]

E o certo foi que, de praça em praça, rossio em rossio, terreiro em terreiro, iam arrecadando bons cobres no alforge.*)

[(*) *Sacola grande com aba para fechar. Geralmente é confeccionada em couro, onde se guardava o dinheiro*]

Ao cigano, só uma coisa lhe custava: eram os insultos da rapaziada, as vaias, todo o desprezo dos outros, que ele sentia subir-lhe em sangue à cara.

— *Te amarélo*, se te burlas de mil! — rugiu ele um dia, agarrando pelo pescoço um garoto que o empurrara e fazendo-o afocinhar na lama.

— *Te amarélo!*

Mas, justamente por essa altura, andava também ao-Deus-dará pelo baixo Alentejo um miserável tocador de rabeca. Uma criatura enorme, de ossatura esbrugada, uns pelos loiros a apontar numa queixada volumosa, um pescoço esgalgado que parecia pedir vértebras emprestadas ao dorso, — um pobre diabo desse bando dos artistas de rua, na contínua romagem da liberdade, fazendo chorar a rabeca* como quem faz chorar um coração.

[(*) *rabeca = violino pequeno*]

Encontraram-se um dia na praça maior de certa vila, fazendo mútua concorrência, ele com o seu violino e o cigano com o seu urso.

Mas, longe de se hostilizarem, entenderam-se.

Chegaram a falar, nessa mesma tarde, junto às gigantes torres de um mosteiro velho; e, daí por diante,

nas terreolas alentejanas por onde se arrastavam, o pobre do urso, enquanto dançava, passou a ter honras de pandeiro e de rabeca.

Mas não foi por certo o animal que mais se impressionou com a música. Ele dançava ao jeito que lhe ensinara o cigano de Borba, fingia-se morto com a mesma consciência, roncava com a mesma convicção, como se um, simples adufe o acompanhasse.

Sobre a pequena é que a rabeca teve uma terrível influência.

A cigana, com o sol da raça a queimar-lhe a pele, o sangue virgem a arder-lhe nas veias, quando o músico tocava abalava-a uma convulsão, não atinava no tanger do adufe, o coração saltava-lhe no peito, acabava com os olhos arrasados de água, e era numa crise violenta de choro que estendia o pandeiro à multidão:

— *Limosna, por Dios!*

E, num gesto fazia que ria, disfarçava, a mostrar boa cara, mas o peito arquejava num soluço e a voz arrastava-se, cortada de lágrimas:

— *Limosna, por Dios!*

No entanto, o rabequista não desviava dela os seus olhos pardos, pequeninos e franzidos, em cuja profundidade, como numa aresta de aço incrustada na sombra, brilhavam desejos violentos, toda a tortura do amor recalcado pela miséria de uma natureza de expulso.

E quando, já pela noite, recolhiam fatigados e cobertos de lama ao seu abrigo de acaso — pocilga ou ruína, telheiro ou curral — o olhar do músico, num clarão frio de desejo, envolvia o vulto airoso da pequena, devorava-a dos pés à cabeça, seguia-lhe o movimento do corpo, a curva lírica da anca sob a saínha vermelha, os movimentos do braço que ia oscilando num tinir de soalhas, toda a beleza misteriosa desse corpo em flor, que um grande céu de estrelas cobria.

Atrás, caminhava o cigano, com a lanterna acesa iluminado a estrada, a puxar o velho urso. Lastimoso

e pensador.

E à frente do rabequista e da pequena, sobre a lama batida da luz, duas grandes sombras esguias, e oscilantes, avançavam...

Quando a noite os surpreendia nos montes e nas vilas que lhe negavam pousada, dormiam os três, embrulhados em mantas, debaixo de uma árvore, e ao outro dia, ao apontar da alvorada, assim que se adivinhava o sol, punham-se de novo a caminho, com o eterno urso, a eterna rabeça e o eterno pandeiro, a explorar a eterna estupidez humana.

Veio o tempo da feira em Vila Viçosa, e um botequim(*) contratou-os. Foi um acontecimento. O empresário, um galego, dava-lhes um cruzado novo todas as noite, e pousada.

[(*) *Botequim = uma hospedaria com bar e um palco para espetáculos*]

Os cruzados eram bons; a pousada era má.

Um quarto no primeiro andar, para o cigano e para a filha, e em baixo uma loja térrea, com um molho de palha a um canto e uma enxerga a outro, para o urso e para o rabequista.

No andar de cima, duas camas velhas, cada uma com a sua manta grosseira, e entre elas, fazendo a decência, uma cortina, de chita encarnada suspensa por uma corda. O armazém em baixo tinha duas portas: uma sem ferrolho, quase podre, que dava para a rua; outra traseira e esconsa, que dava para uns campos. Era um lugar térreo e bafiento, com uma lareira desfeita numa parede de esguelha, aqui e ali restos de um painel de azulejos, e uma janela com grades à esquerda, junto da qual, amarrado, dormia o urso. O rabequista, esse, por insistência pessoal do dono do botequim, tinha uma cama desfeita ao outro canto do armazém.

Mas, que, diabo, para quem dormia às vezes sobre o esterco, era um leito de rosas!

E ali, pelo grande silêncio das noites mal dormidas, como duas feras, cada uma no seu poiso, o rabequista e o animal, ambos grotescos, ambos lamacentos, como dois irmãos que se entendem, como dois leprosos que se abraçam, perguntavam a Deus por que motivo os excluía do amor, por que razão os privara do único bem da vida...

No entanto, no primeiro andar, sobre o seu leito humilde, a cigana, a tremer com o frio que entrava as frinchas da telha velha, com os nervos abalados e o sangue a arder, pensava enxergar na escuridão os olhos de aço do violinista, e inexplicavelmente, sentia dentro de si mesma, dentro da sua cabeça escaldada de febre, os gemidos angustiosos da rabeca. E, pouco a pouco, crescia-lhe na alma uma grande ternura por aquele desgraçado sem eira nem beira, que a fazia tremer, que a fazia rir, que a fazia chorar...

Certa noite, no botequim, enquanto o violinista e a cigana tocavam à frente de uma corja de troquilhas e de comerciantes bêbedos, um dos da malta subiu ao palco, agarrou na pequena e babou-lhe a cara com os lábios nojentos.

O da rabeca, possante na sua larga envergadura simiana, ganhou-o de imediato, deitou-lhe as mãos às goelas, derrubou-o no sobrado, ferrou-lhe um joelho sobre o peito arquejante, e enquanto o grupo rompia em bravos e aclamações, o pobre diabo vasquejava sob o jarrete do músico, a cara congestionada torcia-se em esgares e os olhos já vidrados revolviam-se numa aflição...

O cigano velho, que estava fora da barraca a por vinagre nas chagas do urso, correu ao ouvir a desordem, e juntamente com um fidalgorro que galgara ao palco, arrancou o comerciante moribundo das unhas do violinista.

— *Que rapa de hombre!*

E enquanto toda a malta rodeava no botequim a figura lastimosa do troquilha vencido, a cigana arrastou o vencedor para um canto de sombra, atirou-se a ele num ímpeto de ternura bárbara, abraçou-o de encontro ao peito, e agarrando-lhe nas mãos a cabeça pálida onde uns pêlos punham, percorreu-lha num bafo, procurou-lhe a boca, e lábios contra lábios segredou-lhe num gemido:

— Esta noite!

Recolheram aos quartos. O cigano atou o urso às grades da loja e subiu com a filha. O violinista, trasbordando de emoção, recolheu ao armazém.

Ia ter amor, ele, o eterno excluído, o eterno desprezado!

Deitou-se sobre a enxerga. Parecia que uma chuva de estrelas lhe caía sobre o peito. Não pegava no sono.

Levantou-se.

Ela não devia demorar.

O cigano, cansado, adormecia depressa.

Dentro em pouco, a sua mãozinha magra empurraria a porta.

A ideia de que ia amar, alvoroçava-lhe o coração, no peito.

Amar, finalmente!

E numa grande piedade pelo seu companheiro de desamor e de abandono, ele, feliz agora, com a boca perfumada de beijos, afagou compadecidamente o pêlo lamacento do urso, e balbuciou como se ele pudesse ouvir:

— Pobre bicho! Talvez chegue o teu dia, Coitado!

Mas a porta abriu-se, e, na luz da vela que ardia, a cigana surgiu aos olhos do rabequista como uma aparição.

— Agarra a tua rabeça e a tua roupa! — ordenou ela, ainda na soleira da porta.

— Mas que vamos nós fazer?

— Fugir!

E como o rabequista a olhasse numa visão de espanto, a cigana sossegou-o.

— Trago o meu adufe. Ganharemos a vida à gandaia, a tocar e a cantar...

— Mas e o teu pai? — aventurou o músico.

— Se soubesse, matava-me. Não podemos ficar aqui, nem mais um instante!

— Levamos o urso?

— Não.

— Porquê?

— Não. O urso fica.

— Mas porquê?

— Se o levássemos, o meu pai morria à fome...

— Os olhos da Cesária encheram-se de lágrimas, enquanto o rabequista, a um canto, juntava numa trouxa os farrapos e a rabeca.

— Pronto!

Mas como não tinham alforge nem burro, era preciso ao menos uma corda para atar os dois pequenos fardos.

— A corda do urso! — lembrou a cigana.

— E se ele foge?

— Ele é manso. E ficam as portas fechadas.

E os dois, numa azáfama, desataram a corda das grades da janela, cortaram-na junto à corrente que prendia o animal, ataram com ela o adufe e a rabeca que o músico deitou às costas como um alforge.

Apagaram a candeia que ardia num espeto de ferro, junto à lareira desfeita, e nas trevas, aos apalpões, procuraram a porta traseira da loja, saíram, e cerrando-a cuidadosamente atrás de si, perderam-se, sob o grande céu de estrelas, na amplidão dos campos silenciosos.

A meio da noite, no andar de cima, o cigano acordou e chamou a filha. Não teve resposta.

Ergueu-se, palpou a cama, encontrou-a fria e deserta. Num rugido, desceu a escada esguia e achou-se na rua.

— Cesária! Cesária!

Nisto, passou-lhe pela cabeça a ideia do rabequista, aqueles olhos sempre cravados na filha como duas pontas de aço, o tremor dela quando ele tocava, a cena violenta do botequim.

Instintivamente, agarrou a faca que trazia à cintura, meteu ombros à porta do armazém, cujo ferrolho saltou fora, entrou nas trevas desse lugar térreo, e quando avançava para os lados da enxerga deu com o pé num pandeiro que ressoou num tinir de soalhas.

Era a prova. Estava ali, a cabra.

Ali, na enxerga, com o outro, a um passo dele, calada de pavor ou calada a dormir.

Voltou a dar com os pés no pandeiro que ressoou de novo, abriu os olhos mais para ver melhor nas trevas, e com o punho da faca bem firme na mão, avançou na sombra.

De repente, no momento de topar com a cama, pareceu-lhe ouvir um gemido rouco. Sem querer ver mais, sem querer saber mais, levantou o braço e cravou a faca na escuridão.

Sentiu-se um ronco enorme, e uma grande massa, coberta de lama e cheirar a esterco, ergueu-se nas trevas e derrubou o cigano.

Era o urso. A dor da ferida viera acordar no pobre animal a ferocidade nativa.

Quando o velho deu pelo seu erro, já era tarde. A pata da fera ensanguentava-lhe a cara. Teve de ferir

mais. A faca dez vezes entrou e revolveu-se nas carnes do urso. Lutaram corpo a corpo, a rolar na terra bafienta, aos urros de dor e de fadiga.

Às vezes, a faca, vibrada com violência, topava uma costela do animal e resvalava num ruído seco. Por fim, a uma nova punhalada, o ferro penetrou um tecido mole, quase flácido, cravou-se até às guardas e revolveu-se amplamente na chaga. Era o fim do urso. O pobre filósofo das feiras teve um ronco supremo e caiu inerte na terra.

O cigano, com os cabelos empastados de sangue, derreado e quase louco, mal se desenvencilhou das patas da fera, saiu para a rua onde já vinha gente com luz, e pôs-se a correr numa correria doida:

— *Mi hija! Mi hija!*

E em Vila Viçosa, nunca mais ninguém o viu. A cigana e o violinista, esses, na alegria do seu amor, atravessaram o Alentejo a cantar e fugiram para Espanha.

Ela dançava; ele acompanhava com a rabeça. Meses depois, voltaram a Badajoz.

O músico andava menos miserável e tinha deixado crescer a cabeleira fulva, que lhe caía agora em madeixas escorridas sobre a pescocreira negra de sujidade.

Um belo dia, fugiu com uma mulher casada que vendia ao pé de uma capela.

No próprio dia da fuga, o marido queixava-se à justiça de que a vadia lhe roubara cem cruzados de uma arca para abalar com o amante.

A justiça perseguiu-os e não os encontrou.

A pobre cigana desprezada andou a oferecer-se pelos botequins, abraçada à única riqueza do seu adufe. O pandeiro tinha-lhe ficado na loja térrea quando fugira com o rabequista.

Não a aceitaram em parte nenhuma.

— Não se querem aqui rameiras! — diziam-lhe.

Um dia, um mercador de panos perseguiu-a numa rua, deu-lhe dois pintos e levou-a a uma hospedaria.

Quando ia a atirá-la para a cama, caiu no soalho, com uma congestão.

Prenderam-na e acusaram-na da morte do mercador. Depois, à falta de provas soltaram-na, mas preveniram-na de que não podia continuar naquela vida sem cumprir certas formalidades.

Um tempo depois, estava a rapariga em Évora. Daí, um veterinário que tinha dinheiro e vinha estabelecer-se na capital, trouxe-a consigo.

Em Évora, fora certo dia recebida nos aposentos do chantre(*) da Sé, rico e severo, com o seu grande armário de pau-santo, e o seu leito de cabeceira de bilros com armação de seda roxa, Era um velho patuscão, que dizia enormidades com o ar seráfico de S. Francisco de Assis. A cigana ia-lhe ensinando razoavelmente a gíria dos malandros, quando o veterinário a trouxe para Lisboa.

[(*) *chantre* = *eclesiástico que dirigia o canto, que ficava à frente do coro e iniciava os salmos.*]

Daí a tempos teve uma filha, que podia ser, de toda a gente, incluindo o chantre e o veterinário. Ela mesma a criou. Deram-lhe o nome de Severa.

A mãe, quando as companheiras vinham ver pequena a mamar, diziam:

— Tem bons olhos para o fado! Há de ser uma rapariga de estalo!

E se a criança, afocinhando gulosamente a teta, não queria olhar para o grupo de mulheres, a cigana tirava-lhe a cabeça do seio e gritava:

— Abre os olhos, ó estupor!

Depois, quando untou o bico do peito com azebre(*), para a desmamar, deixou-a ao-Deus-dará pela

casa e pela rua, passando de um poial de porta para o regaço de uma amiga, e do regaço da amiga para as mãos de toda a gente.

[(*) *azebre = uma planta, mais conhecida hoje em dia como aloé*]

Correram anos de vida, e ali foi ficando sempre, naquela sobreloja(*) do Capelão, com altos e baixos de dinheiro, mas passando sempre por ser a mais rica aos olhos das companheiras.

[(*) *Entende-se por sobreloja parte do edifício situado logo acima de uma loja, da qual faz parte integrante.*]

Por último — para sua desgraça, dizia ela — viera o namoro com o fidalguete D. João, amigo de cocheiros e de toureiros, e ali estava àquela hora, onze da noite, com a Malhada e com, o Domingos Harson, em volta de um candeeiro de latão de três bicos em cujo balde os pavios fumegavam, contando o que nunca contara, pondo a sua vida e a da sua raça em pratos limpos, relatando fomes, misérias, vergonhas e infortúnios, chorando, rindo, ao sabor da aventura, como o pobre urso morto dançava ao sabor do pandeiro...

— O que eu gostava de ter um urso! — confessava com um grande ar profundo o Domingos Harson, passando os dedos esguios e brancos pela sua cabeleira à sansimoniense.

E ficaram os quatro num grande silêncio, cortado de vez em quando por alguma rameira da rua, que fechava a porta e se recolhia a cantar.

Com que então, o cigano que passou ainda agora era teu pai, hein? — perguntou de repente D. João.

— Era.

— E nunca mais o tinhas visto, depois que fugiste com o outro?

— Nunca mais.

— Ele conheceu-te?

— Conheceu. Está com a barba toda branca, mas vem bem vestido. Jaqueta de peles, com fechos de prata...

— Meteu-se outra vez nos roubos. — arriscou o Domingos.

— Não, foi outra coisa.

— Comerciante...

— Pois!

Caíram de novo num grande silêncio constrangido, que o fidalgo voltou a cortar numa interrogação brusca:

— E por que diabo apedrejaria o teu pai a casa?

A Cesária ia a responder, mas nisto outra pedra, bateu com violência na quina da janela, ricochetou para o interior, apanhou-lhe a cabeça junto ao olho direito, e num instante toda a cara da pobre rapariga escorria sangue.

— Cesária! Cesária!

Todos acudiram em redor da cigana, mas à vista do sangue e à força da dor atiraram-na desmaiada e quase morta sobre o canapé de palha. Ao mesmo tempo, na rua, debaixo da janela, alastrava um rumor surdo de vozes abafadas.

— Naturalmente, foram chamar toda a malta, os canalhas! — gemeu a Malhada, limpando do sangue a cara da companheira.

Os fidalgos não perderam tempo nem a serenidade. Levaram os chapéus à testa, enrolaram as capas no braço, trocaram duas palavras a meia voz, e logo Domingos Harson fez voar pela janela sobre os ciganos três cadeiras atarracadas de pau-santo, enquanto D. João, aproveitando o primeiro momento de surpresa, descia à rua.

A tática deu o efeito desejado. As cadeiras apanharam pelo crânio dois do bando, estenderam-nos de borco na rua, e foram estilhaçar-se nas pedras. A malta dos troquilhas, alarmada pela chuva de trastes, rodeava os feridos, vozeando no seu romanho ininteligível.

Eram talvez doze ciganos, evidentemente comerciantes, vestidos com peles, com mantas de riscas sobre os ombros e chapéus enormes de abalroar.

D. João aproveitou o primeiro momento de espanto, surgiu das sombras da escada, ganhou de um salto os troquilhas e estampou três a murro de encontro à parede fronteira.

Mas o problema era a defesa das mulheres e, por conseguinte, a defesa da porta.

Vendo-a descoberta, D. João recuou, e já na soleira desafiou o grupo.

— O primeiro que avançar, mata-o!

Mas os ciganos, de navalhas abertas sob as mantas de riscas, olhos luzindo no bronze das máscaras, rodearam-no obrigando-o a cingir-se com a parede, e iam infalivelmente cosê-lo a facadas, quando Domingos Harson, atirando-se da janela num salto soberbo, lhes surgiu pelas costas.

— Agora é que é, canalha! Agora é que é!

A navalha da Cesária chispou-lhe na mão cheia de anéis e desapareceu no peito de um cigano que rugiu e caiu de morto.

Nisto, começaram a aparecer mulheres às portas, e os gritos de “aqui d’el-rei”, as luzes, os excelentes murros de D. João, três ciganos já por terra numa poça de sangue, esse inimigo a mais que caíra do céu e

os feria pelas costas, tudo isto acobardou o bando dos troquilhas, que num instante de puseram a fugir apressados, Capelão abaixo, apavorados e ensanguentados.

— Aqui d’el-rei Aqui d’el-rei!

— *Se dialdron!* — gemia um dos ciganos feridos, torcendo-se nas pedras da rua.

Mas quando os dois amigos, já sem capas nem chapéus, desordenadamente, perseguiram o bando pela Mouraria fora, saiu-lhes ao encontro, junto ao Arco, uma patrulha de guardas e, mais à frente uma ronda de cabos de vigia que os obrigaram a parar.

— Persequimos uns ciganos que nos apedrejaram! — gritou D. João, querendo romper o cerco da guarda.

Um dos cabos, forte por certo, agarrou-lhe o pulso. O fidalgo ensanguentou-lhe os focinhos, num murro valente, quis desenvencilhar-se, mas rasgou a jaqueta de veludo, tropeçou numa pedra e caiu de bruços. Os guardas tombaram sobre D. João como corvos. Domingos Harson arrancou a um deles o terçado ferrugento, e ia atirar-se em defesa do amigo, quando uns outros o agarraram pelo pescoço, e uma voz rouca lhe rugiu ao ouvido:

— Vais pagar-me cara a bailarina, traste!

Voltou-se, e deu com os olhos numa cara vermelha e ruivaça, que luzia à luz de uma lanterna.

Era o Semblano, corregedor do Rossio. Não havia mais nada a fazer. Domingos Harson compôs a cabeleira, puxou a gravata de cetim bordado, como convinha à sua elegância, e exclamou, num grande gesto, para o corregedor:

— Às suas ordens!

— Mas já a caminho da estação da guarda, o pobre Brummell do Capelão, cheio de joias e salpicado de sangue, suspirava para o amigo:

— Desta vez vou mesmo mandado para Inglaterra!

CAPÍTULO III

No dia seguinte, no palácio dos Marialvas, à luz de dois candelabros de sacristia, entre os panos de Arrás que escondiam a parede até aos silhares de azulejo, o velho conde-brigadeiro, pai de D. João, conversava com o pai de Domingos Harson.

— Não há remédio, meu excelente amigo! — disse o fidalgo, ao cabo de um silêncio, metendo os dedos ósseos pela grande barba, que tombava num tom de prata oleosa sobre o veludilho preto.

— E Vossa Exa. quer que a partida não demore?

— O meu filho embarca dentro de oito dias. Quanto ao seu, V. Exa. O dirá.

— Embarcará no dia em que o de V. Exa. embarcar.

O caduco Harson, muito fino na sua casaca verde-bronze, levantou-se da grave cadeira de sola e estendeu a mão ao Conde de Marialva.

De repente, os dois pais sentiram lágrimas a arder-lhe nos olhos, e sem saber o que dizer, sem saber o que fazer, caíram nos braços um do outro.

Depois, envergonhados daquela quebra de etiqueta, balbuciaram, comovidos:

— Sempre são filhos. Queira V. Exa perdoar.

No dia seguinte estava decidida a partida dos dois rapazes para Inglaterra, e o seu internato num estabelecimento de instrução em Londres.

— Hein? E que dizes tu a isto? — perguntou D. João a Domingos Harson, na primeira vez que se encontraram depois da entrevista dos pais.

— Que vou fazer o meu testamento! — resmungou aborrecidamente o outro, no esplendor dos seus bofes de rendas e das suas calças meia-cossaca.

— E que diabo tens tu para deixar?

— Eu? Olha... Antes de tudo, tenho que deixar a Malhada.

— A quem?

— A toda a gente.

— Ela já era de toda a gente.

— Pois olha que a podíamos ter regenerado! — arriscou depois de um silêncio Domingos Harson, com um profundo ar de convicção.

D. João, a caminho da Mouraria, cigarro aceso ao canto da boca e casaca de veludo exibindo pratas, comentava filosoficamente:

— Quem sabe?

E continuaram, calados, em direção ao Capelão. Ao atravessar o Largo de S. Domingos, o fidalgo parou, atirou o chapéu para a nuca, e resmungou para o amigo:

— Ouve cá.

— Hein?

— Lembrei-me, agora de uma coisa.

— E o que vem a ser...?

— Que nós nunca demos nada às raparigas.

— É verdade.

— E parece-me uma bela ocasião, para...

— Lembras bem.

— Mas que diabo há de ser?

— Um painel das onze mil virgens.

— Vai gozar com outro!

— Então, o quê?

E os dois marialvas ficaram a olhar um para o outro, no meio do Largo, resolvendo a grave dificuldade de dar um presente às rameiras, enquanto ao alto, na noite húmida, um grande halo irisado cercava a lua, como um resplendor.

— Ora espera... — lembrou D. João. Há ali em baixo uma capelista (*).

[() Loja que vendia várias quinquilbarias, entre os quais artigos religiosos como pequenas estátuas de santos e outras artigos do género, daí o nome. Mais tarde passou a ter o nome de Drogaria, um tipo de loja hoje em vias de extinção]*

— Uma capelista? Toca a andar!

Dali a nada, na loja humilde de um quinquilheiro, entre rosários de osso, brincos de coral e joias de missanga, no deslumbramento dos ouros falsos e das falsas pedrarias, os dois amigos recebiam das mãos de um judeu capelista do Rossio, dois preciosos anéis de coralina.

— Quanto é? — perguntou Domingos Harson, metendo na algibeira a caixinha de papelão.

— Seis vinténs.

O judeu, de cuja máscara só se via o nariz, uma barba e um barrete vermelho, resmungou

agradecimentos na claridade da loja, enquanto os dois rapazes se perdiam nas sombras do terreiro silencioso.

No caminho, não trocaram uma palavra. Ao passar junto daquela porta manuelina da Mouraria, que hoje é um bacalhoeiro, Domingos Harson tirou a caixa do bolso e olhou para os dois anéis de coralina à luz da parede em frente:

— Acho isto reles.

— Também eu.

— Mesmo muito reles.

— É verdade. Mas em todo o caso, sempre é um presente de seis vinténs.

— Não há dúvida.

— E seis vinténs, é dinheiro.

— Pois.

Chegados ao Capelão, os dois fidalgos subiram logo à sobreloja da Cesária.

As esporas tiniram na escada, a aldraba soou com força, e uma vozinha respondeu de dentro:

— A mãe não está cá...

Mas D. João insistiu, agachando-se para espreitar no ferrolho:

— Abre.

Sentiram-se uns passinhos leves, num arrastar seco de tamancos, a porta abriu-se, e os grandes olhos luminosos da pequena Severa luziram na sombra.

— A mãe não está cá...

— Então onde foi, pequena? — interrogou Domingos Harson.

— Está em casa da Ana Malhada...

D. João entrou, atirou a capa de terciopelo sobre uma velha arca de fecharia ferrugenta, baixou a grade da janela, e num movimento de cabeça ordenou à pequena:

— Vai chamá-la.

A pequena calou-se, pregou os olhos no soalho, e pôs-se a rolar entre os dedinhos uma moeda furada que lhe pendia ao pescoço.

— Se eu for, a mãe bate-me.

— Qual bate! Dizes que fui eu que mandei.

— Mas a mãe bate-me.

— Vai, anda!

A pobre pequena corou até às orelhas, e ia chorar, quando Domingos Harson, que espevitava os pavios do velho candeeiro de latão, botou a capa aos ombros e interveio no caso:

— Pois não seja por isso. Eu lá vou.

E enquanto o Domingos descia a escada, com o chapéu caído para os olhos e a cabeleira loura sobre a gola de veludo negro, a Severa, ainda com os olhos no chão, correu o ferrolho da porta e foi sentar-se no poial de tijolo, junto à rua.

D. João, ao pé da mesa, brincava com o baldezinho de latão do candeeiro, e seguia os movimentos da pequena, a rir.

— Então, vamos lá a saber. Que estavas tu a fazer quando eu entrei?

— Nada.

— A mãe deixou-te sozinha?

— Deixou.

— Tem cá vindo muita gente?

— Não.

— Ninguém?

— Ninguém.

Na secura das suas respostas, a pequena olhava distraída para a grade verde da janela, e amarrotava entre os dedos a sua saínha de ganga, feita de uma saia velha da mãe. Senta-te aqui ao pé de mim, não queres?

— Não.

— Então, vou eu para o pé de ti.

E o fidalgo, erguendo-se do canapé de palha, foi sentar-se no outro poial de tijolo, ao lado da pequena.

— Queres jogar ao jogo do sisudo comigo?

Num voltar de cabeça, a ciganita encarou-o e começou a rir.

A luz doce do velho candeeiro de três bicos, iluminando-lhe metade da cara, recortava um perfil de um trigueiro quase dourado, que se destacava no canto de sombra da janela.

A Severa era uma dessas crianças que, já ao apontar da adolescência, têm caras expressivas de mulher. No fundo daqueles olhos misteriosos, onde parecia arder uma luz numa penumbra violeta, passava fugitivamente toda a ardente tristeza da raça, toda a ânsia de sol e de liberdade herdada em cada gota de sangue, a eterna tara da vagabundagem cigana que a marcava como uma fatalidade. Dali a pouco, essa

linda criança de oito anos seria uma mulher feita. Os seios, que já se adivinhavam numa branda acuminação impúbere, entrariam a florir rijos como pêsegos de cujo bico surgiria um gomo sangrento. Quatro anos mais, e estava ali uma imagem viva da tentação.

Fina como um coral, sempre com um sorriso escondido atrás de uma lágrima, fugia às vezes da mãe, para andar à gandaia pelas ruas, sem destino, num bater contente de tamancos, bêbeda de sol e de liberdade. Ao regressar a casa, era sabido. A mãe começava por lhe atirar a chinela e acabava ensanguentando-lhe a cara de encontro aos poiais de tijolo:

— Que eu seja cega, se não mato um dia este estupor!

Mas a pequena descia a escada a chorar, o bom coração das rameiras compadecia-se dela, e era vê-la então, de regaço em regaço, de poial em poial, de canto em canto, mimada por aquela corja sentimental de calco polido e saia gomada.

E o mais interessante, era que a pequena já conhecia as figuras mais vezadas nas ruas do bairro, os clientes de cada uma das mulheres, os vultos sombrios que atravessavam o Capelão e se sumiam nas cortinas empoeiradas de luz.

À frente dos olhos dessa criança, passava, numa procissão sombria, toda a degenerescência de uma raça e toda a escória de uma cidade. E era na intimidade dessa escória e dessa degeneração, que a pobre pequena ia crescendo e vivendo, ao acaso do seu instinto e da sua animalidade, debruçada na luz da velha janela de grades.

Mas como nunca saíra dali, como não conhecia outro meio nem outro mundo, tudo aquilo era natural para ela, e a pobre criança conservava-se pura, como uma flor nascida e desabrochada na lama.

D. João, enquanto brincava com a Severa, anediando-lhe os cabelos sobre a testa pálida — esses lindos cabelos a que a luz emprestava uns reflexos roxos — pensava com tristeza, em qual seria o futuro daquela criança.

— Que é isso que tu trazes aí, Severa? — perguntou o fidalgo, apontando a moeda furada que lhe pendia ao pescoço, num fio de algodão vermelho.

— Chama-lhe a mãe um vintém de S. Luís.

— E para que é isso?

— Para o quebranto. (*)

[(*) *Quebranto = Mau-olhado*]

— Então, nunca te deram quebranto?

— Não.

— E a ti?

Mas o Domingos Harson já se ia demorando. A casa da Mãe era ali perto, por baixo do S. José e da Nossa Senhora de azulejo, ao virar para a Rua da Guia, a dois passos, portanto, da sobreloja da Cesária. Talvez o doido se tivesse antecipado no presente e enfiado por sua conta, nos dedos das rameiras, os dois preciosos anéis de coralina.

— Se ele me enganou, descomponho-o! — pensava D. João, espreitando a rua por detrás da janela cerrada.

E como dali se visse, sobre os casebres da Rua do Arco, uma nesga de céu, D. João aproximou a pequena à janela e apontou-lhe as estrelas:

— Sabes o que é aquilo?

— Não apontes, que faz verrugas!

E a rapariguita, a rir muito contente, desviou-lhe a mão que apontava as estrelas, por detrás da janela corrida.

Mas, nisto, a carita trigueira da Severa entristeceu-se, os olhos turvaram-se-lhe de lágrimas, e encarando o fidalgo, gemeu numa sufocação de choro:

— Tu não és meu amigo...

— Então porquê, pequena?

— Quando cá entras em casa, dizes logo à mãe que me mande embora.

D. João ergueu-a numa ternura, beijou-lhe a cabecita airosa, limpou-lhe os olhos ao lenço, e cheio de uma comoção ingénua à frente daquelas lágrimas de criança, todo ele era animá-la, dizer-lhe coisas infantis para a alegrar, ser mais infantil do que ela para a obrigar a rir...

Quando o Domingos Harson entrou com as duas mulheres, estavam ambos a jogar as escondidas.

— Então que diabo de pândega é esta? — disse a rir o esteta Domingos, abraçado a duas garrafas de vinho.

E enquanto a pequena, afogueada e risonha, esquadrinhava os cantos, à procura dele, a cabeça de D. João apareceu, por debaixo da mesa, numa gargalhada alegre:

— Olá! Já de volta?

A Malhada contou que tinham ido buscar o vinho e a ceia. Ajudou depois o Domingos a tirar a capa, levou o candeeiro para desembaraçar a banca, e foi pousá-lo no cimo de uma cómoda antiga.

Coerente sempre na sua elegância, o loiro Harson subiu a uma cadeira de tripeça, afastou os anéis da cabeleira, compôs o peitilho de rendas onde luziam joias, e, com o ar de quem vai dizer coisas importantes, exclamou num belo gesto:

— Dê lá por onde der, a gente esta noite precisa de se embebedar! E enquanto o riso da Malhada

estalava no ar, cheio de alegria, a criança olhava de um canto, com os seus grandes olhos negros, que a sombra roxa das olheiras afundava...

— Agora, toca para a cama, hein? Deitar e dormir! — rouquejou a Cesária à pequena, pondo-a fora por um braço.

A pobre criança lá foi, olhando para trás, e sumiu-se a chorar na escuridão de um corredor escuro.

Fechada a janela e dada uma volta à chave da porta, os quatro, Malhada e Cesária, Domingos e D. João, atiraram-se ao cabaz da ceia e ao vinho das "lanternas".

Os dois marialvas, antes da partida, tinham apenas aquela noite. Era preciso honrá-la bem, fazer “o bico ao facho”, como dois bons amigos da bolieirada chamorra.^(*)

[^()apelido que os espanbóis davam aos portugueses por usarem a cara rapada e o cabelo curto.]*

Depois, dizer adeus às noitadas da Mouraria. Deixavam em cada beco uma saudade, em cada mulher um beijo, em cada canto uma recordação. As chaminés caiadas das velhas casas de pasto, haviam de falar deles aos fregueses, — desses dois fidalguetes turbulentos que corriam a ciganada à força de murro, e venciam a vida à força de alegria.

A Malhada cá ficava, na realeza da sua carne trigueira com reflexos de bronze quente, luzindo a mancha roxa da testa, que tinha para os extravagantes o valor de uma pedra preciosa.

Que diabo, a vida era aquilo! Dizer adeus ao fado, tantas vezes cantado sob os arcos do Penim, nas esperas dos touros, com heroicidades de gineta e estardiota,^(*) aos camarins do São Carlos, em cuja sombra perfumada se movia a nudez cor-de-rosa das bailarinas.

[(*) *Gineta e Estardiota, são termos de equitação; nomes para características específicas no modo de cavalgar um cavalo*]

E pelos olhos de Domingos Harson, já turvada pelo vinho, passava o céu cinzento de Londres...

— Se bebes de mais, ficas para aí a sonhar com o teu pai! — dizia D. João, servindo o vinho rosé à cigana.

— Isso! Carrega-lhe os machinhos! — aplaudia o loiro Domingos, conservando ainda na bebedeira a sua perfeita elegância.

A Malhada, já bêbada, estatelara-se no canapé, os peitos esbagachados a saltar do corpete, o focinho trigueiro erguido numa insolência.

E enquanto a Cesária, sobre os joelhos de D. João, nua de ombros e de braços, envolvia o fidalgo numa carícia. Domingos Harson, fazendo prodígios de equilíbrio, procurava nos bolsos qualquer coisa.

— Diabo! Perdi os anéis!

— O quê? — rugiu de um salto D. João, parando a Cesária.

— É o que te digo!

E o Domingos, como se tivesse perdido uma joia de família, tristíssimo, voltava melancolicamente os forros das algibeiras.

Não havia lá nada. A preciosidade estava perdida. Rebuscaram ainda pela casa, espreitando por todo o soalho, viram debaixo do armário, andaram com o candeeiro de latão de um lado para o outro, e as joias não apareciam.

Mas as duas mulheres, dando pela azáfama dos fidalgos e tendo ouvido falar em anéis perdidos, perguntaram-se:

— O que procuram?

— Dois riquíssimos anéis de coralina, que a gente trazia para vocês! — explicou Domingos Harsão, num gesto pesaroso, com o candeeiro erguido na mão e a cara batida da luz.

A Malhada, com os olhos muito abertos, levantou-se do canapé, mostrando as meias grosseiras de algodão azul e branco, e esparvoadamente, sem dizer uma palavra, atirou-se de joelhos para o soalho.

Mas, já podre de bêbeda, o lenço de ramagens enrolado ao pescoço, o pendente de ouro a luzir na orelha, a pobre rapariga, em vez de procurar as joias espantosas de Domingos Harson, rolou pesadamente sobre um dos cotovelos e caiu de costas, estatelada.

— Que bebedeira! — comentou D. João, ajudando-a a levantar-se.

E enquanto o fidalgo e a cigana a estendiam inerte sobre o canapé de palha, o loiro Domingos, assumindo um grande ar de gravidade, tirou do dedo um precioso anel de ouro com ametista prelatícia, que pertencera a um bispo da família materna, e enfiando-o solenemente no indicador grosseiro da Malhada, rematou:

— Era do tio inquisidor! Quando estiveres aflita, filha, põe-no no prego!(*)

[(*) *Prego = na casa das penhoras*]

Mal estremeceu, nas frinchas da janela, a luz azulada da manhã, os dois amigos, muito de manso, para não acordar as raparigas que dormiam, correram o ferrolho e desceram a escada.

Já na rua, como os açoitasse o ar cortante da madrugada, puxaram os rebuços (*) e apressaram o passo.

[(*) *Parte da capa para esconder o rosto. Gola*]

Ao entrar na Rua do Arco, silencioso e triste na sua casaria cinzenta, D. João lembrou-se de voltar para trás.

Que diabo! Tinha-se esquecido de dar um beijo à pequena. Quem sabe se a tornaria a ver, coitadital! Amanhã, aqueles lindos olhos haviam de esperar por ele, para jogarem as escondidas outra vez... Ir-se embora assim, sem lhe dizer adeus!

O que mais o preocupava era a ideia contraditória da fina sensibilidade dessa criança e do triste meio em que ela vivia. Naquela rua lúgubre, quebrada de sombras irregulares, nesse escoadoiro, miserável de todas as chagas humanas, no regaço de pedra desse velho bairro mourisco onde agora dormia toda a miséria cristã, — como poderia viver aquela candura infantil, aquela graça ingénuo e triste, chorando porque a desprezam, tremendo porque a encaram pura, apesar de tudo, como um lírio que não teve culpa de que um leproso o colhesse?

E D. João, na sua ideia fixa, pensava ainda:

— E se voltássemos para trás?

A Mouraria ia acordando. O céu azulava-se, e as sombras da noite, adormecidas ainda pelos velhos becos, desfaziam-se, a pouco e pouco, na luz do sol.

— E se voltássemos para trás?

Mas Domingos Harson, a cada nova investida de D. João, travava-lhe o braço:

— Para à frente é que é o caminho!

— Mas porque não havemos nós de voltar?

— Porque não.

— Mas não, porquê?

E o fidalgo ia a retroceder, quando o loiro Domingos, olhando a mão branca donde fugira a ametista

do dom bispo, balbuciou, numa desculpa:

— Porque se voltasse a ver o anel do tio inquisidor, metia-o no dedo outra vez!

CAPÍTULO IV

Passaram-se dias, e nunca mais o Capelão viu a casaca de veludo do Marialva e as mãos luzentes de joias de Domingos Harson.

As duas mulheres cansaram-se de esperar.

— E o senhor D. João, mãe? — perguntava a pequena, de vez em quando, muito triste, sentada no poial de tijolo.

— Até era capaz de lhe picar os ossos! Malandro!

E a cigana escondia-se na sombra, o branco dos olhos a luzir, fixamente, os cabelos empastados de suor sobre a testa, o corpo derrubado de encontro a uma velha arca de velharias.

— Até lhe picava os ossos!

E a pobre criança, sem compreender, estranhando aquela atitude e aquelas lágrimas, aproximava-se, com ternura:

— Bateram-te, mãe?

E como a cigana a afastava, lá ia de novo para o poial de tijolo, muito triste, a torcer entre os dedos a sua saínha de goma.

Era sabido. A Cesária só acordava daquela inquietude quando a Ana Malhada assomava à porta.

— Então?

— Não me deram notícias.

— Ninguém?

— Ninguém.

— Foste ao botequim do Abade?

— Fui.

— Que disse o Pinóia?

— Falou as tripas de um sino... Sei lá!

— Mas não sabe nada?

— Não.

— E o Malaquias cocheiro?

— Não os viram.

— Então, ninguém sabe deles?

— Ninguém.

E as duas desgraçadas ficaram a olhar uma para a outra, num grande desalento mortificador, até que a cigana rugiu de um canto, congestionada, num arranco de fúria:

— Malandros! Eram uns malandros!

E tombava de novo sobre a arca, pesadamente, enquanto a Malhada, mais resignada talvez, ia vendo seguir o caminho de um raio de sol na pedra roxa do anel do dom bispo:

— Mas ele gostava de mim...

As pobres mulheres foram esquecendo e o tempo foi passando. Ninguém sabia do paradeiro dos dois fidalgos, nem a malta dos cocheiros que costumava andar com eles, nem os próprios mexeriqueiros do botequim do Abade, nem o Troca, que sabia de tudo.

Um belo dia, estava a cigana em casa a bater o prego de uma soca que lhe rompera a baeta vermelha da palmilha, quando uma voz sem dentes a chamou da rua:

— Cesária! Ó Cesária!

Levantou a persiana e olhou: era a Macheta.

— Ora viva quem é uma rosa da Alexandria! Por cá, tia Macheta?

— Estás sozinha?

— Estou. Suba. Sempre se apanha uma raçada de sol até cá acima!

— Mas vê lá não te estorve eu...

— Suba, suba...

A Macheta era uma velha tarasca,^(*) que vendia santos e imagens, lá para o Campo de Santa Clara, amiga de padres e madre Celestina dos senhores cónegos da Sé, uma santíssima desavergonhada de face balofa tombando em socas e refegos de gordura, que luzia por toda Lisboa o seu saiote anacrónico de pano encarnado e o seu lenço bicudo de cambraia de goma.

[(*) *Mulher feia e doídivanas*]

Toda ela era uma coroa de açúcar, uma rata de sacristias e de conventos, melosa nas falas e seráfica nos gestos, foi-se metendo como um piolho pelas costuras, cheia de escapulários e de ronha, grunhindo devoções e ladainhas, primeiro com o senhor arcipreste, depois com o senhor patriarca. Não havia outra mulher que passasse mais depressa do lambar de lábios da alcovitice (*) para os olhos em alvo da beatitude. No fundo, era um talento de primeira água. Aquelas mãos tronchudas, cheias de anéis de parteira, tinham gesticulações misteriosas, movimentos de molusco, atitudes de contemplação. Era o

roteiro vivo dos sacerdotes de barregagem, sabia de todas as preferências dos senhores cónegos, e, como legítima herdeira de madame Teodora, entendia mais de mulheres do que os próprios homens.

[(*) *Alcoviteira =mulher que fazia trabalho de proxeneta para as prostitutas, ou seja, que lhes arranja encontros e que era paga para isso*]

Depois, que prodigiosa memória tinha a Macheta! Era capaz de nomear, de cor, todas as putas da cidade, desde as rameiras fidalgas da Chicória até às arrombadas da Madragoa. E descia a minúcias, no seu assoalhar de mercado, a velhaca da coscuvilheira, Sabia dizer sem errar, quantos sinais tinha a do Frade, se era no peito esquerdo se no direito, discriminava especialidades, baixava a pigmentações de pêlos, ao reflexo de ouro fulvo de certo ventre, distinguia as parideiras das machorras, qual a mais cravenha, se a Russa se a Sequins, discutia tudo, ia a tudo, espiolhava tudo, mas sempre com o seu jeito untuoso de sacristia, as mãos enclavinadas numa postura beata, os olhos em alvo como uma santa de má pintura, todo o ar seráfico que deve ter uma beata dos senhores cónegos e uma grande puta de Espanha da alcovitaria.

Como tinha conhecimentos em toda a parte e frequentava todos os meios, a Macheta adaptava-se, escolhia para cada camada a sua linguagem, os seus gestos, desde o vocabulário das festas-galantes até ao jargão picante das esquina do Monete, sabia insinuar-se, meter-se, corromper, minar, ia até ao fundo das criaturas, e a cada palavra convincente, a cada argumento engajador, os seus olhos piscos, de um azul deslavado, tinham clarões cariciosos, ternuras envolventes, mistérios de atração, como os olhos dos sapos.

De resto, a Macheta, como todas as trota-conventos de profissão, dava-se ao luxo de ter as suas preferidas, as que inculcava sempre, umas quatro ou cinco de diversos géneros a quem chamava as suas joias e que eram, por assim dizer, o beijinho, do negócio.

A Cesária cigana era a joia que ela inculcava quando os homens lhe pediam alguém do Capelão e da Madragoa. Já a tinha levado muitas vezes a casa de um prior das suas relações, que cantava malaguefias e

tinha as pernas tortas, — e caso era que o santo clérigo, de todas as vezes, dava-lhe um pinto a ela e outro pinto para a cigana. Isto, não contando com as idas à mansão de certo fidalgo, doente com a gota, ali para os lados do Poço do Borratém, um da raça dos espia-raparigas que a fazia rebolar nua sobre um tapete de Arraiolos e a ficava a olhar da sua cadeira de entravado, dando estalinhos com a língua, a cara roxa, o beijo pendente.

Os motivos de preferência da Macheta eram sempre complicados; mas, quanto à Cesária, compreendiam-se bem. A cigana tinha os olhos mais azevieiros de toda a Mouraria, uma certa fama no fado da meia-porta, uma natural vivacidade, usava melhor roupa do que qualquer das outras, tinha seios ramais de coral e usava ouros para as orelhas, e, sobretudo, um certo jeito para aturar essa raça de velhos gotosos e patuscões, que constituem, em geral, a clientela rica. Preferia-a, por conseguinte, a todas as outras, a boa da Macheta; e se, de vez em quando, aparecia no Capelão, era sempre com um negócio que rendia uns pintos.

— Então como vai a minha joia... Como vai?

— A fortuna é pouca, tia Macheta. E vossemecê?

— O caruncho, filha, o caruncho(*1). Agora, então, apanhei uma bertoeja(*2)...

[(*) 1 - *caruncho* = *velhice* 2 - *bertoeja* = *erupção cutânea*]

E enquanto a Cesária lhe estendia uma cadeira de tripeça, a boa da Macheta coçava-se toda no pescoço, com um desespero de cortar o coração.

— Isso há de ser sarna, aventurou a jovem.

— Valha-me S. Cirilo, filha! Isto é do calor. Este sol cresta a gente, credo! Até me ia custando subir cá acima. E a vida por cá?

— Pouco dinheiro, tia Macheta.

— Pouco?

— Muito pouco.

— Ora! Isso do dinheiro vem quando a gente não anda atrás dele. Também te digo, filha... Antes pouco com vida folgada, que muito com vida cansada. Eu, cá por mim, renego da tigelinha de ouro onde hei de cuspir sangue.

— Também eu.

— Mas também, a tua vida não cansa muito, a bem da verdade...

— Nada, não! Eu sempre gostava de ver a vossemecê a receber homens toda a noite!

— Credo! Santo nome de Jesus!

E a velha fingia uma posição de recatada, para rematar depois, no mel de um risinho:

— Mas também, não há panela tão feia que não ache tampa...

— Lá isso, é verdade!

Ficaram as duas, a olhar uma para a outra, a cigana encostada à esquina da cómoda, cigarro aceso ao canto da boca, e a Macheta ao lado dela, distraidamente, fazendo uma boneca com a ponta do saio.

— Pois é verdade! — grunhiu a velha por fim, quebrando o silêncio.

— Então o que a traz por cá, tia Macheta?

— Uma mina para ti.

— Para mim...?

— Nem mais nem menos.

— Ora...

— É negócio de meia moeda.

— Meia moeda?

— Certinho. Bom ourinho!

— É capaz de ser o do Poço do Borratém — aventurou a Cesária, num jeito de nojo.

— Qual quê!

— O do tapete então...

— Ora, o que tu pensas! Esse já está debaixo da terra, filha!

— Morreu?

— Pois... bateu a bota!

— Ah!

— Também, foi bem regaladinho desta vida.

— É o que se leva, tia Macheta...

— Lá isso é!

— Mas então, não sendo o do Borratém, não sei quem seja...

— Tu nunca o viste.

— Ah!

— É uma personagem!

— Na volta... é o corregedor?

— Nada disso.

— Então, não sei.

— Nada mais, nada menos, que um senhor cónego, da Sé! Ora toma, o que te dou eu.

E a beata, abrindo um riso vitorioso, toda sécia, beliscou o queixo da Cesária e disse-lhe numa vozinha de flauta:

— Então, que dizes a isto a minha joia? Que dizes a isto?

— Deixa meia moeda?

— Deixa meia moeda, e sempre é um senhor cónego!

— Para esta noite?

— Venho-te cá buscar?

— Eu vou ter consigo.

— À loja?

— À loja.

— Oito horas. Pode ser?

— Ali para aqueles lados?

— Mesmo em S. Vicente, filha.

E com um grande ar de mistério, em atitudes seráficas e biocos de retábulo, a boa da alcoviteira contou-lhe que o senhor cónego era o deão da Sé, varão excelente que viera há pouco tempo de um dos bispados da província preencher esse alto cargo no cabido patriarcal.

Ao invés dos outros cónegos, que gostavam de bailarinas como o senhor arcipreste, de fidalgas

devassas como o senhor chantre, ou de meninas virgens como o senhor arcediogo, o deão preferia o fado da meia-porta, cheio de sol nos olhos e de gíria na boca, luzindo saias gomadas e grilhões de ouro, — o fado reboião e airoso, todo sangue e todo raça, capaz de gritar insultos e de gemer caricias, cheirando a Portugal e sabendo a Portugal.

A Macheta só tinha pena de não poder alcovitar o senhor arcipreste, que gostava de fraldas de bailarina e aranhas de prata de camarim. Mas não o alcovitava, dizia ela, porque coisas de teatro eram contrárias à religião.

Quando o senhor deão lhe confidenciou as suas preferências, o seu amor pela mulher grosseira, pela arrombada de beco e pela rameira de rua, pelos corpos esguios de um trigueiro dourado e pelos olhos de sombra arroxeados de olheiras, a santa mulher pensou logo na Cesária cigana, e, em ademanes de entendida, fazendo boquinhas de jarro, toda ela era inculcar, aos trincos com os dedos:

— Sei de uma, senhor cónego, que é mesmo um brinquinho sagrado!

E ela aí estava na sobreloja da Cesária, compondo o seu saiote de bata vermelha, atando o seu lenço bicudo de cambraia de goma, dando, com muito ancha, ao seu remate no negócio:

— Então, à noite, passas na loja, hein?

— Sem falta, tia Macheta.

— Às oito horas...

— Ao baterem na Sé.

— Meia moeda, hein?

— Meia moeda.

— Então adeus, que está o Lausperenne na Saúde e ainda lá dou uma saltada.

— Adeus, tia Macheta.

A cigana foi-se pôr à janela, sob a rua erguida, e ainda viu a alcoviteira, pelo Capelão abaixo, no seu saiote saracoteado, como uma nódoa de sangue sobre a casaria empoeirada de sol.

Depois, fechou a cortina, abriu a sua arca de madeira encarnada com fechos de ferro batido, tirou do fundo, de entre a roupa, um saquinho de chita de ramagens, e pôs-se a contar alto umas moedas de prata que ia fazendo retinir no soalho. Vinte e cinco, vinte e seis, vinte e sete... Com mais meia moeda, são trinta e dois pintos...

Era toda a sua riqueza.

Ao início da noite, já a Cesária estava vestida de ponto em branco, desenxovalhada e limpa, como convinha, ao leito senhorial e grave da sua reverência o deão da Sé.

Afinal, era melhor assim, pensava ela consigo, enquanto punha pela cabeça a saia de ganga de três folhos. Não tinha quem lhe ocupasse as noites, fazia o que queria, o que lhe dava na tineta, andava, de “Jou para Jales”, ao sabor da sua vontade, livre como o sol, ninguém lhe ia à mão, ninguém lhe pedia contas, ganhava a sua vida e não perdia o seu tempo. Se o outro não tivesse fugido, mandava a Macheta à fava, ficava a dormir com ele, e lá se ia por água abaixo a meia moeda do cónego. Assim era melhor. Quando um não quer, dois não baralham. Estava decidida a não querer estorvos, a largar namoros e aconchegos. Se continuasse com o fidalgo, em menos de nada, não teria onde atar dez réis de cominhos. Não! Era preciso ter juízo, juntar umas moedas ao canto da arca, fazer pela vida, e mandar ao diabo as preocupações. Quem quisesse que se ralasse. Amores não engordam, e por “*dinero baila el perro*”...

— São todos uns malandros! — rematou ela, botando ao pescoço um colar de contas douradas, e puxando para a testa, à frente de um espelho de gaveta, a cabeleira escura onde à luz notava-se uns reflexos roxos. — São todos uns malandros, e o meu homem é o dinheiro!

Traçou o xaile num grande gesto decidido, agarrou o braço da pequena que se lhe agarrara às saias, desceu a escada de escantilhão com ela, e foi deixá-la em casa da Malhada.

— Se eu não voltar esta noite, guarda cá a pequena, hein?

— Então onde é a ida?

— Vou ter com a tia Macheta, e depois...

— E depois?

— Até S. Vicente.

— Algum sotaina?(*)

[(*) *Sotaina = vestes paroquiais dos padres*]

— O que mais?

— E quanto larga?

— Meia moeda.

Enquanto a Malhada, de joelho ferrado no avental de pau, se roía de inveja pela sorte da outra, a Cesária, apertando um brinco que lhe caíra da orelha, bateu pela rua o seu andar desnalgado, virou à Rua da Guia, e seguiu pela Mouraria adiante, num arrastar lento de tairocas.(*).

[(*) *Tairoca = Um tipo de sapato*]

Tinham dado as sete na torre da Sé.

Iam começar as horas de maior vida do velho bairro da Mouraria. As fregonas de saia gomada e

cabeleira luzidia assonavam já na visão dos galanteadores, derrubadas sobre a meia-porta de pinho verdeo. A gíria cruzava-se, de banco em banco, cortando de gritos roucos, o ar morno das libertinagens. Das janelas baixas, onde sangravam à luz as cortinas vermelhas, saíam baforadas quentes de alecrim. Os velhos muros, caducos de três séculos, erguidos ainda pelo milagre de uns matações de ferro, deixavam escorrer, ao longo das fundeiras de grades, as suas sombras pesadas e protetoras. Alguns passos mais à frente, e a rua alargava-se num terreiro, um rossiozinho irregular quebrado por ângulos e de ruelas, com escadas em beco a bocejar no escuro, e umas velhas torres maciças, com o ar de uma fortaleza cinzenta erguida no coração de uma aldeia.

— Eh, Cesária!

— Vais-te moscando?

— Eh, arrombada!

— Levas os brincos que furtaste à Russa?

— Eh, calona!

— Entra cá na tasca!

— Entra, diabo!

E de uma ruim malta de pobre-diabos, encantonada sob o ressalto alpendrado que dobra em cotovelo para a Rua das Tendas, choveu sobre a cigana uma onda de chufas e de insultos.

A Cesária, à frente do desafio, ainda pensou voltar para trás, mas o bando, crescendo à entrada do bar do Navalhadas, berrava na sombra:

— Entra cá na foula, ó cróial!

Era impossível recuar. A cigana parou junto à grade de ferro, o xaile derrubado e o sangue nos olhos, e encarando o mais dianteiro do grupo, um rapazote de perna à facaia e casaca de cotim, berrou-lhe

nuns grunhidos roucos:

— Pensas que é só comer de mofo nas tabernas, calmeirão!

— Olha que eu faço-te engolir a língua!

— Vai arranjar homens para a porca da tua mãe! Vai, anda!

— Cala-te, ladra, senão vou-te às goelas! — disse o traste, muito pálido, a correr para a rapariga num arranco de fúria.

— A ver isso! — rugiu ela recuando, de um salto e puxando a navalha.

Diante da faca, que reluzia no punho da cigana, o poltrão parou, e, como por encanto, todas as vozes do grupo se voltaram para ele.

— Anda, chamborgas!

— Sai-te, ó carunfeiro!

— Anda-me com ela!

Mas nisto, um homem alto, de tipo grosseiro mas esbelto, barbicha escura onde à luz picava pedaços de pêlos cinzentos, todo embrulhado num capotão de briche, aproximou-se da grade do Coleginho, e num tilintar de esporas gritou para o grupo:

— O primeiro que se chega à mulher, esborracho-o!

A Cesária, espantada dessa brusca intervenção, ficou de olhos arregalados, o lenço de ramagens descaído para a cinta, a navalha chispando entre os dedos convulsos, e quando pensava que ia romper a desordem, viu todo o bando, humildemente, tirar os chapéus:

— Senhor Diogo...

O homem, que a julgar pelo capote e pelas esporas tinha um certo ar de toureiro de profissão ou de

mestre de equitação, deu a volta às grades, estendeu à cigana um olhar de indiferença e, como se nada fosse, entrou no bar, seguido de todo o bando.

— Quem diabo será? — pensou para si mesma Cesária, acompanhando com os olhos aquele defensor desconhecido.

Efetivamente, não era fácil sabê-lo. A malta dos goliardos entrara com ele na taberna. Uma velhota que viera a uma janela da Amendoeira, tasquinhando uma manusca de linho para a levar ao sedeiro, e a quem a cigana interrogara com o olhar, não o conhecia também.

— Não, é daqui. Mas parece ser um picador de touros.

Entrar na taberna para lhe agradecer a proteção, era arriscado. E, depois, que ganhava ela em o conhecer? Além disso, era tarde. Tinha de estar às oito horas com a Macheta, e de abalar em seguida para os paços de, S. Vicente. Meia moeda não se perde. Que importava lá o homem? Ele defendera-a? Tanto melhor. Mas não havia de ser ouro sem ser também escumalha, metido com aquela canalha, que tirava os chapéus quando o via aparecer. Era um homem. Havia de ser como todos os outros.

E a Cesária foi andando, Amendoeira acima. Chegando ao Beco, essa alfurja lóbrega de muros esverdinhados que corta à direita, teve uma ideia, que a motivava a voltar para trás. Talvez aquele malafaia picador lhe soubesse dar notícias do paradeiro de D. João. Fidalgo ele não era, porque o bando ao descer os chapéus, não lhe chamara “Dom”. Mas havia de ser useiro e vezeiro em tentas e picarias,^(*) conhecedor a fundo da gentalha fidalga que faz prodígios de estardiota pelas esperas e prodígios de gineta pelas praças. Se entrasse na taberna e lhe falasse, ficava a saber tudo. Era certo.

[^(*) *tentas e picarias são termos de tourada*]

Mas daí, pensou melhor. A todo o tempo era tempo. Nem por isso D. João, se tivesse de voltar,

voltaria mais cedo. E depois, se o fidalgo voltasse, era a desgraça dela. Queria ser livre para ganhar a vida. Nada de prisões. — Não trabalhes por criar corvo que te tire o olho, — dissera-lhe uma vez a Macheta. E era verdade. Amores, nada; pão na arca e vida folgada. Andar à toa e à tuna, sem apego a ninguém. Quem quisesse que se ralasse. E, para além disso, o momento não era próprio para pedir informações. Aquele bando de forcados e de picadores, de toureiros e de bandalhos, era capaz de lhe barrar a saída. E depois? Lá se ia por água abaixo a meia moeda do cónego. O Marialva que voltasse quando quisesse. Além disso, esse tal do capotão de briche era bem-parecido e tinha pinta de valente, que não enganava. Não fosse ela tirar-se de uma para se meter noutra.

E a pobre da Cesária lá ia subindo essa interminável Rua da Amendoeira, entre velhos casebres, uns envasados em grosseira silharia, outros povoados de cruces e de registos de azulejo.

Chegada, por fim, ao topo da rua, galgou a Calçada de Santo André; passado o arco, cortou à direita, meteu pela Rua de Santa Marinha; quando atravessava o Largo de S. Vicente, de caminho para o terreiro, batiam as oito horas na igreja de Santa Maria Maior.

Estugou o passo. Mas sempre a mesma ideia a matraquear-lhe lá dentro: quem seria aquele homem, que a defendera dos outros?

Enfiou pela viela, ao lado da velha igreja dos Filipes. Uma luzinha acesa na janela do arco, lá muito ao cimo, fazia quebrar, pelos gigantes de pedra, umas sombras espessas e agitadas.

Alguns passos mais e a cigana desembocava no terreiro de Santa Clara.

A casa da Macheta era ali perto. Logo na primeira morada que se topava à esquerda, uma porta pequena. Aí estabelecera, a santíssima alcoviteira, o seu lugar de venda de imagens antigas, roubadas quase todas, e todas enriquecidas pelo ouro brunido dos santeiros e pelo pó devoto das sacristias. As suas relações com clérigos e ratos de igreja facilitavam-lhe muito o negócio. De vez em quando trazia para a loja pedaços informes de sedas ricas, de damascos italianos de recamo alto, farrapos de brocado tecidos do melhor ouro, cheirando ainda aos baús das sacristias, e que ela condenava, talvez, a vestir

madames ou a forrar cadeiras.

— Eh! Tia Macheta! Pode-se entrar?

E na loja deserta, por detrás da cortina de chita encarnada, a voz da alcoviteira grunhiu:

— Ah, és tu, minha joia? Senta-te, filha, senta-te, que eu já vou...

O lugar da Macheta era um quarto assoalhado e infecto, quase sem móveis, uma cadeira de sola estropeada, e uma candeia de ferro acesa a um canto, cuja luz fazia resplandecer, na sombra do canto oposto, a veste empoeirada de um santo de Igreja. A Cesária entreteve-se a ver, sobre uma tábua assente em dois barrotes de madeira, as cores moídas nas concas de madeira e as folhas de ouro fosco com que se estofam as imagens. Quando a cigana contemplava, filosoficamente, para o peito de uma Nossa Senhora de roca, levantou-se a cortina de chita e apareceu a santa alcoviteira com o seu saiote encarnado e o seu lenço de cambraia, pronta e preparada para levar ao senhor cônego aquela ovelhinha do Capelão.

— Vamos embora, minha joia?

A boa madre Celestina apagou a candeia, botou a Cesária para a rua e aferrolhou a porta da loja.

No caminho de S. Vicente, meteu-se com um ar de parola conceituosa, parando a cada três passos para a coçar a sarna. A Macheta disse lindas coisas. Falou do senhor deão, que era um senhor muito amarelinho, varão de grandes excelências e saber, mas com aquele fraco de ouvir brejeiradas. Contou, comovida, como merecera a honra de cheirar a sua pitada de rapé(*) por certa caixa de tartaruga que o senhor rei D. Miguel, de tão santa memória, dera de presente ao mesmo senhor deão.

[(*) *Tabaco em pó que serve para cheirar.*]

— Tomar rapé numa caixa real! Fazes lá ideia, filha!

E a boa alcoviteira, no meio do boqueirão de S. Vicente, os olhos em alvo e as mãos erguidas numa atitude patética, choramingava ao recordar a honra, a caixa, o rei, o rapé e o cónego.

Depois, como pensava descortinar na rapariga o escrúpulo do pecado da carne com um ministro da igreja, foi sangrando em saúde uma ladainha de razões teológicas capaz de convencer o próprio S. Francisco de Assis.

Mas a Cesária entendeu-a à légua, comelou a rir a trancos, e disse-lhe:

— Ai, tia Macheta, não se consuma... Já não é o primeiro!

A velha mal pode conter-se. Recuou gravemente, enclavinhou os dedos, e encarando a cigana, imobilizou na cara um ar de pasmo, que parecia dizer:

— O quê? Um senhor cónego, sem eu ser ouvida nem procurada?

Felizmente, a Cesária tranquilizou-a. Que não fora em Lisboa, mas em Évora, logo ao começo da sua vida de fado, há nove anos corridos. Um senhor chantre da Sé, muito apreciador de rameiras de chinela, pequenino que parecia chupado pelas carochas e curvado sempre como um frade em *gloria patri*, que a recebia numa grande cama de bilros com alparavazes de seda, e a quem ela tinha ensinado, com muito aproveitamento, a gíria das prisões e dos malandros.

— E ele aprendia...? Aprendia? — interrogava a Macheta, a desfazer-se num riso desvanecido.

— Então não? Eram natas!

— Ai, a gracinha do santo, coitadinho! A gracinha dele!

E a velha alcoveta, toda derretida pela devota brejeirice do senhor chantre, de saiote arregaçado e lenço bicudo atado no pescoço, atravessou o Largo de S. Vicente em saltinhos de perua.

Queria por força saber tudo, onde parava um clérigo tão divertido, se já seria bispo, qual a sua graça, se gostava ou não de que as mulheres lhe batessem, as coisas que ele dizia, os sabonetes com que se

lavava, todo o chorrilho em fim, da coscuvilhice beata, que mete o nariz nas batinas dos padres e rouba nos arcazes das sacristias.

— Não sei lá nada disso! — respondia a cigana, a cada pergunta da velha.

— Mas ainda estará em Évora, o santinho?

— Sei lá, tia Macheta!

— E como se chamava?

— Lá o nome dele, nunca o soube.

— Então que trato lhe davas, filha?

— Eu...? Como calhava. " Seu patuscão, isto", "seu patuscão, aquilo"...

— Ai, credo! Patuscão!

E a Macheta, toda num arrepio devoto, repetia a palavra, juntava as mãos, erguia os olhos ao céu.

A igreja, ainda sem o restauro atual, levantava pesadamente na sombra a sua forte fachada filipina, com patriarcas evangelizando em nichos e duas grandes torres seiscentistas rasgando, como um grito de pedra, a escuridão estrelada.

— Por aqui, minha joia...

A Macheta compôs a cambraia que lhe descaíra sobre o cabeção, e galgou com a Cesária essa larga escadaria que, entre o adro e o muro da antiga cerca, sobe para os paços patriarcais.

— Ora cá estamos. E enquanto a velha tarasca tangia a sineta, a cigana, antes de entrar, curvada na sombra do portal, puxava as meias.

Apareceu a luz de uma lanterna, e um velhorro, coxo, veio a resmungar desaferrolhar o portão, enxalmado na sua quinzena de veludilho puído.

— Ora seja Deus nesta casa e o diabo em casa dos frades, — grunhiu, a Macheta, numa vozinha untuosa.

— Ámen Jesus, Maria, José, — rosnou o velho, erguendo a lanterna para iluminar o caminho.

Subiram um lanço das escadas de pedra. Ao topo, o velho sacristão levantou uma guarda-porta de baetão vermelho, e as duas mulheres atravessaram umas poucas de salas desertas, de altos silhares de azulejo, com grandes cadeiras de sola alinhadas na sombra. As tairocas da Cesária soavam a pecado mortal sobre aqueles soalhos patriarcais. Chegaram por fim a uma câmara armada de seda roxa, com um leito alto de madeira do Brasil, um belo armário D. João V, recortando a sua talha sobre a púrpura da parede, e, num recanto, dois candelabros de pesada argenteria, que lampejavam na penumbra silenciosa.

O sacristão, sempre a arrastar a perna, acendeu os três braços de um dos candelabros, e num risinho dos seus olhos verdes, acotovelou a Macheta:

— Seja tudo por amor da santa religião, tiazinha!

— Ámen, Jesus, Maria, José, — respondeu por sua vez a alcoviteira, persignando-se.

O velho voltou as costas e desapareceu na sombra dos corredores.

No entanto a Macheta, aproximando-se da Cesária e tomando-lhe o braço, fez as suas últimas recomendações. Que tratasse bem o senhor deão, que não lhe negasse nada, que fizesse por lhe agradar, porque atrás daquela meia moeda podia vir outra meia moeda, e depois outra, e hoje um mimo, e amanhã três côvados de seda... Que sempre era bom ter a gente a quem se achegasse, que mais valia um amigo na praça que ouro na arca, que o futuro a Deus pertencia, e que dali a amante do senhor deão não havia a distância de um dedo mendinho. Depois, que o santo clérigo era muito divertido, quase tão divertido como o senhor chantre de Évora, amigo do fado de meia-porta e folião de mão-cheia quando calhava, e que, de vez em quando, até era bom para a salvação da nossa alma um aconchego daqueles.

A Cesária fingia ouvir, mas os seus grandes olhos, como dois pedaços de esmalte luzindo na sombra,

percorriam o grave aposento, demoravam-se em cada móvel, nos polidos da talha que brilhavam à luz, e nas sedas do leito onde a luz morria...

Pé ante pé, solenemente, a Macheta aproximou-se de uma portinha esconsa, que uma dobra de damasco disfarçava, e batendo com os nós dos dedos na ombreira, gemeu, como um favo de mel:

— Senhor cônego. Cá está o nosso amorzinho.

Depois, num riso untuoso, voltou para o pé da cigana com cinco pintos que a rapariga atou na ponta do lenço, e aconchegando o saiote açafreado, lá foi perder-se, aos apalpões, pelo corredor de azulejos.

A Cesária ficou só, na recâmara do deão. — Que raio de mal terá o padre? — pensava ela consigo mesma.

E olhava para a porta, pensando, a cada instante, ver aparecer a figura amarelenta do cônego.

Mas, como aquele tardava, a cigana começou a olhar para tudo, desde os livros, que dormiam sobre um grande escano de pau-santo, até ao quadro de Sequeira, um estudo a óleo para o S. Bruno, tão alto sobre a cabeceira de bilros, que teve de se empoleirar na cama para o ver melhor.

Justamente nesse momento, quando estava de pé sobre a cama, a enxovalhar a colcha com as tairocas, a porta abriu-se e apareceu uma figura pálida e sacerdotal, com um gabinarado de camelão de França sobre a sotaina de cônego, e uns olhitos azuis, inquietos, a faiscar. A Cesária teve ainda tempo de saltar para o sobrado, e quando ia a balbuciar uma desculpa, atabalhoadamente, começou a rir de repente. Sem mais tir-te nem guar-te, disparou uma gargalhada digna do Beco do Monete, e jogando ao ar a chinela, atirou-se ao pescoço do antigo sacerdote de Évora, que cambaleava e sorria.

— Olá! Pois eras tu, patuscão? Eras tu...?

CAPÍTULO V

Aquela visita noturna ao casarão de S. Vicente teve uma influência decisiva nos destinos da Cesária.

A rameira saía de casa todas as noites, luzindo as suas saias de goma e os seus ramais de coral, e lá ia, Amendoeira acima, até ao palacete do senhor deão. O virtuoso clérigo, que conhecera de ginjeira a cigana, achava-a melhor agora, como um fruto de polpa dourada que o tempo amadureceu. Depois, encontrava-a mais desavergonhada, mais Rua do Capelão, mais pitoresca por conseguinte, com todo o ensinamento de oito anos de fado, polida pelo ar do ofício, e a sua sensualidade de velho deliciava-se naquele andar de arremessos gingões, naquele falar de gíria reles, que conseguiam acordar-lhe no sangue as últimas relíquias de juventude.

Pelas ruas da Mouraria correu logo a notícia das idas da Cesária a S. Vicente.

As putas da Rua Suja conspiraram contra a cigana, no mesmo rancor surdo de despeitadas, que iam vendo crescer as moedas numa arca que não era a delas. Adubada por aquele estrume de inveja, a fama de ladra que ganhara a Cesária no passado reviveu em poucos dias. Ao sol-posto, quando a rapariga saía de casa, o bando das desgraçadas juntava-se ao pé de um banco de rua, e era um assoalhar de insultos que deixava a pobre coitada pelas ruas da amargura. Vinha à baila toda a colheita de furtos, a eterna história dos colares roubados à Russa e dos brincos de ouros da Bezerra, todas as solapas e maranhas de cigana ladra que se contavam da Cesária, as amizades com a Macheta, que roubava as pratas das igrejas, a própria morte de um mercador de Évora, os chistes, as porcarias, as canalhices, todo o abocanhar de que são capazes aquelas virtudes de pataco falso, quando se querem convencer de que valem mais do que as outras.

— Se vai por este andar, cria minas de caroço, a cabra! — grasnava do canto da boca uma ruiva

esgrouvinhada, de punhos ferrados na cintura.

E uma mulata enorme, encarapinhada, lãzuda, comentava, em guinchos de bácia:

— Aquilo tem unhas na palma da mão!

As outras vinham chegando, engrossando o grupo, trazendo mais um insulto, mais um comentário podre, alargando a coscuvilhice, estendendo-o de banco em banco, de rua a rua, fazendo prodígios de invenções, — agora um terço de contas roubado numa capelista, depois certa vergonha espreitada por um ferrolho de uma porta...

A Malhada, a bem ver, juntava-se à má-língua porque doía-lhe aonde as outras lhe doíam. A predileção incompreendida da Macheta pela cigana, agitava-a numa raiva surda. Enquanto ela não passava da cepa torta das bazaruqueiras, custando-lhe a arrancar uma de doze do bolso dos matulos, a Cesária enriquecia à sombra da beata que a levava a clérigos e a ricos, e lhe enchia a arca de bom ouro. Não! Não podia ser Deus para uma e o diabo para as outras. Por isso já não queria relações com a cigana; já não se dava com ela em pinta nem em desenxovalho!

— Cá a gente também é filha de Deus! — rematava ela com má cara, fazendo luzir, num abanar de cabeça, os brincos das orelhas.

— Pois está bem visto!

— Nós também queremos!

— A Macheta entende-se com ela porque são ambas ladras! — arriscou a mulata, olhando para a Russa, que se lhe encostara às pernas.

— Meteu-se de gangorra com padres, agora tem tudo quanto quer... até a pequena no colégio!

— Pois!

— Arranja-se...

— É uma arrombada, que não vale um búzio!

“Uma patrajona!” “Um estupor!” “Uma porca!” E as gargalhadas das mulheres cascalhavam na cigana com insultos, como uma lasca de pedra chocalhada dentro de um prato de cobre.

Efetivamente, a situação da Cesária era um desafio constante à desgraça das outras. Já quase não recebia ninguém. De dia, a persiana, sempre cerrada, mal deixava entrar o sol pela rua miudinha. De noite, a cigana saía, fazia ranger no ferrolho o palhetão da chave, e galgava, Capelão acima, num restolho de saias gomadas. Mas não lhe faltava dinheiro. A coscuvilhice palreira assim o apregoava. Tinham-na visto comprar a um mercador uma saia de saragoça, para o inverno, e alguém a ouvira, à frente da vidraça de um ourives, pensando em comprar uns brincos de ouro. A Cesária, que já tinha fama de ladra, começou a ter fama de rica. Havia até quem a tivesse apanhado em casa, acaçapada junto da arca aberta, a contar sobre o soalho umas poucas de moedas e um bom magote de cruzados novos.

— E a gente às vezes com fome! — rugia a Mulata, arregalando os seus grandes olhos de porcelana, injetados de sangue.

E uma onda de rancor sacudia esse bando triste de escorraçadas...

A pequenina Severa fora para o colégio oito dias depois da primeira visita da mãe ao paço de S. Vicente.

Quando o untuoso senhor deão foi informado da existência de uma filha da Cesária, vadiazinha de grandes olhos misteriosos como farfalhas de ouro a luzir na sombra, e soube da boca da cigana que a pequena fazia oito anos pelo S. Silvestre, sentiu bulirem-lhe as entranhas, desacostumadamente no arrancar de um sentimento novo. Exigiu datas, espiolhou minúcias, pediu indicações, e a cada resposta ingénua da Cesária os seus olhos vítreos faiscavam nas rugas das pálpebras, como duas joias azuladas sobre um farrapo de pergaminho. Aquele barregueiro senil, capelo em ronha e em cânones, ao pensar que podia ser pai, sentiu vontade de chorar pela primeira vez na vida, e duas grandes lágrimas, a um tempo grotescas e solenes, rolaram-lhe dos olhos sobre o amplo capote de camelão de França.

As datas davam certo. A pequenina Severa podia ser filha dele, — como de toda a gente. A ideia de que o seu sangue, onde havia ainda linhagens fidalgas, com ancestrais lorpas nos livros de descendência e chaveirões de azul e ouro nos velhos armários, andaria a arrastar-se pela sombra das vielas como o sangue de um carreiro ou de um moço de estrebaria, essa ideia terrível abalava-o, fazia-o estremecer numa agitação dolorosa, cortada de interrogações, de sobressaltos e de revoltas instintivas.

Seria filha dele? Bastava que o pudesse ser, que um acaso de datas admitisse que o era. A sua obrigação era salvar essa criança, que não tinha culpa de ter nascido.

Mas o que ele queria era a certeza: sim ou não. Quem menos o esclarecia era justamente a Cesária. A galdéria, quando o clérigo a apertava com perguntas broncas, ponha-se com uma risada de rincho, fazia trasvoltear a chinela na ponta do pé, e grunhia por fim, num desapego parvo:

— Olha... Lá que ela é minha filha, isso é, porque a pari eu. Agora quem é o bandalho do pai é que eu não sei. Foi feita com o olho na portela; não vi quem era...

E o cónego deixava-se cair sobre o escano alto, entre as rumas de livros, num regougo ininteligível e apagado.

Seria filha dele? Chegou a mandar pedir a um cirurgião amigo, que morava no Pote das Almas, dois calhamaços velhos de medicina, tão caducos como as suas teologias ascéticas, e escritos num castelhano agreste e arrevesado. Um desses livros, que o venerando deão conservava aberto sobre uma estante de coro, no seu quarto, com uma fita verde a marcar-lhe as páginas, tinha informações curiosas, esclarecimentos completos, coisas que ele nunca soubera, que não sonhara sequer, e que foram para os seus setenta anos uma revelação.

Depois dessa leitura e de uma conversa com a Macheta, a quem servira mais uma vez o esturrinho devoto pela caixa de tartaruga do senhor D. Miguel, resolveu-se a dizer à cigana que trouxesse a pequena.

Na noite seguinte, a pequena Severa lá foi, aos puxões pela mão da mãe, a caminho do paço de S. Vicente.

Ao atravessar as grandes salas de silhares de azulejo, cheias de sombras, e os velhos corredores fradescos sobre cujo tijolo os passos ressoavam, tamanho pavor tomou a pequena, sacudiu-a um choro tão convulsivo, que foi preciso levá-la de rastos até aos aposentos do deão.

Os resultados dessa visita singular soube-os no dia a seguir a Macheta, recebendo dez moedas para mandar fazer um enxoval à pequena e ordem para a recolher a um colégio.

A notícia correu logo pela Mouraria, como um acontecimento de destaque.

As rameiras da Rua Suja golelhavam pelas portas, à escuta. Quando viam passar a cigana, ficavam-lhe às costas, gritando-lhe insultos, os punhos ferrados nas cinturas, as saias de goma resplandecendo ao sol.

— Tarrenego! Dinheiro de clérigo!— desdenhava a Russa, esgrouvinhada, agitando as grandes mãos ossudas, cheias de anéis de missanga.

— Tem mais ouro que sarna, a porca!

— Chelpa como o milho!

— Quem a viu a desfiar cabos na Estopa, a atravessadeira!

— Cabra!

— Folosa!

— Estupor!

Como a Cesária era destemida e de má sombra, as putas não se atreviam a enfrenta-la cara a cara. Preferiam o insulto pelas costas, que era mais seguro, e guardavam a pele. De todas elas, só uma, por ser mais forte de braços, seria capaz de medir-se com a cigana: era a Mulata. De forte arquitetura, grandalhona, com dois sólidos braços possantes e simiescos, a soca de verniz luzindo no pé melido e

nervoso, a Mulata era justamente temida pela sua rijeza de fibra e pela sua língua de prata.

O avental de pau dessa mestiça cachorra ficava na Rua da Guia, quase defronte do Beco dos Três Engenhos, dobrando para o terreiro onde a rua alarga.

Uma bela tarde, já com sol-posto, a cigana saiu de casa e subiu a Mouraria, no seu caminho acostumado.

Quando passava junto do Beco, viu vir à porta a cabeçorra acobreada da Mulata, e espreitarem-lhe sobre o ombro, numa avidéz de fera, os olhinhos pardos da Russa, metálicos e perfurantes.

Não se importou e seguiu em frente. Mal tinha dado dois passos, sentiu zoar-lhe nas costas um vozeiro de insultos:

— Já tens sarna de clérigo?

— Vais gamar o gebo, hein?

— Dá-me cá os colares, ladra!

— Porca!

A cigana voltou-se num instante. Quando ia a arrancar, viu o terreiro atulhado de mulheres, todas as rameiras da rua, que gritavam como cabras:

— Ladra! Ladra! Ladra!

E naquele fundo de casaria cinzenta, a turba das escorraçadas agitava-se, movia-se, engrossava, ameaçadora e cobarde, martelando o mesmo insulto, num ruído de matraca:

— Ladra! Ladra! Ladra!

A Cesária sentiu galgar-lhe à cabeça uma onda de sangue, e, de olhos turvos, os dentes ferrados rangendo na sombra, arrancou de um salto.

As putas, ao medir-lhe o ataque, instintivamente, recuaram.

Só uma ficou de pé firme, hirta e serena, na certeza da sua envergadura sólida, os braços remangados, a cabeça alta coruscando, em reflexos de cobre, à luz roxa da tarde.

Era a Mulata.

O choque das duas mulheres foi terrível. Travaram-se arca por arca, com uma sanha digna de feras, cingindo-se num estorcegar violento, peito contra peito, roçando-se aos encontros pelos becos das esquinas, abatendo de borco sobre os poiais das portas.

As outras mulheres, abrindo em círculo um terreiro de luta, seguiam numa ânsia selvagem aquele combate de fêmeas.

As forças das duas rameiras eram iguais.

A Mulata teria mais rijeza de braço; mas a Cesária tinha mais nervo, mais pé e mais ligeireza. Chegou uma altura em que a mestiça, luzindo os seus grandes olhos de faiança, num arregalar de fera, pôs a outra no chão.

Toda a canalha ia gritar vitória, quando a cigana, escapando-se de sob o joelho da Mulata, num movimento brusco e elástico ergueu-se de um salto em frente da inimiga. Houve um momento de expectativa ansiosa. As duas mulheres, travadas de novo, braço a braço, esguedelhadas e pálidas, cingiam-se, resfolegavam num roncar ofegante de luta, e as suas cabeças, jogadas de encontro às paredes, ressoavam num ruído surdo. Por fim, a Mulata fraquejou, com a cara numa posta de sangue, e o seu forte peito de fêmea abateu sobre a terra.

Quando as marrafonas farejaram o sangue e viram cair a mulata, foram-se escapando à socapa e sumiram-se cobardemente, como sombras, na poalha luminosa das ruas.

A Cesária virou a vencida numa pontada violenta de soca, e ao voltar-se ainda para o bando das putas, no gingar de um desafio, encontrou o terreiro deserto.

— Porcas! Nem vinte têm alma para uma!

E enquanto a Mulata, ensanguentada e aos rancos, se torcia nas pedras da rua, a cigana, temendo uma traição, galgou a rua até ao Coleginho e desapareceu, na escuridão da noite.

Só regressou a casa de madrugada. O sol ainda vinha longe, e sobre a Mouraria adormecida, o clarão azulado da alvorada desdobrava-se como um pálio. A cigana subiu a escada estreita e entrou.

Decididamente, não podia continuar a viver ali, no coração daquela rua lóbrega, onde a própria casaria parecia sangrar de rancor contra ela. Era preciso fugir, aproveitar as horas mortas até ao nascer do sol, e despedir-se para sempre desse Capelão sombrio, onde arrastara oito anos de vida.

Se as putas a topassem, depois da briga da Mulata, cosiam-na de facadas a um canto.

Era preciso fugir. Arrancou o estropalho de ganga, esfrangalhado pela luta, vestiu uma saia de goma de três folhos lustrosos, atou alguma roupa num lenço sarapantão, recolheu os ouros, os colares, as arrecadas, abriu a arca, contou dez moedas e mais três pintos, arrecadou tudo numa trouxa pequena, voltou atrás à cata de umas socas que se esquecerara, apagou o candeeiro de latão de três bicos, cerrou a persiana, aferrolhou a porta, desceu a escada, e aí foi, Mouraria acima, galgando a rua da Amendoeira numa alegria de evasão.

Aquela fuga precipitada trazia-lhe à lembrança, numa vaga saudade, essa outra fuga com o rabequista, numa grande noite de estrelas, já há nove anos passados. Primeiro, o escalar de quinchosos, pisando sem piedade as lindadas de hortaliça; depois, o talar continuado das largas bouças, desertas, com os pés doridos sangrando no mato e as bocas em flor resplandecendo de beijos... A sua ternura de fêmea recordava tudo, recompunha tudo, as primeiras carícias, em certa noite, sobre o restolho de umas searas secas, depois, em Évora, a fuga do rabequista, os amores do sacerdote, o mercador morto, os beijos de acaso pelos cantos das feiras, e, por último, o aconchego com o fidalguete D. João, cuja figura trigueira se erguia à frente dela, luzindo argentarias sobre o veludo da casaca.

E com a alma retraída numa grande dor, a, cigana, enquanto galgava a rua, ia pensando, consigo:

— São sempre eles que fogem...

Agora, quem lhe vinha à lembrança era esse homem do capotão de briche, que lhe aparecera, num tinir de esporas junto às grades do Coleginho e a defendera sem a conhecer. Não se lembrava de ter visto nunca, pela Mouraria, aquela barba preta e aqueles olhos pardos onde se acendiam rápidos clarões. Talvez fosse picador de touros, talvez fosse mestre de equitação.

O certo era que o não tornara a ver. Tinha grande superioridade sobre os outros, porque os fizera tirar o chapéu. Mas quem seria ele? O olhar não era bom; não a impressionara muito bem. Eram uns olhos pequenos e gázeos, de uma espantosa mobilidade, de uma luz fria e penetrante. Mas na própria maldade daquele olhar havia uma estranha atração.

Quem seria? E o seu pensamento, errante como a sua triste existência, perdia-se em conjeturas, comprazia-se em recordações, enquanto a claridade da alvorada, já mais nítida, batia com uma luz azulada nos topos da casaria.

Quase ao chegar ao Beco da Amendoeira, viu um vulto parado no meio da rua.

Por medida de prudência e porque a hora era má, virou-se pelo Beco que, curvando por detrás de uns casebres velhos, vai desembocar ao alto, onde a rua desafoga numa praça.

Assim, quando surdisse no cimo da Amendoeira, já o vulto teria ficado para trás.

— Nunca desejei mais ver-me em casa da Macheta! — dizia ela para consigo.

Mas ainda não tinha chegado a meio do Beco e ouviu, vindos de cima, um bater de passos e um tinir de esporas.

Parou, com o coração a saltar-lhe do peito. Era com certeza o vulto que vira parado na rua, e que tinha subido a seguir-lhe os passos.

Pensou em retroceder, em pôr-se a correr. Mas era perigoso. Levava consigo toda a sua riqueza e podia cair-lhe no caminho. O melhor era seguir em frente no passo normal.

A cigana estava sem pinga de sangue. Apertavam-se-lhe as goelas e sentia que se quisesse gritar não poderia.

O bater de passos aproximou-se. Criatura que a roubasse não era, decerto. Talvez algum comerciante sacudido com o cio, procurando uma mulher na Mouraria deserta. Um homem como outro qualquer. E que diabo poderia ela temer de um homem?

Não tinha dado mais dois passos, quando uma figura esbelta, embrulhada num amplo capotão de briche, apareceu no alto, no recanto de uma esquina.

Ao passar ao lado da cigana, parou.

— Ah! É o senhor... — gemeu a Cesária, parando também.

Não havia dúvida. Era o mesmo homem do ferragoulo de briche, que a defendera da malta do Coleginho, com os seus olhos pardos e miúdos luzindo de esguelha, e as suas esporas de mestre de equitação tinindo nas pedras.

— Cesária.

— Pois sabe o meu nome?

— Então não te lembras...? Naquela tarde, ali abaixo, ao pé do Santo Antão-o-Velho... em que não deixei aquele bando tocar-te com um dedo?

— Ah! Mas...

— Não te lembras?

— Foi-se tão depressa embora...

— Eu?

— Nem olhou para mim.

— Isso pareceu-te a ti!

— É que a malta esperava para beber, e depois...

— Eu também sei o seu nome.

— O meu?

— Chama-se Diogo.

— Quem to disse?

— Ouvi...

Houve um instante de silêncio entre os dois.

A nesga de céu, que se enfiava do Beco, começava a dourar-se lentamente.

Num grande alheamento de todo o seu ser, a Cesária pousou sobre aquele homem rude, trescalando a suor de cavalo, os seus lindos olhos pensativos. Ela, que tanto precisava de defesa, tinha ali uma criatura capaz de a proteger. Sob aquele gabão de briche havia talvez um coração generoso e forte. O seu grande mal era não ter quem a defendesse, de viver só, sem um arrimo e sem um braço, Precisava de um homem. Tinha ali um homem.

— Ainda não é dia, — aventurou ele, quebrando o silêncio.

— Ainda não...

E enquanto a cigana alongava os olhos para as sombras adormecidas nos recantos da alfurja, o Diogo agarrou-a com ternura, puxou-a de encontro ao peito, e, lábios contra lábios, foi-a fazendo desmaiar, docemente, sobre um largo banco de pedra tosca.

— Aqui não, que pode vir alguém! — gemeu a Cesária.

Mas os braços de ferro do eguariço imobilizaram-lhe toda a resistência.

A cigana resvalou do banco sobre a terra e de rojo como uma cadela, possuída por esse mestraço de picarias, amou-o mais violentamente que uma mulher pode amar.

Momentos depois, vendo-a erguer a trouxa que arremessara ao chão e em cuja interior tinira o ouro, o mequetrefe perguntou-lhe, luzindo os olhos pardos:

— E agora, para onde vais?

A Cesária atirou-se-lhe ao pescoço, e enquanto o sol subia como uma grande hóstia luminosa, a sua voz rouca de rameira gemeu, numa paixão:

— Para onde tu quiseses!

Diogo era um desses tipos eternos de rufião mazorro, sempre aos tombos na vida, com todas as condições para agradar às mulheres, conhecendo-as como aos seus próprios dedos, e tendo artes de lhes arrancar, até às mais prevenidas, a última lágrima, o último pataco, e a última gota de sangue.

Fora a princípio cocheiro. Depois, passou a pegador de touros, daí a toureiro da escola do Sedovém, mais tarde a mestre de equitação numa casa fidalga.

Despedido dessa casa por um roubo de joias, feito em tão excepcionais circunstâncias que se o delatassem à justiça molestaria a honra de uma dama ilustre. Portanto Diogo botou-se à boa vida, correndo ruas, domando potros, rufiando mulheres.

Quem o quisesse ver, era num bar do Cunhal das Bolas, no Bairro Alto, entre pegadores de touros, tocadores de viola e cocheiros de boleia.

Pela Mouraria aparecia pouco, só de vez em quando.

Naquela altura, trazia para aqueles lados certa pendência com um antigo picador de D. Miguel, dono da Praça do Salitre, que lhe devia sete moedas e se recusava a pagar-lhas.

Numa dessas saltadas à Mouraria, ao chegar ao Santo Antão-o-Velho, vira uma puta à troca de insultos com o bando bordalenga que o seguia sempre, e num assomo generoso de rufião, defendera-a porque era mulher, e passara em frente porque era tarde.

Depois, soube que a pinta da cigana não o enganara, que a rapariga se chamava Cesária, e que tinha fama de rica no Capelão.

Daí a poucos dias tornaram a informá-lo. Corria já a nova dos amores desta com o deão da Sé. Dizia-se que a cigana tinha a arca repilgada de boas moedas e de bons cruzados novos.

Ao mesmo tempo, o negócio do picador do Salitre não atava nem desatava.

Diogo soube que o homem saía de uma casa da Amendoeira, todas as madrugadas, ao romper de alva, e decidiu-se a esperá-lo, a rachar-lhe a cabeça e a pagar-se pelas suas mãos.

Numa bela manhã, à mesma hora em que a Cesária, correndo o ferrolho da porta, se despedia para sempre do Capelão, o eguariço envergou o seu capote de briche, puxou num arremesso o capuz para a cara e emboscou-se na soleira de uma porta.

Daí a pouco, em vez de lobrigar o antigo picador de D. Miguel, viu, cortando as sombras da alfurja, um vulto agitado de mulher.

Era a cigana. Mal a reconheceu, desceu a seguir-lhe os passos. Daí, o encontro brutal do estoura-vergas, em pleno Beco.

Mandou ao diabo a espera, o picador e as moedas, e abalou com ela, Mouraria acima.

De caminho, a cigana falou pelos sete cotovelos, contou todo o seu passado, os amores de D. João, que ele não conhecia, a inveja das outras por ela ser a mais rica, a cena de pancada com a Mulata, todos os

seus passos naquela noite, as chufas, as vaias, as pragas, depois o aconchego com o senhor deão, quem ele era, quanto lhe dava, o palacete com os seus damascos vermelhos, a Macheta com a sua loja de santos. Por último as lágrimas que chorara, as suas ambições, os seus desejos, a sua vida inteira no que ela tinha de mais recatado, de mais escondido, de mais íntimo, no desentranhar de uma confiança cega, como se aquele homem já a conhecesse há muito, como se aquele malandro fosse toda a sua alma.

E enquanto o sol, batendo de lado na cara da cigana, lhe escorria por entre os cabelos, como um pente de ouro, o Diogo, acompanhando-lhe o passo miúdo, parando a cada esquina, tropicando a cada pedra, escutava-a longamente, pacientemente.

Depois, tendo-a deixado na casa da Macheta, com hora marcada para a ver novamente à noite, o rufianço, radiante com a presa que fizera, esfregando as mãos e descendo a Mouraria num tilintar de esporas, ruminou entre os dentes:

— Aquela é mulher para render dois mil cruzados! Já não a largo!

Durante os quatro anos que se seguiram, a cigana teve várias fortunas.

Nos primeiros tempos, o Diogo chegou a gostar verdadeiramente dela. Viviam de casa e pucarinho, comendo às custas do santo senhor deão. A pequena continuava no colégio, com expressa determinação de não ver a mãe. A Macheta era a única a visitá-la, de vez em quando, o lenço de cambraia muito teso nas pontas, e as camândulas de pau-santo pendentes da cinta. Com o que a velha implicava era com o eguariço, sempre dentro de portas, sem deixar a rapariga ficar com um pinto. Não estava mais na sua mão. Um pouca-vergonha!

— Levanta-lhe a cesta, filha, — rezingava ela, compondo o saiote. — Olha que em ruim mato fazes a lenha!

Mas a Cesária ouvia e sorria. Ao invés do que a Macheta pensava, ela ia engrossando o seu pecúlio

sem que o picador desse por isso. Metade do dinheiro que recebia do cónego guardava metade.

— Não! Nem com toda a fome à arca, nem com toda a sede ao cântaro...

Passado um ano, Diogo voltou a tourear na Praça do Campo de Sant'Ana, onde se estreara numa tourada a rojão. Pagaram-lhe bem. Um belo dia, desapareceu, levando a algibeira quente de boas vinte moedas ganhas a tourear.

A Cesária correu mundo, à procura dele, com grave indignação da Macheta, que praguejava e bufava numa raiva santa:

— Correr atrás de um demónio de esporas, como aquele! Se já viram uma coisa assim!

Daí a meses, o Diogo batia-lhe outra vez à porta, e a cigana recebia-o no coração. Estivera em Espanha, e por lá andara a tourear. Começou então a apertar nas exigências de dinheiro.

Um dia coseram-no a facadas, e trouxeram-no para casa a escorrer sangue. A Cesária tratou-o como uma cadela de dedicação. O homem sarou e voltou a ser mestre de equitação.

Certa noite, ainda com as chagas abertas, olhando para a arca da cigana que estava a um canto, cerrada a fecharias de ferro batido, teve um sacão violento de corpo, os seus olhos de cinza luziram na sombra, e agarrando-lhe no pulso, rugiu de repente:

— Tens ali dinheiro escondido!

A Cesária empalideceu, ficou sem pinga de sangue, mas não se desconcertou. Começou a rir, numas gargalhadas nervosas que a abalavam toda.

No dia seguinte, estando Diogo a dormir, foi à arca, contou seis peças de ouro e mais cinquenta moedas, recolheu tudo numa bolsa de chita, e foi levar o dinheiro a um lugar seguro.

Foi a Macheta a depositária. A tarasca da velha admirou-se de tamanha riqueza, juntada aos poucos:

— E eu a pensar que nem tinhas um fiunquinho de erva na manjedoura!

Depois que o receberam como mestre de equitação em casa do Marquês de Ponte de Lima, o Diogo começou a aparecer menos por casa da Cesária.

De vez em quando, mandava-lhe pedir dinheiro. Um belo dia, a cigana não esteve pelos ajustes e não lho mandou. O picador insistiu. Ela procurou-o no palácio do Marquês, decidida a dar-lhe tudo, se ele fosse naquela noite dormir com ela. Mal a viu a aparecer à porta da estrebaria, o rufião partiu-lhe a cara.

— Para não te intrometeres onde não és chamada!

Dali por diante, mandava-lhe os amigos, com o recado de que eles já lhe tinham pago e que ela devia agora servi-los.

A Cesária devorou com lágrimas a afronta. Logo que pode, encobertamente, mudou de casa.

Nessa altura, o Marquês, avisado da má fama do eguariço, despediu-o com boas palavras e arranhou outro mestre de equitação. Vendo-se sem eira nem beira, Diogo deitou contas à vida. Em três anos e meio, vivera com a cigana dezoito meses.

Cada mês, as oito moedas, dava cerca de mil e quinhentos cruzados. Para o que ele pensava que a mulher lhe renderia, ainda faltavam cinquenta moedas, pouco mais ou menos. Era preciso apanhar-lhas, desse por onde desse. O que era preciso era descobrir-lhe o paradeiro.

Esperou-a uma noite, escondido na escadaria de S. Vicente.

A cigana apareceu na escuridão estrelada, e o bandido meteu-se à sua frente olhando-a com aqueles olhos pardos, aquelas pupilas fulvas que a dominavam e a hipnotizavam. Cesária sentiu-se sem forças para reagir. Esteve por tudo.

Concordaram viver juntos, como dantes.

Foram viver para um primeiro andar na Rua do Arco da Bandeira, sobre a cavaliariça do Sousa do Casacão, que o Diogo tinha como seu grande amigo.

Logo depois de se terem juntado, uma santa manhã, estava o picador na cavalaria a ouvir à guitarra o João Moicante, chegou a Macheta, com cara de caso, esbaforida, aos rancos de cansaço, as camândulas a chocalhar na cinta.

— Cesária! Cesária!

A cigana foi recebê-la à escada.

— Valha-me o Senhor S. Bento! A grande desgraça que aconteceu!

E enquanto a Cesária a olhava, no primeiro assomo de surpresa, a alcoviteira, aflita, juntava as grandes mãos oleosas, numa postura de fazer piedade.

— Mas que foi, tia Macheta? Que foi?

E a velha, torcendo-se numa visão de nojo, gesticulou sem dizer palavra, as mangas de castorina amelada a esbracejar de fora do saiote vermelho, em movimentos indecifráveis que um regougo surdo cortava de vez em quando.

Por fim, abriu muito os olhos, encarou a cigana, e esboçando um trejeito de resignação cristã, grunhiu no arrancar de uma lágrima:

— Coitadinho! Já se foi!

— Já se foi quem, tia Macheta?

— Ora, quem havia de ser, filha! Coitadinho! Um santo daqueles! Só morre quem faz falta... É bem certo!

A cigana ergueu-se de repente, agarrou-se a uma parede para não cair, e rouquejou esparvoadamente, com o ar de uma criatura que acorda:

— Morreu?

Com efeito, o deão fora encontrado morto, naquela madrugada, caído do seu leito de bilros, com os grandes pés nus enrodilhados na roupa e a cabeça a sangrar no sobrado. Contava-se que Sua Eminência, ao visitar o cadáver, mandara recolher duas chinelas de verniz, palmilhadas de baeta vermelha, encontradas ao pé de um breviário romano, sobre uma das cadeiras da alcova...

A Cesária pensou logo na filha. Quem pagaria a mesada do colégio? Quem a vestiria? Quem a sustentaria?

Aquele velho, que podia ter sido a salvação da pequena, talvez fosse, afinal, a perdição dela.

Depois de cinco anos de colégio, já com luzes da vida, acostumada a uma boa vida, voltar para a desgraça da mãe era condená-la à mesma desgraça.

Não. Não podia ser de maneira nenhuma. Era preciso dar uma volta à vida.

A Severa ficaria no colégio. Pagaria ela a mesada, com o seu pé-de-meia. Estava decidido.

Deu conta da sua resolução à Macheta e pediu-lhe que trouxesse o dinheiro.

A velha trouxe-o no dia seguinte, intacto. A cigana arrecadou-o cuidadosamente, e aferrolhou a arca. Tinha ali, naquelas cinquenta moedas, toda a sua vida, toda a sua esperança, a salvação da sua filha e a sua própria salvação.

Ao princípio, temendo que Diogo a deixasse, a Cesária escondeu dele a morte do velho.

Mais tarde, não teve remédio senão dizer-lhe que pusesse cobro a gastos escusados, porque já se fora quem pagava.

— Quê...? O gebo levantou a cesta?

— Não. Morreu.

— Ah! Foi para as malvas, hein...? Isso agora, sim.

E enquanto a cigana, já um pouco envelhecida, com os seus olhos roxos de mortificações cravados no soalho, tinha a certeza de que ele a ia deixar, o eguariço encolheu os ombros em desapego, pôs a casaca pelas costas, esguelhou para a arca um olhar ruim e desceu à cavalaria, para ouvir o fado.

Lá em baixo, numa réstia de sol que entrava pelo largo portão, um grupo de cocheiros, em volta de uma viola, zangarreava o choradinho.

Pouco depois, a Cesária saia também para ir ter com a Macheta.

O picador, ao vê-la passar, gritou-lhe da porta.

— Aonde é que tu vais?

— À vida.

— Podes lá ficar, se quiseres, que não fazes falta!

À noite a cigana entrou em casa, acendeu o candeeiro de latão de três bicos e esperou o Diogo.

As horas iam passando e o picador não chegava.

Desceu à cavalaria, a ver se sabiam dele. Foi o Malaquias cocheiro quem lhe falou:

— Esteve cá, esteve. Até arranhou na viola.

— E depois?

— Depois, entrou em casa, penso eu.

— Demorou-se?

— Demorou.

— E a que horas saiu?

— Isso agora é que eu não estou muito certo. De ter sido pelas Ave-Marias.(*)

[(*) *Meia-Noite*]

— E esteve sempre lá em cima?

— Esteve.

Quando a cigana subia a escada, saltou-lhe o coração a anunciar-lhe desgraça.

Galgou os degraus, dois a dois, desaferrolhou a porta, atravessou a casa, e pálida, num arranco de aflição, precipitou-se sobre a arca.

Estava aberta. Esfregou os olhos para ver melhor.

Os fechos de ferro tinham saltado fora e o velho baú aparecia, numa poalha de ferrugem, recortando à garra, com as fecharias arrancadas.

Não havia dúvida. A tremer, com a testa alagada de suor, levantou o tampo, que rangeu.

As roupas em desordem, revolvidas, enrodilhavam-se, cobertas de salpicos de sangue. A cigana levantou-as, sacudiu-as, num tremor convulso, amontoou-as à pressa sobre o soalho, revolveu tudo, e estendendo as mãos até ao fundo da arca, procurou febrilmente as suas moedas, o seu ouro, a sua salvação, a salvação da sua filha.

Tinha sido roubada.

Ia gritar, mas o pesado tampo de madeira abateu-se-lhe sobre os braços estendidos, e a força da dor, aturdindo-a, fê-la cair e desmaiar despojada no sobrado.

O picador nunca mais apareceu. A pobre mulher queixou-se à guarda de que o amante a roubara. A guarda, duvidando de que uma puta desgastada do Capelão tivesse cinquenta moedas na arca, riram-se na sua cara e mandaram-na tratar da vida.

Houve até quem a aconselhasse a não falar mais no caso. Ver-se-ia aflita para provar a posse do dinheiro. Mesmo quando o tivesse provado, não lhe seria fácil justificar a sua proveniência. A fama de ladra que a Mouraria lhe criara, podia voltar o feitiço contra o feiticeiro. O melhor era fazer de conta que nunca tivera aquele pé-de-meia, e deitar o coração à larga.

Estas razões calaram no espírito da Cesária. Mas o que mais lhe doía era a desgraça da filha. Aqueles quinhentos cruzados, que eram a toda a sua esperança, tinham desaparecido. A pobre cigana não tinha mais do que a roupa, e, daí por diante, a vergonha dos doze vinténs de prata jogados sem piedade pela mão dos homens. E a sua alma de escoraçada sangrava de dor, no irremediável de uma vida inteiramente perdida. Bem lhe dissera a Macheta... “Não trabalhes por criar corvo que te tire o olho.” Agora torcia a orelha, e não botava sangue.

Outro como o deão já ela sabia que não teria. Aquele pobre barregueiro de murça e meias vermelhas, dera-lhe, em cinco anos de aconchego, para mais de três mil cruzados.

E agora, que havia de ser da filha?

A pequenina Severa, que ela arrastara aos repelões pelos corredores de tijolo do S. Vicente, devia ser já uma mulher feita, com bastantes luzes da vida para conhecer a vergonha da mãe. Como havia ela de a tratar, de lhe aparecer, de lhe esconder os podres da sua condição, de a resignar aos horrores da sua fome?

Sim, porque a filha havia de voltar, de vir para ali, para aquela casa. Já não era a mesma Severa pequena, que ela atirava para a rua quando espreitava às portas. Era uma mulher, uma linda mulher, talvez, com os seus grandes olhos tristes e o seu peito cerrado de pureza, que ela precisava defender como uma loba, e a quem teria de repetir, a todos os dias, a todas as horas, a todos os momentos:

— Olha que esse pão que estás a comer foi comprado com a vergonha da tua mãe!

O sentimento da maternidade era na Cesária, como em quase todas as ciganas, um sentimento

violento. Maltratara a filha, em pequena, ensanguentara-lhe a cara, muitas vezes, de encontro aos poiais da janela, mas teria saltado como uma fera, se fosse outra pessoa que a maltratasse.

O seu amor de mãe não conhecia ternuras: era um amor rude e animal. Deixara partir a filha para o colégio e não chorara uma lágrima. Há cinco anos que a não via, e não tivera uma saudade.

Mas se fosse preciso defendê-la amanhã, e o seu instinto acordaria num assomo selvagem, capaz de todos os sacrifícios e de todas as heroicidades.

Passaram-se dois meses sem se pagar o colégio.

A Macheta aparecia em casa da Cesária, de vez em quando, a invocar todos os santos da sua devoção e a perguntar-lhe como havia de ser aquilo.

A cigana ouvia-a, encostada à cantoneira cheia de louça, e respondia invariavelmente, encolhendo os ombros:

— Se eu nem tenho para a minha vida, tia Macheta!

A Macheta abalava, para voltar no dia seguinte, dali a dois dias, dali a três dias, sempre a trejeitar biocos, dizendo credos em cruz. Desde que deixara de poder levar a mesada, não voltara a pôr os pés no colégio.

— A ver no que isto dá! — rezingava ela. E a sombra triste do deão passava-lhe à frente dos olhos, com as suas meias encarnadas e o seu capote de camelão de Prança, estendendo-lhe ainda, entre os dedos, a caixa de rapé do senhor D. Miguel..

Passou-se tempo, e da pequena nem notícias nem pedidos.

A Cesária chegou a pensar que, por caridade, a não mandariam embora. Às vezes, quem sabe? Talvez se tivessem afeiçoado a ela. Ainda havia boas almas neste mundo. E, depois, que faziam lá falta os vinte cruzados? Talvez ela ajudasse lá com as arrumações.

A pequena já lhes tinha rendido para mais de cem moedas. Não era de mais que a sustentassem agora, que a mãe não podia.

Talvez a Macheta lhes tivesse contado toda a desgraça que pesava sobre a criança, a vergonha da mãe, a situação em que as colocava a ambas aquela súbita mudança de destinos. E a cigana, às noites, encostada à mesa, na luz inquieta de um candeeiro de latão, deitava contas à vida, esparvoadamente...

Um belo dia, amanhecera ela a pensar na filha, quando bateram à porta.

Levantou-se, enfiou uma saia e foi abrir.

Quando procurava o ferrolho, aos apalpões, a voz aflautada da Macheta guinchou de fora:

— Abre Cesária. É uma visita.

A porta abriu-se, e numa chapada de sol, recortando as suas ancas de mulher junto ao capote encarnado da velha, uma linda rapariga apareceu medrosamente, gemendo num sorriso acanhado:

— Mãe...

Era a Severa. A sorte da pobre pequena estava jogada.

CAPÍTULO VI

A primeira impressão que a Severa produziu na mãe foi uma impressão de acanhamento e de vergonha. A pobre mulher, à frente daquela pequena que lhe entrava com o sol pela casa dentro, sentiu os movimentos presos, quis falar, gaguejou, encostou-se à cantoneira, e ficou a olhá-la, como uma criatura pasmada, os braços pendidos, esquecidos de a abraçar.

Essa filha, tal como a via agora, já não era aquela que o seu instinto reclamava. Em cinco anos, a pequena do Capelão, que a mãe tanta vez tinha maltratado, tornara-se quase uma estranha que a constrangia, que a perturbava, que a vexava sem querer, e que ela recebia sem um riso, sem uma lágrima, sem o mais leve abalo de comoção.

Quando guardava as moedas que poderiam ser mais tarde a salvação da filha, via-a sempre pequena, com os seus bracinhos miúdos acostumados a abraçá-la, os seus olhos de veludo negro sempre prontos para chorar. Não tinha pensado que a pequena havia de crescer, tornar-se numa mulher, com juízo para entender a vida e bastante pudor para se envergonhar da mãe. O tempo passara sem que ela tivesse a noção dos anos. Via agora em frente de si uma mulher, — e essa mulher estorvava-a. A própria honestidade da filha, que a cigana seria capaz de defender como uma loba, essa mesma honestidade fazia-lhe mal, criava no fundo do seu coração um rancor surdo e inexplicável, que a sua consciência alarmada não conseguia compreender.

Por seu lado, a Severa já nem se lembrava das feições da mãe. Nas suas reminiscências de infância, aparecia-lhe como uma criatura macilenta, que a maltratava e a atirava para a rua quando recebia os homens. A recordação que guardava dela era cortada de um travo amargo, feita com uma repugnância instintiva, da confusa lembrança das noites ao relento, das pancadas que a moíam, do seu corpinho todo coberto de nódoas negras. E à frente dessa mulher, que a recebia sem um beijo, e a quem só devia

lágrimas e maus tratos, a pobre pequena ficava inquieta e acanhada, a apertar entre os dedos o seu saiote de ganga... Era-lhe mais fácil afeiçoar-se à primeira criatura que encontrasse na rua, do que àquela mulher que a Macheta lhe apontara como sendo a mãe.

Mas a situação tornara-se clara e irremediável. Era preciso que ambas vivessem ali, debaixo do mesmo teto, numa inteira comunidade de vidas, e quem sabe se, dentro em pouco, numa comunidade absoluta de destinos.

A pequena, com os seus peitos formados, o seu ar desnalgado e esbelto, os seus olhos onde havia fatilhas de ouro a luzir na sombra, a sua esperteza arisca e decidida, toda a energia bárbara da sua boca sinuosa, — assim como era, como fora feita, a julgar pela pinta e pela raça, não prometia muito em virtude. Era precoce, violenta e cheia de impulsos extravagantes. O contínuo roçar de toda a safra de homens que a mãe recebera, havia de arrastá-la infalivelmente à desgraça, cuja semente, como uma fatalidade, lhe ardia no sangue. Era a cara da mãe, iluminada por uns olhos mais vivos, com traços de uma raça mais pura e mais perfeita, e um grão de pele trigueiro e ardente, que parecia às vezes animado de reflexos metálicos. Mas, o que mais impressionava na Severa, era a voz, uma voz doce, quente, cariciosa, ora viva e alegre, ora velada de ternura e molhada de lágrimas, uma voz que fazia tremer e chorar, que ao mesmo tempo dominava e enternecia, e que, ao pé dos grunhidos roucos da cigana, soava como uma ala de cristal ao pé a um pote de ferro. Decididamente, uma criatura tão fora do comum não podia ser obra do sacerdote de Évora.

Enquanto a pequena, carregando o seu saco de roupa, ia, a pedido da mãe, despejá-lo numa arca, a Cesária puxou a velha beata, olhou-a nos olhos, e disse-lhe:

— E agora?

— Agora, fica a pequena contigo, — respondeu tranquilamente a Macheta, fungando o rapé devoto.

— Comigo?

— Pois então!

— Aqui?

— E onde haveria de ser...?

— E os homens? E a vida? E ela cá dentro, a roer-me de vergonha? Não lhe vê a pinta? Aquilo é uma cabra! Há de dar no Capelão, como eu dei! Vossemecê verá! Raios partam as dores que ela me custou! Se ela der em perder-se, quem lhe há de ir à mão? Hei de ser eu? Para me atirar à cara toda a minha desgraça? Vossemecê não sabe nada da vida, tia Macheta! Vossemecê não sabe nada da vida!

— Ora essa!

— É o que lhe digo!

— Então tu ainda te voltas contra mim? Parece que fui eu que pari a tua filha, mulher! Pois olha que não fui. Credo! Santo breve da marca!

E a boa da Macheta, fazendo rodar num requebro o saiote, benzeu-se, a caminho da porta:

— Porque não foste a uma comadre, quando te viste grávida? Agora cuida-te! Vocês gostam... e quem gosta, sopeteia! Olha, sabes que mais? Só quem anda cozido em ouro é que pode ter filhos! Isso não é para as desgraçadas, como tu! Os filhos são só para os ricos!

E enquanto a madre Celestina, no último arranco da sua filosofia de alcoviteira, abalava escada abaixo num chocalhar seco de rosários de pau, a Cesária, sentada num banco, os cotovelos fincados nos joelhos, a cabeça entalada nas mãos, resmungava consigo mesma:

— E como há de ela ser honrada comendo as minhas sopas? Porque isto da desgraça é como a sarna... até pela voz se pega!

De repente, teve uma ideia. Os olhos brilharam-lhe. Levantou-se e foi à janela. A Macheta, lá em baixo, ao pé do Arco, embrulhada no seu capote vermelho, saracoteando em passinhos dançados, parecia

uma labareda, ao sol. Quis chamá-la ainda. Mas a sua voz rouca perdeu-se no bulício da rua.

Por debaixo da casa de Cesária ficava a cavalaria do Sousa do Casado.

Era uma casa térrea abobadada e húmida, com berlindas(1*) velhas roídas e traquitanas de bandeirinha — toda a safra de calhambeques do princípio do século, luzindo esmaltes heráldicos nos painéis, relíquias dos antigos pátios solarengos arrastadas pela ruína para uma cavalaria de alquilária.

(2*)

[(*) 1 - *carruagem antiga de dois assentos e quatro rodas.* 2 - *casa onde se alugam animais de carga e carruagens*]

Nas traseiras da casa, esguelhadas na sombra que uma janela cortava com uma luz pálida, as pobres mulas chicoteadas, presas pelo ladriço aos travões de ferro, gemiam relinchos lamentosos. Tal como as traquitanas e as carruagens, elas tinham sido também propriedade de ricos em antigas casas fidalgas. A malta dos cocheiros, essa, lá estava sempre, a coçar as ombreiras do portão, exibindo o seu lenço de Alcobaça no pescoço e a sua casaca de cotim com argentarias reais. À noite zangarreavam na viola e jogavam à bisca, com uns velhos baralhos espanhóis, à luz de uma grande lanterna presa ao fecho da abóbada por uma cadeia de ferro.

O Sousa do Casação era certo estar todas as noites na cavalaria, arranchando com o bando dos cocheiros franchões, e contando casos a trecheio, com um sainete que era segredo só dele. De maneira que a cavalaria da Rua do Arco, pela noite adentro, acabava por ser também poiso de gandulos e de rameiras, que vinham ao faro das guitarradas e da festa. Não havia ninguém que não conhecesse o Sousa cocheiro. Era um tipo bonacheirão, tagarela e amigo de mulheres, uns olhinhos azuis à flor de uma pele rosada de flamengo, bigode e maticões rasos, fulvos. A posse da cavalaria foi-lhe transmitida pelo casamento com uma certa alcoviteira rica que começara, como a Macheta, por trotar-conventos, e acabara por acumular os negócios de alquilária (*) com os de alcovitagem. Como se vê, o bojo moral do

homem era suficientemente largo, para lhe caber lá dentro um alcoice e uma cavalaria.

[(*) *Alquilária seria o equivalente ao que hoje é uma empresa de táxis.*]

Em todo o caso, o Sousa do Casacão tinha outras qualidades. Por exemplo, a de tocar e cantar às maravilhas o fado. Efetivamente, cantava-o com um sentimento de português dos quatro costados, numa larga voz quente e pastosa, matando a brasa a todos os sanfonineiros da Madragoa. Sabia fazer chorar as mulheres, como se faz chorar uma criança. Com a guitarra nas unhas, o cigarro a arder-lhe entre os pelos loiros do bigode, um lenço na pescoceira do casacão amelado, levava as mulheres atrás de si, fazia delas o que queria, arrastava-as pela alma, obrigava-as a rir, a chorar, a tremer — a todas, sem falhar uma — no inteiro conhecimento do coração da fêmea, desde a mais cândida até à mais safada das putas. Era o seu condão. De resto, era um razoável cavaleiro, quebrando bem os talões na gineta, e montando às vezes um rico baio dourado, cavalo de picaria, de cabeça acarneirada e excelente apoio de rédea. Tinha sido amigo do Sedovem, corraera às noites a Mouraria com D. Miguel, e mais tarde, na Penichada, havia de influenciar na política da altura prestando-se a que o mascarassem de marechal Saldanha. Um tipo singular, forte de sangue e fraco de escrúpulos. Além de todas estas prendas era poeta, da raça vadia dos poetas de instinto, esses rebentos novos do segrel antigo, que são, afinal de contas, quem faz a poesia de um povo. Se algum cocheiro aparecia que não soubesse tocar a guitarra, era o Sousa do Casacão quem o ensinava, noite fora, fechado com ele na cavalaria, até que o matulão arranhasse o “rigoroso”. Era vê-lo então, possuído da sua superioridade de mestre, em mangas de camisa, escarranchado uma dianteira de traquitana:

— Isso bem explicadinho, ó seu desavergonhado! Quer-se isso bem explicadinho!

Entre as putas que apareciam pela cavalaria, a que mais lá andava era a Cesária. O Sousa do Casacão conhecia a cigana desde que o Diogo lha mostrara, gabando-lhe a pinta e a garupa, como quem vende

uma égua para crias. Mais tarde, quando se deu o roubo das cinquenta moedas e do arrombamento da arca, interviera para aconselhar a rapariga a que não intentasse nenhuma ação de justiça, e, por essa ocasião, dera-lhe seis cruzados novos. Desde então, mais ou menos, tinha-a protegido sempre. Às vezes a cigana descia à cavalaria, e de conversa com os cocheiros, em saracotões e requebros de nalga, cantava o fado como uma heroína.

Nessa noite, o Sousa do Casacão, ao entrar na cavalaria, soube logo que a Cesária tinha em casa a filha. O Facareno — na altura um dos reis dos coches, mequetrefe de casaca azul e esporas de latão — pô-lo inteiramente ao facto de que a pequena era uma linda égua, com uns olhos de tentar Santo Antão, e um palminho de cara que era ouro sem defeitos.

O Sousa quis logo ver a rapariga. Chamou o Malaquias cocheiro, que praguejava a um canto numa bisca lambida, e fê-lo galgar a escada, para dizer à cigana que viesse lá abaixo. A Cesária não tardou. Foi, mas foi sozinha. A malta esperava-a num silêncio de expectativa. A luz da grande lanterna, batendo no perfil das berlindas e das traquitanas, quebrava pelas cavalaria umas sombras trémulas e irregulares. Quando a cigana apareceu pela porta esconsa que dava para a escada, o Pinóia — um cocheiro ruivo e magrizela, de ventre cosido a facadas, com um amplo capote de briche — disse-lhe do canto, encostado a uma sebe:

— Então não trazes cá a tua cria...?

A Cesária atravessou a cavalaria de encontro ao Pinóia, parou a dois passos dele, e gingona, cuspinhando o chão num desafio, atirou-lhe à cara:

— Cria teve a porca da tua mãe, ouviste?

O Sousa do Casacão viu o caso mal parado e interveio logo na briga:

— Olha lá, ó Cesária... Então já cá tens a tua filha?

— Já.

— Diz que vem um brinco.

— Vem.

— Porque não a trazes cá abaixo, para a malta a ver?

— Porque está bem lá em cima.

— Tens medo que a gente a coma? — disse-lhe da sombra a carantonha bexigosa do Facareno.

— Eu...? Não.

— Então porque não a trazes? — insistiu o cocheiro, deitando a mão à viola.

A cigana não respondeu. Muito pálida, encostou-se às varas de uma carruagem e pôs a bater nervosamente a soca no chão. A luz dava-lhe de chapa na cara e as narinas agitavam-se-lhe, trémulas. Houve um instante de silêncio, que o Pinóia cortou por fim, dizendo de repente:

— Se a cria está lá em cima, vamos nós ter com ela!

Sem que o patrão pudesse sustê-los, cocheiros e eguariços correram para a porta da cavalaria. A cigana cortou-lhes o passo, estendeu os braços à frente da porta, e num brusco abatimento, extenuada e humilde, balbuciou a tremer:

— Era melhor que vocês me dessem uma prata, pelo amor de Deus, que ainda não comi hoje...

Mas o bando, sem entender, foi-se a ela. A Cesária deitou mão a um chicote de cocheiro, de pontas de ferro, preso a um prego da ombreira da porta, e brandiu-o no ar. A corda foi enrolar-se no braço do Pinóia, que, dando ao corpo um sacão, violento, repuxou a cigana de encontro ao peito.

— Deixa passar, ladra!

A um sinal do Sousa do Casacão, toda o grupo recuou. Ficaram os dois no meio da cavalaria, lutando como duas feras. A malta aplaudia e ria.

Ao fim, a Cesária resvalou e caiu por terra, com a bota do Pinóia ferrada no ventre, num ronco surdo e doloroso.

— Já caiu a loba!

Mas nisto, quando o cocheiro, num grande riso de vitória, mostrava ao bando a cigana vencida e imóvel e fazia intenções de lhe saltar em cima, sentiu na cara uma dor horrível e uma onda de sangue cegou-lhe os olhos. A Severa, ouvindo o reboiço da briga, descera a escada a correr, vira a mãe deitada na terra debaixo do outro e, de súbito, avançando para o Pinóia, cravara-lhe na cara um agulhão de ferro, de uma almofaça(*) enorme. Quando lho arrancaram da carne, toda a máscara do cocheiro era uma posta de sangue.

[(*) *escova de arame usada na limpeza dos cavalos*]

A cigana ergueu-se de um salto, e na força do instinto, temendo que o bando se atirasse à filha, correu a resguardá-la com o corpo. Mas não foi preciso. O Sousa do Casacão, encantado com a beleza e bravura da rapariga, que arfava a um canto, encostada à parede da cavaleriça, os grandes olhos negros fixos na corja e a pele quase dourada batida da luz, acercou-se da Cesária e disse-lhe, a rir, com um ar brusco e decidido:

— Não penses mais na pequena, ouviste? Fica por minha conta!

Desde essa noite, o cocheiro começou realmente a proteger a Severa. Um impulso de coração, sincero e desinteressado. Essa raça de homens tem às vezes generosidades que desconcertam. Achara linda a pequena, vira-lhe boa pinta, engraçara com ela. Vestia-a, calçava-a, sustentava-a, a ela e à mãe. De vez em quando, levava-a a casa da mulher, que lhe dava colares e bugigangas em paga de umas horas de costura. Mas a grande impressão que havia de decidir o seu destino; recebera-a a Severa na noite imediata àquela.

Por volta das onze horas, estava ela já recolhida na cama que a mãe lhe fizera sobre uma arca velha de madeira, quando a guitarrada começou lá em baixo, na cavalaria. A voz do Sousa do Casacão, vibrante e cheia de lágrimas, cantava a preceito um choradinho, com toda a gíria velhaca da Mouraria:

A tua cinta encarnada

Aperta-a bem no caminho:

Coração que é de nós dois

Deve andar conchegadinho...

A Severa, que mal começara a adormecer, acordou com o zangarrear das violas. Sentou-se na cama. A voz do cocheiro, chorando o fado, infiltrava-se-lhe na alma, percorria-lhe os nervos num estranho enregelamento, fazia-a tremer, rir sozinha, soluçar quase, para tornar a rir de novo, numa impressão violenta que lhe crispava as mãos sobre a cama, arrastando-a, dominando-a, penetrando todo o seu pequenino ser. Nem ela entendia o que era aquilo. Interrogava-se, desconhecia-se, queria tapar os ouvidos para adormecer outra vez, mas tornava a descerrá-los, ávida dessa voz que lhe ia direita ao coração, que lhe atirava à cabeça uma onda de sangue, que a agitava numa ternura ansiosa, e que a fazia espantar-se a si própria, como se uma criatura nova tivesse nascido nela. Lembrava-se, vagamente, de ter escutado na infância, aquele mesmo choro de guitarras, como um prato de cobre que lhe ressoasse aos ouvidos; mas não sabia analisar essa reminiscência, e pouco lhe encontrava de comum com o que sentia agora. Inconscientemente, levantou-se, quase nua, só com uma camisinha sobre a pele. Espreitou o leito da mãe. Viu-o deserto. A tremer, descalça sobre o soalho frio, desceu a escada. Ao chegar lá abaixo, ao pequeno pátio de poiais de pedra, tremia toda. A mesma voz, que um instante se calara, começara de novo, entre o tocar das guitarras:

Deus pôs as flores na terra,

Pôs as estrelas no ar...

Quem quiser viver no fado,

Há de sabê-lo cantar...

A porta esconsa que dava para a cavaliariça estava cerrada. A Severa encostou-se ao umbral, muito pálida, transida de comoção e de frio, os braços cruzados sobre o seio nu, e presa nos soluços daquela música desgraçada, escutava embevecidamente, perdidamente... Quem seria que cantava? Algum dos cocheiros, talvez. Não aquele em que ela cravara na véspera o aguilhão da almofaça, que esse tinha uma voz rouca e áspera como um rumor de cascalho que tomba de uma parede. Havia de ser outro. Mas quem? Quem seria? E enquanto as guitarras soluçavam, no mesmo tinido de cobre que a sua memória recordava, uma sensação contraditória de frio e de calor percorria-lhe a espinha num arrepio, dando-lhe a estranha impressão de que empalidecia e corava ao mesmo tempo.

Era a raça, era o sangue da mãe, era tudo quanto há de misterioso numa criatura que desabrocha, que encontra o seu destino e que sente que o abraçou. E a pobre pequena, enregelada, com os pés sobre a pedra gasta de um poial, acompanhava, a chorar e a rir, aquela desgraçada melodia de fado. De repente, lembrou-se que devia lá estar a mãe. Ouvira umas conversas confusas de mulheres, vindo de dentro. Viu luz a vir da fechadura, e instintivamente, espreitou.

Na visão dourada da luz, junto ao painel de uma traquitana, o homem loiro que prometera protegê-la na véspera, de guitarra nas unhas e o branco dos olhos a ver-se, parecia cantar. Devia ser ele. Aquele homem seria capaz de a levar para onde quisesse. A pobre rapariga sentia que se não estivesse lá aquela porta, já ela se teria arrastado até lá de joelhos se fosse preciso, para o ver melhor, para o ouvir melhor,

para sentir o seu bafo e a sua alma.

Era a mulher que acordava, que estremecia, que desabrochava como uma flor. Ontem, achara esse homem quase repugnante, na sua figura grosseira e louraça. Agora, gostaria de estar ao pé dele, de lhe ver bem a cor dos olhos, de se lhe encostar a ele, como agora se encostava à porta, assim mesmo, molhando-a com o seu hálito, machucando de encontro a ela a carne loura dos seios púberes. Mas a última nota expirou na boca do cocheiro, a viola foi cair sobre uma cesta de palha, e uma figura de mulher, quase nua, em tamancas, abraçou amorosamente o pescoço sanguíneo do Casacão. A Severa soltou um gemido surdo e tirou os olhos da fechadura. Tinha reconhecido a mãe. Quis espreitar ainda mais, mas sentiu a vista encandeada e turva. Nisto, um roçar seco de tairocas bateu junto à porta. A pobre pequena, tremendo de medo, descalça, aos apalhões na escuridão, subiu precipitadamente a escada. Ao chegar ao topo, bateu com a cabeça de encontro a uma trave que corria de esguelha, junto à parede, e a força da dor fê-la abater sem sentidos no chão.

Mais tarde, quando a Cesária, às escuras, ia a entrar em casa, seguida do Sousa do Casacão, deu com o pé num corpo inerte que vedava a porta. Cheia de pavor, gritou e pediu luz. Mal veio o Cambaio, com uma candeia de ferro acesa, a cigana viu com a pequena estendida no soalho, e atirando-se para junto dela, como uma cadela que salva a cria, entrou a berrar desalmadamente:

— Severa! Filha! Severa!

Quando a deitaram em cima da cama, a rapariga acordou, abriu os seus grandes olhos pisados e voltou a adormecer num sono profundo.

A cigana, essa, recolheu ao seu leito alto, seguida do Sousa do Casacão, que, sem entender nada daquilo, resmungava:

— Foi capaz de ser um acidente! E é que não foi outra coisa!

Enquanto a Cesária, à luz do candeeiro de três bicos, atirando as socas para debaixo da cama e

libertando os peitos que apoiavam sob as fitas do corpete, ia repetindo, numa toada lobrega, olhando a escuridão onde dormia a filha:

— Um acidente... Um acidente...

Afinal, o Sousa do Casação decidira-se a ser para a pequena o que fora o virtuoso sacerdote de Évora, agora defunto, para desgraça das rameiras do Monete e da Madragoa. Um belo dia disse à cigana que tornasse a mandar a pequena para o colégio, porque ele pagava o que fosse preciso. A Cesária deixou a filha em casa e foi logo ter com a Macheta. Enquanto ela saía, estava um dos cocheiros na cavaleriça, dormindo à sombra, de barriga para o ar, com um cesto de palha por cima da cabeça. Lá fora o sol ardia aquecendo as pedras da rua e fazendo fumegar o esterco das valetas.

A Severa, sozinha em casa, conseguiu abrir a porta que a mãe fechara à chave, desceu a escada com um lenço atado na cabeça, e espreitou novamente no ferrolho da cavaleriça. Não viu ninguém. Encostou o ouvido. Apenas sentiu o tinido das correntes de ferro que prendiam os ladriços, sacudidas pelas patas dos cavalos, e um roncar surdo, talvez de algum cocheiro que se emborcara a dormir na terra. Levantou a tranqueta e entrou. A grande cavaleriça silenciosa e sombria, cortada de bafio, erguia nos quatro cantos os perfis heráldicos das velhas traquitanas. No vão de uma carruagem, duas grandes botas de cava, com as suas esporas de latão, mexiam-se na sombra. Aproximou-se para ver melhor. Às botas seguiam-se umas pernas magras vestidas com umas velhas calças de ganga azul, e, por último, um pouco de palha cobria o resto do corpo. Era algum dos cocheiros, pensou a pequena para consigo. Sem se importar, esquadrinhou a cavaleriça e encontrou uma guitarra. Sentou-se num estrado velho de encontro à parede, e por tentativas, premindo as cordas na parte de cima, como já vira fazer a mãe, foi tirando sons, combinando-os, e arrançando uma toada semelhante às que ouvira aos cocheiros. Depois, acompanhando a guitarra, começou a cantar, com a sua linda voz doce, ainda trémula de comoção. Era uma cantiga que sabia de cor, porque desde pequena a ouvia à mãe e às outras da condição da mãe:

Quem tiver filhas no mundo

Não ria das desgraçadas

Porque as filhas da desgraça

Também nasceram honradas.

E sem entender o que queriam dizer aquelas palavras, que falavam de desgraça, a rapariga ia cantando, com uma voz cheia de tanta comoção, que parecia um coração a cantar. Naquela boquinha, as palavras de miséria sabiam a flores. E tanto sentimento palpitava naquela criatura de destino tão triste, que, só de se ouvir a si própria, sentia um soluço a abafar-lhe a garganta e tremia toda como uma criminoso. De repente, num volver de olhos, viu o vão da carruagem deserto, sem as duas grandes botas de cava que se mexiam na sombra, e, instintivamente, voltou-se. Junto dela, a cara do Pinóia, ainda com a cara ferida do guilhão da almofaça, bafejava. Um hálito febril. A rapariga quis levantar-se, mas a grande mão óssea do cocheiro abateu-lhe sobre a cara e fê-la cair no chão da cavaleriça, com os cotovelos ferrados na terra. Subitamente, a porta, mal cerrada na tranqueta, abriu-se, e o Sousa do Casacão apareceu, numa rajada de sol. A um rugido rouco da pequena, compreendeu tudo, atirou-se ao cocheiro, agarrou-o pelo pescoço da casaca e chapou-o de encontro à parede fronteira. Vendo o Pinóia a escorrer sangue, abatido, a pequena, num impulso de bondade, correu a socorrê-lo. Mas o Casacão cortou-lhe o passo, agarrando-a pelo pulso, e cravando nela os olhos injetados de sangue, gritou-lhe:

— Já lá para cima!

A pequena, à frente daquele homem que a dominava, que a fizera chorar e tremer, a quem ela devia a maior comoção da sua vida, não podendo agora afastar dele a ideia dos braços amorosos da mãe, atravessou a cavaleriça num olhar extraordinário, onde se sucediam clarões de ternura e de rancor. Chegando à porta que dava para a escada, voltou-se, teve um inconsciente andar airoso, e alongando os

olhos para a cavaliariça, viu ainda a cabeça ruiva do Ponóia a sangrar. Depois, a tremer, no vago desejo de ficar ao pé daquele homem que a maltratara, foi subindo a escada, lentamente.

O Sousa do Casacão, sem saber porquê, correu a vê-la subir. Os tamancos da Severa iam batendo nos degraus, num estalar seco, e, sob a roda do saioto de folhos, dois lindos tornozelos calçados de branco, galgavam, firmes e musicais, como cinzelados em prata, a sombra indecisa da escada. O cocheiro, com uma onda de sangue a latejar-lhe na cara e o coração aos pulos no peito, sentiu que uma força estranha e irresistível o arrastava a seguir aquelas tamancas, cuja palmilha vermelha bocejava ao galgar de cada degrau. E com o cachaço bovino tressuando, numa tremura de comoção, o Sousa cocheiro subiu a escada atrás da pequena, entrou com ela em casa, fechou a porta e correu cautelosamente o ferrolho.

Daí a pouco, quando a Cesária chegava, arrastando a Macheta, o Pinóia cortou-lhe o passo:

— Sobe devagarinho. Não espantes a caça!

A cigana, vendo-o a escorrer sangue, com a casaca empapada e os olhos a luzir num brilho de aço, estranhou-o e gritou-lhe com má cara.

— O que se passa?

— Vai... Bate à porta, anda. — disse o cocheiro, num riso amarelo.

— Arrancaram-te as golas, hein? — chasqueou a cigana, sem entender. — Só se perdem as que caem ao chão!

— Vocês andam sempre à luta — grunhiu a Macheta, compondo o lenço de cambraia, e começando a subir as escadas.

O Pinóia, então, cobrando uma atitude de gravidade, encarou a Cesária, e apontou a cabeça empastada de sangue:

— Foi a defender a tua filha! Os amigos são para as ocasiões!

Mal ouviu falar na filha, a cigana, no temor de uma desgraça, correu pela escada acima, como uma louca. Ao chegar ao topo esbarrou de encontro à porta cerrada. Desgrenhada, o lenço caído pelas costas, os braços magros erguidos num desespero, começou a gritar como uma cabra, ferrada contra a porta, num acordar animal do seu instinto de mãe:

— Filha! Severa!

Mas a porta não se abria, por mais que ela o quisesse, por mais que ela gritasse. Extenuada, vencida, com as mãos, ensanguentadas de se atirar aos murros à porta, deixou-se cair no chão, arquejando, rangendo os dentes, em imprecações surdas. Era a mãe cigana, querendo defender uma filha que ela detestava talvez, mas que era a mesma raça, a mesma carne, a mesma vida...

Nisto, o ferrolho rangeu e o Sousa do Casacão apareceu à porta, enquanto a pequena Severa, desgrenhada, afogueada, espreitava, arfando as narinas...

A cigana, compreendeu num relance o que sucedera à filha, e como uma loba, medindo o salto, atirou-se ao cocheiro e esbofeteou-o:

— Canalha! Canalha!

Era ver aquele tratante de alquilaria, achamboirado e robusto, a tremer, pálido como um cadáver, à frente de uma mulher que o batia, e que o insultava.

A Macheta, temendo que a cigana se precipitasse sobre a filha, agarrou no pulso da Severa e, arregaçando o capote encarnado, foi com ela, de escantilhão, pela escada abaixo.

A Cesária só largou o cocheiro quando se lembrou da pequena.

— Onde está essa cabra? Essa cabra! E entrou pela casa a procurá-la, como uma fera, esquadrinhando os vãos, os armários e as arcas.

O Sousa do Casacão, mal se viu livre da cigana, escapou-se pela escada.

Lá em cima, a pobre mulher, depois de ter corrido tudo à procura da filha, e percebendo que a Macheta a levava, vendo-se só, desamparada de todos e mais desgraçada do que nunca, lembrou-se de gritar por justiça, abriu a janela, mas um grito rouco estrangulou-se-lhe na garganta, e caiu sobre o soalho, redondamente, como um corpo morto.

Ao fundo da escada, limpando ainda a sangueira da cabeça, e com as esporas de latão luzindo ao sol nas botas de cava, o Pinóia ria.

A Macheta levou a pequena para casa, e sem coragem para vir saber da Cesária e, muito menos, para lhe vir trazer a filha, foi-a deixando lá ficar. Depois, se entenderia com o Sousa cocheiro, pensava ela.

Na mesma altura a sua velha amiga Malhada, precisada de dinheiro e pensado que a Cesária estava rica e feliz, lembrou-se de a procurar para lhe dizer que esquecesse o passado. O que lá ia, lá ia, e esta vida eram dois dias mal contados. Qual não foi o seu espanto, quando, ao entrar-lhe em casa, a viu caída no sobrado, desgrenhada e como morta. Chamou gente, acudiram-lhe, deitaram-na na cama e esfregaram-lhe o peito com vinagre. A Malhada soube então de todas as desgraças da cigana, do roubo das cinquenta moedas, dos amores do mestre de equitação, da fuga da filha; das cenas com o Diogo, de todo esse amontoado de misérias, que fazia daquela vida uma verdadeira chaga. E a pobre da rameira, em vez de pedir dinheiro, ainda por cima o deu.

Passados dias, a Cesária piorou e pediu que a mandassem para o hospital. Acordou-se que a levariam no dia seguinte, de manhã.

Nessa mesma noite, a Severa, apavorada com, as figuras de grandes mitras da loja da Macheta e danada por voltar aos cocheiros, fugiu da casa da madre Celestina, e, atravessando a Mouraria, veio ter à Rua do Arco. Ao chegar junto da cavaleriça, ouviu no gemer das violas o choradinho e a voz rouca do Pinóia regougando um fado. Em vez de subir para casa da mãe, entrou pela cavaleriça dentro. A sua aparição foi um delírio. Para que a Cesária não se apercebesse que ali estava a filha, agarraram nas guitarras e levaram a rapariga para outra cavaleriça, a do João Moisante. Passou toda a noite no meio de

uma corja de cocheiros chambões exibindo pratas nas jaquetas e revolvendo os olhos no zangarreio do fado. Desde então, a Severa estava lançada.

Na manhã seguinte, a Malhada levava a cigana a caminho do hospital.

A pobre mulher não sabia ainda da desgraça completa da filha. Ficara a Malhada de lhe ir buscar à casa do Capelão as roupas que ainda tinha e de cobrar da Macheta algum dinheiro que a beata lhe devia. Quanto à Severa, que Deus lhe desse boa fortuna. Se o bandalho do Casacão a quisesse mandar outra vez para o colégio, em paga da ruindade que lhe fizera, muito bem. Senão, que havia ela de fazer, naquela miséria em que estava?

E no caminho do hospital, à luz fresca do sol, a pobre cigana, conduzida pela Malhada, atravessando a casaria cinzenta, ia fazendo contas à vida, desde que acordara para o amor, desde que respirara o perfume de um beijo, a sua fuga com o rabequista pelos campos silenciosos, a proteção do sacerdote de Évora, o amor do eguariço, o roubo, e, por último, a maior desgraça, que era a desgraça da filha. Lembrava tudo, revia tudo, numa resignação predestinada, tendo a suprema coragem de olhar para trás, sem uma lágrima, sem um lamento, arrastando pelas ruas a sua triste palidez de fome...

Nisto, junto a S. Domingos, viram um magote de gente, velhas de saiote, saloios, comerciantes e mariolas, ajuntando-se em pinha, de pescoços esgalgados, a olhar.

— O que se passará? — perguntou a cigana. À medida que as duas mulheres se aproximavam, iam-se ouvindo, cada vez mais nítidos, uns gemidos angustiosos de rabeça.

Tomada de um pressentimento, a cigana estremeceu e parou. Dir-se-ia conhecer aqueles gemidos, aquela música, aquele choro de violino que lhe ia direito ao coração, como se quem o tocasse fosse tão desgraçado como ela...

Estugou o passo, tanto quanto a sua fraqueza e a sua doença lhe permitiram e sempre encostada ao braço da Malhada, aproximou-se da multidão.

Viu então um grande velho cheio de chagas, magro e ossudo, com uma cabeleira branca ainda entremeada de alguns pelos loiros, fazendo soluçar um velhíssimo violino, como se fosse uma alma que chorasse nas suas mãos.

A pobre cigana ao vê-lo, se a companheira a não amparasse, teria desfalecido.

Esse velho, era aquele rabequista, com quem aos dezoito anos fugira pelos campos silenciosos, sob um grande céu de estrelas..

Quando acabou de tocar, o velho estendeu o chapéu a pedir esmola. Todos lhe voltaram as costas, menos a Cesária. A pobre cigana, com os olhos rasos de lágrimas, pálida de doença e de fome, deu-lhe o último pataco. O velho encarou-a e murmurou-lhe uma bênção.

Não a tinha reconhecido.

SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO I

Passaram cinco anos. A nobreza portuguesa, já polida pelas emigrações e liberta, em fim, da influência dos frades, fazia substituir os velhos serões de Queluz, o caldo de galinha patriarcal servido em Sévres e ouro, pelos serões de arte pura em que se representavam tragédias atrás de biombos de seda, como na Restauração, e em que as célebres redoutes da princesa de Maeternich pareciam renascer dentro uma nuvem de rabecas e de damascos amarelos.

Os paços fidalgos, até aí cerrados pelo terror político, abriam finalmente as suas portas, e o nobre Conde de Parrobo, de casaca verde-bronze e cabeleira à Saint-Simon, recebia a rainha, nas Laranjeiras, por entre uma ala enorme de brandões acesos.

A Constituição trouxera na sua asa aquele mundanismo leve, espirituoso, cosmopolita, tão característico das sociedades que emigraram.

O ar freirático e pesado dos saraus dissipara-se inteiramente na revoada risonha das cabeças românticas toucadas de rosas e dos corpos esguios e musicais, quase sem sexo e sem raça, vestidos de musselina, de espírito e de perfume.

A contradança e, mais tarde, a polka, tinham já desterrado os velhos minuets de Gluck e de Martos Portugal, ao som dos quais a loura Condessa de Ega, escandalosamente decotada, se deixara cair nos braços de Junot.

A velha sensualidade espiritualizara-se na leitura dos novos romances, e os versos de Lamartine, patéticos e solenes, eram a bíblia de toda a moral amorosa e o *vade-mécum* de todos os sentimentais.

A galantaria dominava tudo, infiltrava tudo, havia professores até para a arte de pôr as gravatas, e Musard, o Paganini da dança, marcava com a sua batuta o ritmo dos grandes bailes, em que os camafeus

e os topázios — as joias da moda — cintilavam nos decotes das belas “leoas” românticas.

Depois do Manteigueiro, onde a princípio se reunia a plutocracia e a alta política, abriram-se as salas do Conde de Farrobo e do Marquês de Viana; mais tarde, as do Conde de Carvalhal e as dos marqueses de Penafiel, e, por último, os salões das Kruzes, onde se fez toda a política da Regeneração.

Cantavam-se as últimas óperas; representavam-se sainetes de Scribe no aconchego perfumado dos biombos de seda; Garrett, sempre postiço e imperturbável nos seus coletes de Brummell, dizia versos do Catão; discutia-se o sucesso da Rossi Cássia ou o fiasco da Boldrini; e a moda, a eterna deusa capaz de vencer o ridículo, decretava a “cor de sapo apaixonado” para os vestidos de baile e os chapéus “à girafa” para as tardes do Terreiro do Paço...

O palácio dos marqueses de Viana, no Rato, com a sua larga frontaria solarenga, era, por volta de 1843, alternando com as Laranjeiras, o centro preferido da nova e da velha nobreza, dos plutocratas liberais e da vieille roche marcada a esmaltes e a metais heráldicos nas folhas membranáceas do Livro do Armeiro-mor.

Precisamente no dia dos anos do Marquês, a 1 de Janeiro, houve no palácio do Rato o mais estrondoso dos bailes, — um desses bailes que bastam, por si sós, para afirmar o bom gosto e a elegância de uma época.

Os tremós,^(*) brincados de laços dourados, levantavam os seus alçados brancos sobre o damasco fulvo das paredes; as camélias japonesas, o grande sucesso da noite, iam tocar, num beijo sem perfume, os amplos tetos em caixotões; e sobre as pedras dos consolos, luziam entre as *flères* de prata, os históricos serviços de toucador, de ouro maciço, que das mãos de uma rainha bela tinham descido às mãos de uma marquesa melómana e degenerada.

[^(*)tremós = aparador com espelho alto, ou espelho colocado entre duas janelas.]

As rabecas choravam invisivelmente, num gemido, melodias das novas óperas italianas; as grandes fardas de pavão, as golas bordadas de palmas de ouro, os bofes de rendas, as casacas cor de bronze, cruzavam-se, confundiam-se numa poeira luminosa, enquanto as carnes femininas floriam em decotes quadrados, à Império, nos grandes sofás feitos para as anquinhas bojudas das elegantes do século XVIII.

A um canto, recortando o seu perfil de seda cor de fogo junto a uma grande talha de faiança da China, uma linda mulher, num meneio ansioso de cabeça, olhava amorosamente para uma figura de homem, de casaca azul e forte peito, que se ia afastando entre a farda do Conde de Ávila e o solidéu vermelho do *proto núncio* apostólico.

Essa mulher era a Marquesa de Seide, e esse homem era, nada mais nada menos, do que o nosso D. João, agora Conde de Marialva pela morte do pai, — o antigo rufião da Mouraria, que corria a murro os bandos de troquilhas e rondava a rua do Capelão na fúria sentimental dos seus vinte anos.

Quem o visse agora, na compostura do seu colete de cetim e da sua casaca de botões de prata, decerto não reconheceria nele o amigo íntimo de cocheiros e de eguariços, o amante *affiché* das rameiras da Rua Suja, tal era a gentileza fidalga do seu porte, a elegância natural dos seus gestos, a fina distinção dos seus bofes de rendas onde luziam duas grandes joias azuladas.

Evidentemente, de ninguém passara despercebido o gesto amoroso da Marquesa de Seide e o olhar de febre com que ela seguira o Conde.

Nesse momento, Garrett, que vinha pelo braço do Marquês de Niza, mostrando-lhe um belo colete de cetim branco bordado a pérolas, largou o braço do Marquês, que esboçou um sorriso complacente, e dirigiu-se à divina Seide:

— Sabe qual é o homem mais feliz que está aqui, minha senhora?

— O mais feliz é sempre o mais forte, — respondeu a Marquesa, escondendo a boca com uma grande

rosa fresca que lhe pendia da pulseira, num grilhão de ouro.

— O mais feliz é sempre o mais rico, — interveio do canto uma baronesa gorda.

E uma menina esguia e sentimental, de bandós em asas de corvo, que há instantes olhava para Garrett num encantamento, não se pôde conter ser dizer:

— O mais feliz é o mais sábio...

— Enganam-se vossas excelências, minhas senhoras, — concluiu o poeta, cravando os seus olhos verdes na divina Marquesa. — O mais feliz é o que tem a coragem de não amar, sendo amado...

— O Sr. Garrett? — interrompeu maliciosamente a Marquesa, compreendendo-lhe a intenção e mordendo o lábio.

— Não, minha senhora.

— Então o Sr. Garrett não é amado? — gemeu tristemente a menina dos bandós pretos.

— Mas quando o sou, nunca tenho a coragem de não amar, minha senhora...

— Por isso dizem que tem mais coração do que cabeça, — sentenciou a Baronesa, cujo queixo se desdobrou repentinamente em três refegos de gordura.

— Nunca se tem coração a mais, — objetou o poeta, afastando uma madeixa da cabeleira postiça que lhe tombara sobre a orelha. — O que se pode ter é cabeça a menos...

— Cabelo de menos, era o que o Sr. Garrett queria dizer...

E a Marquesa, que não perdoava ao poeta a insinuação envolvida nas suas palavras, afastou-se, num sorriso cruel, fazendo deslizar sobre o soalho, encerado o seu perfil de seda cor de fogo.

O príncipe dos poetas seguiu-a com a vista, embevecido, apesar da crueldade com que a Marquesa o tratara, quando sentiu uma mão forte e cheia de anéis pousar-lhe sobre o ombro.

Voltou-se. Era Domingos Harson.

O esteta Domingos, muito diferente também do que era quando o leitor o conheceu, metendo no dedo grosseiro da Malhada o anel do tio inquisidor, tinha adquirido uma expressão mais reflexiva e mais grave, deixara crescer no queixo uma barbicha loura, e, apesar dos seus trinta anos incompletos, a cabeleira fulva com que deslumbrara o corregedor Semblano ia abrindo no topo uma pequena calva luzidia.

Domingos Harson enfiou o braço no braço de Garrett, e com dois dedos prelatícios gesticulando solenemente, segredou, na sua voz metálica e um pouco fanhosa:

— Olha que já lá dizia S. João Crisóstomo: a mulher é o maior mal do homem!

O poeta encarou-o com o seu habitual sorriso benévolo, e olhando ainda para trás, na direção em que se afastara a Marquesa, concluiu:

— Calúnias de S. João Crisóstomo.

— A Marquesa, acha-te com cabelo a menos?

— Creio que sim.

— E tu, em compensação, achas-lhe virtude a mais?

— Talvez de mais, para mim.

— E para os outros?

— Pergunta ao marido.

— O marido não conta.

— Não conta, a que respeito?

— A respeito da mulher.

— Como assim?

— Deve estar em casa, a estas horas, a bordar o ouro de bastidor...

— O Marquês de Seide?

— E a comer folhas de rosas, enquanto a mulher aqui está fazendo uma corte descabelada ao

Marialva. Não tinhas reparado?

— Toda a gente reparou.

— E o Marialva, nada!

— Que te parece?

— Quase nada...

— Neste momento, o escarpim do Domingos Harson pisou a capa vermelha do *proto núncio*, que

atravessava a sala em direção ao bufete, e que resmungou, numa voz seráfica:

Volete aver la gentilezza... Seusatemi, in grazia...

Depois de beijarem o anel ao monsenhor Capaccini, os dois, Garrett e Domingos Harson, perderam-se na poeira luminosa das salas.

A Marquesa, essa, mal se afastou do poeta, agarrou-se ao braço da sua confidente, a Condessa de S. Silvestre, e foram recolher-se ambas na sala dos flirts, uma pequena sala Luiz XVI, cheia de biombos íntimos, onde um lindo pastor de Saxe, sobre um consolo dourado, tocava ingenuamente a sua flauta de faiança.

A divina Seide deixou-se cair sobre um sofá, levou aos olhos o seu lenço de rendas, e gemeu numa convulsão de choro:

— Ele não me ama! Fugiu-me outra vez!

Quando um amigo, numa ocasião de bom humor, perguntou ao Conde de Marialva os episódios da sua vida aventureira, desde o exílio de Lisboa por determinação paterna, até à sua volta dali a cinco anos, o Conde sorriu com o ar de quem recorda extraordinárias coisas, e limitou-se a contar aquilo a que ele chamava “o caso da bofetada”.

Internado num estabelecimento de educação, em Londres, ao mesmo tempo que o loiro e grave Domingos Harson, D. João não suportou a disciplina de animal de sangue frio a que o obrigavam, revoltou-se, combinou com o amigo, e os dois, durante uma grande noite silenciosa, escalaram os muros do colégio e fugiram, sem saber bem para onde. Andaram um dia e duas noites ao-deus-dará. Depois, quando fome apertou, lembraram-se de recorrer aos emigrados, mas a inventiva mente de Domingos Harson achou melhor meio de resolver as dificuldades e aconselhou a D. João, mestre na condução e excelente mão de rédea, que se oferecesse a Lord Chesterfield para ser seu cocheiro. Efetivamente, assim foi. Os primeiros tempos correram sem novidade. A carruagem do inglês, sempre de batida pelas ruas de Londres, fez um sucesso doido. D. João, alvo de todas as atenções, imperturbável na sua libré e na sua cabeleira empoadada, chegou a ser levado em triunfo pelos cocheiros de Regent Street. Mas um belo dia, Lord Chesterfield começou a recear a vertigem das corridas, e apesar de concordar com as excelências de D. João em quebrar o cavalo com as varas, decidiu mudar de cocheiro.

O Marialva foi despedido com todas as honras e com um punhado de libras. Mas aquela despedida ofendeu a sua honra de cocheiro que já tomava a sério o ofício, e que, para além do mais, ganhara a fama de ser o primeiro de Londres. Confiado na sua musculatura formidável, D. João planeou uma vingança que lhe desse nome, mais nome ainda do que, a fama que adquirira na condução dos coches.

O novo cocheiro era um rapaz esgaldado e enorme, com uma grande cabeça ruiva rapada à escovinha e uma placa de herpes ao canto da boca, falando por monossílabos e demorando muito sobre o interlocutor os seus olhos azuis, franzidos e frios. No dia seguinte devia começar o serviço. D. João

cedeu-lhe as grandes botas, o resguardo de ferro da caneleira direita, as esporas prateadas, a cabeleira em bucras empoados a libré, deu-lhe conta dos cavalos, das traquitanas, do coche rico, dos eguações que aguardavam a um canto, toscos e sujos, e, para a despedida, assentou a mão tão rudemente sobre as nádegas do novo cocheiro, que o fez vergar pelos joelhos.

No momento em que a carruagem, guiada já pelo outro, recebia pela primeira vez Lord Chesterfield junto à porta de ferro do palácio, D. João, que estava à coca, arrancou de um salto, levou uma das mãos ao eixo traseiro da traquitana, a outra aos varões torcidos do portão, e seguro da sua musculatura de hércules, gritou para o cocheiro:

— Ora anda lá agora, se és capaz!

O homem cravou as esporas no frisão da sela, fez assobiar o chicote, os dois cavalos escarvaram a terra, de músculos retesados, mas, com grande pasmo do inglês, a carruagem continuava parada. Os braços férreos de D. João anulavam a energia dos frisões fogosos, cujas ventas fumegavam e cujos tornozelos feriam lume ao agarrar o chão. E enquanto o cocheiro ensanguentava as costas do cavalo, o fidalgo inglês, furioso, saltou da carruagem brandindo uma bengala de unicórnio, que sibilou no ar. Mas o Marialva, leve e ágil, limitou-se a largar o eixo da carruagem, que abalou numa correria doida, e desviando o golpe do inglês, assentou-lhe na face balofa a mais lusitana de todas as bofetadas.

Era esse o único episódio de Londres que D. João contava aos seus amigos mais íntimos.

O resto conservava-se um mistério para todos.

Pouco depois, D. João voltava de Londres para tomar parte, como tenente de cavalaria, nas lutas que ainda ao tempo ensanguentavam Portugal, e ao fim de alguns anos de aventuras estava de novo, em Lisboa.

No entanto, ao contrário do que se poderia julgar, não voltou a pôr os pés na Mouraria, cujos recantos, cheios de cruces de tijolo e de sombrias persianas mouriscas, a sua saudade por vezes revia,

numa vaga indecisão de sonho.

Não lhe convinha voltar àquela vida, — justamente porque nascera para ela. Se lá voltasse, pensava ele às vezes, seria a volta ao fado, ao zangarreio das violas, ao amor das rameiras, ao correr das feiras e às brigas de navalha. Não podia ser. Tinha recebido por herança uma casa arruinada, uma nobre tradição e um grande nome. Era preciso restaurar uma e respeitar os outros. O seu brasão de família, esquartelado no teto dourado da sala dos Veados, no velho paço sintrão, já o arrastara demasiado pelas ruas da Mouraria, entre a cambada dos troquilhas bêbedos e a desgraça das putas de rua. A sua juventude aparecia-lhe agora cheia de vergonhas e de misérias; e entretanto, ao pensar nela, o sangue alvoroçava-se-lhe ainda e todo ele tremia de comoção.

Nessa noite, no Palácio do Rato, ao ver-se estreitado naquele insuportável colete em busto de abelha bordado de prata, naquela casaca que o obrigava a uma atitude, naqueles punhos de bretanha que lhe estalariam se tentasse um esforço, ao olhar para si mesmo, sentiu uma saudade enorme da sua antiga casaca de veludo tinindo argentarias, da sua cinta fadista de seda preta, do seu chapéu castoreno de abalroar, e, mais que tudo isso, saudade do seu próprio coração, que não tornara a bater como nessas noites de amor, e que ele quase desconhecia agora, a ponto de pensar que já não era o mesmo coração.

E que admirava que lhe tivesse ficado por algum desses velhos nichos da Mouraria, preso até que ele voltasse a buscá-lo, depois da sua longa viagem de dez anos?

De pensamento em pensamento, foi transigindo com a ideia de lá voltar, sem que ninguém o visse, embuçado na sua capa de veludo preto, como uma criatura que vai cometer um crime.

Que seria feito da Cesária? Já não vivia, talvez, atirada como as outras para esse esgoto do hospital, como um animal que já não serve para o prazer humano, como um farrapo que já se não veste mais..

E essa adorável pequenita, de olhos cheios de clarões extraordinários e de lindos cabelos quase roxos, por onde andaria com o seu vintenzinho de S. Luiz ao pescoço, e as suas tairocas miúdas que estalavam no chão? Fosse lá saber-se!

E no velho palácio do Rato, nessa noite de baile, atirado para o canto de um sofá, olhando os Ciobelins da parede onde tumultuavam as batalhas de Alexandre, D. João ouvia o gemido dos violinos na vaga ilusão de que estava a escutar as violas da Mouraria...

Justamente nesse momento, uma mulher vestida de damasco chamejante que a luz esbraseava, apareceu à porta, passou à frente do Conde, como quem passa por acaso, e deixou cair junto dele um pequeno leque de rendas.

Era a Marquesa. D. João curvou-se para o apanhar, e entregou-lho. Ela aceitou o leque, muito trémula, as narinas a arfar e ousou dizer, depois de um momento de hesitação:

— Obrigada, Conde. Procurava-o há tanto tempo! Já é a segunda vez que me foge, esta noite...

— Eu?

— É cruel, muito cruel, sabe? Ou não me entende, ou entende-me demais...

— Eu, Marquesa?

— Procurava-o há tanto! Toda esta gente a separá-lo de mim!

— E em que poderei eu ser-lhe útil, minha senhora?

— Pergunta-mo para me torturar? Olhe que não é modos de um fidalgo tão gentil como o Conde, fazer sofrer por gosto uma mulher. A mulher é sagrada, quando sofre...

— Procura-me para me falar do senhor Marquês, decerto. Agradeço-lhe a honra, minha senhora.

A loura Seide, trémula de comoção, deixou-se cair sobre uma poltrona, escondeu uma lágrima, teve um instante de silêncio, e depois, serenamente, como uma criatura que joga a última cartada, articulou num fio apagado de voz:

— Não o procurei para lhe falar do meu marido... Procurei-o para lhe dizer o que uma mulher nunca deve ser a primeira a falar a um homem, sem abdicar da sua dignidade. Para lhe dizer que o amo,

Conde, com a insensatez das criaturas que muito sofrem porque muito amaram... O Conde é severo de mais para mim e o seu olhar faz-me mal. Mas que quer? Que esconda por mais tempo o que é para a minha alma uma tortura esconder? Que seja virtuosa e que respeite o meu nome? Mas a minha virtude não vale o desespero de não o amar, o prazer de descer porque o amo muito, a glória de me chamar sua, muito sua... Tenha piedade de mim! Veja como eu estou, que febre é a minha, em que loucura caí, e não me olhe dessa maneira, por Deus lhe peço, por alma da sua mãe... Eu amo-o, Conde! Amo-o, o mais desgraçadamente que uma mulher pode amar! Tenha dó de mim!

Nesse momento, D. João, sereno à frente da preciosa Seide e quase tão pálido como ela, murmurou numa expressão de frio respeito:

— Permita-me, minha senhora, que eu tenha a honra de lhe beijar a mão.

D. João retirou-se cedo do baile. O Marquês de Niza e Domingos Harson acompanharam-no.

Estava uma linda noite de luar, e uma luz azulada e vaga estremecia nas casarias velhas do Rato. Mal viu aparecer D. João, o cambaio, sempre à coca, gritou para os cocheiros:

— A traquitana de sua Excelência o Sr. Conde de Marialva!

Aproximou-se uma velha traquitana brasonada, húmida do relento, e cujas quatro rodas enormes saltavam nas pedras irregulares do largo.

O cocheiro descobriu-se. As ventas dos cavalos fumegavam na humidade.

D. João, o último a subir, aconchegou ao pescoço a sua grande capa de veludo preto e gritou para o cocheiro:

— Para a Mouraria!

Um instante mais e a traquitana abalava de batida, cortando, num rodar matraqueado, o silêncio da noite.

D. João decidira-se, finalmente, a tornar a ver esse grande coração de pedra, que era o bairro doloroso do fado e do amor.

A sua comoção ao enxergar de novo aqueles velhos becos roídos onde a piedade cristã abrira de canto em canto um registo de azulejos, seria mil vezes maior se fosse sozinho. Por isso procurara a companhia do Niza e do Domingos Harson, a quem a saída tinha sorrido pelo imprevisto. O esteta Domingos, por cuja cabeça nunca mais passara a ideia de voltar ao Capelão, chegou a entristecer na evocação sentimental das carnes louras da Malhada, das suas lindas socas palmilhadas de saia vermelha, da profunda comoção dos seus beijos triste, de tudo quanto essa pobre criatura de fado lhe fizera sentir, nessa casinha humilde da Rua Suja, que era uma das recordações mais vivas da sua juventude.

E os três, Niza, marialva e Domingos Harson, lá foram, na grande traquitana desengonçada, em cuja ilharga, sobre campo de goles, se alinhavam três heráldicos besantes de ouro.

Durante todo o caminho, o loiro Domingos falou do passado, dos bons tempos em que a Mouraria era a sua Citera, das anedotas de rua que corriam no seu tempo, da saia gomada de uma, do jarrete fino de outra, das idas ao Colete Encarnado, das esperas de touros nas Marnotas.

Só o Marialva se conservava silencioso e triste.

Era a saudade da altura que não voltaria mais, dos beijos que nunca mais se dariam, das almas perdidas que tinham abraçado a sua, por essas alfurjas sombrias em que se esgotava o prazer sem ter conhecido o amor.

— Onde estamos? — perguntou de repente D. João.

— No Rossio, — respondeu o Niza, debruçando-se.

E um ar cortante de madrugada roçou a barba do Marquês.

A hora era excelente para essa visita de grandes do reino ao seio amargurado da Mouraria. Enquanto o sol não rompesse, nenhum antigo conhecimento poderia estorvar D. João.

— Excelente hora para viajar incógnito! — aventurou o Domingos Harson, compondo o peitilho de bretanha onde tremiam joias como gotas de sangue.

Dali a pouco, a traquitana passava o Arco do Marquês de Alegrete e entrava na Mouraria silenciosa.

O Marialva foi o primeiro a sair, apoiado ao punho que o cocheiro lhe estendeu. Em seguida desceu o Domingos, e, por último, o Marquês de Niza, que deu um riso amarelo ao poisar o sapato de verniz no chão pedregoso.

— Efetivamente, não é o piso mais próprio para sapatos de baile, — comentou serenamente o esteta, compondo os anéis da cabeleira.

E dada ordem à traquitana para esperar, debaixo do Arco, os três amigos foram subindo a rua.

A certa altura, Domingos Harson parou, imobilizou-se numa das suas atitudes grandiosas, e, com o ar grave, de quem lê uma lápide, monologou, no silêncio da noite:

— Foi aqui, neste lugar, que o corregedor Semblano prendeu o esteta Domingos Harson, oriundo de família inglesa e pessoa de bem, por ter tido o péssimo gosto de concorrer com ele na posse de uma bailarina do Salitre, madame de idade incerta, motivo pelo qual toda a gente concorda em que Domingos Harson foi muito bem preso. E em memória do feito se mandou colocar esta lápide, que...

O Niza e o Marialva agarraram-lhe os braços e foram-no levando, Mouraria acima, até aos ressaltos sombrios do Capelão. Quando lá chegou, já ia concordando em que, afinal de contas, a bailarina do Salitre não era nada má, com as suas unhas, róseas de pétala e os seus jarretes finos de cavalo de corridas, e em que, a prisão e mais patifarias do corregedor Semblano não passavam de uma reverendíssima pouca-vergonha.

Mas, para o fim, era já só o Niza que o escutava. O olhar saudoso do Marialva perdia-se pelos velhos casinholos onde a sua juventude conhecera os primeiros beijos, pelas acanhadas janelinhas por onde tanta vez vira nascer o sol.

Nada tinha mudado. As mesmas ruas escuras, onde, aqui e ali, se erguiam uns telhados flamengos, cortados em bico, sem uma pequena janela de rua a bocejar ao alto. À esquina do Capelão, a mesma casa da Cesária, com o seu duplo ressalto coalhado de sombras e as grades verdes fechadas, parecia esperar ainda D. João, como nessas noites de outro tempo, em que as suas esporas de prata retiniam pela Mouraria silenciosa. Era ainda a mesma casa, tinha a mesma expressão acolhedora, como se uns braços de amante se abrissem lá dentro para ele. Quem dormiria ali, àquela hora, entre essas quatro paredes toscas; nesses quatro cantos por onde ele deixara tanto beijo perdido? Talvez ninguém. Talvez alguma desgraçada, que sofresse naquele instante a grande dor de amar por ofício. E ao alto, na estreita nesga de céu que se enfiava na rua, as estrelas, numa tremura de ouro, pareciam chorar ainda, como noutro tempo...

De pensamento em pensamento, o Marialva ia evocando todos os seus amores da Mouraria, e o último, sobretudo o último, o dessa linda cigana de olhos metálicos e ferozes de loba, que o amara com uma violência de escorraçada e com uma ternura de cadela.

Perante a saudade dessa criatura que ele pensava estar vendo ainda, com as suas saias de ganga restolhando folhos e os seus pendentes coruscando na orelha, a ideia da Marquesa, que se lhe oferecera entre lágrimas, parecia-lhe uma fria, uma simples banalidade sentimental.

Quando acordou das suas reflexões, apontou ao Niza a casa que fora da cigana.

— Aquela das persianas corridas? — inquiriu o Marquês.

— Aquela mesma. Faz-me saudades. Era a casa da Cesária, uma pobre criatura que me trouxe no coração e a quem eu paguei com dois pontapés...

— O que se não pode dizer que fosse uma excelente moeda, — articulou o Domingos, com uma flegma saxónia, estendendo a capa sobre um degrau e sentando-se comodamente.

O Niza, a quem aquelas coisas sempre interessavam, quis saber a história da cigana: quem era, se D.

João a tornara a ver, ou se alguém lhe falara dela.

— Não, Nunca mais a vi.

— Há onze anos?

— Quase onze.

— E morava aqui?

— Nesta primeira casa. Aquela janela pequena. E os dois, mesmo por debaixo do velho ressalto alpendrado, olhavam a rua da janela, abstratos.

— Que será feito da mulher? — aventurou o Niza.

— Naturalmente, morreu.

— Talvez...

— Como tudo isto faz saudades! Lembras-te, Domingos...? Quando eu vinha lá ao alto do Capelão, de chapéu para os olhos e acicates de prata, e entrava a chamá-la:

— Cesária! Cesária!

E como se o pronunciar aquele nome de juventude e de amor o transportasse, num encantamento, aos velhos tempos da Mouraria, D. João, sem saber porquê, pôs-se a chamá-la como dantes, na sua voz quente e sonora:

— Cesária! Cesária!

Nisto, a persiana da janela abriu-se ruidosamente, como nos bons tempos da cigana, e uma voz rouca de mulher cortou o silêncio num grito indefinível.

Quando os três amigos, entreolhando-se, se iam a aproximar da porta, um vulto desvairado desceu a escada de repente, tropeçou nos últimos degraus, e, numa queda desamparada, veio cair de borco sobre

as pedras da rua.

Era a Cesária.

Apesar de envelhecida e fatigada, de todo o trabalho da altura e da miséria naquela carne que fora soberba e triunfante, apesar da lanugem mais forte que lhe assombreava o queixo e lhe valera a alcunha de Barbuda, D. João reconheceu imediatamente a cigana, a joia antiga da Mouraria, a antiga beleza ousada que fora o ouro sem defeitos do Capelão.

Num impulso caridoso, vendo-a estatelada na rua, acurvou-se para a levantar. Mas a cabeça tombou, descobrindo um pescoço já encordado de veias, e o corpo da Cesária, pesado e inerte, caiu de novo na terra.

— Estará morta? — interrogou o Niza, comovido, olhando essa desgraçada a quem Deus não pediria contas, pelo misericordioso perdão de ter amado muito.

Domingos Harson, que por acaso reparou um fio de luz na escada por onde se tinha precipitado a cigana, subiu, a ver se topava alguém que acudisse.

Ninguém. Apenas um candeeiro de latão de três bicos, aceso sobre uma arca, fumegava melancolicamente. Agarrou nele, e desceu. Ao chegar de novo lá abaixo, o Marialva correu-lhe ao encontro:

— Não está morta. O coração bate! E tomando o candeeiro das mãos do Domingos, D. João curvou-se de novo junto da Cesária, sobre a capa de veludo que lhe caíra dos ombros, e aproximou-lhe a luz da cara. Sobre as pedras corria um fio de sangue.

— Não foi nada, — sossegou o Niza. Quebrou a cabeça na queda e desmaiou.

— Respira, — disse alegremente D. João, chegando à cara a boca da cigana para lhe sentir o bafo.

— O melhor era vocês agarrarem nela em charola e levarem-na lá para cima, — lembrou Domingos

Harson.

Naquele “vocês”, cheio de comodidade, o loiro Domingos, arranjando sempre o seu peitilho de bretonha salpicado de joias, excluía-se prudentemente.

O Niza, concordando mais do que nunca em que aquele piso era detestável para os sapatos de baile, não se conteve e disse ao Domingos:

— Homem! Tiraste-me o “vocês” da boca...

E enquanto os dois, Marquês e Domingos Harson, ficavam naquele elegante jogo do empurra, o Marialva, como quem pega numa pena, ergueu nos braços o corpo desfalecido da cigana e galgou com ele a escada.

Ao entrar nessa casinha tão sua conhecida, onde nada parecia ter mudado, desde os poais de tijolo, no vão da janela, até à cantoneira cheia de loiça, D. João pousou a Cesária sobre a cama, aconchegou-lhe as saias, e afastou-lhe piedosamente dos olhos os cabelos ensanguentados.

O Marquês e o Domingos, um pouquinho pálidos, subiram em seguida a pobre escada, gasta, e iam perguntar a D. João se ele estava decidido a ficar ali, quando o Marialva lhes estendeu a primeira tigela que encontrou, um caco com as pinturas amarelas da Bica do Sapato:

— Se vocês me arranjassem uma gota de água é que era bom!

O Marquês aceitou a tigela e ia a passá-la ao Domingos Harson, quando o loiro esteta, esquivando-se no mais amável dos sorrisos, atalhou, sem pestanejar:

— O pote está ali dentro.

Daí a pouco, o Niza, que ainda não desmanchara a sua bela casaca romântica e a sua cabeleira à Capoul, trazia cheia de água, em equilíbrios prodigiosos, a tigela da Bica do Sapato. Lavado o sangue da testa da cigana, que ainda não voltara a si, nem com o empaparem-lhe a face em água fria, Domingos

Harson, já de chapéu na mão e embrulhado na sua ampla capa de fechos de prata, gritou da porta a D.

João:

— Vens?

— Vão vocês. Eu fico. Mandem-me a carruagem daqui a uma hora.

O Niza e Domingos Harson desceram a escada, cautelosamente, tateando a parede. Já nos últimos degraus, o Marquês voltou-se ainda para D. João, que aguardava no topo:

— E que diabo ficas tu cá a fazer?

Comovido, o Marialva, fechando a porta, respondeu em voz baixa:

— Espero que ela acorde.

Quando, daí a uma hora, a traquitana parou de novo à esquina do Capelão, conforme as ordens do Conde, já a Cesária, com os seus grandes olhos cheios de febre e as faces magras borrifadas de sangue, desabafava há muito os horrores de onze anos de desgraça, de fome e de vergonha.

D. João, sentado ao canto de uma arca, o olhar descido para o soalho, os braços cruzados sobre o peito onde luziam joias, ouvia confrangido, num estranho e intraduzível sentimento de piedade, como se toda aquela miséria fosse obra sua.

Mas a pobre não o queria magoar, de nada o culpava; fora o seu mau destino, a força da sua desgraça, a má estrela com que nascera. E tudo lhe ia contando, fomes, revoltas, amores e misérias, como se estivesse falando para si mesma, na certeza de que estava ali um coração a chorar com ela. E enquanto ela falava, uma grande compaixão se ia avolumando na alma do Marialva, não só por aquela mulher que sofria, mas por todo o sofrimento humano, tão desconhecido dos felizes como se estivesse a cem côvados abaixo da terra.

De repente, depois de ter falado muito, nessa dolorosa loquacidade que é o desafogo dos desgraçados,

a Cesária calou-se, olhou para o Conde com os seus grandes olhos vidrados de lágrimas, e gemeu numa voz rouca e fatigada:

— Eu não sei se estou a enfadar...

D. João abanou a cabeça num gesto negativo, e percebendo que a pobre mulher fazia esforços sobre-humanos para conter as lágrimas, puxou-a para junto de si, aconchegou ao peito aquela cabeça envelhecida, e murmurou, docemente:

— Não tenhas vergonha de mim... Chora, Cesária... Chora à vontade!

Durante alguns minutos de silêncio, enquanto pela grade da janela se começava a perceber a claridade da manhã, a pobre cigana, cingida ao peito do Marialva, a arquejar em soluços, chorou longamente, aliviadoramente, sagradamente, naquela doçura de alma que só podem sentir os que muito sofreram na vida.

Quando a Cesária ergueu a cabeça para limpar as lágrimas ao pano da saia, D. João olhou-a e perguntou-lhe, numa voz branda:

— E a tua filha?

A pobre mulher estremeceu com aquela pergunta inesperada. As feições contraíram-se-lhe, baixou os olhos para o soalho e respondeu:

— Está no Bairro Alto.

E como percebesse no Conde um doloroso, movimento de lábios, toda ela se desculpou em palavras de aflição:

— Fiz tudo quanto pude para a salvar daquela vida... Até à última moeda, até à última gota de sangue... Mas se ela era minha filha, que havia ela de ser senão desgraçada!

— Não a tens visto?

— Nunca mais a vi. Aquilo foi sempre uma cabra para a mãe!

Enquanto a Cesária, atando e desatando maquinalmente as pontas do seu lenço, esguelhava os olhos em clarões de fera ao falar na filha, pelo espírito saudoso do Marialva passava a figurinha magra da Severa de outro tempo, com a sua linda pele trigueira e as suas pupilas douradas cheias de uma ânsia animal de liberdade...

— Antes me disseses que ela tinha morrido — articulou D. João depois de um silêncio, enquanto o sol nascente, numa poeira luminosa, atravessava a janela.

E a Cesária, os cotovelos ferrados nos joelhos e os queixos entre os punhos cerrados, rezingou ainda, num rancor surdo:

— Que Deus lhe dê também uma filha igual, para ela saber o que a mãe sofreu! Rogo-lhe esta praga, cá de dentro! Uma filha, que seja tão cabra como ela!

Nisto, bateram à porta e a voz roufenha do cocheiro grunhiu de fora:

— A carruagem está às ordens de sua Excelência o Sr. Conde!

D. João puxou para os ombros a sua grande capa de veludo preto e gritou para o cocheiro:

— A carruagem que espere.

Ouvindo-o chamar de senhor Conde, a Cesária, que o conhecera sempre por D. João, olhava-o aparvoadamente, arregalando os grandes olhos tristes e reparando pela primeira vez na casaca, nas joias, no peitilho de bretanha do Marialva, salpicado agora de pequenas gotas de sangue. Fora sobre o peito de um homem de tanta grandeza que ela chorara aquelas suas lágrimas, caladas durante anos inteiros, numa dor surda de escorraçada... E esse homem, que teria decerto os respeitos de toda a gente e à frente de quem se tirariam todos os chapéus, não desdenhara de a abraçar como a abraçava noutro tempo, com um coração que era o mesmo ainda, com uns braços que ela ensinara a abraçar.

E naqueles lábios, cansados e murchos, um grande sorriso floriu ainda, como uma ressurreição...

D. João levou o chapéu para os olhos, embuçou-se melhor no rebuço da capa, e sem que a cigana percebesse, deixou esquecida sobre a arca uma bolsa de prata cheia de moedas. Depois, prometendo voltar, abraçou de encontro ao peito, ainda por piedade, aquela sombra do mais lindo corpo que o sol da Mouraria conhecera, e, descendo a escada, sumiu-se nas sombras da velha traquitana.

— As ordens de Vossa exa? — interrogou o cocheiro, derrubando o seu grande chapéu de pêlo de coelho, que lhe ressoou como um bombo nas caneleiras de ferro.

— Para o Bairro Alto! — ordenou por fim D. João, cujos olhos se acenderam numa claridade, súbita.

E depois de um silêncio, enquanto o cocheiro, já montado, compunha o loro do seu estribo de latão, o Conde afastou de novo a cortina da traquitana, e como quem sacode um mau pensamento, gritou:

— Não... vamos antes para casa!

D. João dormiu mal. Dentro de si próprio, no seu íntimo, havia alguma coisa que o acusava, como se aquela ressuscitada que lhe chorara nos braços, esse Lázaro de amor, fosse obra sua.

Mas não era o remorso — remorso de quê? — que lhe tirava o sono. À ideia da Cesária, outra mais inquietante e mais forte se sobrepunha, a da pequena Severa, cuja infância ele recordava com uma ternura infinita, e que a fatalidade do destino atirara para a mesma desgraça da mãe.

Agora, todo o Bairro Alto, com a sua malta de rufiações, toda a safra violenta dos cocheiros de alquilaria, todo o bando de chapéus castorenhos ardendo em cio pelas sombras, toda aquela onda impura teria passado de roldão sobre o lindo corpo que ele conhecera em flor, dourado de lanugem e velado de pureza. Mais alguns anos, e a pequena tímida do Capelão, amimada pelos poiais das rameiras, avezita trigueira e crestada do sol, mais alguns anos, e essa criança teria feito desfalecer e cair uma multidão. A ideia desse bebedouro de corvos impressionou dolorosamente o Marialva, sem que ele compreendesse bem porquê. Que tinha ele de comum com a pequena, ou em que podia interessá-lo uma

desgraça a mais? E entretanto, não podia afastar dela o pensamento. Via-a com os olhos da imaginação, procurava, através da criança de ontem, reconstituir a mulher de agora, com a sua anca forte, os seus olhos enormes de cigana, a apoiadura do seu peito farto de pomba, a insolência ramalhuda da sua larga saia amarela de ganga. Como estaria ela? Seria ainda a mesma criatura tímida, com repentes súbitos de energia e ânsias selvagens de liberdade, ou ter-se-ia abastardado no vício e na devassidão?

No dia seguinte, como nos outros dias, pensou em procurá-la no Bairro Alto. Fora a sua primeira impressão, na noite em que encontrara a mãe; mas conseguira dominar-se. Para quê? Para a proteger? Para a regenerar? Para a salvar? Ah, não. Ele bem reconhecia, no fundo da sua consciência de homem, que obedecia apenas a um irresistível movimento de curiosidade sensual. Chegara de uma vez a perguntar por ela a um ferrador da Rua da Rosa das Partilhas. Mas antes de receber uma resposta, tinha-se afastado, oculto no rebuço da capa, obedecendo a esse vago instinto que leva todos os homens a fugir, no primeiro momento, das mulheres que hão de fazer a desgraça ou a felicidade da sua vida.

Mas, quando menos D. João o esperaria, produziu-se um acontecimento que o desconcertou.

De repente, ele, que tinha imaginado a Severa uma criatura de sombra, feita para a desgraça de um amor vergonhoso, condenada ao mistério das chagas que se escondem, ouviu falar dela em plena luz do dia, discutida pelos cantos dos salões, nomeada nas folhas dos jornais, como uma criatura ousada e extravagante, vinda não se sabia de onde, filha não se sabia de quem, mas atrevida, violenta, pitoresca, vivendo das histórias e do escândalo, chamando as atenções de toda a gente, como uma bandeira vermelha a vibrar ao sol.

O caso que lhe criou esta celebridade correu logo de boca em boca, vertiginosamente, como um pregão, ampliado pela imaginação colorida do povo.

Ao ouvi-lo contar, por acaso de uma tenta de gado em Salvaterra de Magos, D. João duvidou de que se tratasse da mesma Severa, dessa linda pequena que ainda pensava estar a ver, encolhida e tímida, na sombra de um poial de tijolo.

Quando lhe perguntaram se porventura a conhecia, ficou quase convencido que não seria a mesma que respondeu, do alto do seu pezenho, compondo o loro das estribeiras de prata:

— Não. Não sei quem é.

De facto, como poderia aquela criança terna, triste e delicada, ter florido assim numa aventureira brigona, capaz de varrer feiras e de endoidecer os homens?

A história que se contava era que um dia a Severa, andando uma bela noite de Jou para Jales, à vadiar com um grupo de fidalguetes e de gandulos de cinta encarnada e espora num pé só, tinha encontrado o anão das Bernardas — um pobre diabo, curto como um cepo e monstruoso como um cogumelo.

Dali a dançar à frente do anão, foi um piscar de olhos. As chalaças(*) ferviam à frente do pobre bicho, que ria com os dentes amarelos e metia os dedos à boca, em assobios estridentes.

[(*) *chalaças = um tipo de sapato*]

Isto era no terreiro de S. Roque, mesmo em frente à igreja.

De repente, a Severa teve uma ideia, derrubou o lenço, cravou no chão a soca luzente e disse para o bando:

— Eh, rapazes! E se nós metêssemos o anão na roda?(*)

[(*) Chamada “Roda dos enjeitados”, ou “Roda da Misericórdia”, ou ainda “Roda dos Expostos” era um tipo de armário, com uma estante giratória dentro, que as igrejas punhas incrustado entre o interior e o exterior da igreja, para ser utilizado pelas mães, que não podia cuidar dos filhos recém nascidos, e que assim o davam à guarda da igreja. A ação consistia em meter a criança, — fora do edifício para salvaguardar o anonimato da mãe — em cima da roda dentro do armário que ao rodar punha a criança dentro da igreja, salvando-a do frio. Este instrumento remota à época medieval e surgiu em reação à pratica que antes se usava de deixar o recém-nascido enjeitado à porta das igrejas durante a noite, o que resultava que muitas das crianças encontradas mais tarde se encontrassem já mortas devido

Foi um sucesso. A malta grasnante dos fidalguetes agarrou o anão no ar, e mesmo assim, de chapéu alto e casaca de briche, atirou com ele lá dentro, e rodaram a roda, que girou nas visagras.

O pobre diabo, preso não se resignou à condição de recém-nascido, exposto na Santa Casa aos quarenta anos de idade, e desatou a gritar num desespero de encontro às paredes.

Cá fora, no terreiro, uma algazarra tremenda, um vozear matraqueado, que fazia redobrar de violência, no seu nicho de ferro, o pobre anão das Bernardas.

A certa altura deixou de ouvir-se o esbracejar do patusco. A porta abriu-se, e o anão saía da roda com a chapelorra num boio, a cara congestionada de fúria, os olhos a chispar de ódio, em meio dos apupos e das vaias que se ouviam.

Pouco depois, a Severa era presa em casa, por ter metido o idiota das Bernardas na roda da Misericórdia.

A meio do caminho, fugiu, numa rapidez nervosa de cabra. Correram-lhe na calçada e não a agarraram. O número de perseguidores aumentou e foi posto um grupo de cães a seguir na peugada da rapariga.

Por fim, foram dar com ela sentada descansadamente no poial da porta, a cantar o fado, de guitarra nas unhas. Mas tão milagrosamente, com tanto coração em cada nota, numa voz tão molhada de lágrimas e tão cortada de soluços, que a guarda, suspensa, ficou a ouvi-la, sem lhe tocar, abrindo um círculo em volta dela, numa imobilidade absoluta e num silêncio pasmado.

Quando o anão apareceu, ainda a vociferar, vermelho de fúria, a multidão abafou-lhe a voz e enxotou-o.

Ao ouvi-la, aqueles homens sentiam na garganta um travo de comoção, como se toda a sua raça

estivesse ali, naquele fado que os abalava dos pés à cabeça, naquela voz que ao mesmo tempo chorava e ria, gemia e gritava, sob a palpitação de cobre das violas.

A notícia de que havia no Bairro Alto semelhante joia de sentimento, correu depressa, sobretudo no círculo da fidalguia, sempre ávida de novidades.

Atrás daquela história, os noveleiros foram logo arranjando outras, episódios foliões de valentia, arrancos de heroicidade máscula, de envolta com a lenda dos seus braços quase viris, percorridos por uma sombra trigueira.

Começou-se a falar na Severa, a cada canto, a cada esquina. Não havia partida que os jornais não contassem. As outras rameiras, todo o Bairro Alto em peso, adoravam-na e imitavam-na, desde as atitudes até ao calão, desde a valentia até à generosidade. As suas posturas de desafio, cabeça recuada, numa onda negra de cabelos, e perna ferrada à frente numa energia ferina, eram copiadas pela malta do Cunhal das Bolas.

Todos conheciam a Severa, ou pelo menos tinham ouvido falar dela, e as suas últimas partidas corriam de boca em boca, num formidável sucesso de gargalhadas. Depois, dizia-se que tinha um coração compadecido e terno, que dividia todo o seu dinheiro com as desgraçadas ao pé da porta, e — o que era o mais importante, para a nossa imaginação de lisboetas! — que tocava e cantava o fado como ninguém ainda tocara e cantara em Portugal.

D. João comparava a Severa que ele conhecera aos oito anos, com esta outra que a lenda criara, e, por mais que tentasse, não as podia conciliar. No entanto, a incompreensível atração que o arrastava para ela ia-se tornando, de dia para dia, mais imperiosa e mais violenta. Era preciso reagir, combater todos os arrancos do seu sangue, triunfar em si próprio, ser mais canalha, mas mais elegante e, para se distrair, “*travailler dans les femmes du monde*”(*) como um aventureiro sem escrúpulos.

[(*) *Tradução do francês: meter-se com as mulheres do mundo*]

O remédio mais eficaz seria esse. E o perfil rosado e loiro da viperina Seide passou-lhe à frente dos olhos, como naquele serão do Rato, entre camélias brancas e topázios dourados.

Por esse tempo estava a Boccabadati (*) em S. Carlos, desvairando as plateias com a sua beleza miúda de esmalte humano, os seus dezoito anos floridos e a sua voz de cristal.

[(*) *Luigia Boccabadati foi uma cantora italiana de ópera muito famosa na altura. Passou por Lisboa diversas vezes em tournée pelas salas de ópera europeias*]

A Marquesa, grande amadora de canto, era certa estar lá todas as noites numa primeira ordem, graciosa como uma aguarela de Eugênio Lami, envolvendo a perfídia do seu sorriso numa charpa de musselina cor-de-rosa.

D. João vestiu a sua casaca irrepreensível, sobre um colete aberto, bordado a soutache de prata, e encaminhou-se para S. Carlos.

Tomado um bilhete para a plateia, entrou. Estava-se no primeiro ato da Ana Bolena. A Boccabadati, coberta com uma nuvem de flores, o cabelo em bandó encanudando na orelha, a alta gorjeira de rendas aberta em resplendor, os dedinhos delgados como fusos de prata a gesticular, levantou a plateia numa ovação enorme, violenta e meridional.

Mas a D. João tudo passou despercebido. Fixo exclusivamente no seu plano de vitória sobre si mesmo, cravara os olhos romanticamente no camarote da Marquesa, cujos cabelos fulvos se torciam em guinguetas num penteado de rosas.

A divina Seide, para quem a atitude do Marialva era verdadeiramente inesperada, sentia-se

empalidecer sob o seu olhar apaixonado e quente. Ferida como estava no seu amor próprio de, mulher, quis ainda dissimular, aparentar frieza, desviar os olhos, como se o Conde lhe fosse um estranho, como se todos os seus nervos não estivessem a vibrar.

Ele recusara-se quando ela o procurara, trémula de paixão. Agora, só ao preço de uma corte em forma, só depois de o ter feito ajoelhar-se, humilhar-se, enroscar-se-lhe aos pés, vencido e suplicante.

Por seu lado, D. João, ligeiramente desconcertado, estranhava a atitude da Marquesa. Que significaria aquele desdém, numa criatura que se lhe entregara?

Nisto, acabou o primeiro ato. Uma grande ovação estalou de novo, coroando a linda cabeça trigueira da Boccabadati, cheia de flores e de joias.

D. João, depois de um último olhar para o camarote da Seide, levantou-se.

A primeira pessoa que encontrou foi o Marquês de Niza.

Grande músico, discípulo antigo do Paganini, rabequista insigne, o Marquês, encantado com a Boccabadati, trazia as lágrimas nos olhos:

— Que mulher! Que mulher!

D. João arrastou-o pelo braço, na intenção de desabafar, de se abrir com ele, mas o Niza cortava-lhe a palavra a cada instante, para repetir sempre, numa devoção, os olhos marejados, a expressão transfigurada:

— É pena ser italiana! Que mulher!

Nisto aproximou-se o Garrett, com o Rodrigo da Fonseca, ambos imperturbáveis nas suas casacas esguias e nas suas gravatas à Malibran. O Soto-Maior, que vinha em sentido oposto, garrindo o seu nonagésimo alfinete de gravata e o trigésimo quarto colete bordado, reuniu-se ao grupo.

— Sabem vocês que temos no Bairro Alto uma Boccabadatizinha que faz chorar toda a gente quando

canta o fado? — disse de repente o Marquês de Niza.

— A sério? — duvidou o Soto-Maior, enquanto as grandes barbas apostólicas do Conde das Antas passeavam de frisa para frisa.

— A sério, pois então! Uma perfeição de fado, cantado com lágrimas na garganta, um fado que vale toda a ópera italiana e todas as casacas do Soto-Maior! Pois que pensavam vocês?

— Uma chamada Severa... Já ouvi falar, resmungou o Rodrigo da Fonseca, melancólico, ruminando um artigo-de-fundo.

— Tu que foste frecheiro do fado de meia-porta deves conhecê-la, João! — disse o Marquês ao Marialva, metendo um cigarro na sua pinça de prata.

D. João levantou a cabeça, encarou o Niza e respondeu, muito naturalmente, quase convencido:

— Não conheço.

— O quê? Nem mesmo de nome?

— Nem de nome.

Garrett, que há um instante ficara pensativo, agarrou o braço de Rodrigo da Fonseca e articulou agitadamente:

— Venha você daí comigo visitar a Marquesa.

— Qual Marquesa?

— A Seide.

— Ela está só?

— Está.

— Porque não guarda você isso para logo, para o segundo intervalo?

— Prefiro agora.

— Olhe que é menos clássico.

— Mas é mais prudente.

— Como assim mais prudente...?

O poeta não respondeu. Sacou de uma grande caixa de rapé, de ouro maciço trabalhado a cinzel, e dispôs-se a sorver a sua pitada elegante.

Ora quando o “divino” arrancava da “caixa das execuções” o caso era grave. Ou questão de amor, ou questão política. Não havia dúvidas. Ou mulher que cortejava, ou descompostura iminente nas câmaras. Como a segunda hipótese não era natural, Rodrigo da Fonseca desconfiou da primeira.

— Você está apaixonado, confesse! — disse Rodrigo, à-queima-roupa.

— O homem de espírito não se apaixona.

— Não. O homem de espírito, enforca-se.

— Como assim?

— Mulheres... “Nasci de uma, fujo de todas”, dizia Santo Agostinho. Eu estou com o santo.

— Por comodidade.

— Por cálculo. Sempre achei caro despir uma mulher.

— Pois eu, meu velho, acho muito mais caro vesti-la.

— E depois, pedir amor é uma coisa que rebaixa, que humilha.

— É que eu peço amor como os grandes de Espanha pedem esmola: de chapéu na cabeça!

— Bonita frase!

— É uma verdade, Rodrigo. As mulheres valem mais do que a política. E mentem menos do que os políticos.

Nisto, os dois amigos chegaram ao camarote da Marquesa. Rodrigo da Fonseca afastou-se, Garrett, compondo o peitilho de bretanha pesado de joias, entrou.

Lá em baixo, D. João, livre do Soto-Maior, que começava a disser anedotas, afastou-se com o Marquês de Niza para um recanto dos corredores, e atacou-o de repente:

— Falaste há pouco de uma Severa do Bairro Alto, que canta o fado maravilhosamente. Vais dizer-me quem é essa mulher. Descreve-ma nas mais pequenas particularidades, porque eu tenho um interesse extraordinário em saber quem ela é. Conhece-la?

— Dormi ontem com ela.

D. João, perante a franqueza brusca do Niza, empalideceu mortalmente, baixou os olhos, teve uma crispação de lábios, e atalhou, quase sem pensar:

— Não. Nesse caso, não me digas nada.

Começou o segundo ato da Ana Bolena. D. João tomou o seu lugar na plateia, tristemente.

Quando levantou o olhar para o camarote da Seide, viu o Garrett ao lado dela, na majestade dos seus olhos azuis de poeta célebre, cofiando, com a mão luzente de anéis, a barbicha crespa do soqueixo.

A Marquesa, numa volúpia verdadeiramente feminina, estava torturando o Marialva, para lhe poder perdoar depois.

Mas D. João, porque atacava a frio, fez falhar o cálculo da Marquesa. Durante todo o resto da noite, não levantou uma única vez os olhos para o camarote. A divina Seide, mordendo nervosamente uma grande rosa presa à pulseira por um grilhão de ouro, mordida os lábios de raiva.

Antes de terminar a ópera, o Marialva, compreendendo o que se deveria passar na alma daquela

mulher orgulhosa, decidiu-se a ser, pela primeira vez, amável com ela. Saiu da plateia, esguelhou os olhos para o camarote da Marquesa, a ver se lá estava ainda o Garrett, e, como o não viu, encaminhou-se para as escadas da primeira ordem. A Marquesa, já no corredor, punha pelos ombros uma riquíssima catnãlha para a saída de teatro, que lhe envolvia, numa mancha de múrice escuro, o ouro torcido dos cabelos.

Quando deu com D. João, a Seide teve um pequeno grito de surpresa e os olhos brilharam-lhe jubilosamente.

— O que quer senhor Conde?

— Peço-lhe perdão, Marquesa, mas como a ópera está a acabar e a vi só, reservei-me a honra de lhe oferecer o meu braço.

A Marquesa envolveu-o num grande olhar de agradecimento e de paixão, pousou a mão enluvada sobre o braço do Conde e gemeu, numa voz trémula:

— É a primeira vez que é gentil para mim, Conde!

Ao chegar à porta do teatro, uma voz chamou o cocheiro da senhora Marquesa de Seide, e, logo a seguir, o do senhor Conde de Marialva.

Daí a um momento, o cocheiro, do Conde seguia com a sua carruagem deserta, enquanto a traquitana da Marquesa rodava sobre as pedras do Largo, levando D. João e a divina Seide, sob o grande pálio de estrelas do céu silencioso.

Quando a Marquesa, já sozinha, se apeava ao portão do palácio e subia a grande escadaria alcatifada de veludo vermelho, a velha criada de confiança, que a aguardava ao topo, vendo-a horrivelmente despenteada e pálida, perguntou-lhe, cheia de susto:

— Que aconteceu, senhora Marquesa?

A Marquesa atravessou com ela as grandes salas desertas, e, mal chegada aos seus aposentos, caiu

sobre uma preguiceira de damasco, a rir e a chorar como uma criança:

— Ai, Gertrudes, que eu nunca tinha amado, como hoje!

Daí a duas horas, D. João, já de volta ao Campo Grande, erguia o alçapão de couro da carruagem do paço, saltava o estribo e recolhia finalmente ao sossego do seu quarto.

O criado, que o despiu, tirou-lhe da casaca, à luz dos velhos castiçais de prata batida, dois grandes cabelos loiros elegantemente frisados. Depois, limitou-se a observar o estado lastimável do peitilho de bretanha, onde três joias azuladas entristeciam.

Mais uns minutos, e o Conde ficou absolutamente só com os seus pensamentos.

A sua atitude perante a Marquesa, aquela hora de amor no persevão de uma carruagem, o modo como ela se entregara, tudo aquilo o fazia envergonhar-se de si próprio, como se tivesse cometido uma ação vil. Essa vitória sobre os esplendores de uma linda mulher cortejada, cuja cabeça lhe pintara em ouro o negro da casaca e cuja carne opulenta estremecera junto da sua, — essa misérrima vitória, que seria um crime mesmo que D. João a amasse, tornava-se, não a amando, uma crueldade escusada.

O Conde desprendera-se-lhe dos seus braços, numa onda quente de perfume, inteiramente vazio de comoção, — como um rústico que fica com fome depois de ter comido no prato de um rei. Vencera uma linda mulher, por certo, mas uma linda mulher que o amara com o espírito em vez de o ter amado com o coração. Onde pensara beijar uma alma, beijara uma ilusão apenas. Tinha-se enganado, e o que era pior, tinha feito o sacrifício inútil de uma virtude.

Tratara-a como um cocheiro, a ela, à frente de quem os “leões” românticos desfiavam, como aranhas, a sua eterna teia de ouro. E nem no momento de a possuir pudera libertar-se da ideia fixa da Severa, que o perseguia como uma fatalidade. Mas era preciso. Era preciso recorrer a todos os meios para se livrar dessa obsessão. O amor da mais feliz, da mais desejada mulher da plutocracia lisboeta não fora suficiente para o distrair da pobre rameira do Bairro Alto!

Restava-lhe outro modo de fugir, mais turbulento e mais brutal: o das temeridades, o das loucuras, o derivativo sangrento das touradas, as esperas, de cinta encarnada e pampilho sob a perna, heroicidades de gineta pelos torneios fidalgos, o clangor de charamelas de cobre, bravuras de redondel, cegueiras de sangue, tudo o que a sua raça lhe estava a pedir, num esbravejar violento de energias. O Conde tinha já toureado em Salvaterra de Magos, na quinta do Marquês de Niza, pelo S. João. Quebrara sete rojões numa só fera, até vê-la cair morta, a sangrar no terreiro. Era certo e rápido, tinha olho e pulso, decisão e firmeza. Como esporteador e como cavaleiro, ninguém o excedia. Trabalhava um cavalo na picaria até à última perfeição. Tinha um lazão de combate, argeitravado de orelhas derramadas e cabeça de carneiro, rasgado de pernas como convinha à estardiota, que era um herói em frente do touro, e onde D. João ficava como uma estátua, as pernas bem firmes nas borrarinas e os pés ferrados com bravura nas estribeiras de prata. A sorte predileta do Conde era a sorte à tira, com o touro levantado, — prodígio de certeza, de rapidez, de força. Em Salvaterra fizera erguer o terreiro numa ovação formidável.

Mas a sua fama no toureio, que correra como um pregão entre a fidalguia, não descera ainda à multidão. A consagração do grande cavaleiro e do grande apaixonado, que pareceu resumir em si o tipo completo do português de raça, não estava feita ainda.

D. João, que nascera para o povo, erguendo uma desgraçada à altura do seu coração, havia de comungar com o povo. O Conde e a Severa tinham de atravessar o tempo e a lenda, como os símbolos do velho Portugal cavalheiresco e amoroso, enternecido e valente, dominando e cantando o fado, rindo nos torneios com um cavalo entre os joelhos, chorando na Mouraria com uma viola na mão.

Como ele se enganava, o pobre Conde de Marialva! O seu destino estava escrito, e quanto mais procurava fugir à Severa, mais se aproximava dela.

O primeiro convite que lhe fizeram para tourear no Campo de Sant'Ana, aceitou-o imediatamente.

Era uma tourada de beneficência, a que presidia a arquitectural Infanta D. Ana, suprema na soberania da sua carnção de Rubens, feita para roçar almadragues de púrpura nos palácios dourados do senhor D.

João V.

O gado era do Ponte Boa, um dos melhores ferros da altura.

A espera foi um acontecimento. Toda a safra fidalga se preparou para galopar à cabeça dos cabrestos, desde os mais maturrangos, escanchados em velhas ancas de boi, até à fina flor da cavalaria, de estribeiras de prata luzindo ao sol, as crinas enramadas de fitas, exibindo em manejos altos, curveteando em upas, rompendo em repelões.

D. João ia também, jaqueta de astracan, bota de cava, chapéu largo velando o sol, num lindo baio cor de ouro velho, arrancando em abaladas de galope levantado ou estacando em capriolas nervosas, sob as janelas armadas de damasco vermelho, onde se erguiam cachos de mulheres.

O gado parou nas Marnotas, esfomeado, batendo o esmalte da relva quente. O sol ardia numa explosão fulva. Os cavaleiros, apeando-se, buscavam a sombra. De vara entalada sob a coxa, o barrete verde à soalheira, os campinos velavam, fumando.

Depois, tudo se pôs novamente em marcha numa nuvem de poeira asfixiante e luminosa, entre o tinido musical das esquilas e dos chocalhos dos cabrestos, como se, sob a bênção do sol, uma tempestade de vento varresse a estrada.

Já ao anoitecer fez-se a segunda paragem no Campo Pequeno, onde uma onda de carruagens e de traquitanas da burguesia honesta esperava, envolta com as boleias das fandangueiras, a chegada dos touros.

Parte das carruagens abalou em seguida. A outra parte ficou pelo Campo Pequeno, ao lado do palácio e das cavaliças dos Galveias, velha mole cinzenta e nobre, erguendo os espigões dos telhados no céu roxo da tarde.

Acendiam-se lanternas. A grande praça tinha o ar de uma feira colossal.

D. João, conversando com o Conde de Peniche e com o morgado de Setúbal, deixara-se ficar ao

socairo de uma traquitana brasonada, de alçapão de couro.

Em volta, por todo o campo, o vozear era medonho, ensurdecedor. Pragas, zangarrear de violas, chocalhos de cabrestos, relinchos dos velhos taniões mazelentos, toda esta matinada se confundia com o som da vozeria, como um prato de cobre tinindo no meio de uma voz rouca. Chegava agora uma carruagem, logo depois outra abalava, num movimento constante. De vez em quando, um pregão falso de rês tresmalhada, e um reboição, bárbaro em todo o terreiro.

Mas com o andar da noite, aquele rumor confuso ia assentando; começavam a individualizar-se as vozes, dos extremos apartados do Campo vinham soluços de fado; os cabrestos repousavam; os chocalhos emudeciam, e uma ou outra viola, lá de longe, estremecia num choro de desgraça sob o grande céu estrelado.

Junto à carruagem, o morgado de Setúbal, vestido de campino, cinta encarnada, barrete, sapato bezerrum e espora num pé só, discutia proficientemente as pegas de cara, sobre se se devia citar o touro, de mãos atrás das costas, ou de braços levantados para melhor encomamento. O Conde de Peniche, com a sua boca sinuosa e o seu ar zombeteiro, ria. D. João, esse, pensava noutra coisa. No entanto, o morgado vociferava, apoplético, batia na terra o sapatão de salto de prateleira onde a espora tinia, e rematava, num rugido de fera:

— Mão atrás das costas! Pois então!

— Assim é que é ver embarbelar um touro! Na ponta da unha!

Nisto, chegou o bando do Niza, num tropear de cavalos. Vinham com ele o Marquês de Belas, o padre Mateus, gordo como as basílicas do Corpus-Christi, D. Manuel Ponte, Pinto Carneiro e outros.

O Marquês viu os três do grupo, e a cavalgada parou.

— Eh, lá! Que fazem vocês aí? — gritou o Niza.

— Aproximem-se, se querem ouvir o morgado! — disse o Conde de Peniche, a rir. — Está a fazer um

tratado de pegas de cara, melhor do que o Galvão para a gineta e o estardiota!

Os cavaleiros apearam-se, entre gargalhadas. Padre Mateus, que ia na sua respeitabilíssima mula trespalando a feno de passal minhoto, arrancou um dos pés da estribeira lavrada e pediu ao Marquês de Belas que o ajudasse a descer.

Já com o padre no chão, deu-se uma nova gargalhada. O Reverendo Mateus, de grande chapéu negro e volta de seda roxa no pescoço, o grande carão louraço tressuando, assim que se apanhou com os pés na explodiu em entusiasmos: Que não havia nada melhor, que aquilo é que era vida, que o resto era uma pouca-vergonha, e que se o patriarca o deixasse, até era capaz de dizer missa nos cornos de um touro!

O Marquês de Belas puxou-lhe pelas vestes, como quem o adverte da impiedade das palavras, e lembrou-lhe que os chavelhos(*) não tinham até hoje uma aplicação litúrgica.

[(*) *chavelhos = palavras*]

— Lá virá o tempo! — disse à socapa o Conde de Peniche, sorrindo indulgentemente para o padre Mateus.

— Não têm aplicação litúrgica?! — protestou o morgado de Setúbal, com vontade de fazer rir os assistentes.

— Ora essa! E então e o sacramento do matrimónio?

As palavras do morgado teve entre a fidalgaria o merecido sucesso. O Padre Mateus corou pudicamente. O morgado, animado pelas gargalhadas, repetiu a facécia. Já não teve graça nenhuma.

De repente, o Niza interpelou D. João:

— Lembras-te daquela Boccabadatizinha do Bairro Alto, de que te falei no S. Carlos?

O Conde, que não queria levar para aí a conversa, respondeu secamente:

— Não.

— O quê? Não te lembras...? Uma pequena chamada Severa?

— “Se Pêra” esse! — gemeu padre Mateus num suspiro.

— Pois veio connosco — continuou o Marquês. Está aí, no campo, ela e a guitarra!

— Trouxe-a o padre à garupa! — gozou o Manuel Ponte.

— “Se véra” foi-se! — grunhiu outra vez o reverendo, compondo a volta de seda roxa que lhe aperreava o queixo.

E, num momento, todos se dispuseram a procurar a Severa com os olhos para lhe ir ouvir um choradinho, daqueles que faziam rebentar as lágrimas nos olhos e apertar um soluço na garganta.

Só o Marialva, muito pálido, se limitou a fazer um aceno ao criado para lhe ir buscar o cavalo.

— O quê? Não vens? — interrogou o Niza.

— Não. Sigo para Lisboa — respondeu sacudidamente D. João, já de pé na estribeira.

O Marquês, compreendendo que havia ali qualquer coisa, mas não atingindo bem o motivo daquela resolução brusca, passou o braço em volta da cintura do Marialva, fê-lo descer o pé da estribeira de prata, e apartando-se do resto do grupo, perguntou-lhe, num tom, de interesse sincero:

— Que se passa?

— Absolutamente nada.

— Alguma coisa é. Eu conheço-te.

— Sossego. Tenho de tourear amanhã. Recolho mais cedo.

— E é só por isso que vais...?

— Creio que sim.

Houve um momento de silêncio. No entanto, chegando ao lado de uma traquitana, cuja lanterna sangrava na escuridão. O Niza encarou o Conde, e sem mais “tir-te-nem-garte”, disse-lhe num sorriso complacente:

— Existe alguma coisa entre ti e essa rapariga?

— Quem?

— A Severa.

— Porque perguntas?

— Porque já te vi empalidecer duas vezes, quando lhe ouviste o nome...

D. João, num gesto lento, acendeu o cigarro. No lume da lanterna, encarou serenamente o Marquês, e articulou, no ar grave de quem destrói um mau juízo alheio:

— A última vez que a vi tinha ela sete ou oito anos de idade. De então para cá, não a tornei a ver.

Afirmo-o pela minha honra de fidalgo.

O Niza calou-se, fazendo tilintar distraidamente as argentarias da jaqueta, e ao fim de um momento atacou, desconcertado:

— Nesse caso, porque não ficas?

D. João não teve tempo para responder. O bando do morgado, do Marquês de Belas, do Conde de Peniche, toda a fidalguia vezeira nas esperas, chapéu de abalroar e acicates sangrentos, trazia a Severa a reboque, rindo a trancos, a saia de goma restolhando, a viola pelos ares, o xaile ao vento.

Tinham-na ido buscar expressamente para a mostrar ao Marialva, orgulhosos de trazer consigo a joia

do Bairro Alto, esse ouro sem defeitos a quem Deus pusera o sol nos olhos e o coração na garganta.

O morgado de Setúbal, que já tinha perdido o barrete, chamava-o como quem chama um touro:

— Eh, caldeiro! Eh, caraça!

À frente do bando, as violas gemiam, como pratos de cobre onde caíam lágrimas dolorosas...

— Então onde está esse Conde que vocês me querem mostrar? Onde está ele? — interrogava a Severa, os olhos a chispar de alegria, a boca escancarada, num barregar sanguíneo onde havia raça, estúrdia, movimento, saúde.

E enquanto o morgado de Setúbal, de cinta encarnada e espora, lhe dançava na frente, a Severa ia-o empurrando e gritando sempre:

— Então, vem lá esse Conde ou não vem? Se for de feição, vou-lhe na garupa! Quem é ele? Quem é ele...?

O reverendo Mateus, na sua figura acaçapada de leigo bernardo, gritava também, quanto podia:

— Marialva! Marialva!

Nisto, ouviu-se uma voz:

— Está aqui!

A Severa precipitou-se com o grupo, e quando ia a avançar como pescoço na sombra, para ver melhor, a luz de uma lanterna bateu de chapa na cara de D. João.

Ao dar com ele, inesperadamente, a pobre rapariga teve um movimento convulso, fitando mais aquela cara tão sua conhecida, recuou num grito surdo, a viola caiu-lhe das mãos, e quando os do grupo olharam para ela, espantados com aquela transfiguração, viram as lágrimas rolares-lhe pelas faces, a quatro, e quatro.

O Marialva, num abrir e fechar de olhos, tinha montado, e ensanguentando os ilhais do cavalo, desapareceu na estrada, a galope.

Durante toda a noite, a Severa nunca mais disse uma palavra. Para ali ficou, num canto de sombra, como uma criatura a quem acaba de suceder um desastre, olhos fixos na escuridão estrelada, à espera da luz consoladora da manhã.

Como já não ria, todos fugiram dela.

O Niza, de volta do seu cavalo troncho, estrada fora, a estribeira dourada luzindo ao sol, ia pensando consigo, desconcertadamente:

— Mas o que haverá então de comum, entre aquelas duas criaturas?

CAPÍTULO II

A manhã foi de sol. Mas por volta do meio-dia começou a chover tão desabaladamente, que a tourada dos fidalgos foi adiada para quando melhor conviesse.

A senhora Infanta, que já tinha saído em almadraquexas de damasco vermelho numa rica berlinda dourada, raivou contra a chuva, num arranco felino de leoa sem garras.

Entretanto, fora feita a participação ao Patriarcado de que Sua Majestade a Rainha completara o seu oitavo mês de gravidez, e expedida ordem para se dizerem na Sé, nas paróquias e nas igrejas dos mosteiros de religiosas, as orações *pro felici parta*.

A sociedade romântica de 1840 continuava a delirar, no S. Carlos, pelos ronds de jambe das bailarinas, pela garganta de ouro da Boccabadati, e a ressurgir, nos salões do Rato e das Laranjeiras, os velhos provérbios representados atrás de biombos de seda. A alta política atravessava as câmaras de damasco da Assembleia Estrangeira, entre os soluços das cabeças e as túnicas de veludo cor de cereja, na solenidade das suas fardas bordadas a palmas de ouro, discutindo o último jantar do corpo diplomático ou a última nota política da Gazeta de Wartzboarg.

E não se desmanchavam, os hirtos leões do Parlamento e da Diplomacia, tendo para si próprios, como La Rochefoucauld, que “a gravidade é um mistério do corpo inventado para esconder os defeitos do espírito”.

O eterno feminino — as belezas profissionais da altura — desdobrando pelos salões uma nuvem de musselina branca e de rosas, os diáfanos cotpaly que os abraços não amachucavam, as jáconas de lã impressas na Itália, toda a ourivesaria dos seus braços nus sob os xailes de cachemira e dos seus ombros admiráveis onde escorria a luz, — o eterno feminino, esse, discutia febrilmente ora a Rossi Cássia,

encrespando a boquinha em desdêns pelas cómicas, ora a loura e hirta M. Barrow, ministra dos Estados-Unidos, que cometera a audácia inqualificável de aparecer sem joias nos bailes das Laranjeiras.

Neste meio de supremo mundanismo onde Garrett era o leão da moda, D. João, inteiramente deslocado, aborrecia-se de uma maneira mortal.

A Marquesa continuava a persegui-lo com uma insistência doentia, empavonando a sua linda cabeça fulva na expressão vitoriosa de quem mostra um amante ao ciúme das outras.

Garrett, sempre superior e desdenhoso na impassibilidade dos seus olhos azuis de flamengo, via a perseguição sistemática, e sorria. A piedosa menina dos bandós pretos e dos gestos pré-rafaelitas, envolvia-o agora num ingénuo flirt, e toda ela se oferecia ao divino poeta como um cordeiro de sacrifício.

No entanto, a Marquesa compreendia o sorriso de Garrett, via-o abrir a “caixa de ouro das execuções”, e, não contando muito com a sua generosidade, sentia-se estremecer.

O Marquês de Seide, esse, alheio a tudo, entretinha-se a comer folhas de rosa pelos cantos e a discutir, numa roda de damas velhas, as dificuldades dos bordados a ouro e a missanga.

No entanto, o elegante Soto-Maior, de casaca verde-bronze, uma abotoadura de camafeus no colete de seda branca, aproximou-se da Marquesa distraída, e perguntou-lhe, de repente:

— Em que pensa vossa excelência?

E a divina Seide respondia, com o morder de lábios que se usava na altura:

— Perguntar a uma mulher o que ela pensa, é obrigá-la a mentir, Visconde...

E os serões do Rato iam correndo, na sensaboria vulgar do espírito romântico, entre cabeleiras falvas à Capoul, coletes amarelos de Werther, ombros nus onde faiscavam topázios, e ondas frias e brancas de camélias do Japão.

D. João, já resignado a sucumbir na luta, debatia-se ainda em hesitações dolorosas.

Toda aquela cena da espera de touros, o assomo turbulento da Severa numa alegria bárbara de evasão, a chapada de luz que lhe batera na cara, a escuridão em volta, todo o mistério daquela aparição momentânea, a sua fuga a galope levantado as violas e os chocalhos a retinirem-lhe na cabeça como se os levasse consigo, numa vertigem de febre, — tudo aquilo o perturbava, o envolvia ainda, como se tivesse acordado de um grande sonho tumultuoso.

Não tinha visto a Severa. A luz que lhe batera nos olhos cegara-o inteiramente. Galgara a estribeira, montara a cavalo, e, contente daquela vitória sobre si próprio, partira a galope.

Não a vira, é certo; mas ouvira-a.

A sua voz doce cantava-lhe aos ouvidos, quente e musical, retinindo entre os rugidos roucos da multidão, como uma campânula de prata batida pelo vento.

E depois, o brusco repelão da dança, o estalar das socas no chão seco, o vibrar surdo da viola roçando nas roupas, toda aquela confusão de sons se combinava, se harmonizava, de forma a completar na sua imaginação a figura musical dessa mulher, consubstanciação melodiosa do fado no corpo trigueiro e dourado de uma cigana.

Ávido por saber o que se passara, D. João procurou o Niza em S. Carlos. Decerto o Marquês teria presenciado tudo e poderia dizer-lhe que espécie de impressão o seu súbito aparecimento produzira no espírito da Severa. O Marialva, ao cravar as esporas no cavalo, tinha compreendido apenas que ela se calara. Depois, ficara-lhe para trás um rumor indistinto e confuso. Depois envolvera-o o silêncio da estrada deserta, onde apenas se ouvia, acordando as sombras, o tropear vertiginoso de um cavalo...

A sua curiosidade era enorme.

Mas ao chegar ao S. Carlos, já tarde, soube que o Marquês de Niza acabara de bater em duas carruagens de boleia, com a Boldrini e outras, a caminho da Ameixoeira.

Pensou ainda em ir também ao serão galante do Domingos Peres, sempre tão fértil e pitoresco, em decotes escandalosos, em fandangos italianos, e onde, na alegria do loiro Reno e do velho Fronfignan, as prima-donas costumavam mostrar os fechos de ouro das ligas.

Mas estaria inteiramente deslocado naquele meio, entre o maquillage da última ópera e o fel da última intriga. Não foi.

Mais tarde encontraria o Marquês, livre de peias e de embaraços, de cómicos e de imbecis, e contar-lhe-ia tudo, todas as incertezas da sua crise sentimental, pedindo-lhe em troca a narração do que se passara naquela noite, em pleno terreiro, enquanto as esquilas tilintavam nas carruagens e os chocalhos dos cabrestos badalavam.

No entanto, a Marquesa esperava-o à meia-noite, no seu próprio palácio do Rato, e a velha criada, embrulhada num amplo saiote verdeoengo, esperava a meio do largo a chegada do Conde.

D. João apareceu finalmente, na sua carruagem de boleia, abateu o alçapão de couro, e, ao descer, a velha agarrou-lhe o braço, em modos de alcoviteira, fazendo jus à libra que lhe havia de escorregar pela manga do capote.

A noite estava linda, e de umas amendoeiras floridas, que se debruçavam sobre um muro, caía, como a dobra de um pálio invisível, um perfume quente e perturbador.

A criada introduziu o Conde no palácio. Os passos de D. João abafaram-se num, ninho de tapeçarias. A vaga penumbra dourada de uma alcova envolveu-o, como uma palpitação misteriosa. Um brando cicio, um leve mover de roupas e de rendas acariciaram-lhe os ouvidos. Sentiu, já perto, a tepidez de um leito. Uns passos mais e no silêncio, apaixonadamente, dois braços mornos e nus, como serpentes de veludo, rodearam-lhe o pescoço e uma boca procurou a dele, numa carícia, num gemido, num murmúrio:

— Amor da minha alma!

Eram três horas da madrugada quando o Conde, no terreiro do Rato, retomou a sua carruagem, de caminho para o Campo Grande.

Ia triste, numa tristeza apagada de vencido, como todo o animal depois de ter amado muito.

A velha carruagem, aos saltos pelo caminho, trôpega e vacilante, ia avançando, no sossego da noite, pela sombra das estradas.

Quando passavam junto do palácio dos Galveias, ouviram-se vozes e risos de mulher e o rumor de outras carruagens.

De repente, o barulho das rodas cessou, as vozes calaram-se, os risos casquinaram mais alto e uma voz clara ergueu-se, dando ordens.

— Desmonta do coche!

— A vara está sobre o cavalo!

— Vê se o levantas! Chega-lhe a espora! Parece que está morto! Vá!

D. João não teve dificuldade em reconhecer a voz do Marquês de Niza.

Alguma coisa sucedera, que obrigara a parar, de volta da Ameixoeira, as carruagens das italianas.

Talvez o cavalo das varas estatelado, ou alguma carruagem de escantilhão que metera em frente das traquitanas do Marquês.

O Conde gritou ao cocheiro que se metesse a galope, e a carruagem lá foi, indo ter com as outras, numa carreira desordenada, rangendo, e recortando, já no ar azulado da manhã, o seu perfil heráldico de traquitana solarenga.

Ao chegar ao sítio do desastre, parou. Em plena estrada, na claridade indecisa do amanhecer, uma das

carruagens das italianas, atirada de encontro ao muro, pendia no chão a sua vara enorme. O cavalo da sela, desatrelado, um velho tanjão lazarento, anca de boi, estava atravessado no caminho, com as estribeiras de latão bocejando ao lado, aguardava, melancolicamente. Mais atrás, o Marquês de Niza e um grupo de cantoras rodeavam uma massa negra, enorme, caída por terra. Era o cavalo das varas, morto.

O Conde apeou-se, cumprimentou a Boldrini, que vestia uma grande túnica de cetim cor de cereja, e pôs amavelmente à disposição do Niza e das atrizes italianas a sua carruagem de paço.

A chegada do Marialva, que teve um ar milagroso de aparição, deu lugar a toda a espécie de expansões, desde os agradecimentos polidos da Vicenzi, musicais como um trecho de burleta italiana, até ao desgarrado da Zampucci, bêbeda de Champagne e coberta de joias, que saltou, aos beijos, ao pescoço de D. João.

— *Vi ringrazio*, Conte!

— *Grazie!*

No entanto, a pobre besta morta jazia por terra, as patas traseiras hirtas, volumosas de alifafes como maçanetas enormes, a grande cabeça sofredora e magra erguida para o céu num arranco supremo de dor.

O Padre Mateus, que chegava noutra traquitana, com duas tias velhas das italianas, evangelicamente bêbado, apeou-se, arranjou mais uma vez as vestes de seda roxa, deu com os olhos na besta morta, tirou o chapéu, enclavinhou as mãos, e sempre a cambalear, resmungou guturalmente:

— *Domine, ne despicias. Opera manum tuaram. Oremas.*

Enquanto padre Mateus, de olhos no céu, grunhia o último latim, D. João agarrou o braço do Marquês de Niza, e disse-lhe, a meia voz:

— Preciso falar-te.

— Ia dizer-te o mesmo.

— Segues com as italianas?

— Não. Podem ir sós.

— Nesse caso...

— Ao teu dispor.

— Estamos perto da minha casa. Entra. Conversamos à vontade.

— Dou ordem à carruagem para me vir buscar ao meio-dia. Decidido?

— Decidido.

As italianas partiram, com padre Mateus e com o resto do grupo, e o Marquês e D. João, a pé pela estrada, sob o céu claro da manhã, encaminharam-se lentamente para o solar dos Marialvas.

— Trata-se, então de...? — perguntou o Niza, dados os primeiros passos.

— Da Severa.

— A rapariga do fado?

— A minha mulher fatal.

— Mas não é verdade que desde os oito anos que não a vês?

— Mas desde a última vez que a vi, que sonho com ela.

— Um sonho fácil, que se realiza com algumas moedas de prata.

— Quanto mais ela é de todos, menos é minha.

— Repara que estás a gastar o coração com uma criatura que não te merece.

— Não, sei porquê.

Os dois calaram-se. O sol começava a levantar-se no horizonte como um disco de cobre em brasa.

Durante o resto do caminho não trocaram uma palavra.

Por fim a casa dos Marialvas apareceu, com os seus telhados mouriscos e as suas janelas quadradas, alinhadas ao alto sob os telhões do beiral, espreitando, como pálpebras de pedra, o arvoredado fronteiro.

Empurrado o portão de grades, entraram no pátio. O cocheiro do Conde, que os precedera, aguardava, ao topo das escadas.

Tinham andado, de um extremo a outro, todo o campo de Alvalade.

Assim que se viram sós, o Marquês de Niza escarranchou-se numa velha cadeira de sola, apoiou os braços nas espaldas, encarou o Conde e disse-lhe, bruscamente:

— Tens um corpo de herói e uma alma de criança, João! Não se deve gastar sentimento com mulheres, e muito menos com as que põem o amor em moedas. Sou mais velho do que tu, conheço o mundo, vejo até dentro dos corações, e não estou contente com o teu. Tu hás de dizer que bem prega frei Tomás as virtudes que ele não tem. Mas, rapaz... Eu nunca me dei a gastar o coração com as dúzias de bailarinas e de atrizes que conheci, e Deus sabe, Deus e eu, quantas dúzias foram. Tive-as, e custaram-me dezenas de libras, mas nenhuma me custou uma lágrima. Fiz loucuras, João, mas nunca fiz vergonhas. Isto não quer dizer que tu as tivesses feito; mas, por este caminho, podes vir a fazê-las. Não sei o que há entre ti e a Severa, porque nunca fui forte em entender charadas, palavra de fidalgo! Mas o que há, alguma coisa é. Dizes que a não vês desde os oito anos. Não percebo porque é que tu empalideces quando se fala numa puta, só porque tiveste a má sorte de a conhecer de fraldas. Também eu conheci em potro aquele cavalo que me morreu na estrada, e — que diabo! — quando ele caiu, ri! Olha que o coração é uma riqueza grande para que a gente o quer assim, como ouro a porcos, por via de uma égua ou de uma mulher, só porque as conhecemos quando mamavam. Isto, João, dando fé ao que dizes. Eu sei que os Marialvas não mentem; mas tu estás doido, e um fidalgo doido é capaz de tudo. Aquela mulher, que tanta turbação produz em ti, aquela mulher tem alguma coisa contigo, seja qual for; está unida ao teu sangue ou à tua alma por qualquer laço, que eu desconheço ainda. Pois então como se explica a cena do Campo Pequeno,

na noite da espera de touros? Tu, branco como a cal da parede, pedindo o cavalo e fugindo a galope; ela, calando-se mal te viu, como uma criatura ferida de morte, com as lágrimas a caírem-lhe pela cara? Porque empalideceste tu João, e porque chorou ela?

O Conde, que o ouviu silencioso, levantou-se. Os olhos iluminaram-se-lhe de uma alegria súbita, e caiu nos braços do Marquês de Niza:

— Obrigado, meu amigo. Obrigado!

— Pelo conselho que te dei?

— Não. Por me dizeres que ela chorou.

Nessa mesma noite, D. João vestiu a sua jaqueta de peles com fechos de prata, a sua calça de belbutina, mandou selar o cavalo rodado, que apesar da boca de boga não tinha nada má rédea, e lá foi, estradas fora, num galope vertiginoso, a caminho da velha e religiosa baixa de Lisboa.

Tinha decidido procurar a Severa, alhear-se a todas as preocupações e a todos os preconceitos, para ouvir o coração, só o coração, sem penas, sem receios, sem escrúpulos, na consciência de uma criatura que segue o destino, — porque o destino é mais forte..

O cavalo, num galope bravo, o focinho a fumegar, cortava a escuridão dos caminhos, como se as esporas do Conde, ensanguentando-lhe os flancos, lhe dissessem o motivo daquela corrida...

Chegando à Baixa, D. João deixou o cavalo numa cavaliçã das Amoreiras, e abalou, em direção a esse recanto do século XVII, que é o Bairro Alto, cheio de velhas frontarias de paço, de empenas flamengas, de ressaltos obscuros, onde escantilhavam escadas, bocejavam becos, e parecia palpitar por toda a parte, nas sombras e nas pedras, a alma dolorosa do povo.

Junto ao Cunhal das Bolas encontrou o Timpanas, cocheiro dos mais ilustres da altura, enxalmado num amplo ferragoulo de briche. Ao vê-lo passar, o rei da boleia tirou o chapéu e murmurou, num arreganhar de dentuça:

— Senhor Conde!

O Conde aproximou-se dele e perguntou-lhe a morada da Severa.

Desconcertado com a pergunta, por ela vir de tão alto, o Timpanas abateu o rebuço do capote, sorriu, e, no melhor que soube, apontou ao Marialva o caminho, dobrando becos roídos e galgando ruas pedregosas.

Já D. João se tinha posto a andar e ainda ele gritava de longe:

— Segunda porta, hein, senhor Conde...?

Dali a pouco, o Marialva parava junto ao poial da porta indicada pelo cocheiro.

Estava fechada. D. João embuçou-se bem na sua grande capa de veludo, ferrou o pé no poial e esperou. Pelo quê? Nem ele sabia. Que a porta se abrisse? Que saísse quem lá estava? Talvez. Mas, se lho perguntassem, não saberia responder. Pulsava-lhe forte o coração no peito; sentia na cara, a sua própria palidez; compreendia vagamente que era uma vergonha aquilo tudo, — mas o pé não se lhe desferrava do poial, e D. João esperava.

Ele, a quem as mais belas mulheres se ofereciam, e em cujos braços desdenhosos tinham desfalecido e soluçado as beauties de Londres, de Paris e de Lisboa, — estava ali, comovido, ansioso, à espera de que se abrisse a porta de uma rameira humilde do Bairro Alto.

No entanto, queria ver a Severa, falar-lhe quanto antes, naquela mesma noite, naquele mesmo instante.

Falar-lhe. Mas que lhe diria ele? Por momentos, pareceu-lhe tudo aquilo ridículo, impróprio da sua situação e do respeito que ele devia a si mesmo. Mas o coração mandava, — e era preciso obedecer-lhe.

Ela, decerto, estava lá dentro, porque nas frinchas do postigo havia luz.

Mas, lá dentro, com quem? Algum comerciante bruto, que a possuía, que a calcava sob as patas possantes, — enquanto ele, o Conde de Marialva esperava, ali fora, a sua vez.

Alguém que passasse, vendo a figura negra de D. João, envolvida numa capa de veludo, junto a um poial de porta, perguntaria:

— Quem é aquele?

E alguém que o conhecesse, apesar do escuro que o velava na sombra e do chapéu que se lhe cobria os olhos, resmungaria ao passar:

— É o Conde de Marialva à espera que se satisfaça o cio de um comerciante!

De súbito, a figura deprimida de D. João inteiriçou-se, fuzilou-lhe o olhar. Tinha de tomar uma resolução. Aquela situação não se podia prolongar. Uma porta separava-o da mulher que ele procurava? Pois bem! Fosse como fosse, era necessário abrir essa porta.

Desembuçou-se. A ampla capa, pendente dos ombros, descobria-lhe agora as argentarias da casaca. Desceu mais sobre os olhos o chapéu largo, de abalroar, e numa pancada seca, bateu a aldraba.

Houve um instante de silêncio. Daí a pouco, a porta abriu-se, e, de costas para a luz, como uma pincelada negra, uma dolorosa figura de um homem a coxear.

D. João, desconcertado por semelhante aparição, relanceou o olhar pelas quatro paredes, que um candeeiro de três bicos iluminava, cheias de santos e de imagens; encarou aquela figura extraordinária que um capote de burel envolvia até aos pés, e atirando com a capa de veludo sobre uma cadeira de tripeça, perguntou, quase como quem afirma:

— É aqui que vive uma rapariga chamada Severa, não é verdade?

O pobre diabo deu ao Conde um intraduzível olhar de sofrimento e de angústia, e coxeando sempre, com o seu lenço vermelho atado à roda da cabeça, como um mendigo de Goya, arrastou-se até junto de uma porta que bocejava a um canto, velada por uma cortina branca, e chamou arquejando:

— Severa!

Depois, voltou-se para o Conde, olhou-o ainda, da cabeça aos pés, foi-se arrastando até à porta da rua, puxou para a cabeça a gualteira do capote, levantou o ferrolho e saiu, lentamente, num regougue, abafado onde havia qualquer coisa de semelhante a um soluço.

D. João ficou só entre aquelas quatro paredes cobertas de registos de santos, pálido, perturbado, imóvel defronte da porta, com a testa molhada de um suor frio, fazendo tilintar maquinalmente as argentarias da jaqueta, à espera daquela mulher de toda a gente, que havia de ser — ele sentia-o bem — a mulher fatal da sua vida.

Subitamente teve um lampejo de consciência.

Compreendeu, num instante de lucidez, que estava a praticar uma loucura indigna dele. A sua mão ainda agarrou a capa, convulsamente...

Mas já não teve tempo de fugir. A cortina branca moveu-se, e uma linda figura de rapariga, ousada e forte, o cabelo negro derrubado em bandó, a saia de ganga restolhando vitoriosamente, com o ar glorioso das criaturas que conhecem de perto os triunfos, apareceu ao fundo, batendo as socas nervosas, em bocejos sangrentos..

Era a Severa.

Quando viu D. João, estremeceu, soltou um grito surdo, quis recuar, bateu com as costas na ombreira da porta, e ficou, pálida, o olhar fixo, os braços abatidos, humilde, transfigurada.

O Conde, profundamente comovido, quis falar e não pode. Olhou-a longamente, num enlevo e num deslumbramento. Sentiu por todo o corpo um comum arrepio, esse tremor que se apodera de todos os homens perante a mulher que durante muito tempo, desejaram. Pouco a pouco, dominou-se, recobrou a serenidade perdida, sorriu, e, numa voz cheia de doçura, murmurou:

— Severa...

Foi só então que a pobre rapariga, num supremo esforço, fixando os olhos espantados no Marialva e

sacudindo a linda cabeça trigueira num movimento convulso de negação, desatou a gritar, nuns uivos roucos, como uma doida:

— Não! Consigo, não! Não quero! Nem que estivesse a morrer de fome! Consigo, não!

E sem poder mais, cansada, ofegante, encostada à ombreira da porta, a Severa desatou a chorar, num choro silencioso, em arrancos de soluços que a abalavam toda.

Foi movido pela maior piedade e pela maior ternura que D. João se aproximou dela, mansamente, e lhe disse, como se falasse a uma criança:

— Esteja sossegada, Severa... Eu vim apenas vê-la. Tinha saudades suas... Conheci-a tão pequenina, lembra-se? Então o que imaginava...? Que eu a procurava como os outros? Não... Para que está a chorar...? Não se aflija, converse comigo. Eu quero-lhe bem, porque a conheci de pequena. Não tenha vergonha de mim. Está nesta vida... Era fatal. São desgraças que acontecem. Imagine que eu sou seu irmão mais velho. Peça-me o que quiser. Se precisar algum dia de um braço que a ampare ou que a defenda, lembre-se de mim... Sou o Conde de Marialva. Se perguntar pelo meu nome, logo lhe dizem onde moro e onde estou. Não tenha medo... Eu era feliz se um dia lhe pudesse prestar algum serviço, por mais pequeno que fosse. Dizem-me que é muito independente, que não aceita favores de ninguém, mas de mim deve aceitá-los, porque sou muito seu amigo, Severa...

D. João calou-se. Serenamente, tirou do bolso o seu lenço fino de cambraia e enxugou com ele as lágrimas que borbulhavam daqueles lindos olhos de cigana.

A Severa, já sossegada, olhava-o agora numa expressão de agradecimento e de estranheza medrosa, como se não acreditasse — ela, a pobre rameira do Bairro Alto! — que alguém no mundo pudesse falar-lhe assim.

Por fim, olhando bem para o Conde, vendo que aquele olhar não mentia, perguntou-lhe num sorriso ao mesmo tempo alegre e doloroso:

— Pois é verdade que me não procura como os outros? É verdade?

E já toda confiante, à frente daquele homem que lhe falava uma linguagem desconhecida, daquele homem que era uma saudade da sua infância, daquela criatura à frente de quem se tiravam todos os chapéus e que a tratava como de igual para igual, a Severa começou a contar-lhe a sua vida, a desfiar-lhe, entre risos, a própria miséria, o orgulho de ser a primeira da sua classe a não ter um ódio de ninguém, a contar-lhe que fora só ela a culpada daquela desgraça, que tinha aquilo na massa do sangue, e que era feliz, feliz como poucas, com a sua liberdade, o seu fado, o seu amor pelo sol...

D. João ouviu-a, encantado pelo ar pitoresco dessa mulher singular, que não se parecia com nenhuma outra, que chegava a ser, em cada momento, diferente de si própria, e em cuja voz, ora doce, ora selvagem, ora branda como um murmúrio, ora dolorosa como um uivo, passavam todas as gamas, todos os tons, a macieza húmida do veludo, o tinido musical dos metais, os gorjeios, os soluços, os gemidos, as tempestades...

Apenas alguns monossílabos do Conde de Marialva, respondendo a qualquer pergunta, cortavam a loquacidade da cigana. Fora isso, era só ela que falava, ela apenas, mudando de assunto a cada instante, nervosa e rápida, agitada de vez em quando de estremeções violentos, os pendentos de ouro a luzir-lhe nas orelhas, os cabelos em tumulto a cada aceno inquieto, e o chinelo, pespontado de branco, melido e lindo, a dançar-lhe na ponta do pé.

Depois, passada a natural comoção do encontro, eram já os dois que falavam, como duas crianças, recordando coisas, episódios da infância dela, os poiais de tijolo do Capelão, o vintém de S. Luís que ela trazia ao pescoço, o apontar das estrelas e o grande receio de ter verrugas nas mãos...

E enquanto se lembravam destes pequenos nada, entre risos e lágrimas furtivas, D. João parecia estar a ver a rua verde da janela da Mouraria, a casa humilde em que a conhecera, a nesga do céu estrelado que se envesgava do postigo, daquele céu que já lhe parecia outro, porque, como ele, envelhecera quinze anos...

Só numa criatura do passado não se falou: foi na Cesária, na mãe.

Mas a cigana velha estava ainda bem viva entre os dois, afastava-os como uma sombra, de braços estendidos, e embora não o dissessem, eles sentiam-na ambos, parecia-lhes por vezes que a ouviam, que lhe adivinhavam os passos na rua, e, quando um silêncio súbito interrompia a sua conversa, era a imagem dela que lhes surgia à frente dos olhos como um remorso vago e indistinto.

Por fim, D. João levantou-se, agarrou a sua grande capa de veludo negro, o seu chapéu castoreno e estendeu a mão à cigana, que murmurou num gemido:

— Pois já se vai embora?

O Conde prometeu voltar, muito cedo, no dia seguinte, e voltou a oferecer-lhe, à saída, a sua bolsa e o seu braço.

Quando, pela primeira vez, as mãos de ambos se apertaram, D. João, olhando-a muito nos olhos, fixamente, balbuciou, num sorriso:

— Então...? Já está convencida de que não a procurei.... como os outros?

A Severa corou, baixou a cabecita airosa onde os bandós luziam como duas asas de treva, e depois, rindo muito, recomendou-lhe na sua voz chilreada:

— Não se esqueça... Olhe que prometeu que vinha amanhã...

Foi já a abrir a porta que o Marialva lhe respondeu, embuçando-se na capa, risonho e todo de negro, como o tocador de Franz Hals:

— Amanhã.

Quando ia a sair, deu com o pé numa massa humana coberta com um capitão de briche, que se acaçapava no poial da porta.

Era a mesma estranha criatura de cara arrepanhada e lenço vermelho atado na cabeça, que ele

encontrara à entrada, dentro da casa da cigana.

A Severa, com o candeeiro de latão de três bicos enfiado no dedo, ainda apareceu à porta. Depois, quando o vulto de D. João desapareceu, cruzando uma esquina, agarrou pelo capuz esse farrapo humano açapado no poial de pedra, sacudiu-o três vezes e disse-lhe numa voz brusca:

— Que estás tu aí a fazer, Custódia? Entra se queres!

O miserável ergueu-se, tropeçou no degrau, entrou dentro de casa, e atirou-se, a chorar, para cima de uma arca.

A Severa, sem lhe reparar nas lágrimas, mal poisou sobre a mesa o candeeiro de latão, num ar de alegria selvagem, agarrou-se ao Custódia, a rir, a rir nervosamente, e voltando-lhe a cara para a cara dela, murmurou, cantou, gritou:

— Ai, como eu estou contente, Custódia! Como eu estou contente!

O Custódia era um pobre epilético de vinte e cinco a trinta anos, que tinha servido, como sacristão, no Colegiada (*) de Guimarães.

[() corporação (colégio) de eclesiásticos que, com a obrigação de ofício coral, se dedicam ao culto numa igreja, à qual foi concedido esse privilégio.]*

Passara a sua primeira juventude nas sacristias, no sossego das grandes abadas silenciosas, em intimidade estreita com as preciosidades de argenteria e de pintura dos velhos arcazes emudecidos, num meio de sombra e de bafio onde os passos ressoavam com as pesadas sandálias fradescas, e criara-se ali, no coração daquelas paredes mortas, glabro e sacerdotal, quase tão morto como elas, no ofício leve de mostrar à curiosidade dos visitantes os fios da meada da Senhora, o oratório de prata do rei de Castela, a ampola de vidro com o leite da Virgem, toda essa santa arqueologia de alfaias, que tresandava ao incenso litúrgico e ao esturrinho dos cónegos capitulares.

O Custódia era filho de um antigo Prior do Colegiada e de uma irmã da alcoviteira Macheta, criatura tosca e propensa a acidentes, que o povo de Guimarães dizia possuía pelo diabo, como amante de clérigo que era, teúda e manteúda.

Por conseguinte, o Custódia ali nascera e ali se criara, sem outra intimidade que não fosse a das grandes figuras macilentas dos retábulos, e a das Virgens dos trípticos de prata, serenas e lacrimosas, na doce expressão dos seus olhos de esmalte.

Mas o D. Prior e a comborça tinham feito desse filho de coito-danado uma sombra inquietante de desgraça, que arrastava um pé coxo, caído pelos cantos, ferido do mal caduco, a babar uma espuma sanguinolenta, e andava por este mundo com o ar de perguntar a toda a gente por que capricho de Deus fora criada a sua imperfeição.

Era um epilético, com uma queixada volumosa e um grande olhar profundo e sentimental, pobre diabo canhestro, oblíquo, acrocéfalo e disforme, que arrastava consigo, como uma sombra, todos os vícios de um claustro e todas as monstruosidades de uma herança mórbida.

Uma bela noite, depois das festas da Páscoa, no Colegiada, quando ia aproximar-se de uma lareira acesa, a fraqueza marinhou-lhe pelas pernas e o pobre animal caiu de borco, vasquejando, a cara sobre as brasas, em contorções medonhas.

Daí, a cicatriz que lhe arrepanhava a face, que a imobilizava numa marca permanente, que lhe imprimia a toda a máscara a expressão paradoxal de certas gárgulas das catedrais góticas, cuja boca monstruosa ri e chora ao mesmo tempo.

Chamavam-lhe o Custódia, por alcunha. Era o caso que o pobre cicerone (*) do Colegiada, quando mostrava o tesouro aos viajantes, ia sempre direito à grande custódia de prata dourada, oferecida pelo cónego Gonçalo Anes a Nossa Senhora, largo hostiário assente sobre grifos de ouro, cuja história ele contava com uma humildade untuosa de epilético:

— Vejam, meus senhores, esta custódia, oferecida a Nossa Senhora pelo cónego Gonçalo Anes, em 1534...

[(*) *cicerone = guia; pessoa que mostra uma localidade ou um edifício aos visitantes, dando-lhes informações a respeito do que observam*]

E daí a alcunha a persegui-lo, como uma sombra hostil, e toda a canalha a barregar-lhe nos calcanhares:

— Eh, Custódia! Eh, Custódia!

Num dia desgraçado para ele, disse-se que tinham desaparecido do Colegiada dois castiçais de prata. O responsável era o Custódia. Atiraram-lhe todas as culpas daquela infelicidade e entregaram-no à justiça.

Depois de muitos incidentes, veio parar à cadeia do Limoeiro. Aí viveu com todos os facínoras da altura, ele, o lírio de sacristia, a criatura que nunca tinha conhecido uma mulher e que não sabia metade dos males do mundo.

Quando acabou o seu tempo de prisão, foi desaguar nas torpezas do Bairro Alto. Era o faquista, o ladrão, sob a capa de um seminarista tímido. Era um produto híbrido das igrejas e das cadeias, sinistro de corpo e de alma.

O Custódia tinha uma tia em Lisboa, dona de um lugar de santos, no terreiro de Santa Clara.

Era a Macheta. Procurou-a.

Como aprendera o ofício de encarnador e estofador de imagens, a tia deu-lhe trabalho. Tinha com que viver. Depois, trabalhava ao mesmo tempo em casa da Macheta e na loja de um santeiro do Bairro Alto. Um belo dia quiseram maltratá-lo, corrê-lo à pedrada. A Severa, alma sempre aberta à proteção dos

desgraçados, defendeu-o e riscou um, com a navalha. Daí, a ternura do Custódia pela Severa. Era-lhe como um cão. Seguia-a para toda a parte, espiava-a, só para a poder ver antes dos outros. A cigana tornou-se, em pouco tempo, a luz daqueles olhos de desgraçado. Aparecia às noites, ao fim do trabalho, enxalmado no seu ferragoulo de briche, metido pelas sombras, tremendo de horror quando ouvia uma gargalhada. Era já conhecido ali pelos arredores do Cunhal das Bolas, lenço vermelho atado na cabeça como, os mendigos espanhóis, grenha negra em cabeleira enroscada sobre a testa, mancando como um cavalo inchado de esparavões que marcha para o abate. Quando ele passava todos riam:

— O Custódia! Olha... Lá vai o Custódia...

E ele, o pobre animal, cosia-se mais com a sombra, e passava, num ranger de dentes, sangrando ódio contra a canalha que se ria da sua desgraça.

E lá ia arrastando a perna aleijada pelos becos, pelas ruas, até à morada da Severa. Vê-la, senti-la, olhar para ela num enlevo, até que um fidalgote da treta batesse à aldraba da porta e entrasse de repente, atirando o chapéu e a viola.

Ele então saía, o escorraçado, o triste, e pensava em poder comprar também o amor dela, pelo mesmo dinheiro dos outros, pelas mesmas pratas que tilintavam nas cimeiras da cómoda, com um tinido de abominação.

Pensava muito, o pobre Custódia, e descosia pela milésima vez, do forro do capote, uns cruzados novos que o seu trabalho lhe rendera e, cujas cruces lhe apareciam como braços trémulos de amor.

Pensava que o verdadeiro amor podia comprar-se como os outros compravam o prazer, ele, que a amava com toda a violência de um escorraçado e de um expulso!

E ia juntando, pataco a pataco, como um avarento.

Às vezes, com uma grande dor a retalhá-lo todo, fechava-se em casa da Macheta e não aparecia no Bairro Alto, durante dias e dias, como quem anda fugido ao próprio destino. Mas depois voltava, mais

humilde e mais cão do que nunca, para a amar sem saber que a amava, para a beijar com os olhos, para a adorar em silêncio, num êxtase, numa beatitude.

E a Severa, que o não podia entender, que o não podia adivinhar, via apenas naquela dedicação de cão fiel uma amizade de irmão, que não exigia mais — pobre Custódia — do que a troca dessa amizade.

Outras vezes, o pobre diabo ia queixar-se à tia, à Macheta, queixar-se sem saber de quê, de que se riam dele, de que o escarneciam, de que o insultavam, e de que a Severa, quando estava no meio dos outros homens, era a primeira a escarnecê-lo também.

E em todo o caso, a ninguém mais a Severa contava o que contava ao Custódia. Tinha desabafos com ele, que não tinha com mais ninguém. Que dolorosas seriam para o pobre epilético essas confidências, todas cheias do amor dos outros por ela e do amor dela por todos!

Desde a célebre noite da espera de touros no Campo Pequeno, o Custódia começara a ouvir falar a Severa no Conde de Marialva. Quando ela pronunciava esse nome, os olhos lindíssimos acendiam-se-lhe num clarão súbito e molhavam-se-lhe de lágrimas. Ele já conhecia as grandes tristezas que sucediam, por largas horas, à lembrança do nome do Conde. A Severa, alegre e estouvada, cuja vida era uma ânsia permanente de movimento, caía em profunda meditação, os olhos fixos, a face pálida, o peito, arquejante. O Custódia bem sabia que tudo aquilo era produzido por um nome, por um só nome: Marialva. Procurou conhecer o homem que usava esse título. Um dia, apontaram-lho, na rua. Olhou-lhe a fisionomia, mediu-o de alto a baixo, os olhos coruscantes, a boca trémula. Quando despegou dele o olhar, dizia para consigo, numa alegria selvagem:

— Já não o esqueço mais!

E não o esqueceu. Quando nessa noite viu na casa da Severa, aquele homem embuçado na sua ampla capa de veludo preto, reconheceu logo o Conde.

Deixou-o entrar, e foi atirar-se, como um corpo morto, sobre o poial da porta.

Quando a Severa se agarrou a ele, numa alegria nervosa, toda banhada de riso e de ternura, a dizer-lhe, depois da saída do Marialva, que estava contente e que era feliz, foi como se lhe dessem uma facada em pleno peito.

O pobre Custódia para ali ficou, inerte, de braços na arca, embrulhado no ferragoulo de briche, soluçando, rangendo os dentes, devorando o fel do seu rancor e do seu ciúme.

No dia seguinte contou tudo à Macheta. Que em casa da Severa tinha estado o senhor Conde de Marialva, de capa de veludo preto, chapéu de abalroar e esporas de prata. Que a Severa por força queria muito àquele homem, porque, quando o viu, chorou de alegria. Que o Conde, sem dúvida, fora ou iria ser amante da cigana.

A santa madre Celestina ouviu o sobrinho atentamente, percorrendo em oração as beatas camândulas de pau-santo, atou o lenço de cambraia bicuda, enfiou o saiote encarnado, e abalou para a Mouraria, ter com a Cesária, para a pôr ao corrente do que se passava com a filha.

A pobre Cesária, que esperava há muito, dolorosamente, o retorno do D. João, reparou logo, sob a rua verdeonga, o capote encarnado da Macheta.

Saltitou-lhe o coração a pesar que alguma noticia, boa ou má. A santa alcoviteira há tempo que a não procurava; e a sua face balofa, toda a suar do queixo por causa do sol, trazia na dobra crespada do lenço de cambraia, uma expressão hostil e carrancuda.

Alguma coisa era.

— Olá, tia Macheta!

— Ora viva a minha menina.

— Suba, suba...

— Venho toda suada. Está um sol de matar pardais, filha!

Subida a escada esconsa, num sofraldar de capote que lhe descobria as pernas de perua, a Macheta atirou-se para cima de uma arca encourada, a resfolegar, em sopros violentos de peito.

Depois de ter repousado uns instantes, desandou numa saraivada de novidades, de rumores, de casos de rua, de segredos de sacristia, bichanou de tudo, falou de tudo, da loja, dos santos, das desgraçadas, da sarna que lhe comia os dedos, e do seu saiote açafroado, comprado na véspera, com um ar lustroso de bata rica.

E rematou num riso sem dentes, sacudindo a poeira do capote, em gestos rápidos:

— Isto, filha, “a boi velho, chocalho novo”!

Por fim, depois de a ter disposto bem, falou-lhe da filha, daquela “alma de Deus furta laranjas”, como a tratava na sua linguagem pitoresca a beata madre Celestina.

Mas a Cesária atalhou logo, num movimento nervoso de cabeça:

— Não me fale de desgraças, tia Macheta. Já bastam as minhas!

Um sorriso tranquilizador da alcoviteira, todo untuoso com ares de mel, deu-lhe logo a entender que não era de infortúnios que se tratava. Muito pelo contrário. Uma riqueza que entrava pela casa da filha. Talvez a salvação dela, se ela tivesse juízo. Um homem dos bons, dos que sabem quanto vale uma mulher. E nobre, dos de melhor sangue; e rico, como os que mais importantes o são. Onde o ouro fala, tudo cala. E aquele, quando lhe desse para retinir a barioleta, ficavam todos de pescoço estendido como os peixinhos de Santo António, e mudos como os frades em *Gloria Patri*. Só o título, era coisa que metia respeito e que fazia pensar a gente em coisas da velha nobreza, em palácios com bafio e em outras velharias de que rezavam os livros respeitáveis. Tinha o título de “Dom”, que lhe dava graça ao nome, e era ainda um rapaz, de muito bom aspeto e galante como sete mil ouros, — que ela, a boa da Macheta prezava-se de dar a sua sentença em coisas de bom gasto, principalmente em negócio de homens.

E repetia, em trejeitos das suas mãos sapudas, cheias de anéis de missanga:

— Um perfeito homem, benza-o Deus! Tirado das canelas, sobre o trigueirinho. Que eu já o conhecia. Quando o Custódia me disse, fiquei banzada! É daqueles fidalgos que aí há, que andam a cavalo e picam nos touros reais. Um homem que se pode ver, que é um homem, não é lá como esses tafuis de melânia e de barbichas de bode, todos perfumados, que até uma mulher fica zonza quando olha para eles! Não fazes ideia, Cesáriazinha! Se a tua filha lhe dá na tineta para ter juízo, está arrumada. Tem homem!

Nisto, a Cesária, que ouvia distraída a velha, estremeceu, fez-se pálida, abriu muito os olhos, ficou ansiosa a face da alcoviteira, e crispando os dedos na saia, perguntou:

— Como se chama ele, tia Macheta?

A madre Celestina deu-lhe pelo interesse, encarou-a, e disse, num risinho:

— És capaz de o conhecer, filha!

— Diga... Como se chama?

— Chama-se D. João. Conheces?

A cigana, de pé, recuou os cotovelos e ferrou-os no tampo, violentamente, para não cair. Depois, desfigurada, ofegante, os cabelos revoltos, os olhos desmesuradamente abertos, gritou:

— É o Conde de Marialva, não é?

A beata, sem compreender o que se passava na alma da pobre mulher, confirmou, cruzou as mãos sobre o ventre, e balbuciou, atónita:

— O quê! Pois também conheces...?

A partir daí a Cesária não lhe disse mais uma palavra. Até que a Macheta saiu, ficou emborcada numa cadeira de tripeça, os olhos cobertos de mágoas de sangue, os punhos cerrados nervosamente. Nem um soluço, nem um grito, nem uma lágrima. Por força que devia ser grande a dor daquela criatura, para sofrer assim, esmagada, aniquilada, em silêncio.

Por fim, a beata ergueu-se, compôs o lenço de cambraia, e, recomposta, foi descendo a escada estreita.

Quando ia no último degrau, ainda ouviu a voz rouca da Cesária, gritando lá em cima, em uivos de animal ferido:

— Eu mato aquela cabra! Eu mato aquela cabra!

CAPÍTULO III

Nessa mesma noite, a Cesária encapotou-se num saio negro, que lhe emprestara uma velha rosarista da Mouraria, meteu na algibeira uma faca flamenga, e saiu a caminho do Bairro Alto.

Pelas ruas e ruas da subida, essa aparição sinistra, soluçando e agarrando-se às paredes, tinha o ar doloroso de uma condenada que sobe um Calvário.

As pessoas que passavam por ela, ombro com ombro, e que lhe sentiam de perto os soluços, voltavam-se para trás, compadecidas:

— Aquela sofre... Deve ter sido alguém que lhe morreu.

Era verdade. Alguém lhe morrera, mas já lhe morrera há muito: a filha.

Nas duas rameiras, a concorrência, a inveja, o primeiro ciúme feito desabrochar pelo Sousa do Casacão, o ódio mútuo latente entre criaturas que vivem dos mesmos homens, tinham calado para sempre a voz do sangue.

Agora, mãe e filha, uma em frente da outra, eram apenas duas mulheres disputando o mesmo homem.

A Cesária bem o sentia, na via dolorosa do seu Calvário, quando a mão crispada palpava a faca através do pano do capote.

Crescia nela uma sede viva de sangue, que o travo das lágrimas aumentava, e todo o seu corpo tremia numa ânsia animal de vingança.

Cada passo daquela mulher era mais um passo para o crime.

Às vezes, faltavam-lhe as forças, e deixava-se cair sobre algum poial de porta, numa convulsão de

soluções. Depois, erguia-se de novo, e a subida do Calvário continuava, quase de rastos, na sombra, como um castigo, como uma expiação.

Chegada ao Bairro Alto, encaminhou-se para a morada da filha, que já conhecia por indicação da Macheta.

A porta, com o seu postigo em cujas frinchas havia luz, levantava-se sobre um poial alto, de uma só laje.

Como não podia espreitar lá para dentro, a Cesária encostou o ouvido. O coração saltava-lhe no peito. A princípio ouviu apenas a voz da filha e, de vez em quando, o tinido de umas esporas no soalho. Depois, de súbito, todo o corpo se lhe crispou e inteiriçou de encontro à porta. Reconheceu a voz quente, a voz máscula do Conde de Marialva.

D. João estava lá dentro. E a pobre cigana, numa atitude dolorosa, estendendo os braços, caiu pesadamente sobre o poial, como um farrapo.

Por fim, a porta abriu-se. A Cesária, apanhada de surpresa, ergueu-se de um salto, cosendo-se com a ombreira, a faca bem firme no punho.

Aquela desgraçada quase não sabia o que queria: queria apenas sangue.

Ao primeiro vulto que viu, envolvido numa capa de veludo negro, a tilintar as esporas, levantou o braço.

Mas a Severa, que apareceu logo às costas do Marialva, com o candeeiro de três bicos fumegando, ao ver luzir a faca na sombra agarrou num salto de loba o braço que a empunhava, derrubou o vulto de mulher que se lhe erguia na frente, e, num abrir e fechar de olhos, a Cesária, ainda não reconhecida pela filha, arquejava sob o murro violento da Severa.

D. João só teve tempo de levantar o candeeiro de latão, ainda aceso, e de se atirar para o meio das duas mulheres.

Quando a luz bateu na cara roxa e congestionada da vencida, a Severa teve um grito de espanto e de ansiedade, ergueu-se, e levando as mãos à cabeça, espavorida, entrou a gritar desordenadamente:

— Mãe! Mãe! Mãe!

CAPÍTULO IV

As relações entre D. João e a Severa continuaram na mesma.

No entanto, a vida da linda cigana mudara muito. Não recebia homens em casa. Apenas o Custódia, seu amigo, seu irmão. O Conde dava-lhe dinheiro a rodo. Tinha tudo o que queria. Deixara de ser a puta que se vende por doze vinténs de prata, sem ter perdido a sua independência, a sua liberdade, a maior riqueza das mulheres como ela, ansiosas de sol e livres como o vento da charneca.

A primeira proposta que D. João lhe fizera, tinha sido outra. O Conde pedira-lhe que abandonasse o Bairro Alto, aquela vida de porta-de-rua, e que fosse viver decentemente para uma casa em que ele a poria, como se fosse para uma grande dama, e onde, para a deslumbrar, a vestiria de seda e a cobriria de joias. A rameira, da sua natureza bárbara e selvagem, preferiu continuar a ser a primeira entre as da sua laia. Ficou no Bairro Alto, amparando as desgraçadas e dando de comer às que tinham fome. A Severa era a alma das desgraçadas do sitio, a sua protetora e a sua amiga. As outras respeitavam-na pela força do seu pulso e pela grandeza do seu coração. Naquele bairro era ela que fazia justiça. Quando alguma das outras vinha queixar-se-lhe, a chorar, a cara pingada de sangue e o corpo cheio de nódoas negras, de que o homem a maltratara, a Severa remangava-se, gingava, fuzilavam-lhe os olhos, e perguntava logo:

— Onde está ele?

Iam as duas à procura, e quando topavam o malafaia, a Severa mandava-lhe dois socos, e estava a justiça feita.

Se o homem fazia, sequer, menção de reagir, já se sabia que no dia seguinte uma corja de fidalgos, de palafreiros e de eguariços, o deixava a escorrer sangue, no canto de algum pátio ou no poial de alguma porta.

Desde que se soube no Bairro Alto que o Conde de Marialva, o mais popular dos fidalgos da altura, protegia a Severa, o respeito pela cigana redobrou. Além disso, como ela tinha mais dinheiro, e o podia atirar mais à larga para o regaço das desgraçadas, o seu prestígio aumentava a cada dia. Era um ídolo. Quando passava nas ruas do bairro, com a tairoca polida a bocejar nas lajes, e os brincos de ouro a luzir sob a cabeleira escura, os rufiões tiravam os chapéus e as crianças vinham beijá-la à rua.

Para toda a gente a Severa era a amante do Conde de Marialva. Não à frente dela, mas à boca pequena, chamavam-lhe “a Condessa”.

No entanto, intrigava-os o facto de D. João ter alugado ao Manjerona, o botequineiro do sítio, a sobreloja em cima do botequim, para passar a noite quando ficava em Lisboa. E perguntavam, sem compreender:

— Então ele não fica em casa da Severa?

Daí sabiam, porque a Severa o dizia, que D. João lhe dava rios de dinheiro.

Além disso, a cigana, sem deixar o traço pitoresco das rameiras, vestia com verdadeira riqueza, trazia as saias barradas de veludo, e aparecia, nas noites de espera de touros, toda cheia de pulseiras e de fios de ouro.

Não recebia ninguém em casa; por conseguinte, era o Marialva que lhe dava tudo. E se o Marialva lhe dava tudo pensavam os corações vulgares não era de certo pelos seus lindos olhos.

E, no entanto, D. João não era ainda amante da Severa.

Ao contrário de toda a fidalguia da altura, que já tinha cevado o corpo dourado da cigana com a sua fúria, o Conde de Marialva ainda não lhe tocara.

Porquê? Naturalmente, porque gostava dela. Há já um mês que aquela vida durava. Em casa da Severa não entravam senão dois homens: o Custódia e o Conde de Marialva. O pobre coxo epilético era o cão de guarda, que ficava embrulhado no seu ferragoulo, pelo poial das portas; D. João era o protetor

desinteressado, que a visitava todos os dias, sem a beijar sequer, na vaga preocupação romântica de *refaire une virginité* àquela Marion Delorme do Bairro Alto.

Nos ouvidos do Conde vibravam ainda os gritos da Severa ao recebê-lo na sua casa humilde: “Não! Consigo não!”

E depois da noite em que a Cesária abria a navalha para ele, a sombra dolorosa da velha cigana, interpondo-se a ambos, parecia afastar ainda mais a possibilidade de virem a ser um do outro.

Apesar disso, D. João e a Severa viviam felizes. Ela ia com ele às esperas dos touros, à garupa de um garanhão dourado, cavalo de raça como ela, a chinela a dançar-lhe no bico do pé, a guitarra a gemer-lhe na ponta dos dedos.

No Colete Encarnado, era uma perdição. Cantavam o fado os dois, no meio da malta dos cocheiros e dos troquilhas bodegões, e quando ao fim a Severa, sentada numa cadeira de tripeça, cantava o choradinho, as lágrimas borbulhavam de todos os olhos.

E no entanto, nem o Conde nem a cigana pareciam desejar que chegasse a hora de um contacto mais íntimo.

Em cada um deles havia o receio de ser amado pelo outro com a vulgaridade dos amores ignóbeis, de estragar numa posse grosseira, sem beleza e sem dignidade, o mais delicado sentimento do seu coração.

Quantas vezes a Severa perguntara a si mesma, abraçada ao Custódia, se o Conde a rebaixaria, no primeiro beijo que lhe desse, tratando-a como a uma mulher perdida, e atirando-a como um farrapo depois de se ter saciado dela.

O pobre epilético olhava-a, via a tristeza a tremerem-lhe nos olhos, sabia que tudo aquilo era por causa do outro, e perguntava-lhe, num sorriso triste:

— Porque choras tu, Severa?

Ela então reparava no desgraçado, cujos olhos, turvos de água, pareciam um espelho dos seus:

— E tu, também, porque choras...?

Por seu lado, o Conde de Marialva sentia um indefinível prazer em conservar aquela mulher para junto de si. O sentimento que nutria por ela não podia contentar-se com a posse de um corpo que tinha sido de todos; queria a posse de uma alma que ele bem o sentia não pertencera ainda a ninguém.

No coração da Severa só havia um afeto, e esse não o compreendia bem o Conde de Marialva: Era o Custódia. Que sentimento poderia ligar aquela singular mulher, bela e orgulhosa, ao pobre aleijado que a seguia sempre como um cão, de capote às costas e lenço vermelho apertado na cabeça como um mendigo sevilhano?

Decerto a piedade. Mas a verdade é que ela olhava para o desgraçado do coxo com uma ternura onde havia alguma coisa mais do que um sentimento de compaixão. Talvez a comunhão da desgraça; talvez a consciência de um destino semelhante, que os impelia um para o outro. Coisa curiosa!

E ele, o Conde de Marialva, que não tinha ciúmes de ninguém, tinha-os do Custódia. No coração da Severa, aquele pobre degenerado ocupava um lugar, donde talvez nem o amor de D. João conseguisse arrancá-lo. E se ela o amasse? Impossível. Por maior que fosse o mistério da alma de uma mulher, não seria fácil admitir semelhante monstruosidade. E entretanto, esse aleijado era o único homem capaz de disputar-lhe o afeto da cigana. Porquê? Podia porventura o Custódia comparar-se-lhe em força, em beleza, em nobreza, em bravura, a um pobre degenerado repugnante como um sapo e hirsuto e um lobo com fome? Não, sem dúvida.

Mas alguma coisa faltava ao jovem Conde Marialva, alguma coisa que entenece o coração das mulheres e que a Severa encontrava nos olhos turvos de lágrimas do pobre epilético: faltava-lhe ser tão desgraçado como ele.

A tourada de beneficência, que devia realizar-se no Campo de Sant'Ana, presidida pela senhora

Infanta, cujo perfil Bourbon não perdera ainda a sua dignidade olímpica, tinha sido definitivamente transferida para o próximo domingo.

Quando a loura D. Ana se apeou do seu coche dourado — uma bela estufa que viera para Portugal no dote de uma rainha da casa de Áustria — e entrou na praça de touros, o povo levantou-se numa ovação enorme, que o ódio dos patuleas(*) não conseguiu abafar.

[(*) *patuleas* = *calão para “espanbóis”*]

Nessa tarde, toureava o Marialva.

Eram touros reais, corridos com o esplendor das antigas touradas do Terreiro do Paço, numa praça armada de damasco vermelho, onde uma ralé miúda de capigorrões espantadiços aguardava o arrancar da primeira fera e o cravar do primeiro roião.

Touradas em que entrasse o Conde eram para toda a Lisboa um acontecimento.

D. João, admirável na sua sorte à estribeira com touro levantado, que exigia, como nenhuma outra, a plena posse de todos os segredos da arte da gineta, tinha o dom especial de comover e de arrebatrar a multidão, ávida de sangue e de emoções.

Quando o Conde toureava não havia praça de touros que se não enchesse a trasbordar.

Os empresários perseguiram-no, abusavam da sua popularidade, solicitavam constantemente a sua comparência em touradas reais, improvisadas sob pretextos escandalosos de beneficência.

A princípio o Conde cedeu. Depois, como a exploração fosse demasiada, teve de fazer sentir a certo picador antigo de D. Miguel, dono de uma praça de touros, que não estava decidido a permitir a continuação do abuso.

Quando esse empresário o procurou para o convidar a tomar parte de um torneio de caridade, pretexto para meter nos bolsos do gabão um bom magote de libras, o Conde disse, no melhor dos seus sorrisos:

— Muito bem. Mas devo prevenir vossa senhoria de uma pequena particularidade.

— Como assim...?

— É que eu não costumo, nem quero, receber absolutamente nenhuma remuneração.

— Oh! Nós já sabíamos que V. Exa era generoso...

— Mas o cavalo é que recebe, — concluiu o Conde, serenamente. — Recebe de salário cinquenta moedas.

O picador teve um riso amarelo, viu-se obrigado a aceitar as condições impostas, e largou as cinquenta moedas, jurando nunca mais ter negócio com aquela canalha de fidalguetes.

Foi remédio santo. Depois, só entrava nas touradas em que a sua presença era reclamada por alguma comissão de alta nobreza, caso contrário, esquivava-se.

A tourada de caridade, a que ia presidir a senhora Infanta D. Ana, tinha mais o interesse do toureio do Conde de Marialva.

A praça trasbordava de uma multidão congestionada, buliçosa, grasnante, colorida, arfante de leques. Uniam-se, na atmosfera resplandecente como um grande mosaico dourado, os perfumes aristocráticos de Laborde e o fedor trescalante das cavalariaças. Cachos de cabeças humanas moviam-se no vasto anfiteatro, inquietas, grunhindo, barregando, ululando, com a ânsia do combate nos olhos coruscantes, ávidos de sangue e de luta.

Fermentava ao sol o entusiasmo da multidão que, como na antiga Roma, vivia feliz com o pão e touradas.

Ao entrar o capataz com a azémola das farpas, ricamente gualdrapada de brocado flamengo com as armas de uma casa fidalga, fez-se o silêncio. Iam começar as cortesias dos touros reais.

Pousados os caixões das farpas, veio o neto, vestido de negro, a máscara na face, os bucras da cabeleira fulva escorrendo do seu largo chapéu Velasquez.

Os andarilhos, caminhando-lhe às ilhargas, a pé, eram duas crianças, vestidas de veludo cinzento, com largos mantéus de rendas, à baiona.

Lá em cima, num lugar do sol, cercado por uma verdadeira corte de rameiras do Bairro Alto, a Severa assistia à tourada.

Estava de pé, vibrante, arquejante de entusiasmo, os olhos negros de cigana chamejando no roxo fatigado das pálpebras, a pele trigueira, queimada, metálica, dando-lhe o aspeto de uma estátua de bronze embrulhada num xaile vermelho, a esbracejar, a uivar, a gritar, numa fúria animal, pelo Conde de Marialva.

De repente, o neto voltou, já sem máscara nem rebuço, a grenha loura ao vento, montado num tordilho ágil de combate.

As charamelas estrugiram os ares e as trombetas, clangorando, respondiam às pancadas musicais dos atabales.

Os cavaleiros entraram finalmente, ladeados pelos capinhas, seguidos dos palafreiros, dos coches ricos e dos campinos, com os frisões pela arreata.

Eram dois. O Conde de Marialva e um outro. Quando eles entraram, a Severa reconheceu logo D. João.

Vinha num soberbo cavalo murzelo de picaria, de boa andança, nervoso, calçado do pé de cavalgar, largo de garupa, orelhas derrubadas. As esporas reluziam-lhe, despedindo centelhas junto à estribeira de pura argentaria.

Trazia um redingote à Marialva, de veludo vermelho, com abotoadura de diamantes, bota portuguesa, de cava tricórnio com penacho branco, que tirou ao chegar aos terços da praça.

Lá de cima, a cigana, ao vê-lo, toda ela rompeu em berros estridentes:

— Marialva! Marialva!

Foi um escândalo. As atenções dividiram-se entre as cortesias do redondel e a Severa, que de saia de ganga de três folhos, brincos de ouro nas orelhas, lenço sarapantão derrubado, uma mistura de dama e de cigana, gritava como uma doida, batia palmas, sapateava com os socos na tranqueira, como se dançasse um fandango infernal.

Da sombra, havia mãos que apontavam e vozes que diziam:

— É a Severa, a amante do Marialva!

E no redondel, entre os grandes coches que oscilavam, no seu perfil solarengo de talha dourada, bocejando almadragues vermelhos, e os campinos, cujos coletes encarnados sangravam ao sol, o Conde, coberto de uma verdadeira chuva de flores, executava as cortesias do estilo, obrigando o cavalo às mais finas gentilezas de gineta, e rematando, finalmente, pela cortesia a galope levantado.

Foi um sucesso.

O sol inteiro ergueu-se, como a aplaudir o estupendo cavaleiro, ainda antes de vitoriar o toureiro de raça.

As mulheres escondiam no leque a volúpia dos olhos e o rubor das faces. Num camarote armado de damasco amarelo, uma grande dama, uma Eugênia Lamí da altura, vestida como uma nuvem de musselina cor de rosa salpicada de espigas de ouro, o pescoço olímpico afogado em topázios, desfalecia nos braços de uma aia velha.

Era a Marquesa de Seide.

Terminadas as cortesias, ainda num clangor estridente de fanfarras de cobre, apareceu o Marialva para a primeira fera, faiscando ao sol o ouro dos acicates de gineta e as dianteiras picadas de diamantes do seu redingote de veludo vermelho.

Fez-se um silêncio religioso. Ouvia-se o zumbido de uma mosca. Aquela multidão inquieta imobilizara-se na expectativa dos grandes momentos.

Um careca abriu a porta do curral.

Ao alto, no camarote armado de damasco amarelo, a Marquesa, acordada do seu delíquio, olhava para a praça, numa ansiedade.

Nisto, saiu o touro. Era um grande animal, de um castanho dourado, malhado na bragadura, possante, violento, caldeiro e baixo de cornos.

Cego com o sol, arremeteu.

O Conde atravessou a galope à frente da fera, na sua célebre sorte à estribeira, e num assombro de justeza, de precisão, de picaria, cravou-lhe o roião agudo na tábua do pescoço.

Então, veio a praça abaixo. Já não eram aplausos, eram uivos, eram rugidos de outras feras piores, bêbedas de entusiasmo e de sangue.

A Severa, a quem não se ouvia uma palavra no meio do alarido da multidão, esbracejava, contorcia-se, gesticulava em movimentos selvagens.

A Infanta D. Ana, no seu camarote, desfolhava rosas, serenamente.

O Conde repetiu a sorte à tira, com a mesma mestria, a mesma elegância, a mesma precisão.

Mas, ao cravar o ferro na fera, uma chinela de verniz, jogada pelo ar, das bancadas descobertas ao sol, bateu-lhe na testa, certa e firme, fazendo-lhe correr um fio de sangue.

Fora a Severa que, num arranco de bárbaro entusiasmo, não podendo atirar ao Conde o coração, lhe

atirara o tamanco.

As ovações repetiram-se. O resto da tourada foi um triunfo.

Depois das cortesias finais, quando ainda aclamava a multidão, a Severa safou-se, liderando um bando inteiro de putas de rua, de largas saias gomadas e grandes olhos sentimentais.

Ia ao pé coxinho.

— O Marialva apanhara-lhe a chinela na praça e metera-a na algibeira da casaca de veludo.

Antes de se meter na carruagem, a Severa, excitada, vermelha, arquejante, feliz, restolhando a sua saia de ganga tufada de folhos, dizia para as companheiras:

— Ah, raparigas! Quando lhe atirei o tamanco e lhe vi o sangue na cara, a alegria que eu tive!

Terminada a corrida, o Conde substituiu o tricórnio(*) pelo chapéu castoreno de aba larga, atirou pelos ombros uma ampla capa de veludo negro, montou o seu cavalo de passeio, e galopou, estradas fora, com destino ao Manjerona, em cuja sobreloja havia de mudar de fato.

[(*) *tricórnio* = *chapéu de três bicos usado nas touradas*]

Tinha combinado com a Severa encontrarem-se no botequim, depois da tourada.

Estava morto por vê-la, por ouvi-la, por sentir-lhe a febre, a excitação, a alegria.

A chinela de vermelho, luzente de verniz, que ele ainda trazia na algibeira, aquela chinelinha miúda, e graciosa, só podia ser da cigana, cujas manifestações de entusiasmo eram sempre excessivas e violentas.

No caminho, encontrou D. José, o outro cavaleiro que toureara naquela tarde — bravo rapaz cuja casaca de veludo verde-malva arrastara consigo, pela arena, muitos olhares de paixão.

— Olá, Marialva!

— Viva!

— Onde vais?

— Ao Bairro Alto. Despir a casaca e vestir uma casaca.

— E ver a Severa, hein?

— Também.

— Ela lá estava na praça!

— Eu vi.

— Já todos sabem que ela é tua amante.

— Não é verdade.

— Não, é verdade?

— Protejo-a, mas não sou amante dela.

— Palavra de honra?

— Palavra de honra. Que tem isso de extraordinário?

— Mas tu cantas o fado com ela, nas esperas de touros, vais com ela, sozinho, ao Colete Encarnado, passas a vida no Bairro Alto, em casa dela...

— E nunca lhe toquei com um dedo, vê lá tu!

— A sério?

— Tu és um conquistador da alta-roda. Estás costumado a todas as facilidades. Mas olha que as mulheres do fado, fiam mais fino. Dão-se a muitos, mas só amam um; e, quando amam, é até à morte.

— Olha lá... E a Marquesa de Seide?

— Está às tuas ordens.

— Também és capaz de afirmar que não foste amante dela?

— Afirmo. É a única coisa em que é permitido a um fidalgo: mentir em negócios de mulheres!

Os dois cavalos iam galopando lado a lado, pelos campos relvados de Vale de, Pereiro, a caminho desse velho bairro do século XVII, povoado de becos de armas e grades verdes, onde o Marialva deixara o coração.

— Vais então ver a Severa? — insistiu D. José.

— Queres que ta apresente?

— Está dito.

— Então vem comigo.

— Estou ainda de casaca.

— Tens lá uma casaca minha e um chapéu.

— Muito bem.

— E depois, onde vais?

— Ao S. Carlos.

Daí a pouco, pararam à frente de um botequim de portas de vidraça, de onde saíam uns tinidos metálicos de viola.

Era o Café do Manjerona.

Um velho leproso, com uma carapuça vermelha na cabeça, correu a segurar nos cavalos. Quando o

Marialva entrou no Café, uma chusma de cocheiros, de eguariços, de malafaias, de comerciantes, de ciganos, tirou o chapéu e grunhiu, ao mesmo tempo risonha e respeitosa:

— Senhor Conde!

— Senhor D. João!

— Excelência!

O Conde cumprimentou-os, com a familiaridade de um velho conhecido, e galgou, com D. José, a escada esconsa da sobreloja.

Aí, vestiram-se os dois: nizas com pesada argenteria e feltros negros de abalroar.

Depois, desceram ao botequim. A malta rodeava, com certo acatamento, um comerciante alentejano, de jaqueta de peles e calça de belbutina, grande grilhão de ouro a chispar no colete, que falava de papo para o ar em carruagens e burros.

Era o Romão.

Quando os fidalgos desceram, já embuçados nas capas, as atenções afastaram-se de novo do comerciante.

Mas D. João, caminhou para o grupo, pediu uma rodada de aguardente, e a conversa generalizou-se sobre manhas de carruagens, prodígios de veterinária, processos infalíveis de por bons os cavalos zainos, de curar esparavões velhos, e outras emaranhas tretas de cigano com que os alquilés, trocando e vendendo carroças suas semelhantes, enchiam de boas moedas de ouro os bolsos e os canhões dos capotes. D. José, farto de ouvir falar de carroças, de aguaduras, de feiras e de bestas, levantou-se para sair.

— Então, não queres ver a Severa?

— Não. Ela demora-se. Vou ao S. Carlos.

— O que há lá, hoje?

— A Ana Bolena.

— Canta a Boccabadati?

— Não me fales nessa mulher!

— Então porquê?

— A Barili! A Barili é que tem talento!

— Ah! Tu és barilista?

— A Boccabadati é para o Niza, que endoideceu.

— Vais então por aos pés da Barili os teus triunfos de redondel?

— E um ramo de rosas.

— Perdes as rosas, se não puseres ao mesmo tempo um punhado de libras!

— Desinteresse e virtude só no Bairro Alto!

— Não o digas a brincar...

Depois de um aperto de mão, D. José saiu, escondendo a cabeleira loura, à Capoal, no rebuço negro da capa.

Era quase noite.

O Marialva continuou a conversar com os cocheiros, os comerciantes, os toinos e os devassos daquela ilustre corja; veio à conversa a tourada, os bois do Dâmaso, as tentas, as ferras, a lezíria dourada de sol; mas, de repente, D. José, que tinha saído há um quarto de hora, apareceu de novo às portas de vidro do botequim e chamou:

— João! João!

— Que se passa? — resmungou o Conde, indo-lhe ao encontro.

— A Marquesa de Seidel!

— A Marquesa?

— Ali em baixo, na traquitana! Quer-te falar por força!

— Mas porquê? Essa mulher está doida! Diz-lhe qualquer coisa, que não estou aqui...

— Impossível, meu velho. A traquitana seguiu-nos!

— Será um rapto, D. José?

— Mas por que diabo não vais?

— Deixa-te tu raptar! É um favor que me fazes!

— Não tens remédio senão vir! Comprometi-me a levar-te...

— E a Severa, que não tarda aí!

— É uma aventura... a Marquesa vem deliciosa, parece uma miniatura de Rosalba... Anda daí!

D. José ia arrastando o Conde, que já no poial da porta resistia ainda:

— Homem, pareces-me uma alcoviteira! Hei de aparecer-lhe assim, de jaqueta de veludo e espora, dourada, meio faiante, meio toureiro?

— Estás ótimo!

— E a Severa?

— São duas voltas, na traquitana. Tens tempo, de sobra. E depois, que lhe hás de tu fazer?

— Resistir! A todo o transe! Tu verás. Fui cigano em dez minutos, vou ser Conde em meia hora!

A corja dos cocheiros e dos troquilhas, ao vê-los sair, foi espreitar à rua, a ver o que era, numa ânsia

coscuvilheira de saloios.

O Romão ia à frente do grupo. Estava mais velho, com mais cerca de quinze anos do que quando o conhecemos no colo da Mamada. Tinha a suíça rasa salpimentada pelo gume das feiras e da solidão do Vimieiro, entre as éguas e os montados, a charneca e os bois. Há muito tempo já que não vinha a Lisboa espaiarecer. Vivia no seu Alentejo, agarrado à terra como uma azinheira torta.

Foi ele o primeiro a sair à rua para ver a sortida do Conde:

— Que irá fazer o Marialva?

Mal pôs o pé nas pedras da rua, viu D. João, junto de uma traquitana brasonada, donde se debruçava a mais airoso cabeça loura, empenachada de plumas e pingada de topázios, que ainda os seus olhos tinham visto.

— Aí o chamborgas! — grunhiu o Romão, encantado com aquela pintura de mulher, que, no seu dizer, era uma assunção calçada de prata. — Aí o chamborgas, que se lambe com boa!

Quando viram o Marialva entrar para a traquitana, que saiu a trote dos cavalos, oscilando nas correias, então, foi uma sinfonia de risos, um casquinar de gargalhadas, um rebolar de quadris que nunca mais acabava.

— Lá foi com ela, o fidalgorra!

— Vai para o quente!

— Se o chão da traquitana abate é que hão de ser elas!

— Aí é que a gente via as pernas da fúfia!

Nisto, no meio dos risos da matulagem, começaram a ouvir, vindos dos lados de cima da rua, uns zangarreios de guitarras e uma voz de mulher, a cantar.

— Que diabo será aquilo? — perguntou o Romão, que não ouvia cantar o fado, sem lhe apelar um nó

na garganta.

— Há de ser a Severa, — respondeu um cocheiro, fazendo tinir nas lajes a espora de latão.

— A Severa?

— Pois! Você não a conhece, ó Romão? — disse de lado um malafaia tosco, embrulhado num capotão de burel.

— Já ouvi falar, mas não a conheço! — disse o alquilé. — Lá em baixo, nessas feiras do Alentejo, fala-se muito nela!

— Pois vai conhecê-la! — grunhiu o Timpanas, concertando a embotadeira a um canto do botequim, a cara vigorosa escondida numa pastada de sombra roxa. — Vai conhecê-la!

E entretanto, já o zangarrear das guitarras se ouvia mais perto, no acompanhamento doloroso de um fado triste, onde se adivinhava, como num soluço, todo o sentimento da raça.

O Timpanas, esse, tanto procurou pelo botequim, que encontrou e apanhou uma guitarra a um canto.

Foi uma alegria. O cocheiro, encostado à ombreira da porta e espetando a perna à facaia^(*), o chapéu alto de pêlo de coelho atirado para as costas, começou a acompanhar de dentro da taverna o fado que a Severa cantava.

[(*) *facaia* = à maneira de *fadista*]

Daí a pouco, a cigana apareceu de repente, doida de entusiasmo, tisonada do sol, a guitarra nas unhas, o xaile de ramagens a arrastar.

Atrás dela, rompeu uma onda colorida e restolhante de rameiras ricas, luzindo os seus ouros e as suas saias, com sortelhos de missanga nas mãos sapudas e grandes brincos ocos a tinir nas orelhas, —

acompanhada por toda a malta de toinos e chulos, vagabunda e violenta, de chapéus à Cristina e jaquetas de cotim.

Depois de um bocado tudo aquilo se assentou, sorvendo a gimbolinha (*) devota, rindo e contando o que se passara nos touros reais.

[(*) *gimbolinha* = *gíria para “copo ou caneca de vinho”*]

O Romão, que via pela primeira vez a Severa, estava de boca aberta, pasmado com ela, sentindo na sua alma de bronco todo o deslumbramento daquela beleza felina e sentimental, em cujos olhos, de um negro brilhante de lascas de hulha, ele via passar, em clarões, tudo quanto há de melancólico para um alentejano nos poentes dourados da charneca, na sombra roxa dos montados, nos olhos ardentes das éguas de raça.

Pediram à cigana um choradinho. Ela não negou.

O Romão, com todo o sangue na cara, pôs-se de pé sobre uma das bancas, dominou a algazarra numa praga de estrebaria, tirou uma moeda de ouro de um saquinho de chita, e gritou para a cigana:

— Pago uma moeda pelo fado!

A Severa, que, até ali, ainda não reparara no Romão, pôs os olhos nele, tirou a lira para o lado, e, risonha, fez um sinal com a mão ao comerciante para que se aproximasse:

— Chega-te cá.

O alentejano desceu, gingando, o chapéu castorenho à zamparina, a jaqueta de peles exibindo pratas, o anel rico luzindo no dedo, e aproximou-se da cigana.

Quando o viu perto, a Severa estendeu a mão, num gesto airoso:

— Venha lá a moeda!

O Romão deu-lha logo. Era aquele, em toda a sua vida, o dinheiro que lhe tinha custado menos a perder.

Mal recebeu a moeda da manzorra felpuda do comerciante, a cigana chamou uma rameirazinha pálida, que tossia pelos cantos, pobre e triste, e atirou-lhe de longe a pequena moeda de ouro:

— Toma! É para ti, Maria da Luz!

Depois, voltando a encarar o Romão.

— Obrigada. Como te chamas?

— Romão.

— És rico?

— Como um judeu morto.

— Comerciante?

— Comerciante.

— Tens pinta de cigano.

— Não sou.

— És do Alentejo?

— Do Vimieiro. Tu também deves ser rica?

— Porquê?

— Dás assim as moedas!

— Sou rica, sou. Tenho o sol, como tu!

— Pois eu tenho o sol e mais cem moedas, nesta bolsa! — disse o Romão, para toda a malta ouvir, chocalhando a bolsa de chita encarnada.

Pelos olhos do bronco alquilé, passou nesse instante um clarão de cio e de ternura. Sentia que era capaz de dar as cem moedas àquela mulher, se ela lhas pedisse em troca por uma noite de amor. E, com o pescoço bovino a suar, foi-se aproximando da cigana, trémulo, com a língua entaramelada, os olhos vidrados de comoção:

— Se tu quisesses vir comigo até ao Alentejo, ó Severa! Ficavas sendo uma rainha! Até te lavavas em bacia de prata! Tenho lá muitas éguas! Mas tu eras a melhor de todas, Severa!

Diante daquela carícia animal de comerciante de gado, que trata as mulheres como éguas de cria, a Severa desatou a rir-se à frente da cara num casquinar de gargalhadas musicais, que desconcertou o bom do Romão e o fez meter outra vez à algibeira da jaqueta o saquinho repilgado de ouro.

Foi o Timpanas que o esclareceu, murmurando-lhe ao ouvido:

— É a amante do senhor Conde de Marialva!

— Aquele que esteve aqui?

— Esse mesmo.

— Mas ele quer lá saber dela! Ainda agora se meteu numa traquitana, com uma do fado liró!

A Severa percebeu que se falava do Conde e inquiriu, com má cara:

— Que estás tu para aí a dar à fanfarra, ó das cem moedas?

— Não é nada, — disfarçou o Romão.

— Hás de dizer, estás a ouvir? Tudo para aqui explicadinho, como se fosse a missa, hein, ..?

— Estava a falar do senhor Conde de Marialva, disse o alentejano.

— E que dizias tu dele?

— Nada!

— Hás de dizer, senão quebro-te um corno, ó meu tripas de Judas!

— Já que tu queres, então lá vai! — resmungou o Romão, enrolando um cigarro. — Estava eu a dizer que o tinha visto entrar para uma traquitana, com uma gaja de cabelos pintados, que havia de ser da nobreza!

A Severa atirou-se um salto para o alentejano, e encarando-o cara à cara, disse-lhe:

— Mentos! Mentos! Ele ficou de estar comigo, aqui! Vem, porque disse que vinha. E ele a mim não me falta!

— Isso agora... duvidou o Romão para o bando, risonho e a gingar.

— Pois se ele diz-te que o viu entrar para a traquitana de uma seresma de cabelos pintados! Que mais queres? — articulou de um canto o honrado Timpanas, com o chapéu de pêlo de coelho luzindo na luz dourada do botequim.

A cigana, numa fúria de loba, ia a agarrar um banco para correr com toda aquela canalha, quando o Custódia apareceu à porta, trôpego, a gaguejar:

— É verdade... Foram numa traquitana. Eu também vi...

Dele, não duvidou a Severa. Deixou-se cair sobre uma cadeira de tripeça, pálida, o olhar fixo, os dentes cerrados.

Se dizia o Custódia, devia ser verdade. E pensando no Conde que a atraçoava, sem pensar bem em que traição era essa, porque ele nada lhe devia em amor, senão em amizade, a cigana, agarrada à viola, fazendo-a gemer e chorar com a sua dor de escorraçada, as lágrimas a rolares-lhe pelas faces, rouquejou, entre dentes, num uivo doloroso:

— Malandro! Malandro!

O Timpanas, o Romão e o malafaia do capote de burel, compreendendo que era aquela “a maré de carvoeiro”^(*), combinaram entre si qual dos três qual a havia de acompanhar a cigana a casa.

[(*) *a altura para consolar alguém*]

Foi o Romão, por ser mais ilustre, o encarregado de falar com a Severa:

— Então, vamos lá a saber? O Conde não vem. Ficas com algum de nós. Valeu? É escolher um dos três. Vê, como o ourinho tine na minha bolsa de chita! É aproveitar!

A cigana olhou-o, num encrespar de boca desdenhoso, e resmungou:

— Meu brondúzio! Enjeitado do Hospital Real! Pensas que só há moedas na vida? É que tu ainda não viste a cruz do meu dinheiro, nem o sentiste na cara! Vai-te embora e deixa-me!

Mas o alquilador, incitado pelos outros, voltou à carga:

— Ficavas rica para toda a tua vida! Eras a melhor égua cá do Romão...

— Se eu fosse contigo, levava a viola! — atalhou o malafaia do capote.

— Olha para mim! — disse por sua vez o Timpanas, fazendo tinir as argentarias da casaca e estalando no ar o chicote de cocheiro.

— Qual de nós escolhes? — perguntou ainda o Romão, sempre a fazer tinir as moedas na bolsa de chita.

A Severa, com os dentes cerrados, os olhos turvados de névoas de sangue, voltou-se para o Custódia, que tremia de raiva ao pé dela, e pondo-lhe a mão sobre o ombro, encarou-o num desafio.

— Pois bem. Escolho este!

Nos olhos do pobre aleijado passou um súbito clarão. As lágrimas caíam-lhe. A boca arrepanhada chorava e ria. E, sem acreditar em tamanha sorte, balbuciava; olhando a Severa, desconfiado ainda, enterrando até às orelhas o lenço encarnado que lhe apertava a cabeça.

— Severa! Pois é verdade? É verdade que tu me queres?

Os três, o Romão, o Timpanas e o do ferragoulo de burel, barraram a porta, decididos a cortar a passagem à cigana.

O vinho tinha-lhes emprestado a coragem que não teriam noutra qualquer ocasião, sobretudo ao Timpanas e ao malafaia, muito conhecedores do que valia para a Severa a proteção de tanto fidalgo valente.

Mas tinham bebido, e estavam já turvos.

O Romão, alcançando a porta para impedir a passagem à Severa e ao Custódia, empertigado no poial, arrotando fanitirrias de quem não teme nada, gingava para a cigana:

— Sai agora, se és capaz! Saí com ele!

Entretanto, o malafaia abria já a navalha, que lampejava nas dobras do capote.

— Sai, anda! — roncava o Romão, pavoneando-se. — Vê se és capaz de passar por esta porta!

Enquanto a cigana olhava o comerciante e os outros, desdenhosa, a mão na cintura, a saia de folhos arredondando-lhe as ancas fortes, o Custódia, a rastejar como um sapo, a navalha aberta, arrastava-se ao lado da Severa, para a defender se os outros a atacassem.

Houve uns momentos de silêncio, em que apenas se sentia o resfolegar das respirações.

— Anda, se és capaz! — insistiu ainda o Romão, bamboleando o corpo, como quem ameaça um fandango.

A cigana olhou-os, um por um, e, de repente, depois de os ter medido bem, de alto a baixo, com um salvo, travou de um banco pelo pé, e rápida, apanhou-o com ambas as mãos e abateu-o sobre a cabeça do malafaia. O sangue espirrou vivo, e as barbas empastadas do canalha escorreram coágulos sobre a pescoceira branca, que se tingiu de vermelho.

Mais outro golpe, descarregado na cabeça sangrenta daquela cabeça, e o faiante, embrulhado no capotão de burel, caiu num uivo de animal ferido.

Puseram-se os quatro à briga em desordem, rebolando e ofegando na luta. Perante a navalha do Custódia e os saltos de loba da cigana, o cocheiro e o comerciante recuavam.

Nisto, uma figura apareceu, envolta numa grande capa de veludo negro, chapéu de abalroar, cara tapada pela lapela da casaca.

A Severa sentiu-se agarrada por um pulso de ferro e atirada, como um farrapo, de encontro à parede.

Era D. João.

O Conde de Marialva, que, ao entrar no botequim, vira dois homens a fugir à frente de uma mulher que brandia um banco, separara os brigões. E sem saber ainda que criatura era aquela que ele atirara ao chão, encarou os cobardes, e gritou-lhes, cara a cara:

— Então que homens são vocês, que se deixam bater por uma mulher?

A Severa, ergueu-se do chão de tijolo, e ia a dar um salto para se atirar contra aquela figura negra que a derrubara, quando, de repente, reconheceu D. João. A fisionomia mudou-se. Levou as mãos ao coração palpitante, e toda inundada de um sorriso de alegria, balbuciou, gemeu, encarando o Conde, contente de ter sido brutalizada por ele:

— Ah! Eras tu...?

D. João abriu-lhe os braços e correu para ela.

— Severa! Mas que foi isto?

O Romão, acobardado pela presença do Marialva, tratou de desculpar-se, como pode:

— Era a cigana, Sr. Conde, que queria ir com o Custódia para casa. E nós, que sabíamos que o Sr. Conde vinha, não deixamos.

— Pois foi isso mesmo! — acudiu o Timpanas.

— Pois foi!

Diante destas palavras, que a Severa, pálida e ofegante, não se atrevia a desmentir D. João sentiu uma nuvem de sangue passar-lhe pelos olhos. Encarou o pobre lázaro, que sorria ainda a um canto, olhou para a cigana e, bruscamente, apontou-lhe a porta:

— Vai! Não disseste que ias com o Custódia? Vai! Ninguém te faz mal, descansa! Estou eu aqui. Vai com o Custódia, anda!

A Severa quis balbuciar uma desculpa, dizer-lhe a verdade, que o esperava a ele, só a ele com toda a sua alma, com todo o seu coração, mas a voz do Marialva trovejou de novo, cortando-lhe as palavras na garganta.

— Vai! Vai com ele!

Os olhos da cigana fuzilaram. Rangeram-lhe os dentes, de raiva. Por fim, pálida, arquejante, agarrou pelo braço o Custódia, e foi levando-o até à porta.

O pobre idiota, arrastado assim para a felicidade, já tinha transposto a porta, quando a Severa lhe jogou um empurrão violento e voltando-se para trás, palpitante, soluçante, doida de paixão, a boca a tremer, os olhos em fogo, atirou-se para os braços do Marialva:

— É contigo que eu vou! É contigo que eu fico, esta noite. Contigo! Só contigo!

No outro dia de madrugada o cavalo do Conde, seguro à rédea por um moço de estrebaria de

confiança, esperava, à porta da casa da Severa, que o Sr. D. João, Conde de Marialva, acordasse da sua primeira noite de amor. Quando nasceu o sol, ele ainda não tinha saído.

CAPÍTULO V

A Severa tornou-se, finalmente, a amante do Conde de Marialva.

Aquelas duas criaturas, que pareciam nascidas do mesmo beijo e criadas uma para a outra, completavam-se e compreendiam-se.

Não eram apenas dois amantes que se uniam; eram dois símbolos que se abraçavam, — o fado e as touradas, a ternura e a força, o cavalo e a guitarra.

Cada um deles realizara o seu sonho. Se não estivessem já tão presos pelos corações, o primeiro beijo que trocaram, cheio de febre, de loucura, de violência, de paixão, tinha-os unido para sempre. Depois de muita insistência, D. João pode convencer a cigana a deixar o Bairro Alto e a fugir com ele, os dois sozinhos, para uma casa do Campo de Sant'Ana, mandada arranjar pelo Conde com parte do mobiliário austero do palácio.

O primeiro mês foi uma verdadeira lua-de-mel. A Severa, no meio daquele luxo, estava desorientada. Não tinha a noção das preciosidades e das riquezas. Faltava-lhe tudo, sobrando-lhe tudo. Desconhecia a maior parte dos objetos de que se via obrigada a servir-se. Aquilo de ter criadas, de mandar, não era para ela. Chateava-se e ia ela própria fazer os serviços mais grosseiros. No entanto, dava aplicação errada a tudo o que a cercava. Uma vez, cobriu uma panela da cozinha com um prato riquíssimo do Japão, e encheu uma bacia de prata para lavar o chão da casa. D. João, quando as criadas lhe contavam o que ela fazia, ria-se como um perdido.

Um dia, o Conde de Marialva, sentando a cigana nos joelhos, disse-lhe que era preciso deixar aquelas saias de goma, aqueles lenços sarapantões, aquelas socas de palmilha vermelha, aqueles xailes da Mouraria reveladores da sua triste origem, e substitui-los por vestidos de seda de grande dama, pelas

preciosidades de tarlatana cor-de-rosa, bordadas a prata, que a Levaillant inventava para as sauterias do Rato e para os serões das Laranjeiras.

Foi um inferno. Não gostou. Queria ser como era, que fora assim que ele a encontrara e que se ele não a queria assim, que a deixasse ir embora para a sua vida. D. João só conseguiu convencê-la quando lhe disse que, fazendo dela uma senhora e podendo-a apresentar aos seus amigos, a teria mais tempo junto de si.

Os primeiros encontros da cigana com as modistas foram um divertimento para o Conde de Marialva.

Quando, finalmente, uma das melhores modistas de Lisboa lhe trouxe um belo vestido de *camaieux deté*, todo enfeitado de grinaldas de rosas, com que o Conde tencionava apresentá-la numa ópera do São Carlos, a Severa teve uma fúria. Revoltou-se, esbravejou, atirou com o vestido, gritou; disse que antes queria andar nua do que “arreada de madame”, e embrulhando-se nas dobras coleantes do seu xaile de cores, disse ao Conde, com o ar do seu esplêndido orgulho de rameira desdenhosa:

— Se gostas de fado rico, há por aí muito, entendes?

O vestido ficou. Mas a Severa só o trazia por casa, para se divertir, pavoneando-se com ele à frente das criadas.

Pouco depois o precioso camaieax, a que as grinaldas de pequenas rosas de tocar, à moda da altura, davam uma frescura e uma graça de fazer inveja ao costamier Wortb, estava machucado e sujo de nódoas, como um farrapo.

Mas D. João achava uma graça infinita àquilo tudo. Era assim mesmo que ele a queria, brava, extravagante, cheia de independência, de originalidade, de vida.

Ao fim de muita insistência, a Severa lá condescendeu em vestir-se de “madame”, mas com simplicidade, sem os exageros das modas de 1848, e sem a crinoline que tornava ainda mais sensível o seu andar desnalgado e plebeu.

O que o Conde nunca conseguiu foi que a cigana se desfizesse do seu guarda-roupa antigo. As saias de ganga, de três folhos, continuavam dobradas dentro de uma arca, e, quando andava por casa, as socas de verniz, bocejando-lhe nos pés, acanalhavam os seus vestidos sérios de organdi e de gros de Nápoles.

— Mas para que guardas tudo isso? — perguntava-lhe às vezes D. João.

— É para quando tu me deixares, — respondia-lhe ela, num grande riso cheio de confiança e de orgulho.

A primeira vez que se zangaram, tinha o Conde de Marialva ido a uma tourada em Salvaterra de Magos. Quando voltou, encontrou em casa o Custódia.

Não disse nenhuma palavra. Agarrou o aleijado pelo pescoço e atirou-o pela escada abaixo. A Severa ficou quieta, pálida, as mãos crispadas amarfanhando a saia. Depois encarou D. João, mediu-o de alto a baixo com o olhar e disse, provocando-o:

— Se fosses outro que me fizesse o que fizeste agora, partia-te a cara!

— Mas sou eu, — disse tranquilamente o Conde.

O amuo não durou o tempo de fazer um cigarro.

O Marialva olhou-a, sorriu, e ela caiu-lhe nos braços, palpitante, sem se lembrar já do pobre idiota que rebolara pela escada com o lenço vermelho atado na cabeça.

Mas, daí a pouco, houve outra tempestade. Estava por esse tempo em S. Carlos uma cantora francesa, chamada Jenny Ollivier, mulher alta, loura, grandiosa como uma catedral, com quem o Marquês de Niza mantinha relações de íntima galantaria.

O Conde estava no segredo desses amores e ia várias vezes a casa da cantora, — um segundo andar do Chiado, onde o Niza reunia a juventude dourada da altura.

Por portas travessas, a Severa soube das visitas do Conde; suspeitou de que ele não ia lá por bem e

ardendo de ciúme, mas sem se atrever a dizer uma palavra ao Marialva, para não espantar a caça, começou a pensar na maneira de desfeitear Jenny Ollivier.

Um belo dia, quando a cigana já estava morta por atirar à cara de D. João tudo quanto sabia, tudo quanto suspeitava, o caso dos amores com a cantora e a outra história do passeio na traquitana, o Conde, muito naturalmente, disse-lhe de repente:

— Não me esperes esta noite. Deita-te.

— Não vens...?

— Não.

— Porquê?

— Tenho que fazer.

— Aonde?

— Vou com o Niza ao S. Carlos e depois a uma ceia.

— E eu não posso ir?

— Hoje, não.

— Porque não me levas?

— Porque não posso. Já te disse.

— Então é uma ceia de atrizes?

— Com a amante do Niza.

— Como se chama ela?

— Jenny Ollivier.

A cigana, quando ouviu o nome, teve um estremeção súbito, os olhos brilharam-lhe numa luz fulva de animal bravo, mas conteve-se arrepelando a saia.

— Então é a amante do Niza, essa tipa... Percebo! E tu, que vais lá fazer?

— Eu?

— Porque é que não vens esta noite? Diz, anda! Dormes com eles, também?

D. João, que estava de bom humor, deixou-a dizer impropérios, à vontade. Agarrou na guitarra e zangarreou um fado. A cigana calou-se, a um canto. Passado um instante, disse secamente da sombra:

— Olha lá... E o que é que se canta hoje?

— Canta-se a Favorita. Uma coisa de que não fazes ideia nenhuma.

— Não. Tu é que não fazes!

Até que o Marialva saiu, a Severa não disse nenhuma palavra. Os seus olhos fixos, acesos na sombra, cintilavam como se tivessem lá dentro vidros de cores.

No seu despeito de amorosa, que sente o homem do seu coração em perigo de ser disputado por outra, pensava em fazer uma partida à cantora francesa que fosse notícia por toda a Lisboa. Mas que havia de ser?

Quando, ao bater das sete horas da noite, D. João se despediu dela e abalou pela escada a baixo, a cigana pôs-se a saltar no meio da casa, como uma doida, agitando os quadris num desnalgar de fandango, mandou acender a luz, chamou as criadas, pôs tudo em polvorosa, pediu a sua antiga saia de ganga de três folhos, os antigos lenços sarapantões, os antigos ouros, as socas palmilhadas de bata vermelha, todo o guarda-roupa do Bairro Alto que dormia, como uma saudade, no fundo de uma velha arca de madeira, e desatou a vestir-se, numa febre, numa alegria, apertando o corpete, calçando as meias, prendendo os brincos.

Depois, já pronta, mandou vestir um saiote a uma das criadas, para a acompanhar até ao S. Carlos.

O caminho era longo. Quando lá chegaram, já tinha começado o espetáculo. Antes de subir o pano, a orquestra arfava, numa ondulação, numa respiração metálica de violinos, o prelúdio da Favorita.

A Severa, escondendo-se atrás do capote vermelho da criada, apareceu ao bilheteiro, pediu um camarote e pagou.

Em seguida perguntou a um serviçal do teatro qual era o caminho, e lá foi, gingona, num tilintar de ramais de colares e de cordões de ouro, estalando as socas pelos corredores do São Carlos.

Quando a Severa apareceu ao parapeito branco do camarote, o seu aparecimento fez sensação.

A enorme sala do São Carlos trasbordava de uma multidão elegante de casacas azuis e verde-bronze, de calvas apostólicas, de decotes em jarra, onde as carnações opulentas palpitavam e onde refulgiam as joias prediletas da altura, — os topázios, os camafeus, os cabochões. Era o melhor da aristocracia e da plutocracia lisboeta, o tríplice extrato dos melómanos de convicção, a plateia exigente — então uma das mais terríveis da Europa — que fazia e desfazia reputações de artistas, que proferia sentenças sem apelação sobre os trinados das prima-donas, sobre os *entrechats* e os *jettés battus* das bailarinas, sobre o mérito das partituras italianas, que nunca se consideravam no mundo musical sucessos completos enquanto não recebiam a confirmação de Lisboa.

Nos camarotes e nas bancadas, de uma sóbria decoração Luís XVI, floriam os decotes, rompia uma verdadeira sinfonia de carne, toda a orquestração da nudez, desde o violino subtil das carnações louras e pálidas, até ao piano-forte dos grandes seios trigueiros, coloria-se a teoria dos toucados de rosas, de plumas, de diamantes, de veludo vermelho enramado de pérolas, arfavam os leques, faziam ostentação e parada as belezas profissionais da alta nobreza e da alta finança, que se vestiam pelos figurinos da Abeifie, que tinham paixões incendiárias por vários Werthers de colete amarelo, e que povoavam, como dríades, como náíades fugitivas, as festas galantes do Rato e das Laranjeiras.

Foi perante esta sociedade cheia de preconceitos, grave e empertigada, elegante e faisandéê, que a Severa apareceu, como um desafio, em pleno camarote — o único camarote vago — derrubando o xaile num repelão de faltistria, gingando em pimponices e em arremessos do Monete, a saia de ganga amarela toda encrespada de folhos, os brincos de ouro chispando nas orelhas, a cabeleira luzidia e negra trasvolteando na testa.

Ao entrar, para ser bem notada a cigana arrastou as cadeiras, derrubou o saiote sobre o parapeito, bateu as socas no chão, fungou, resfolegou, tossiu.

A plateia inteira voltou-se, irritada, e deu com a rameira repimpada no camarote, magnífica de beleza e de audácia, latejante de sangue e de vida, como uma grande flor vermelha entre camélias pálidas e desbotadas.

Foi um escândalo. As senhoras, nos camarotes, afastavam os olhos e, ofendidas, segredavam umas para as outras. Na plateia, os rapazes, a juventude dourada no Marrare, de gravata à Malibran e bofes de bretanha branca pingados de joias, sorriam, entreolhavam-se, diziam alto:

— É a Severa...

— A amante do Marialva...

— A cigana!

Um murmúrio de admiração pela beleza daquela singular mulher percorreu todo o teatro. No entanto, a Severa, divertida com o sucesso que estava a fazer, olhava para toda a gente, mostrava num riso aberto os dentes muito brancos, repoltreava-se com insolência no camarote.

Do lado, disseram que era nessa noite o benefício da Ollivier, e que, portanto quando a cantora entrasse, romperia uma ovação. A cigana ouviu, e fez logo tenção de aproveitar a oportunidade para a sua estrondosa vingança.

Não se fez esperar muito o momento.

Minutos depois da entrada escandalosa da Severa, entrava em cena a Jenny Ollivier, empoada, majestosa, uma verdadeira Pompadour do melodrama, enchendo o palco com aqueles gestos enfáticos e aquela voz de ouro que tinham deslumbrado e rendido o Marquês de Niza.

A plateia levantou-se numa ovação.

Mas, de repente, no meio do estralejar das palmas é dos *victories* da assistência, ouviu-se um rugido selvagem, rebentou um matraquear de traves de encontro ao soalho, e uma voz possante de mulher, dominando tudo, gritou, rouquejou, uivou:

— Fora! Fora! Fora!

Era a cigana que, em pé no camarote, numa enorme apoplética, a cabeça erguida, encarando num desafio a multidão, quebrava as cadeiras, sapateava os tamancos no sobrado, barregava entre gargalhadas, numa fúria, numa alegria:

— Fora, a cabra! Fora, a porca! Fora, a tarasca de feira! Cala-te, rocim das tropas! Cala a boca, bragal de pasteleiro! Fora, ó odre de ingleses! Fora!

Perante aquele escândalo formidável, a orquestra calou-se, a cantora, que ia atacar uma ária, desmaiou, e a gente do Marquês de Niza, saindo em tropel da plateia, correu para o camarote da cigana, para a arrancar dali e lhe pregar com os ossos na cadeia.

Era uma malta alugada de facínoras, de rufiões, de janotas, de fidalgos arruinados, gente ignóbil paga pelo Marquês para ser claque da cantora, que não hesitava, se preciso fosse, em sacrificar uma vida para a glória de Jenny Ollivier.

O primeiro que apareceu à porta do camarote caiu por terra, com a cabeça aberta pela trave de uma cadeira. A cigana, admirável de serenidade, descarregara certo o golpe.

Mas a onda entrou e envolveu-a. Entre o grupo que a tentava dominar tentando mete-la debaixo do joelho, a Severa fazia prodígios de bravura, vasquejava, varria o bando para o ter de novo sobranceiro,

até que o Conde de Marialva, prevenido no palco do que se passava, saiu pela lado do pano já descido, saltou à orquestra, atravessou a plateia, viu a amante, galgou as bancadas, tirou uma pistola debaixo do colete bordado, e encarando o bando, disse, tranquilamente:

— O primeiro que tocar nessa mulher, tem uma bala na cabeça!

O espetáculo foi interrompido.

A Severa voltou para casa numa traquitana, com D. João. Ao chegar à porta, de súbito, soltou um grito, agarrou-se ao Conde, e, mortalmente pálida, as mãos crispadas, como um farrapo, caiu sobre o poial, num desmaio surdo.

O Marialva e o cocheiro ajudaram-na a levantar, levaram-na escada acima, e deitaram-na sobre a cama.

O cirurgião veio depois. Tinha sido uma ameaça de angina do peito. (*)

[(*) *Angina do peito = Arritmia cardíaca. Leve ataque do coração*]

Ainda nessa noite, a cigana melhorou muito. Sentia apenas um formigueiro, que lhe corria pelo braço, até ao dedo mínimo, e uma sensação vaga de dor e de cansaço em todo o lado esquerdo do corpo.

No dia seguinte, ao acordar, levantou-se, e viu-se num grande espelho de parede. Tinha o corpo cheio de nódoas negras. D. João, longe de se zangar com ela pelo escândalo do São Carlos, tratava-a cada vez melhor; mas, para evitar novas loucuras, julgou prudente reduzir as liberdades que concedera à cigana, proibindo-a de sair de casa, a não ser acompanhada por ele.

Com um animal bravo e livre como a Severa, aquele novo regime de reclusão não podia dar bons resultados. A cigana, a princípio, revoltou-se; depois, começou a entristecer, cavaram-se-lhe olheiras profundas, faltava-lhe o sol, a independência, a liberdade... — que eram para ela a expressão da própria

vida.

Aquela casa triste e opulenta, com móveis negros de pau-santo e tapetes que lhe amorteciam os passos, aparecia-lhe agora como uma prisão, E o amor, para a cigana, não era a prisão e o silêncio; era o movimento, a alegria, a estúrdia, a aventura.

A antiga vida do Bairro Alto, à toa e à tuna pelas ruas, vadiando e cantando debaixo dos alpendres e dos ressaltos, na liberdade mais absoluta, fazendo o que muito bem lhe dava na tineta, vivendo ao sabor da sua imaginação, ao acaso das suas paixões, aparecia à Severa como uma ressurreição, como um regresso à felicidade antiga, e o velho bairro, inundado de sol, parecia chamá-la, acenar-lhe de longe.

A cigana começou a pensar a sério em fugir. D. João suspeitou do que se passava no espírito da rapariga e, daí por diante, levou-a a passear pelas feiras e pelas tentas e pelas touradas, num delírio de movimento que a aturdiu e lhe deu, durante alguns dias, a ilusão da sua antiga liberdade.

Entretanto, na alta roda, o escândalo do São Carlos correu de boca em boca e de sala em sala.

Quase se pediram contas ao Conde de Marialva por ter aquela amante, colhida nos becos de um velho bairro torpe, e tendo passado das mãos de cocheiros e de eguariços para as mãos de um dos mais belos fidalgos de Portugal.

As grandes damas *pur sang* da aristocracia lisboeta, com as suas olheiras pintadas a bistre e os seus grandes Bolívars de cetim e pérolas, falavam já na cigana à frente de toda a gente, mordiam os lábios despeitadas, como se aquela mulher, que cantava o fado com mais perfeita virtuosidade do que as bailarinas do São Carlos dançavam os bailados de Mr. Jork, fosse para elas uma rival perigosa.

Os homens — aqueles que, evidentemente, que não eram frequentadores das ruas estreitas da Mouraria — começavam a manifestar uma viva curiosidade pela cigana.

Muitos deles, os grandes leões da moda, da política e das letras, a cujos ouvidos chegara a fama da Severa no zangarreio da viola, não escondiam o sincero desejo de a ouvir, de a admirar, de conhecer essa

joia de sentimento que o Conde de Marialva encontrara na lama das vielas.

Um belo dia, D. João decidiu proporcionar-lhes uma audição da Severa.

Para isso, convidou o maior número possível de homens notáveis da altura, ministros, literatos, fidalgos, todas as costelas de ouro e toda a estirpe de Júpiter da altura, enviando, a cada um deles, duas linhas em que era pedida a fineza de uma entrevista particular, certa noite, no seu solar do Campo Grande.

Todos acorreram ao convite, sem saberem uns dos outros, e sem suspeitarem, sequer, da singular noite que os esperava.

Na noite aprazada, as salas do palácio dos Marialvas, com os seus tetos de madeira em caixotões, os seus altos silhares de azulejo, as suas paredes forradas de velha seda vermelha, encheram-se de figuras vagarosas que entravam solenemente, interrogando-se umas às outras com o olhar, impacientes pela chegada do Conde, que lhes explicaria, certamente, a razão daquela assembleia de homens notáveis.

Entre os convidados, os braços apoiados no espaldar de uma velha cadeira de sola, José Estêvão erguia a vigorosa cabeça leonina e branca, sem atinar com o motivo por que o teriam chamado ali:

— Talvez política...

A um canto, Garrett, de casaca verde-bronze em busto de abelha, gravata preta de três voltas, conversava com Rodrigo da Fonseca, abrindo, para a pitada solene das grandes ocasiões, a sua caixa de ouro de rapé.

Mais afastado, junto de um velho contador italiano, Rebelo, o grande adversário de Rodrigo, discutia com Mendes Leal o último artigo da Ley.

Soto-Maior, pelo braço do Duque de Ávila, dir-se-ia Brummell conduzindo um pavão.

No soalho encerado, os passos ressoavam. Falava-se baixo. Na fisionomia de todos aqueles homens

ilustres notava-se um vago ar de interrogação e de mistério. Até o próprio Herculano, glabro e sacerdotal, correrá ao convite do Marialva, sem saber ao que vinha, ele, o erudito frade bento, em cuja face havia a dureza de expressão dos velhos bronzes romanos.

Os vários grupos confundiam-se, interrogavam-se, olhavam-se.

O último a entrar foi o ministro dos estrangeiros, Jervis da Atouguía, que se apartou imediatamente, com o sumptuoso Garrett, para o vão de uma janela.

Todos os convidados faziam as mais variadas conjeturas acerca das razões daquela reunião, quando um dos largos reposteiros de tapeçaria se afastou, e a figura risonha do Conde de Marialva apareceu à porta.

Trocaram-se os primeiros cumprimentos. Aqueles homens graves notaram com estranheza que D. João os recebia de jaqueta de veludo preto, cinta e esporas de prata, como se aquilo se tratasse de uma tenta de gado ou de uma espera de touros.

Garrett, suscetibilizado, comendo os bofes de rendas da camisa e relanceando os olhos verdes, tinha o ar de quem pergunta:

— O quê? Pois nem sequer uma sobrecasaca, meu amigo?

Os políticos julgavam-se já vítimas de uma brincadeira de mau gosto, quando D. João, tomando a palavra, os tranquilizou:

— Trata-se, meus senhores, — disse ele — de satisfazer coletivamente um pedido particular que cada um de Vossas Excelências me fez.

Os grandes homens entreolharam-se, corando até às orelhas.

O Marialva continuou:

— A Severa está ali dentro. Nenhuma de Vossas Excelências a verá, nem ela verá a Vossas Excelências.

Por detrás daquela tapeçaria há uma porta que dá para um pequeno gabinete onde a instalei.

Deve ouvir-se perfeitamente. Queiram Vossas Excelências dizer-me se preferem o rigoroso, ou qualquer outro fado, incluindo o dela. Vossas Excelências dirão. É à escolha. Não façam a mais pequena cerimónia comigo. Bem veem como os recebi.

Aquela grupo de Ménalo ficou imóvel e perplexa. Uns não sabiam se deviam rir; outros, se deviam considerar-se melindrados na sua gravidade e na sua compostura. Todos eles tinham, é certo, falado ao Conde de Marialva no seu desejo de ouvir um dia a cigana; mas nunca lhes passou pela cabeça que o fidalgo os convocasse daquela maneira tão indiscreta e tão escandalosa.

Rodrigo da Fonseca ia a dizer não sei que palavras de estranheza, quando a guitarra da Severa, no aposento contíguo, preludiou um choradinho.

D. João cumprimentou, risonho, e retirou-se.

Um arrepio de gemidos metálicos, como uma asa invisível, vibrou no ar.

Pouco depois, no meio de um silêncio profundo, uma linda voz ergueu-se, ao mesmo tempo doce e rude, trinada e arquejante, alegre e triste, uma voz rica de modulações, quente de paixão, trilo e soluço, rugido e uivo de amor, uma voz que parecia ressoar dentro de cada coração que a ouvia, que lembrava, em cada nota, evoés pagãos, brasas coruscando, fios lampejantes de navalha, volúpias de fera amorosa, tilintar de sinos ao longe, uma voz onde se sentia, onde se adivinhava a palpitação de todo o sentimento humano, a alma de uma raça moribunda brotando intacta, sangrenta e viva de uma só boca de mulher.

A impressão foi profunda. Uns minutos mais, e por todas aquelas faces enrugadas e endurecidas na glória, nos anos, na apatia das raças aristocráticas, no duro ofício de mandar, por todas aquelas máscaras, que o trabalho da vida vincara de uma velhice temporã, por todos aqueles rostos as lágrimas caíam, lentas, numa ternura muda e absorta, como se todos aqueles velhos fossem adolescentes, como se todos aqueles corações tivessem vinte anos...

A Severa conseguira desses duros temperamentos, fundidos em bronze pelas vitórias, aquilo que a maior dor humana talvez não conseguisse: fazê-los chorar.

Um belo dia estava D. João na cavalaria dos seus paços, conversando com toda a malta de palafreiros, liteiros, cocheiros e eguariços, quando lhe anunciaram a visita da Macheta.

— Quem é? — interrogou o Conde, fixando o solarengo de libré verde que aparecera à porta.

— Uma velha, que é santeira, — respondeu sisudamente o criado.

O Marialva deitou pelos ombros a casaca pesada de argentarias, pôs o chapéu, puxou a cinta num repelão, e respondeu para o criado:

— Santeira...? Não conheço. Que quer ela?

— Não me disse, senhor Conde.

Mas como D. João se calou, pensando em quem seria a Macheta, o criado perguntou, discretamente:

— Vossa Excelência quer recebê-la aqui?

— Uma santeira? Não. Recebo-a na capela.

O criado sorriu, hesitou um instante, mas a um gesto do Marialva não teve remédio senão ir, solene no seu redingote verde, a introduzir na capela do palácio a santa madre Celestina.

Quando a velha soube da honra que lhe estava reservada, não pode disfarçar uma leve crispação de boca pela estranheza da recepção, tratando-se ainda por cima de um fidalgorro corredor de touros, useiro e vezeiro em rixas noturnas, pouco beato no seu costume, e, para maior escândalo, um ruão velho e

batedor azevieiro do Monete e da Madragoa.

Daí a pouco, a Macheta, saracoteando o saiote encarnado, como uma opa, entrava na capela do Conde de Marialva, benzia-se, relanceava os olhos para um retábulo do Pentecostes, obra de Pedro Alexandrino, e sentava-se num tamborete raso, à espera.

— Até à data — pensava ela consigo mesma — tenho sido recebida em pátios, em alcovas, em guarda-roupas, em térreas, em sótãos... Agora em capelas, é a primeira vez, assim Deus me ajude!

Passado o tempo de dois padre-nossos, D. João apareceu, num tilintar de esporas:

— *Divinum auxilium maneat semper nobis*. Ámen.

Ao ouvir o latim daquele “salve-te Deus”, a trota-conventos levantou-se do tamborete, juntou as mãos, todas enramadas de rosários, e gemeu numa vozinha de flauta:

— *Pater Noster. Ave Maria. Que Vossa Excelência tenha muita vida e saúde em companhia de quem mais estima. Ora pro nobis.*

O Conde sorriu, obrigou a alcoviteira a sentar-se junto dele, e, brincando com os fechos de prata da casaca, interrogou, docemente:

— Então, vamos lá a saber o que quer a senhora Macheta.

A velha mascou, engoliu em seco, pôs os olhos em alvo, espalmou as mãos em posturas seráficas, e ao fim de trinta e sete segundos, que o Marialva contou pelo relógio, grunhiu em murmúrio:

— Vossa Excelência há de ter ouvido falar de mim.

— Não. Não estou certo.

— Ora... Ora!

— Só me disseram que era santeira. Então, como, vai o negócio?

— Mal, senhor Conde. Mal. Lá o negócio dos santos vai muito mal. Já se foram os tempos da boa devoção. Quem deitou para fora da terra os nossos ricos fradinhos, não soube a maldade que fazia! É o que eu digo a Vossa Excelência! O que se quer é força! Outra vez a força! A força e o senhor D. Miguel, que aquilo, não desfazendo, era um santinho!

— Pois era, era. Mas vamos ao que importa. A que devo eu à senhora Macheta o prazer da sua visita?

A velha mascou outra vez, correu entre os dedos as contas do rosário, titubeou, e não atinou com o que havia de dizer. Aquele oratório de velha talha dourada, onde o altar esplendia com a sua toalha muito branca, não lhe parecia próprio para pensar em profanidades. Mas D. João tranquilizou-a. Era ali, na capela — disse ele — perto de Deus e longe dos homens, que recebia as pessoas da sua particular consideração. A velha, já senhora de si, ergueu-se, agradeceu fazendo uma vénia com a ajuda do capote, voltou a sentar-se, e começou a falar confiadamente no assunto que ali a trouxera:

— Pois eu, venho da parte de uma rapariga que o senhor Conde conheceu em tempos...

— Eu?

— É verdade.

— Uma rapariga nova?

— Nova ela não é... pois tem uma filha com uma boa idade!

— Mas a quem se refere? — insistiu D. João, sem compreender.

A Macheta relanceou para o Marialva um olhar misterioso, esboçando, com os dedos sapudos e cheios de missanga, uns trejeitos significativos:

— Ora... O senhor Conde bem sabe...

E como D. João a encarasse ainda, no ar vago e inexpressivo de quem não entende, a trota-conventos não teve remédio senão explicar-se melhor:

— Então Vossa Excelência não se lembra daquela rapariga do Capelão, chamada Cesária, a mãe da...

Mas suspendeu, atentando na piedade do lugar, os olhos fitos na pintura do grande retábulo, como a pedir à pomba do Espírito Santo que a iluminasse.

O Conde, para quem ela olhara do canto do olho, a ver que impressão lhe tinham feito as suas palavras, via-o sombrio, de sobrolhos carregados. Mas já não havia remédio, e a trota-conventos continuou, aflautando mais a voz:

— Coitada! Está na miséria. Velha, acabada, cortada de ralações... Porque aquela vida, senhor Conde, envelhece as mulheres muito cedo. Ali, num casinholo do Capelão, metida com a ralé dos marujos e dos ciganos... Só o que eu sei dela, dava para chorar a meio mundo! Coitada... Conta-me tudo. “Não digas tua pobreza a quem não te há de dar da sua fazenda”. É bem certo o ditado. Eu não lhe posso dar... O negócio vai mal. E o senhor Conde sabe onde isso da falta de dinheiro pode levar uma mulher. “Ladrão de pouco, da agulha ao ouro e do ouro à força”. Ora eu, que sei que Vossa Excelência tem bom coração, e que noutros tempos gostou dela, coitada... Atrevo-me... Sim. Não sei se Vossa Excelência entende...

A velha calou-se, estorcegando aflita as pontas do saiote encarnado.

D. João, que a ouvira atento, esteve um momento silencioso, olhando para as flores do tapete. Depois levantou-se, e, num tom de voz seco e áspero, disse à Macheta:

— Espere-me um instante.

A santa madre Celestina, de novo sozinha no oratório, ficou a olhar para a luz inquieta da lâmpada de prata que bruxuleava e para as imagens que povoavam o único altar — de certo velhas imagens espanholas do século XVII.

Daí a pouco, o Marialva apareceu de novo à porta da capela e, sem uma palavra, entregou à beata um pequeno saco de camurça onde tiniam moedas de ouro.

A Macheta teve vontade de o abraçar. Mas deteve-se a tempo, lembrando-se de que o Conde de

Marialva não era propriamente o santo deão barregueiro da Sé de Lisboa, que lhe oferecia pitadas de esturrinho pela caixa de rapé do senhor D. Miguel.

Quando se despediu, a beata não pode conter-se sem dizer ao Conde:

— Eu tenho um sobrinho, que Vossa Excelência conhece...

— Quem é?

— Um a que chamam de alcunha o Custódia. O senhor Conde já o viu...

D. João olhou para a velha com repugnância, mediu-a de alto a baixo, desde o bico gomado do lenço até à orla do saiote vermelho, e disse-lhe bruscamente, franzindo a testa:

— Conheço-o.

Mas a velha, morta por falar, de chocalheira índole, sacrificando tudo pelo prazer de dizer alguma coisa, fez um sorriso de ternura, encarou D. João, e com a face oleosa iluminada de júbilo, balbuciou:

— Ele agora lá está em casa da menina Severa....

O Conde empalideceu, franziu as sobrancelhas, empurrou ligeiramente a Macheta para fora do portão até onde a acompanhara, e disse-lhe, batendo duramente as palavras:

— Pois veja se consegue lá chegar antes de mim!

A ideia de que esse pobre animal existia, perturbava profundamente D. João. Ele sabia bem que havia para as mulheres o prestígio da desgraça, tão grande como o prestígio da beleza e da força, e que a miséria daquele desventurado, figura de sombra e de martírio, embrulhado no seu capote, a cabeça atada num lenço vermelho como os mendigos de Zurbaran, hediondo, doloroso, imundo, fazia vibrar no coração da Severa uma fibra oculta e misteriosa, feita de piedade, de misericórdia e de ternura.

Por isso D. João, pensando no pobre Custódia, que a desgraça espiritualizara e engrandecera no coração daquela mulher, afinal tão desgraçada como ele, dizia consigo, enquanto um moço de estrebaria

lhe afivelava as esporas:

— Como eu viveria tranquilo, se Deus o tivesse feito belo, robusto e nobre!

Daí a um momento, o cavalo de D. João estava selado. O Marialva montou, chegou-lhe as puas de prata aos ilhais e saiu a correr em galope levantado.

O sol descia já, como um grande escudo de cobre ardente, sobre o arvoredado sombrio de Alvalade. Na estrada, as sombras alongavam-se, e dos recantos dos velhos muros subia uma névoa roxa de crepúsculo.

A meio do caminho encontrou a Macheta, passou-lhe ao lado e desapareceu numa volta, deixando para trás, numa nuvem de poeira, a mancha viva do seu saiote encarnado.

Foi então que a velha se recordou das palavras do Conde, ao despedir-se dela: “Veja se consegue lá chegar antes de mim!” Veio-lhe à lembrança a expressão carregada do Conde ao despedi-la, e estremeceu. Alguma coisa era. Num impulso instintivo, quis atirar-se, correr atrás do cavalo, sustê-lo pela rédea, impedir qualquer desgraça. Mas parou ao cabo de uma corrida inútil, a cara encarniçada, o pescoço a afogá-la, os olhos cegos da poeira.

— E correr para quê? Que mal poderia ele fazer àquele desgraçado aos tombos na vida, sem eira, nem beira, nem ramo de figueira... — ele, que era poderoso, rico e feliz? Teria o Conde ciúmes do Custódia, por ele lá estar sozinho com a Severa?

A este pensamento, a beata não pode deixar de grunhir uma risada, abandando a cabeça como quem resmunga:

— Olha que ideia esta! Então, já viram? O senhor Conde de Marialva podia lá ter ciúmes do meu sobrinho!

E, toda contente, seguiu pela estrada fora, o capote sofraldado, o saco de camurça bem colado aos peitos, na íntima satisfação de ir levar à outra infeliz as moedas que lhe mandava a piedade do D. João.

A Cesária devia esperá-la como quem espera a luz dos olhos. Logo que chegasse trataria da vida, e à noite daria uma saltada ao Capelão. O que a Macheta levava para contar! A receção no oratório do palácio, a conversa com o fidalgo, os amores dele com a Severa, a galopada a caminho de Lisboa, logo que a beata lhe falara na amizade do Custódia pela galdrapa, — tudo aquilo havia de interessar à pobre Cesária, cujo coração sangrava de dor pela traição da filha, aquela filha por quem ela tanto se tinha sacrificado e que se atravessara, como uma loba, à frente dos beijos que eram para ela.

No entanto, o Conde chegava ao Campo de Sant'Ana, apeava-se do frisão ensanguentado da carreira, entregava as rédeas a um criado de capote às riscas amarelas e pretas, que surgira de um canto, e subia a escada da casa da Severa, a quatro e quatro.

Chegado acima, bateu à aldraba da porta, com estrondo. Não teve resposta. Bateu de novo. De dentro, ouviu-se um reboiço aflito, um restolho de passos, um ruído matraqueado, como se alguém, sobre o soalho, arrastasse uma muleta. Depois, de novo o silêncio. O Marialva, já com o sangue todo na cabeça, bateu uma terceira vez. Então, a porta abriu-se e a Severa apareceu, um pouco pálida, muito composta no seu vestido preto, um sorriso postiço e contrafeito a brincar-lhe na boca:

— Ah! És tu?

O Conde não respondeu. Entrou, relanceou um vago olhar pela casa, ajustou a casaca, puxou a cinta, fez tinir sobre o soalho, em passos nervosos, as esporas de prata, e sentou-se sem dizer uma palavra.

A Severa, querendo disfarçar a sua perturbação, ria, gingava, derrubava a linda cabeça trigueira nesses gestos tão conhecidos do Conde, que costumavam preceder, nas ternuras da cigana, as grandes fúrias de beijos.

Mas D. João cortou-lhe essa saída fácil, dizendo secamente:

— Onde meteste o Custódia?

Desconcertada pela pergunta, a Severa estremeceu, subiu-lhe o sangue todo à cara, gaguejou, os dedos

crisparam-se-lhe no veludo do reposteiro e só ao fim de uns segundos conseguiu responder:

— Qual Custódia...? Onde é que tenho o Custódia? Com que ideias tu vens!

O Conde enrolou um cigarro, traçou a perna, limpou a calça de belbutina suja da cavalgada, e disse, aparentemente sereno:

— Põe o Custódia fora da porta, senão atiro-o eu pela janela.

Então, a expressão da Severa transfigurou-se. Os seus olhos fuzilaram, como pontas de aço. Todo o corpo se lhe inteiriçou, numa atitude de desafio.

Eram os prenúncios da tempestade.

Houve um pequeno silêncio, que a situação de ambos tornou demasiado longo.

Foi o Conde que o cortou, insistindo, num tom de voz rude:

— Não ouviste o que eu te disse?

Mas a Severa não se moveu. Conservou-se, na mesma atitude e na mesma mudez, olhando fixamente D. João. Pouco a pouco, o corpo descontraíu-se, a face tornou-se mais serena. Na fisionomia adivinhava-se a firmeza de uma resolução.

No entanto, o Conde começava a perder o sangue frio. Os lábios tremiam-lhe, as mãos tateavam febrilmente os fechos da casaca. Tivera já dois gestos de corpo que mostrava a sua vontade de a erguer e esbofeteá-la, mas contivera-se a tempo. Mais um minuto e não responderia por si.

Foi então que a Severa, numa voz calma, os olhos límpidos descansados nos olhos febris de D. João, se decidiu a falar,

— Mas porquê? Porque tens tu tanta raiva ao Custódia? Eu não te disse já que era como se fosse meu irmão? Que imaginas tu que nós temos um com o outro? Não percebes que ele é um desgraçado, não o conheces, não o vês? Então eu não te disse, eu não te repeti que ele morria como um cão se não me visse

mais? É um desgraçado, não te faz mal nenhum.

D. João, que mal ouvia as palavras da Severa, tinha os olhos cravados no reposteiro vermelho da porta. O veludo movera-se quase impercetivelmente, como se uma aragem ligeira o afluísse. O Conde percebeu que alguém escutava, por detrás da tapeçaria. Era decerto o Custódia. A Severa, que seguira o olhar de D. João, deu ainda um passo para se interpor. Mas o reposteiro voltou a agitar-se; a forma de um braço desenhou-se; já não havia dúvidas.

No silêncio, ouvia-se apenas o arquejar de duas respirações.

O Conde levantou-se de um salto, atirou-se para a porta, com as mãos crispadas na ânsia de um pescoço para apertar, mas, ao contacto do veludo, teve um grito rouco e recuou com a mão direita tingida em sangue. A navalha do Custódia tinha-o ferido através da tapeçaria. A Severa, aflita pela vista do sangue, correu para o Marialva; mas D. João, num movimento brusco, afastou-a, agarrou numa pesada cadeira de pau-brasil, e empunhando-a pela garra de um dos pés, arremessou-a de encontro ao reposteiro. Ouvia-se primeiro um regougo surdo, depois o baque da cadeira no tapete, por último a queda desamparada de um corpo, fazendo estremecer e abalar o soalho. Sem dúvida, o Custódia tinha sido atingido na cabeça, e agonizava talvez, de borco, por detrás da velha cortina de veludo vermelho.

A Severa e D. João entreolharam-se. De repente, a cigana teve a consciência de tudo, olhou para o Marialva, e, pálida, o corpo todo numa convulsão, desatou a berrar:

— Assassino! Assassino!

D. João agarrou-lhe os pulsos, tapou-lhe a boca com a mão ferida. Mas a Severa, ensanguentada já pelo ferimento do Conde, debatia-se, vasquejava, vibrava toda, e gritava ainda, gritava sempre:

— Assassino! Assassino!

Por fim, a cigana deixou de opor resistência nos braços do Marialva, e ficou inteiriçada, mortalmente pálida, as narinas dilatadas, morta, os olhos muito abertos e como se estivessem vidrados. Os gritos

mudaram-se num regougo surdo. As nódoas de sangue, que lhe salpicavam a cara, ainda a tornavam mais trágica no seu inteiriçamento de cadáver. Quando D. João deu por isso, invadiu-o um invencível terror, deixou desmaiar o corpo no sobrado, abriu a janela de par em par, e gritou como um doido debruçado na varanda:

— Acudam! Acudam! Acudam!

CAPÍTULO VI

No dia seguinte, a Severa deixava para todo o sempre a casa do Marialva.

Voltava ao fado das ruas, à realza triste daquele bairro de desgraça, a essa doce e luminosa miséria que ela conhecia tão bem e onde, ao menos, havia liberdade, independência, alegria, bravura.

Ao erguer-se da tremenda crise, pensara primeiro no Custódia. Que teria sido dele, agonizando por detrás do velho reposteiro de veludo, talvez num lago de sangue, por causa dela, só dela, que o não soubera defender do ciúme do outro!

E os olhos da cigana circunvagavam, ansiosos, em busca do pobre coxo que ela julgava morto.

O Conde, debruçado sobre a cabeceira do leito, seguindo-lhe todos os movimentos, o arfar das narinas, o arquejar do peito, as contrações da boca, compreendeu que a Severa procurava alguém.

Desde que D. João, erguendo-a nos braços, a levava quase morta para a cama, a expressão de ansiedade da cigana era manifesta. Aqueles dois grandes olhos negros revolviam-se nas órbitas, esquadrihavam os cantos da alcova, fixavam-se na porta, acendiam-se em súbitos clarões, vidravam-se de lágrimas.

O Conde levantou-se do tamborete onde passara a noite, aproximou-se dela e perguntou:

— É o Custódia que tu procuras, não é?

A Severa ergueu-se, afastou num repelão a manta que a cobria, olhou D. João, desvairada.

O fidalgo, cheio de piedade por aquela sombra doente e dolorosa, acariciou-a, passou-lhe a mão pela testa que um suor viscoso inundava, compôs-lhe os cabelos desfeitos que pareciam, à luz, despedir cintilações roxas como as asas de certos corvos, e disse-lhe, numa voz a que se esforçou por imprimir serenidade:

— Descansa. O Custódia está vivo.

— Vivo? Ele está vivo? — gemeu a cigana, olhando, fixamente para D. João.

O Marialva contou-lhe que o Custódia fora levantado do chão com a cabeça aberta e levado para o Hospital Real. O veludo do reposteiro amortecera a pancada. Não tinha importância. A Severa ouviu-o, desconfiada, amarfanhando a bata da saia; de repente, teve um arrepio brusco de corpo, fuzilaram-lhe os olhos, e gritou para o fidalgo:

— Tu mataste-o, e estás-me a enganar!

— Não matei.

— Então onde está ele? Onde está ele? Tu mentes-me! Não foi para o hospital, não! Está morto... Eu sei que está morto. E foste tu que o mataste! Tu! Foste tu!

D. João teve receio de que a sua presença, em vez de a acalmar, a excitasse. Procurou convencê-la de que o coxo estava realmente vivo; mas como a exaltação da cigana era cada vez maior, pegou no chapéu, atirou pelas costas a sua grande capa negra, e saiu.

Quando o viu desaparecer, a Severa gritou, chorou, insultou-o aos berros, agitando a casa:

— Cobarde! Cobarde! Cobarde!

Mas D. João não voltou. Desceu as escadas, de escantilhão, respirou a plenos pulmões ao encontrar-se na rua, atravessou o largo terreiro de Sant'Ana, e enervado, caminhou ao acaso, correu becos, vielas, ruas, a pensar na pobre cigana doente, a quem Deus — infelizmente para ela — dera coração a mais.

Mas a cidade, pacífica, dormia sob o grande pálido da noite estrelada. As vielas e as ruas abriam o seu bocejo de pedra, e as altas janelas de rua apagavam a sua luz amiga, como pálpebras cerrando-se para o sono. Ninguém por esses caminhos desertos. Apenas um vulto que D. João confundiu com uma sombra e que se escondeu por detrás de uma esquina.

Em casa, a Severa, mal viu desaparecer o Conde, chamou desesperadamente as criadas, obrigou-as a contar tudo o que tinham visto, o que fora feito do pobre epilético, para onde o tinham levado, vivo ou morto.

As mulheres pouco lhe souberam dizer: que o senhor D. João dera com o Custódia caído no soalho, a escorrer sangue, sem sinal de vida, e que chamara dois homens, que o tinham levado.

A cigana ouvia-as soerguida na cama, agarrada febrilmente à cabeceira de bilros para não cair, com a expressão contraída, os dedos crispados.

Quando elas disseram tudo, levantou-se num supremo esforço do seu corpo doente, e já no chão, transida de frio, os olhos acesos num brilho de febre ou de loucura, pediu roupa para se vestir, a sua antiga roupa de fado, a saia de ganga de três folhos, as meias verdes, os colares, os brincos, as socas de ponteira luzente, todo o seu velho guarda-roupa de desgraça, para sair já, para sair o quanto antes daquela casa que a sufocava, para voltar à vida antiga, para ter de novo a liberdade para ir ao hospital, fosse onde fosse, ver esse pobre Custódia, a quem ela sacrificava toda a sua vida, todo o seu amor, toda a sua alma.

As mulheres revolveram as arcaas, vestiram-na, calçaram-na. Por duas vezes a pobre cigana fraquejou e deixou-se desmaiar, arquejante, sobre o leito. Mas logo se ergueu, na febre, na ânsia animal de fugir, de ser livre, de respirar, de viver.

— Que havemos nós de dizer ao senhor Conde? — balbuciavam as criadas.

— Digam-lhe que morri! — respondeu a cigana, enfiando a soca de verniz no pé airoso.

E sem precisar de que a amparassem, desprezando os braços das criadas, desceu a escada num passo firme, parou à porta, sorvendo o ar fresco da noite, e perdeu-se, sozinha, nas sombras espessas do terreiro de Sant'Ana.

Qual era, afinal, a razão daquela fuga? Que sentimento complexo a levava a abandonar o único homem que tinha amado no mundo, e que amava ainda, com todas as violências do seu coração de cigana? Porque fugia ela ao único amante que verdadeiramente a tinha possuído, a quem toda a sua carne se sentia presa, que exercia sobre ela um verdadeiro domínio sensual, ao homem que era o seu prazer, a sua alma, o seu orgulho, a sua virtude, a sua febre, o homem que ela consagrara o primeiro entre todos, que era a força, a vitória, a beleza, a raça, a fidalguia, que resumia num só ser, todo o seu sonho de amor voluptuoso e selvagem, e por quem ela daria a vida inteira, com pena de ser ainda a vida um tão pequeno sacrifício? Porque fugia ela ao Conde de Marialva, se mais ninguém a amava no mundo, se toda a sua existência era ele, só ele, sempre ele! Que sentimento a compelia a essa fuga que nada explicava e nada desculpava?

Era apenas um sentimento de compaixão. Os desgraçados entendem-se; há uma força que os atrai, uma íntima solidariedade moral que os aproxima; sentem que se devem mutuamente proteção e amparo. À sede de liberdade, juntava-se na alma ardente da Severa a piedade pelo miserável, o pobre cão da rua que toda a gente enxotava aos pontapés e que a seguia sempre, risonho e humilde, contente de a ver e de a adorar de longe. Entre aqueles dois homens, que se tinham batido por causa dela, o seu coração estava com o mais fraco.

A violência exercida sobre o Custódia, por um homem que tinha a consciência da sua força, que Deus fizera são e robusto, repugnava ao espírito generoso da cigana. A sua evasão era mais do que a satisfação do seu instinto de liberdade; era um protesto contra a evidência dos fortes; era o cumprimento de um dever a que ela — uma pobre puta da rua, cheia de delicadezas morais! — julgava obrigado o seu coração.

Apesar do seu sofrimento, a Severa, opressa ainda, arquejando o peito dorido como se lho apertassem entre talas de madeira, as pernas a vergarem-se-lhe a cada passo, foi-se arrastando, embrulhada no seu

saiote verdeengo e envelhecido, encostada às ombreiras, aos becos da casaria, deixando-se cair de vez em quando, como um farrapo, nos poiais das portas.

A sua ideia fixa era chegar ao hospital. Era a ideia de ir ver o pobre coxo, dizer-lhe uma palavra de consolação, que lhe dava forças para subir aquele calvário, que a amparava, que a conduzia. Deixara tudo por causa dele? Acabou-se. O mundo era grande e os desgraçados têm sempre onde morrer. Tudo lhe dizia, a voz do silêncio e da sombra, a voz da sua própria consciência: “fizeste bem!” O grande céu tranquilo, coalhado de estrelas, parecia abençoá-la. E a triste cigana, sentindo, no fundo do seu coração doente, a dolorosa volúpia de se sacrificar, de sofrer por alguém ainda mais desgraçado do que ela, arrastava-se, a caminho do hospital, pensando no Custódia, estremeando a uma ideia que a esfriava, que a arrepiava toda:

— E se ele está morto? De repente, no virar de uma rua sombria, mal iluminada pela candeia de uma imagem de azulejo, uma figura grotesca, a rastejar como um sapo, surgiu da escuridão:

— Severa...

A cigana parou, transida. Era o Custódia. Esfregou os olhos para ver melhor, porque não acreditava ainda. Para ela, aquele aparecimento inesperado era uma ressurreição. Quebrada de fadiga e de doença, deixou-se cair nos braços do pobre epilético, como quem encontra finalmente onde repousar.

— Sentamo-nos aqui, não queres? — gemeu o Custódia, arrastando-a de mansinho para o poial de uma porta.

Sentaram-se ambos, muito aconchegados, como dois irmãos mendigos, e cada um deles teve o gesto instintivo de guardar o outro do frio, ela com o seu saiote verde, ele com o seu grande capote de burel.

Uma intraduzível ternura unia-os naquele momento, e o pobre Custódia, muito alegre, a rir como um idiota, pela primeira vez na vida sentiu a necessidade de gritar a toda a gente, de dizer a todo o mundo, aos homens, ao céu, às sombras que o envolviam: “Eu sou feliz! Eu sou muito feliz! Eu não invejo a

sorte de ninguém!”

A Severa, numa solicitude de mãe ou de irmã mais velha, acarinhava-o, aquecia-o com o seu bafo, afagava-lhe os cabelos empastados de sangue, dava-lhe o que esse desgraçado nunca tivera na vida, — uma carícia de mulher, uma lágrima serena e comovida a escaldar-lhe a face, vinda de uns olhos que não fossem os seus.

— Sabes? Eu ia à tua procura... — disse por fim a cigana, com simplicidade.

— Ias?

— Ia. Disseram-me que ias a escorrer sangue quando te levaram lá de casa...

— Penso que sim...

— Pus logo na ideia que te tinham levado ao hospital.

— E levaram. Quando dei por mim, já trazia esta atadura na cabeça. Ainda sinto na boca um travo de sangue...

— Pois eu saí de casa. Já lá não volto mais.

— Tu?

— Fugi.

— Para quê?

— Para te ir ver, onde tu estivesses.

— Pois não voltas mais para ele? — acudiu o Custódia num sobressalto de alegria, os olhos brilhando na sombra. — Tu não voltas mais, Severa?

A cigana deixou pender a cabeça, num soluço, e balbuciou, dolorosamente:

— Nunca mais...

— Ele fez-te mal?

— Não. Fez-te mal a ti.

— Então, é porque tu gostas mais de mim do que dele... não é, Severa? Não é?

— Eu?

Pelos olhos da cigana passou, de repente, a figura esbelta de D. João, cheia de raça e de beleza, com a sua cinta de seda negra, as suas esporas de prata, o seu grande chapéu castoreno, o seu orgulho magnífico de homem forte, desejado e feliz. Via-o sobre um tordilho ágil de combate, dominando a multidão das praças de touros, a casaca a refulgir numa chapada de sol, uma chuva de flores caindo-lhe sobre a cara... Era o único homem que ela tinha adorado na vida; que lhe dera a conhecer — a ela, em cujo corpo corrupto havia ainda alguma coisa de virginal — as fortes emoções do verdadeiro amor; que fizera vibrar, numa paixão, toda a sua alma...

De repente, desprendeuse dos braços do Custódia, sacudiu-o, ergueu-se, a cambalear. E se voltasse para casa? Deu ainda uns passos. Mas, de súbito, parou. Encostou-se a uma parede de pesada silharia, a soluçar. Ouviu-se um murmúrio: era o Custódia que a chamava. Num movimento brusco, a Severa voltou-se; a sua piedade, mais forte do que o seu amor de mulher venceu; e a cigana, estendendo os braços para o mísero epilético, caiu-lhe sobre o peito, debulhada em lágrimas:

— Não, não! Não vou! Não vou mais! Custódia, leva-me contigo... Para muito longe daqui.... Leva-me! Leva-me...

Daí a pouco, no silêncio da grande noite estrelada, duas sombras, amparadas uma à outra, como dois farrapos dolorosos, atravessavam o terreiro de Sant'Ana e desciam por uma rua lúgubre, sem destino...

Nessa noite, a Severa dormiu em casa da Macheta. A velha recebeu-a com o seu melhor sorriso, lembrando velhos tempos que não voltavam, o colégio, o senhor deão da Sé de Lisboa e as suas suspeitas de paternidade, os bons magotes de ouro gastos num enxoval, a primeira visita da Severa, ainda

pequena, às salas azulejadas dos paços de S. Vicente. E a cigana ouvia-a em silêncio, caída numa enxerga feita pela santa madre Celestina sobre um estrado velho, encolhendo os ombros a cada pergunta da beata, rugindo num arremesso ao ouvir o nome da mãe.

Em volta, na pequena loja térrea, as figuras impassíveis dos velhos santos de madeira erguiam-se, chispando na sombra o ouro estofado dos pontificais e das mitras; as tigelas de cores moídas alinhavam-se sobre tamboretos e cadeiras de tripeça; e, ao acaso de cada canto, pedaços de talha dourada faiscavam na escuridão, pendurados nas paredes onde a caliça caída descobria a mancha sangrenta dos tijolos.

O Custódia, defronte dela, olhava-a. Nesse olhar intraduzível, onde havia, ao mesmo tempo, deslumbramento, gratidão, piedade, ternura e ternura triste do olhar dos cães, passavam também clarões, centelhas, relâmpagos de ódio pelo “outro”. De vez em quando, uma bágoa de sangue escorria-lhe da ferida, marcando um vinco quase negro, como uma ruga, por aquela cara pálida e monstruosa, que lembrava a de um bobo célebre de Velasquez. E então, o pobre aleijado, sem despregar os olhos da Severa, limpava a cara, orgulhoso, contente de ter sofrido por ela, feliz, bem mais feliz pela posse daquela alma, do que se tivesse tido — pobre dele! — a glória de lhe possuir o corpo.

Ao outro dia, quando o sol entrou pelo postigo aberto, ainda o Custódia lá estava, a olhar para a cigana, sem dormir um instante sequer, guardando-a como um cão, de braços sobre uma velha manta de riscas.

A Severa, ao acordar, deitou contas à vida. Não podia ficar ali. A casa da velha santeira apavorava-a, com aquela população macilenta de apóstolos, de santos da igreja mitrados e hirsutos de báculos, de evangelistas. Dir-se-iam espectros, a olhá-la. Tinha medo. Depois, de que havia ela de viver? Era preciso voltar à sua antiga existência, às ruas, ao fado, às guitarras, à meia-porta, aos beijos de toda a gente, — que haviam de doer-lhe agora, como facadas. Quanto mais o seu destino lhe parecia irremediável, mais ela sentia, no fundo do seu coração despedaçado, que amava D. João. Se ela, ao menos pudesse chorar! Se para a sua dor houvesse o bálsamo das lágrimas!

A cigana, com a cabeça pendente sobre o peito, os cabelos negros faiscando ao sol, em clarões azulados de asa de corvo, pensava na sua vida, quando, de repente, a velha beata que a estava a olhar, lhe disse do lado:

— Agora é que a minha rica joia podia fazer fortuna, se tivesse juízo!

— Eu, tia Macheta?

— Sim, tu... Pois então quem? A amante do senhor Conde de Marialva! Não é lá qualquer coisa! Deixasses tu isso por minha conta e verias o que era aí ajuntar bom ourinho ao canto da arca! Porque tu não és lá como a tua mãe... És outra fazenda! Uma mulher que dá gosto! Quisesses tu, que eu ensinava-te o caminho da riqueza. E olha que não era para o meu interesse, assim Deus me ajude! Mas conheci-te de pequenina, fui unha com carne com o santo deão teu pai, que Deus tenha em sua santa guarda, e acostumei-me a ver-te com os olhos do coração. Deves tomar tento na vida. Se começa a entrar a desgraça contigo, nunca mais te levantas. Já sabes como elas mordem. Dos escarmentados se fazem os arteiros. Se quisesses, ao que tu vales, já tinhas ouro arrecadado que dava para um conjunto de casas. “Ao mau vento, volta-se-lhe o capelo”. E olha que o mau vento já começa a entrar contigo e a dar-te de rosto. O senhor Conde faz-te muita honra, sim senhor, para aqui e para ali, mas não te deixa juntar um cruzado novo. Precisas de outra raça de homem, acredita. Não há melhor cirurgião que o bem acutilado, e se queres conselho pede-o ao velho. A tia Macheta, que foi grande amiga do teu santo pai, não te dava conselho que te levasse à perdição. Cuida da vida e lembra-te sempre do que eu te digo, que já é velho o ditado: "não há mal tão lastimeiro como não ter dinheiro".

A Severa ouviu-a primeiro com serenidade, depois com impaciência, e por fim, batendo com fúria a soca de verniz nas tijoleiras do chão, atirou-lhe à cara:

— Sabe que mais, tia Macheta? Vá-se lixar!

A trota-conventos olhou-a, espantada, teve um arremesso brusco, um erguer de ombros desdenhoso, voltou-lhe as costas, resmungou, depois encrespou-se, encarou de novo a cigana e estacando-lhe em

frente, quase, nariz com nariz, grunhiu em jeitos de melindrada:

— És uma grande ingrata! É o que tu és!

Depois voltou-lhe de novo as costas, e desapareceu por detrás de uma velha cortina de ramagens encarnadas.

A Severa para ali se deixou ficar, inerte, o olhar vago, as mãos pendentes, o saiote verdoengo pelas costas.

Daí a pouco, saía o Custódia lá de dentro, com uma grande imagem do santo Izidoro derrubada sobre o ombro, — encomenda de algum fidalgo para a capela do seu solar.

— Onde vais? — perguntou a cigana.

O Custódia parou com a mão no ferrolho da porta:

— Já volto...

— É bonita a imagem. Deixa ver. Muito bonita. Que santo é?

— Santo Izidoro, bispo de Sevilha.

— Advogado de alguma moléstia?

— Sei lá! É para a capela dos senhores Marqueses de Viana.

— Foste tu que o fizeste?

— Não. É muito antigo.

Houve um instante de silêncio. O Custódia, sorrindo, de olhos enlevados na Severa, já não tinha força para se ir embora. Foi preciso que ela o despertasse, dizendo-lhe de repente:

— Então vai-te com Deus, anda!

— Vou, vou...

E com a perna de rastos, a cabeça atada num trapo sangrento, a figura do bispo chispando a ouro sobre a romeira do capote, o Custódia lá foi, humilde, contente de lhe obedecer, feliz de a adorar em silêncio.

— Adeus... Adeus.

A porta bateu e o pobre coxo perdeu-se no rumor da rua.

A Severa, passado o primeiro momento de excitação, já estava arrependida de ter enxovalhado a beata.

Porque a verdade era que a tia Macheta estava a dar-lhe bons conselhos, — conselhos que o seu coração ferido repelia, mas que eram cheios de conhecimento do mundo e dos homens.

E, para além disso, a trota-conventos fora sua protetora, e a cigana, ao recordar os tempos passados, lembrava-se vagamente de que já lhe quisera mais do que à própria mãe. Depois, estava em dívida para com ela, e devia pensar que, naquela casa, nem mesmo tinha o direito de ter fome.

A Severa, sentando-se bruscamente na enxerga, chamou de mansinho:

— Tia Macheta...

A velha apareceu, já de lenço de cambraia espetado na cabeça, o saiote vermelho a rastrear no chão, os bentinhos e as camândulas tinindo na cinta.

— A tia Macheta aonde vai?

A santa madre Celestina teve fez uma expressão descontente com a cara, grunhiu quaisquer recriminações, olhou para a cigana, deu uma volta na casa, concertou mais uma vez o bico gomado do lenço, tudo em movimentos nervosos, rápidos, agastados, e por fim, sem se poder conter, gritou-lhe na cara:

— Ingrata! Ingrata! Ingrata!

A Severa afastou o cabelo dos olhos, e, serenamente, foi-lhe dizendo:

— Não faça caso, tia Macheta. A desgraça é que dá estes assaltos à gente.... Não faça caso!

A velha encarou-a com melhor cara, voltou a dar uma volta à casa, abanando as ilhargas açafroadas do capote, e, de repente, parou para dizer à cigana:

— Sabes onde vou?

— Eu não, tia Macheta.

— Adivinha.

— Não sou bruxa.

— Pois pergunta lá a esse coraçãozinho, que é mais bruxo que S. Cipriano... Pergunta, anda...

A Severa teve um estremeção violento, depois um sorriso, as lágrimas caíram-lhe a quatro e quatro pela face, e, erguendo-se da enxerga, gemeu, numa aflição:

— Não vá, tia Macheta... Não! Peço-lhe que não vá!

— Estás doida, mulher!

— Não vá, não... A gente pode pedir pão, por esmola. Mas amor, é que não pede... Não, não!, Deus me livre!

E a pobre Severa, lavada em lágrimas, amarfanhando o saiote da beata nas mãos crispadas, soluçava sempre:

— Não vá... Não vá!

— Então deixa-me, mulher. Não vou. Está dito. Vocês são mesmo parvas! O sansadorninho(*) lá, muito descansado sem pensar que há mulheres no mundo, e vocês a mortificarem-se como se lhe tivessem levado alguma coisa boa! Ai, ai! Por esse caminho vais bem, pequena. Não haja dúvida. O

Conde é mau, os outros não prestam... Amanhã morres de fome. Olha: sem ninguém é que tu não podes viver. A não ser que queiras andar como as outras, agarrada ao avental de pau. Diabo do coração, que as há de matar a vocês todas! Mandaste-me lixar ainda agora por eu te dizer que o homem não te convinha. Agora pegas-te a chorar como uma Madalena porque te digo que vou buscar o homem. Que me matem se te entendo! Pois então, sempre te direi. Desamparada, só se quiseres morrer para entreter. Sem amigo na praça e sem ouro na arca, mais vale ir desfiar cabos na estopa e morrer na forca como uma ladra! É isto que te digo. Não queres que vá ter com o homem? Não vou. Mas olha que te hás de arrepender; se te pões a fazer de fidalga sem ter ramo de figueira.. E o dito, está dito! Não vou. Agora, nem que tu me cobrisses toda de ouro, da cabeça aos pés!

[(*)*sansador ninho = indivíduo que é velhaco; dissimulado; sonso*]

E, congestionada ainda da violência do sermão, a Macheta ia a tirar o capote para o despir, em arremessos, quando a Severa lhe deitou os braços numa súplica:

— Não... Não se dispa, tia Macheta... Pode ser que eu decida... Meu Deus! Nem eu sei o que quero, nem eu sei... Nem eu sei!

A velha alargou a boca num grande riso, ajustou de novo a romeira do capote, concertou os rosários, e grunhiu por fim, resignadamente:

— Ora valha-nos Deus! Seja pela sua infinita misericórdia!

E enquanto a beata ficava numa atitude de retábulo, as mãos cruzadas no peito e o branco dos olhos a ver-se, a Severa aventurou uma pergunta, a medo:

— Mas que quer a tia Macheta fazer? Procurá-lo? Para quê? Não foi ele que me deixou. Fui eu que lhe fugi...

— E então...?

— Se eu quisesse, voltava. Mas não quero... Não posso! Não estou decidida a fazer a ninguém o sacrifício da minha liberdade. Quero o sol, a independência, ser senhora dos meus passos, sem prisões de ninguém, sem dever favores, livre como o vento, poder ter coração para quem eu quiser, rir e chorar à minha vontade... Porque a vida é isso! Ah! Mas como eu gosto dele, tia Macheta!

A Macheta ainda ouviu com serenidade os primeiros assomos daquela conversa; depois tomou-se de uma fúria sagrada, desandou numa correria até à porta, e gritou por sua vez:

— Lixar! Lixar! Agora também eu digo... Vai-te lixar!

Em seguida, sofraldando o capote como uma opa, galgou o poial, saiu para a rua e, num arremesso, atirou com a porta.

A Severa ficou todo o dia sozinha, naquele casebre, entre as figuras aflitas de crucificados, báculos luminosos de arcebispos, macerações e chagas inventadas por uma religião de fracos e de humildes para a representação da divindade.

Já melhor, sem aquela sensação de constrição, que a sufocava, levantou-se do banco, acendeu o candeeiro de latão de três bicos, esquadrinhou os cantos da casa, vendo tudo, as imagens, as mísulas velhas que chispavam ouro na penumbra, as tigelas de cor, os toros de madeira onde os santeiros trabalhavam. Figuras de Cristos mutilados pareciam olhá-la, gesticular, mover-se. Imagens de evangelistas, de patriarcas, surgiam de todos os lados, desmembradas, pulverulentas, em atitudes proféticas. A luz, oscilando, projetava, em redor de todos aqueles vultos, sombras que se agitavam, que pareciam palpitar. A pobre cigana andava nos bicos dos pés, amortecia os passos, sustinha a respiração, com medo de que o menor ruído, o arquejar do seu próprio peito, desse àquelas imagens uma aparência de realidade e de vida. Pouco a pouco, o pavor abarco-a. Os olhos das figuras brilhavam com um olhar vivo, atraindo-a perscrutando-a; sentia já os invisíveis arrepanhando-lhe as roupas; inundava-lhe a testa um suor frio; e possuída de um terror religioso, com a impressão de que todos aqueles braços

avançavam para ela, de que todos aqueles olhos a ameaçavam, deixou-se cair de joelhos sobre os tijolos do chão, tremendo, murmurando:

— Perdoa-me, meu Deus, pela vossa misericórdia infinita!

De repente, a aldraba da porta soou, num ruído surdo. A Severa estremeceu. A porta ficara apenas no ferrolho, que se podia abrir de fora.

Quem seria?

O instinto de defesa deu-lhe a força que lhe faltava. Agarrada a uma imagem de madeira, conseguiu erguer-se. Já de pé, descalça, sem as socas, foi-se arrastando, encostada às paredes. Quis perguntar quem era; mas calou-se, para julgarem que estava deserta a casa. Continuou a arrastar-se, devagar, não se lhe ouvisse o restolhar das saias. Mas, num movimento mais brusco, derrubou um toro de madeira que rolou, com estrondo, nas tijoleiras. A aldraba da porta bateu outra vez.

“Será o Conde?” — pensou a cigana. Mais uma razão para não abrir. O pior era que a porta estava apenas na tranqueta e era fácil abri-la por fora. De novo a aldraba soou, e uma voz de mulher, muito sua conhecida, a primeira talvez que ela escutara no mundo, ressoou-lhe aos ouvidos, rouca, áspera:

— Abra, tia Macheta... Sou eu, a Cesária...

A pobre Severa sentiu um frio de pavor descer-lhe pela espinha.

Era a mãe.

Num movimento rápido, atirou-se de encontro à porta, decidida a fechá-la por dentro. Não encontrou a chave. Transida, com os braços entorpecidos pela doença, conseguiu apenas agarrar-se à tranqueta ferrugenta e apertá-la nos dedos, sobre o fecho. Mas era pouca a força que lhe restava.

A porta abalou, rangeu, saltou o ferrolho, os gonzos uivaram, e a figura dolorosa da mãe apareceu aos olhos da Severa, como uma sombra, como uma ressurreição, como uma fatalidade.

A Cesária, ao ver a filha, teve um grito rouco, um movimento de recuo; depois, à frente daquela criatura pálida e doente, que se arrastava encostada às paredes, e em que desde logo o seu instinto — esse pressentimento da desgraça, que é o sexto sentido dos desgraçados — adivinhou uma grande dor oculta, entrou, fechou a porta, encarou a Severa, e gemeu, na sua voz rouca:

— Ele já te deixou, também?

A rapariga mediu a mãe com o olhar, de alto a baixo, numa expressão confusa de espanto e de ansiedade. Depois, a máscara descontraiu-se-lhe, o olhar amaciou numa luz branda de lágrimas, e a pobre Severa deixou-se cair, como um trapo, sobre o velho pano de sacristia onde dormira aquela noite.

Houve um silêncio. As duas mulheres olharam-se. Sobre um enorme toro de madeira, a um canto, o candeeiro de latão de três bicos fumegava. Por fim, a Cesária aproximou-se da filha; os olhos chispavam-lhe numa luz fulva; curvou-se para lhe ver bem a cara, e resmungou:

— Olha que sempre foste uma cabra para a tua mãe!

— Vá com Deus, mãe... Não me tente! Vá com Deus!

Mas a cigana velha pareceu não ouvir a filha.

Com os olhos fitos nela, como uma loba que encontra a presa, continuou, fazendo estalar as palavras, num ruído seco de matraca:

— E custa uma cabra destas tantas dores à mãe! Antes eu te tivesse afogado, quando tu nasceste! Não pude. Nós somos parvas! Pensava que havia de ter uma filha para o meu amparo, para a consolação da minha desgraça, para ter alguma coisa a que eu me apegasse no mundo... Devia ter-te afogado, devia! Mal por mal, antes cadeia que o hospital. Mas não pude... Vi-te logo a boca a procurar-me as tetas... Cabral! Cabral! Porque não te matei? Eu era uma desavergonhada, tinha cá dentro esse sangue de cadela, e de mau pano nunca veio boa manta. Mau corvo, mau ovo, e cada um colhe segundo semeia. Eu devia saber que trazia cá dentro uma cabra como tu, mas não tive coragem... Não tive coragem para te afogar!

A pobre Cesária, atirada para um canto, esfregava as mãos, olhava ainda a filha com o mesmo olhar furioso, e repetia maquinalmente, na sua voz cava e rouca como um rumor de terra:

— Devia ter-te afogado, devia!

A Severa encolhia-se toda, contraída, dobrada sobre si mesma, como um animal que arma o salto, e para não ouvir, para poder dominar-se, tapava os ouvidos com as mãos convulsas.

Nesse casinholo velho e lúgubre, entre as grandes imagens mitradas que as olhavam numa imobilidade de espectros, faulhando ouro, erguendo cruzes, o drama daquelas duas mulheres ainda parecia mais doloroso e mais confrangedor.

De repente, a Cesária foi-se à filha, agarrou-a pelos pulsos, sacudiu-a, gritou-lhe à cara:

— Anda cá... Por que foi que roubaste o homem à tua mãe? Porque é que te atravessaste à frente de um coração que era meu, porca? Porque é que estavas tu a roubar o dinheiro que era para mim, ladra?

De um salto, a Severa libertou-se, dominou a mãe, deitou-lhe as mãos às goelas para a estrangular. Mas, de súbito, o olhar vidrou-se-lhe, penderam-lhe os braços, inteiriçou-se-lhe o corpo, e caiu desamparada.

A Cesária, vendo a filha estendida nas tijoleiras do chão, julgou-a morta. Uma onda de piedade cresceu no coração daquela loba cigana. Aproximou-se, a tremer, desse corpo onde pensava que o seu próprio sangue gelara, ajoelhou, e percebendo-lhe de um gemido sumido, como o de uma criança, e o arfar quase impercetível do peito, levantou a filha nos braços, em peso, e deitou-a sobre o velho banco de encosto. Depois, correndo ao quarto da Macheta, trouxe uma manta de riscas com que cobriu a pobre rameira, a sua filha na desgraça. Quando a Cesária lhe lavava com água fria a testa ensanguentada, a Severa abriu os olhos:

— Mãe...

— Então é verdade? É verdade que ele também te deixou? — inquiriu a Cesária, avidamente, fitando-

a.

A Severa tentou soerguer-se do banco, mas a cabeça descaiu-lhe pesadamente, e a triste balbuciou num soluço:

— Não... Fui eu que o deixei.

Naquele momento, essas duas mulheres compreenderam-se. Era a mesma labareda de amor que as queimava, a mesma desgraça que as fazia comungar num sofrimento igual. As lágrimas, que lhes borbulhavam nos olhos, aproximavam-nas mais do que a fatalidade do seu próprio sangue. Sentiam-se escravas da mesma paixão, mortas da mesma morte. Palpitavam, no mesmo ritmo doloroso, aqueles dois pobres corações.

Lá fora, na rua, ouviam-se pregões, como lamentos. Tilintava, longe, uma campainha de prata, — talvez o viático(*) a um moribundo. O vento, assobiando nas frinchas da porta, fazia vacilar as três chamas do candeeiro e dançar, em redor, as sombras inquietas de todas aquelas imagens...

[(*) *Sacramento da Eucaristia, quando administrado a quem está em perigo de morte.*]

A Cesária aproximou-se da filha, ergueu-lhe mansamente o busto, de jeito que as duas bocas ficaram bafo contra bafo, e com as lágrimas a caírem-lhe em bagas pela cara, murmurou:

— Tu gostavas muito dele, não é verdade, Severa? Gostavas, gostavas...

A pobre rapariga quis falar, mas a voz estrangulou-se-lhe na garganta. Foi a mãe que continuou, quase a beijá-la, num gemido, numa agonia:

— Também eu... Queria-lhe como à luz dos olhos, não via outra coisa no mundo... Era uma perdição que eu tinha! Uma perdição!

E depois, cobrindo-a de beijos, como uma fera, que lambe a cria morta:

— Pobre filha! Pobre filha!

E ficaram as duas, unidas no mesmo beijo que era a expressão da mesma dor, confundindo soluços e lágrimas, como se o destino, que tanto as separara, as tivesse unido para sempre.

Então, a porta abriu-se, e o Custódia apareceu, embuçado no capote de burel, a cantar.

— Boa noite.

Quando viu mãe e filha abraçadas, parou num riso idiota, arregalou os olhos, ficou a contemplá-las, mudo de pasmado que ficara.

A velha cigana desprendeceu-se dos braços da Severa, aconchegou-lhe ao corpo, caridosamente, a manta de riscas, voltou a bandeira do candeeiro de latão para à frente das luzes, e, aproximando-se do Custódia, balbuciou numa voz dolorosa:

— Vê se ela dorme...

Depois, num gesto sacudido, traçou o xaile, galgou o poial, saiu, e cerrou a porta.

O Custódia, arrastando de rastos a perna, acercou-se do banco onde a Severa repousava. A pobre rameira, ao vê-lo, teve um sobressalto, tentou erguer-se, agarrada ao espaldar do banco, e gemeu, numa súplica:

— Leva-me daqui... Leva-me, Custódia... Pelo amor de Deus!

— Mas para onde, Severa? Para onde? — regougou o pobre epilético, aparvoado, coçando a cabeça empapada de sangue.

— Não sei... Não sei... Leva-me!

— Onde foi a tia Macheta?

— Se eu te disser, Custódia, tu levas-me mais depressa ainda...

— O quê...? Foi...

— Foi buscar o Conde...

O Custódia teve um movimento selvagem, fitou-a num olhar furioso de besta ferida, correu para o banco, agarrou aquele triste corpo que era toda a sua alma, aconchegou-o no velho capote verdeengo, e levando-o, quase de rastos, desapareceu com ele no silêncio da noite estrelada.

Na manhã seguinte, já o sol ia alto, uma figura cheia de miséria e de lama, embrulhada nas pregas de um velho casaco, a cabeça atada num trapo sangrento, batia à aldraba do grande portão armoriado dos Marialvas.

Era o Custódia.

Um eguariço de cabeça rapada e grandes botas de cava, apareceu à entrada:

— Desaparece! Hoje não se dá esmola!

O pobre Custódia insistiu:

— Eu não venho pedir nada. Quero falar ao senhor Conde, com grande pressa, mas não lhe venho pedir nem um tostão, assim Deus me ajude....

O eguariço deu-lhe com a porta na cara. O pobre epilético bateu outra vez. As lágrimas caíam-lhe pela face curtida. Apareceu outro criado, mais cortês de que o primeiro:

— A sopa do senhor Conde é às sextas-feiras.

O Custódia teve de explicar de novo que não era fome que trazia:

— Quero falar ao senhor Conde de Marialva, o mais depressa que sua excelência puder. É notícia que

muito lhe importa. Diga-lhe que é o Custódia...

O criado desatou a rir.

Mas depois teve dó do miserável que chorava e mandou-o entrar para um pequeno pátio de silhares de azulejo, a cujo canto estava uma velha carruagem de painéis pintados por Pedro Alexandrino, toda entalhada de Amores na parte traseira.

— Quer então falar ao senhor Conde? Digo-lhe que é o Custódia, hein?

O criado sumiu-se por detrás de uma guarda-porta de riço vermelho onde as armas dos Marialvas se esquartelavam, copiadas do teto dourado da Sala dos Veados e do Livro antigo do Armeiro-mor.

Daí a pouco, uma matula brava de criadagem aparecia de todos os lados, rindo às escâncaras, apontando para o desgraçado, metendo-se com ele:

— Eh, Custódia! Olha, aquele é o Custódia.. Viva o Custódia!

A alcunha tinha dado no gosto da escória dos cocheiros e dos eguariços, que batiam as esporas de ferro no lajedo, numa matinada, matraqueando-lhe o nome:

— Custódia! Eh, Custódia! Raios te partam, Custódia!

O pobre diabo, encostado a um poial de azulejo, alheio a tudo, a tremer no seu enxalmo de burel, rangia os dentes e chorava.

Nisto fez-se silêncio. A malta dos rascões abriu alas. Era o Conde de Marialva que descia, acabando de vestir à pressa a sua jaqueta de fechos de prata. D. João fez um sinal à escória que se afastou, num confuso rumor de esporas e de vozes, e dirigindo-se com má cara ao Custódia, perguntou-lhe, num arremesso:

— Que se passa?

O maluco avançou um passo para o Conde, humildemente, e numa voz que era um murmúrio

repassado de lágrimas, balbuciou:

— Senhor Conde... A Severa morreu.

Daí a dois dias, Lisboa assistia a um espetáculo pouco comum, que comoveu a cidade inteira. Era o enterro de uma célebre rameira, chamada Severa, que dera que falar pelos seus amores com o nobre Conde de Marialva e pelo sentimento profundo com que cantava, acompanhada pelo zangarreio das guitarras. Era o símbolo do fado que desaparecia; a mais perfeita e completa fadista que as ruas da Mouraria e as ruas do Bairro Alto tinham conhecido até então. As raças decadentes têm uma grande ternura por estas figuras que incarnam a alma do povo, que são a sua voz, as suas lágrimas, a representação viva das suas tradições, a sua própria cristalização sentimental. Com a morte dessa cigana, morria um pouco da alma portuguesa. Por isso muitos olhos se humedeceram e muitas guitarras choraram a sua perda.

O enterro foi de noite. Os velhos casinholos do Bairro Alto, com as suas empenas flamengas, os seus ressaltos, os seus becos, os seus pátios, tinham as janelas apinhadas de gente. Pelas ruas quase despedradas, pelas ruas íngremes e estreitas, havia um desacostumado movimento. O enterro saiu de uma casa térrea, em caixão aberto, rodeado de brandões acesos. Da morta só se via o rosto, de uma palidez de cera: todo o corpo ia coberto de flores. O silêncio era religioso e profundo.

De repente, a meio do caminho, o bando sentimental, que seguia atrás do caixão, sentiu-se abalada por uma comoção forte.

Uma voz de homem, — algum fadista improvisador — cantou, no meio do silêncio daquele multidão lúgubre, acompanhado por um gemido convulso de guitarras:

Chorai, fadistas, chorai,

Que a Severa já morreu...

FIM